



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

DÉLCIA PEREIRA POMBO

**DOS CAMPOS DO MARAJÓ AOS CAMPOS DO DISCURSO:
sentidos sobre o trabalho do vaqueiro na tradição e na contemporaneidade**



BELÉM/PA

2021

DÉLCIA PEREIRA POMBO

**DOS CAMPOS DO MARAJÓ AOS CAMPOS DO DISCURSO:
sentidos sobre o trabalho do vaqueiro na tradição e na contemporaneidade**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Linha de Pesquisa Análise, Descrição e Documentação das Línguas Naturais, do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fátima Cristina da Costa Pessoa

BELÉM/PA

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

P784c Pombo, Délcia Pereira Pombo.
Dos Campos do Marajó aos campos do discurso : sentidos
sobre o trabalho do vaqueiro na tradição e na contemporaneidade /
Délcia Pereira Pombo Pombo. — 2021.
215 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Fátima Cristina da Costa Pessoa
Pessoa

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de
Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras,
Belém, 2021.

1. Prescritos do trabalho. 2. Linguagem e trabalho. 3.
Análise do Discurso. 4. Narrativas de vida. 5. Vaqueiro
marajoara. I. Título.

CDD 410

DÉLCIA PEREIRA POMBO

**DOS CAMPOS DO MARAJÓ AOS CAMPOS DO DISCURSO:
sentidos sobre o trabalho do vaqueiro na tradição e na contemporaneidade**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Linha de Pesquisa Análise, Descrição e Documentação das Línguas Naturais, do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras.

Data de aprovação: 11 de fevereiro de 2021.

Conceito: APROVADA

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Fátima Cristina da Costa Pessoa
(UFPA- Orientadora)



Prof.^a Dr.^a Josebel Akel Fares
(UEPA – Membro Externo)



Prof.^a Dr.^a Juciane dos Santos Cavalheiro
(UEA/UFAC – Membro Externo)



Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues
(UFPA – Membro Interno)



Prof. Dr. Thomas Massao Fairchild
(UFPA – Membro Interno)

Dedico esta tese aos **vaqueiros** do Marajó, do prazer da escuta das muitas vozes daqueles que (com)partilharam experiências de vida e lida nos campos e cada um “contava, então, do seu tempo. Tinha uma voz de seu tempo. Tinha uma voz de remanso” (JURANDIR, 2008, p. 64).

Minha gratidão

À minha avó Sebastiana Ribeiro Pereira;

Ao meu pai Rocildo José Gaia Pombo;

Ao meu padrinho Roque José Gaia Pombo;

Ao Professor Ricardo Barros (*in memoriam*);

À amiga Vaneida Azevedo (*in memoriam*);

Pessoas que me incentivaram a deixar nestes campos “sementes para uma estranha e mágica fecundação” (JURANDIR, 2008, p. 195).

AGRADECIMENTOS

Ao Espírito Santo, a quem me atrevo a chamar de meu amor e ser presença sempre, graças e louvores pela intensidade do afeto que nos une e companhia suave e desejada.

A tod@s, que acreditarem desde o início neste projeto de estudos e finalizaram comigo esta caminhada, aqui o registro do meu bem querer expresso nos sete dons do Santo Espírito:

O dom do Conselho à querida orientadora Prof.^a Dr.^a Fatima Cristina da Costa Pessoa, por saber discernir caminhos e opções que nos fizeram avançar, em meio às paradas, por este incrível percurso acadêmico. Gratidão pela leveza da largada à chegada e firmeza ao segurar as rédeas, pela escuta sensível e a disponibilidade para orientar, vivenciar saberes e experiências.

O dom do Entendimento para todas as professoras e todos os professores com quem tive o prazer de estudar. Aqui cito a minha professora do primário, Inês Borges Leal; do ginásio, Antônia Maria Costa Abdon; da graduação, Ideval Velasco; e da Pós-graduação Josebel Akel Fares, pessoas que plantaram as sementes do conhecimento as quais agradeço, de forma bem particular, pelo muito que contribuíram com entendimento fecundo para este momento.

O dom do Temor de Deus para minha família e pelo que nos mantém unidos na fé e no respeito ao outro, agradecida por cada incentivo, tempo dedicado, nas palavras ditas carinhosas, afagos, em que a escuta foi tão necessária quanto as mãos estendidas. Dos cuidados com meu bem-estar, orações diárias, mensagens de entusiasmo, às companhias nas travessias, sou grata pela oportunidade de amor e de vida em família, pessoas especiais, que me são tão queridas.

O dom da Piedade, como o dom da verdadeira amizade, para as amigas e amigos por (com)partilharem o espaço do cheiro, das mãos estendidas, do colo acolhedor. A cada encontro, sempre em busca do que nos faz bem, que nos deixa leves e com todos os motivos para celebrar tomando “aquele café”, com o melhor dos nossos sorrisos. Graças pela motivação, gente linda!

O dom da Sabedoria à Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/PA), à Coordenação do Programa da Classe Hospitalar e Atendimento Domiciliar (CHAD), à Secretaria Municipal de Concórdia do Pará (SEMED), por distinguirem esta pesquisa como essencial para minha formação profissional. Obrigada por concederem licença aprimoramento para o doutorado.

O dom da Fortaleza à Universidade Federal do Pará, nos seus propósitos de uma instituição forte, que dá abertura ao conhecimento no pluralismo de ideias e de pensamento.

O dom da Ciência de Deus para a Ciência do mundo à CAPES, pelo investimento na formação de recursos humanos e aqui me incluo em agradecimento pela concessão de bolsa dentro do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará.

A tod@s, que são luz, sintam-se aqui incluídos, vocês iluminaram a escrita desta tese!

“De repente o desejo de felicidade lhe subiu à cabeça [...] Era cair na boca do mundo, era se deixar levar pelas palavras”.

(JURANDIR, 2008, p. 203)

RESUMO

Esta tese aciona as rédeas de um percurso de estudo traçado com o objetivo de investigar os discursos sobre o trabalho do vaqueiro marajoara na tensão entre os sentidos tradicionais e contemporâneos acerca da profissão. Para apreender os efeitos de sentidos das experiências discursivas no contexto do trabalho, tem-se a questão norteadora: Como compreender a tensão inerente aos discursos que implicam a figura do vaqueiro, ainda arraigado às tradições, e do contemporâneo, mais distanciado delas? Nesse propósito, o percurso teórico-analítico se entrelaça ao arcabouço teórico-metodológicos da Análise do Discurso (AD), com base nos postulados de Dominique Maingueneau, focando nos conceitos de dêixis, prática discursiva, cenas da enunciação, simulacro e polêmica, para se pensar em atividades produtivas no universo laboral, em uma construção que é mediada discursivamente. Acrescentam-se a estes aportes, os princípios da Ergologia, com base nos postulados de Yves Schwartz, para pensar a relação entre linguagem e trabalho, na referência feita aos prescritos do trabalho e a atuação do vaqueiro na labuta diária. As narrativas de vida, com base nos postulados de Daniel Bertaux, inserem-se para se pensar no acesso aos discursos sobre o trabalho do vaqueiro, no contar das experiências da vida em um espaço no qual o enunciado adquire sentido. A investigação se deu por meio de entrevistas narrativas, com posterior transcrição, que se constituiu como ponto de articulação entre os fenômenos da linguagem e o trabalho do vaqueiro e como a identidade profissional é construída numa prática discursiva. A opção pela temática justifica-se pela relevância dos estudos acerca da vaqueirice marajoara e contribuir com a discussão em torno de um sujeito discursivo pensado a partir de um lugar. Nesse rumo, o *locus* da investigação concentra-se em dez fazendas situadas nos campos no Marajó, município de Soure, com foco na articulação de dois *corpora* analíticos: as narrativas de vida de 16 vaqueiros marajoaras, distribuídos em 4 categorias de profissionais, sejam eles diaristas, efetivos, feitores e aposentados; e a Lei nº 12870/2013, que regulamenta a profissão do vaqueiro. Aprofunda-se, assim, o reconhecimento de um funcionamento interdiscursivo entre os sentidos produzidos no campo jurídico e os sentidos produzidos no campo do trabalho. Nos fundamentos sobre os quais as análises se constituem, as vozes que narram fazem a tessitura de uma rede de relações discursivas implicadas no dizer de si e do trabalho com registro de marcas significativas na produção de sentidos na atividade da vaqueirice historicamente marcada nesta região dos campos do Marajó.

Palavras-chave: Vaqueiro marajoara. Análise do Discurso. Linguagem e trabalho. Prescritos do trabalho. Narrativas de vida.

ABSTRACT

This thesis triggers the reins of a study course designed to investigate the discourses about the work of the *Marajoara* cowherd in the tension between traditional and contemporary meanings about the profession. To apprehend the senses effects of the discursive experiences in the work context, there is the guiding question: How to understand the tension inherent to the discourses that imply the figure of the cowherd, still rooted to the traditions, and the contemporary, more distanced from them? For this purpose, the theoretical and analytical path is intertwined with the theoretical and methodological framework of Discourse Analysis (DA), based on the postulates of Dominique Maingueneau, focusing on the concepts of de deixis, discursive practice, enunciation scenes, simulacrum, and polemic, to think about productive activities in the labor universe, in a construction that is mediated discursively. Added to these contributions are the principles of Ergology, based on the postulates of Yves Schwartz, to think about the relationship between language and work, in the reference made to the prescriptions of work and the performance of the cowherd in the daily toil. The narratives of life, based on the postulates of Daniel Bertaux, are used to think about the access to the discourses about the work of the cowherd, in the telling of the experiences of the work in a space in which the enunciation acquires meaning. The investigation was carried out through narrative interviews, with subsequent transcription, which constituted a point of articulation between the phenomena of language and the work of the cowherd and how professional identity is constructed in a discursive practice. The choice of the theme is justified by the relevance of the studies on *Marajoara* cowherding, and to contribute to the discussion around a discursive subject thought from a place. In this direction, the locus of the investigation concentrates on ten farms located in the fields in Marajó, municipality of Soure. The focus is on the articulation of two analytical corpora: the life narratives of sixteen *Marajoara* cowherds, distributed in four categories of professionals, whether they are day laborers, effective, foremen, and retired; and Law 12870/2013, which regulates the profession of the cowherd. This deepens the recognition of an interdiscursive operation between the meanings produced in the legal field and the meanings produced in the labor field. In the foundations on which the analyses are built, the voices that narrate weave a network of discursive relations implied in the saying of oneself and of work with a register of significant marks in the production of meanings in the historically marked activity of cowherding in this region of the fields of Marajó.

Keywords: *Marajoara* cowherd. Discourse analysis. Language and work. Prescribed from work. Life narratives.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Vaqueiros tocando a malhada	13
FIGURA 2 – Vaqueiros a postos aguardando o sinal de largada	26
FIGURA 3 – Vaqueiros conduzindo gado para o curral	27
FIGURA 4 – Campos do Marajó no inverno	60
FIGURA 5 – Campos do Marajó no verão	60
FIGURA 6 – Mapa da mesorregião do Marajó – Estado do Pará	62
FIGURA 7 – Percurso da pesquisa	72
FIGURA 8 – Mapa das Ilhas entre Chaves e Soure	74
FIGURA 9 – Vaqueiro: profissão reconhecida por lei	84
FIGURA 10 – Vaqueiro marajoara – IBGE/1949	97
FIGURA 11 – Vaqueiro conduzindo animais de montaria	103
FIGURA 12 – Serviço realizado no campo	150
FIGURA 13 – Serviço realizado no curral e na manga	151
FIGURA 14 – Cruzando a linha de chegada	191

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados informativos dos vaqueiros colaboradores da pesquisa	75
Quadro 2 – No “lembrete de lembrar” a recepção dos vaqueiros à entrevista	105
Quadro 3 – Marcas avaliativas positivas da profissão	108
Quadro 4 – A profissão de vaqueiro em movimento discursivo contraditório	115
Quadro 5 – Marcas avaliativas negativas da profissão	122
Quadro 6 – A autoavaliação no desempenho da vaqueirice	131
Quadro 7 – O simulacro do outro no discurso do trabalho da vaqueirice	135
Quadro 8 – A construção de um lugar de referência e de reconhecimento em diferentes épocas	146
Quadro 9 – O traço temporal da tradição e da contemporaneidade no relacionamento entre patrão e empregado	167
Quadro 10 – O processo de aprendizagem do ofício de vaqueiro com os mais velhos, saberes, experiências	178

LISTA DE SIGLAS

ADEPARÁ	Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – NO GRITO DA GARGANTA, NA TURADA DO PEITO: PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM SITUAÇÃO DE TRABALHO	13
PARADA 1 – A LARGADA COM CIRCUITO EM DIFERENTES ÁREAS: UMA CAVALGADA ATENTA À BATIDA TEÓRICA	26
1.1 Os marcos teóricos sinalizam o percurso: a dimensão discursiva em campo	29
1.2 Linguagem e trabalho: processos discursivos que produzem saberes	42
1.3 Narrativa de vida: práticas discursivas que constroem sentidos	48
PARADA 2 – ENTRE TERROADAS E INUNDAÇÕES, O TROTE CADENCIADO DA PESQUISA	60
2.1 As marcas impressas em diferentes áreas: abertura às experiências discursivas	64
2.2 Na seleção dos sujeitos, a identidade enunciativa: traços vinculados ao ofício	71
2.3 Estatuto do dado na entrevista em AD: vozes que contam de si e da lida campeira	77
PARADA 3 – A PROFISSÃO VAQUEIRO: OS SENTIDOS PRODUZIDOS NA/PELA LEI	84
3.1 A antiga profissão e a recente lei: na defasagem temporal, o reconhecimento tardio	86
3.2 Entre os fios de uma rede discursiva: o ponto de vista jurídico sobre a vaqueirice	91
3.3 A tessitura identitária em linhas prescritas: marcas discursivas do ser vaqueiro no Marajó	95
PARADA 4 – A PROFISSÃO VAQUEIRO: OS SENTIDOS PRODUZIDOS NA/PELA LIDA DO TRABALHO	103
4.1 Ser ou não ser vaqueiro: o discurso contraditório sobre a profissão em cena	107
4.2 De quando o vaqueiro produz o simulacro do outro: eu sou o que o outro não é	130
4.3 As lidas da vaqueirice en(tre)laçadas: o lugar, as relações e as aprendizagens	145
PARADA 5 – NA LINHA DE CHEGADA: EXPERIÊNCIAS DISCURSIVAS, APRENDIZADOS DE SENSIBILIDADES	191
REFERÊNCIAS	201
APÊNDICE	206
ANEXO	211

INTRODUÇÃO – NO GRITO DA GARGANTA, NA TURADA DO PEITO: PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM SITUAÇÃO DE TRABALHO

Figura 1 - Vaqueiros tocando a malhada



Fonte: Arquivo de Otávio Cardoso¹

Nos saberes impregnados no interior de uma cultura de raiz tradicional no Marajó, ecoa a voz do vaqueiro que reverbera sentidos da profissão. A voz que orienta, arrebanha, junta, incita, conduz o gado às pastagens, currais, tesos, embarques é entoada pelos vaqueiros no cotidiano do trabalho e aqui convocada para nos contar de si. Na nota expressa, en(tre)laces de vozes do manejo com o gado se cruzam às narrativas de vida – linguagem, trabalho, memórias – unidas às vozes dos teóricos e à nossa voz nas análises realizadas sobre os dizeres desses profissionais em uma perspectiva de trabalho cuja linguagem se dá como lugar de descoberta. Na força do pulmão, o som alastra pelos campos o canto da lida, da vida em aspectos singulares do ofício, particularidades do dizer que ora se propagam na dimensão do trabalho que nos dispusemos alcançar neste lugar de discurso.

Assim como na imagem, os vaqueiros conduzem a ação de pastorear e guiar o gado, entoando sons condutores do rebanho, atentamos, nestes escritos, à condução dessa voz contando de si e do que se permite revelar aos outros, implicados que estão na construção discursiva associada ao trabalho da vaqueirice. Nesta acepção histórico-discursiva, vozes tradicionais e contemporâneas narram o espaço de vivência e os saberes da profissão:

¹ Octavio Cardoso, fotógrafo paraense, desenvolve o projeto “Minha Ilha – campos abertos do Marajó”. Nas imagens capturadas pelo seu olhar, pela sua poética, a revelação da lida do vaqueiro em imagens da paisagem local que foram gentilmente cedidas do acervo pessoal do artista para se atrelar a este trabalho de pesquisa.

Os vaqueiros sacudiram as cordas, lambaram os cavalos, ergueram as rédeas: – Ei!
Ei! Ei! Vêra! Ei! Boiama!²

(JURANDIR, 2008, p. 71)

No mesmo incentivo dos vaqueiros da ficção do escritor marajoara de tocar o rebanho até o seu destino, esta pesquisa instiga à inserção pelos campos do Marajó em busca de se investigar os discursos acerca do trabalho do vaqueiro na tensão entre os sentidos tradicionais e contemporâneos sobre a profissão. Além de priorizar o ofício da vaqueirice como central na vida dos profissionais do campo da pecuária, envolvidos pelos sentidos das suas narrativas, priorizamos também o trabalho do vaqueiro construído discursivamente. Para tal efeito, ouvimos as vozes dos profissionais que falam do trabalho seja como vaqueiro diarista, efetivo, feitor ou aposentado.

Então, seguimos o fluxo da voz que se manteve em sintonia à escuta das entrevistas narrativas coletadas em andanças por fazendas dispersas pelos campos do Marajó/Soure, confiantes de que as experiências de vida, como diz Bertaux (2010, p. 16), “constituem verdadeiras jazidas de saberes que devem ser exploradas”, uma coleta que iniciamos em 2002, ao garimpar as formas léxicas peculiares ao trabalho do vaqueiro desta região. Cabe ressaltar que a gênese dessas experiências de pesquisa, pensadas durante a graduação, privilegia a construção de saberes sobre a realidade instigante da figura do vaqueiro marajoara, que inquieta, inspira e merece todo empenho para a realização de uma diversidade de estudos ao longo deste percurso acadêmico. Como aluna do Curso de Licenciatura em Letras/1999 pela Universidade Federal do Pará, Campus do Marajó/Soure, em dupla formada com Vaneida Chagas Azevedo, apresentamos o Trabalho de Conclusão de Curso, em 2004, com a pesquisa sobre o “Léxico do vaqueiro marajoara: aspectos de um falar singular nos campos de Soure”. A temática, com abordagem na área de Sociolinguística, implicou em uma análise lexical por meio das entrevistas narrativas, nas quais identificamos termos específicos da vaqueirice que deram origem à elaboração de um glossário.

Passados dez anos, com a conclusão da pesquisa da dissertação de mestrado, em 2014, novamente a opção pelas narrativas de vida, especificamente com base nos preceitos de Bertaux (2010, p. 69) e da atenção imprescindível à entrevista narrativa que na “experiência do real toma forma humana, vida e voz”. O método atendeu às expectativas de análise para trabalhar o percurso de vida e trabalho de cinco gerações de vaqueiros marajoaras da família Vasconcelos

² A abertura de cada capítulo desta pesquisa contempla trechos da obra *Marajó* (2008) do escritor marajoara Dalcídio Jurandir. A inserção de cada trecho se dá pela possibilidade de relacioná-lo à pesquisa e a escrita pelo modo como o autor percebe acontecimentos, retratando aspectos do cotidiano das pessoas e dos lugares deste Marajó, com foco nas cenas do meio rural.

e os saberes inerentes ao meio onde vivem. A forma narrativa deu o encaminhamento necessário para o desenvolvimento (auto)biográfico que permitiu ouvir as vozes desses sujeitos por meio das lembranças, das memórias, dos relatos de saberes e aprendizagens no sentido individual e coletivo para a construção da identidade vaqueira dessa família. Como o mestrado se realizou no Centro de Ciências Sociais e Educação, seguimos, à maneira de Bertaux (2010, p. 25), uma vertente etnossociológica que “propõe uma forma de pesquisa empírica adaptada à identificação das lógicas próprias de cada mundo social, ou de cada tipo de situação”, o que foi fundamental para a narrativa das experiências construídas pelos vaqueiros ao longo da carreira.

Em 2016, no doutorado, os elos da pesquisa no universo marajoara se encontram e se expandem, e fomos novamente a campo para prosseguir com os estudos sobre os vaqueiros do Marajó e à escuta de suas narrativas de vida, agora, em nova perspectiva de análise: enquanto fenômeno discursivo e suas potencialidades rumo à construção de um lugar de sentidos no contexto do trabalho, com base no discurso de linha francesa, doravante AD, e a relação linguagem e trabalho.

Por isso, o *locus* da investigação se deu no arquipélago do Marajó, que divide a extensão de suas áreas em duas partes: campos, pelo lado oriental, e florestas, pelo lado ocidental. A opção se fez pelo município de Soure, no percurso por dez fazendas situadas em pontos estratégicos dos campos, no espaço onde trabalham e residem os vaqueiros colaboradores da pesquisa e onde esse processo investigativo ocorre.

Conduzimos, então, esta investigação em direção às experiências do cotidiano dos vaqueiros do município de Soure, que oferece boa formação de pastagens naturais e considerável produção extensiva de gado criado solto em grandes áreas da região. Entretanto, apesar da criação de gado estar em amplo crescimento, conforme dados fornecidos pela Adepará/Soure³, o último censo divulgado pelo IBGE (2010) mostra que, em termos percentuais, o município de Soure passou de 15,34% de moradores da zona rural para 9,45%, resultando enorme diferencial em dez anos. Os dados apontam uma ocorrência contínua do processo migratório da área pastoril para a zona urbana. É o vaqueiro marajoara saindo de sua zona de atuação rumo aos grandes centros.

O deslocamento desses trabalhadores rurais rumo à cidade exigiu contato com mais colaboradores. Antes, eram doze, concluímos com dezesseis. Foi necessário também o aumento do número de viagens, que inteiramos em sete específicas aos locais para onde converge a investigação. Como esta é uma pesquisa que se dá pelo emprego no mesmo viés investigativo

³ Ver dados do relatório na p. 166.

de outros percursos acadêmicos, convém esclarecer que a escolha para os potenciais participantes não causou impasse em virtude da relação amistosa já estabelecida em outros momentos de formação. Para a presente investigação, selecionamos quatro categorias de vaqueiros formados por diaristas, efetivos, feitores, aposentados, são sujeitos que residem e trabalham nos campos, cujos relatos envolvem a materialidade do enunciado referente aos vaqueiros ainda ligados às tradições e outros inscritos na contemporaneidade. Essa distância temporal seja nas funções, faixa etária e cargos de trabalho em diferentes tempos apresentam um espaço de tensão entre o antigo e o moderno, pois se percebe que há uma transformação no sentido que o trabalho tem para o vaqueiro em diferentes épocas. Totalizamos, portanto, dezesseis entrevistas narrativas, que contemplam quatro participantes de cada categoria de vaqueiro segundo a função na qual atuam profissionalmente.

Após a categorização de vaqueiros que labutam na pecuária marajoara, quisemos apresentar, à maneira de Bertaux (2010, p. 75-76), “a operação de pesquisa de tal sorte que ela pareça útil a certas categorias, isso nos abrirá as portas. [E] qualquer mundo social tem suas portas de entrada, que é necessário descobrir: é importante procurá-las”. Em nosso caso, conseguimos destravar as trancas das porteiras, por fazermos parte dessa comunidade de Soure e estarmos munidas dessa proximidade com os estudos sobre os vaqueiros, de forma a manter firme e forte a confiança conquistada para obter permissão e adentrar às fazendas, condição necessária para realizar a pesquisa do doutorado. E retomando a epígrafe introdutória, rodamos as cordas, cutucamos os cavalos, erguemos as rédeas e avançamos, agora com olhar rumo à construção discursiva na lida da vaqueirice, nos processos de produção de sentidos, quando se atribui significados ao ofício.

Para compreender o sentido do que dizem esses profissionais, precisamos nos embrenhar neste universo pastoril e buscar, com respaldo na AD, Ergologia e narrativas de vida, a tessitura na constituição dos dois *corpora* que vamos analisar: um *corpus* construído pelas narrativas de vida, tecidas pelas vozes de vaqueiros sobre as experiências da atividade que exercem, da construção identitária, do que contam de si e dos outros; e o outro *corpus* formado pela lei 12870/2013, que regulamenta a profissão de vaqueiro, na qual procuramos entender a profissão regulada localmente e a normatização do trabalho, de como por meio desse prescrito se conforma ou não uma identidade da profissão. Como elemento de análise, quisemos aprofundar o reconhecimento de um funcionamento interdiscursivo entre os sentidos produzidos no campo jurídico e os sentidos produzidos no campo do trabalho quando introduzimos as narrativas de vida. Nesse funcionamento interdiscursivo entre a lei e as narrativas de vida há uma relação que se justifica por ser a lei um elemento discursivo da

contemporaneidade sobre o trabalho do vaqueiro, um funcionamento interdiscursivo que aponta para o apagamento de uma tradição com a construção de um simulacro.

Nos alinhavos dessa dupla tessitura, juntamos aos fios discursivos às notas de campo para interpretar o sentido do funcionamento interdiscursivo de sujeitos inscritos em uma situação enunciativa que concebe o efeito como um sentido, relevante à legitimação do discurso advindo da própria enunciação do vaqueiro. A pesquisa se apoia, então, em determinadas conjunturas históricas e sociais no tensionamento entre tradição e contemporaneidade e se direciona aos seus aspectos discursivos, com o cuidado de entrelaçá-los.

Dada a abertura para circulação em outros campos, formulamos o problema de pesquisa sobre os sentidos produzidos em experiências discursivas no contexto do trabalho a partir de sete questões norteadoras: a) Como compreender a tensão inerente aos discursos que implicam a figura do vaqueiro, ainda arraigado às tradições, e, do contemporâneo, mais distanciado delas? b) Quais são os discursos que forjam uma identidade para a profissão de vaqueiro nos campos do Marajó na tradição e na contemporaneidade? c) De que forma o processo discursivo passa a adquirir sentido no contexto do trabalho onde a “fala é encenada” na voz atuante do vaqueiro? d) Como reconhecer uma dêixis instituída pelos vaqueiros da tradição e da contemporaneidade quando falam do próprio trabalho? e) É possível que os vaqueiros da tradição e da contemporaneidade instaurem um simulacro do discurso sobre o trabalho devido às experiências já alcançadas com seus saberes? f) De que forma o discurso se constitui na relação polêmica instaurada entre os sentidos construídos sobre a profissão de vaqueiro? g) No prescrito da lei 12870/2013, há um discurso jurídico que cria uma identidade para o vaqueiro?

Ao considerarmos que a constituição do sujeito se dá em um movimento dos sentidos envoltos no e pelo discurso do trabalho da vaqueirice imbricados com a construção da identidade, levantamos a hipótese de que as mudanças ocorridas na forma de fazer o trabalho afetam a construção identitária do trabalhador dos campos do Marajó. O desenvolvimento cada vez mais descaracteriza o espaço, e, portanto, desconstrói essa função do vaqueiro, como lugar da autoridade na observância de traços que não são mais reconhecidos. Na medida em o desenvolvimento altera a vida na fazenda, o saber construído localmente sai da figura do vaqueiro, que perde o poder de articulador de grande parte dos serviços pecuários, o que causa uma certa forma de desvalorização profissional, o não reconhecimento. Por meio da AD, a ideia da dicotomia tradição / contemporaneidade é uma introdução do discurso a partir das transformações vividas no cotidiano do trabalho.

O alcance para a confirmação ou rejeição do pressuposto como hipótese, de que há uma dêixis discursiva do trabalho do vaqueiro na tradição e há uma dêixis discursiva contemporânea

na constituição do sentido do trabalho, que se altera na linha do tempo, nos leva a cogitar a possibilidade de uma identidade profissional em transformação e quem é vaqueiro hoje não se reconhece como vaqueiro do passado, e quem era vaqueiro no passado não reconhece hoje o atual vaqueiro. Também existe a hipótese de que no discurso jurídico-legislativo da Lei 12870/2013 há um novo sujeito a ser constituído, tendo em vista que esta regulamentação ignora uma profissão historicamente constituída no cenário brasileiro.

A orientação para os fins que pretendemos atingir se guiou pelo objetivo geral de investigar os discursos acerca do trabalho do vaqueiro marajoara na tensão entre os sentidos tradicionais e contemporâneos sobre a profissão. Nos objetivos específicos, interessa descrever a realidade do trabalho do vaqueiro nos campos do Marajó e como esses sujeitos inauguram uma dêixis discursiva fincada na tradição e na contemporaneidade com modos diferentes de atuação profissional para realização do mesmo serviço. Outro fator a se considerar é reconhecer como os discursos constroem os simulacros sobre o trabalho do vaqueiro na tradição e na contemporaneidade para então compreender a polêmica instaurada entre os sentidos construídos sobre a profissão. Nossa proposta é de materializar uma alternativa de análise nos campos do trabalho e nos campos do discurso, seguindo uma trilha com ferramentas que beneficiem o avanço no percurso da investigação.

A justificava para esse encaminhamento é de contribuir com a discussão acerca de um sujeito discursivo pensado a partir de um lugar endógeno (que são as narrativas de vida), da posição de onde interpreta seu mundo, colocando em destaque aspectos ideológicos e históricos indispensáveis às condições que envolvem o discurso nos diferentes contextos sociais. Além de que, a produção de sentidos decorrentes dos discursos sobre a vaqueirice se trata de uma prática real de uso da linguagem em um contexto específico de trabalho realizado por vaqueiros que se posicionam em relação ao tempo e ao espaço. A profissão se constitui na história e, na contemporaneidade, segue o seu processo de constituição, de transformação e por isso queremos escutar o que os vaqueiros mais novos dizem da sua profissão em comparação com o que os dizem os mais velhos. Daí a valorização dos saberes localmente constituídos na apreensão de sentidos e valores contidos neste ofício. Embora sejam expressivos os estudos que investigam as relações entre linguagem e trabalho, urgem mais pesquisas que atuem na interface específica entre Análise do Discurso da AD francesa, Ergologia e Narrativas de vida, fundamentais para embasar esta pesquisa. A construção desse objeto de pesquisa se origina na experiência com os profissionais dos campos da pecuária à luz da AD, justamente para mostrar, argumentar o quanto essa profissão se forja na história, se forja na tradição. Quanto à lei 12870/2013 que regulamenta a profissão de vaqueiro, está presente em nosso percurso

argumentativo para observar a relação da lei na contemporaneidade sobre o trabalho do vaqueiro. Ressaltamos que o estatuto da análise do discurso jurídico que comporta a lei não se constitui como elemento central nesta tese, ela é um elemento secundário, o propósito principal é mostrar que há um modo de viver a experiência de ser vaqueiro na tradição e na contemporaneidade e a lei, que se apresenta, não é elemento da tradição, é um elemento da contemporaneidade.

Na perspectiva dos dispositivos teórico-metodológicos da Análise do Discurso, buscamos construir uma metodologia para abordar as entrevistas narrativas e o texto da lei segundo as suas especificidades, de uma maneira comum, padrão para podermos identificar os sentidos produzidos na/pela lei/lida do trabalho e encontrar regularidades e contradições que possamos associar às categorias de vaqueiros selecionadas para esta pesquisa. Prevaleram na análise as marcas portadoras de significado valorativo na construção do discurso sobre o trabalho do vaqueiro, de como o trabalhador da região dos campos do Marajó se define, a partir da perspectiva do outro, além dos aspectos discursivos concernentes ao lugar, às relações, às aprendizagens em situações discursivas específicas de trabalho no campo da pecuária a partir de uma posição e de um contexto determinado. Valemo-nos de uma estratégia metodológica indispensável para perceber que o discurso dos vaqueiros aponta para uma maneira tradicional e outra contemporânea de realizar esse trabalho, tendo em vista a materialidade que constitui o objeto, os sujeitos, o tempo e o espaço dos discursos. Além dos dizeres que se fazem notar na materialidade da superfície discursiva, observamos as fissuras nas quais se captura a opacidade do que não está posto explicitamente, pois buscamos as marcas discursivas que ficam à mostra na superfície e aquelas que não ficam tão evidentes, mas sabemos que estão lá e são elas que geram o estranhamento que nos permitem avançar na pesquisa. Apesar dos traços comuns que identificamos logo em primeiro plano, visamos ao processo de produção dos sentidos para além da evidência da materialidade discursiva. Notamos, por exemplo, no decorrer da análise, que os traços elencados sobre uma avaliação positiva do trabalho estão no plano da evidência, mas nossa busca estava em procurar, na instabilidade produzida pelos dados, os conflitos, as angústias, tristezas, contradições, tensões, relações de confronto e aliança, mesmo porque as narrativas contadas pelos sujeitos da pesquisa constroem a história do trabalho nos campos do Marajó, sobre o lugar que ocupam, a sua prática discursiva, o local de onde enunciam.

As relações sociais, as identidades constituídas, as ideologias consolidadas em um meio social materializam o discurso que o vaqueiro marajoara (re)produz, de forma que esses sujeitos, na vivência do tradicional ou do contemporâneo, compartilham regras, modos de agir e interpretar o mundo e passam a legitimar os discursos conforme a referência que concebem

para efetivá-lo. No Marajó, esse processo das relações humanas é dinâmico, por isso, quando nos interessamos em estudar o trabalho do vaqueiro, precisamos reconhecê-lo como expressão de uma relação social, o que remete às situações de trabalho como da forma citada por Pessoa (2012, p. 160), na possibilidade de

Refletir sobre o exercício enunciativo implicado na realização do trabalho, considerando-se o espaço de trabalho como um espaço de produção de textos, um espaço de constituição, manutenção e transformação de discursos e, conseqüentemente, um espaço de constituição discursiva de identidades e de relações sociais.

Na referência de um lugar onde o sujeito se constitui e no movimento do processo discursivo, a fala é encenada, vincula-se a um sujeito concebido de vozes sociais em suas múltiplas relações e contribui para a reflexão sobre os saberes acumulados no contar suas histórias de vida e de trabalho. A respeito desse contar de si no contexto do trabalho, assim nos referimos a eles na dissertação de mestrado (POMBO, 2014, p. 62):

O vaqueiro do Marajó, por meio do ato de contar sua própria vida e as ações que norteiam sua prática profissional constrói um conhecimento a respeito de si mesmo, sobre os outros e sobre o que acontece na sua comunidade em certo momento histórico. Também descreve e caracteriza seu universo cultural com marcas indicativas de um tecido mestiço, híbrido, que forma o marajoara.

São profissionais que deixam transparecer em seus enunciados o conhecimento que têm sobre os campos, a vida nas fazendas e o prazer em relatar suas experiências, os saberes legados pelas gerações que os antecederam na profissão e a relação com os companheiros com quem compartilham a vivência do dia a dia na labuta do serviço. É uma teia de conhecimentos na relação linguagem e trabalho que traçada pelo ponto de vista discursivo dá-se abertura, segundo Orlandi (2007, p. 96), “a uma perspectiva de trabalho em que a linguagem não se dá como evidência, oferece como lugar de descoberta. Lugar de discurso”. Lugar como este arquipélago marajoara de conexões diversas onde o vaqueiro não deixa apenas as marcas das mãos que agitam as muxingas ou dos pés que se apoiam na balança como sinais de sua passagem. Ressoam vozes de vaqueiros que refletem o sentimento de pertencimento, da identidade e da relação quanto aos aspectos enunciativos referentes ao local que fez ou faz parte de sua vida.

A atenção se concentra, portanto, na escuta e no registro de vozes nas entrevistas narrativas, nas conversas de convivência, nos zunzuns pelas bandas de cá, no tom às vezes de uma denúncia silenciosa, nas brincadeiras tão prazerosas, nos conflitos do lugar, nos costumes culturais, nas crenças nos santos e nos encantados, nos mitos da região, nos saberes inerentes a este amplo e complexo mundo de trabalho do vaqueiro marajoara. E daí perceber

como estão relacionadas à hipótese da pesquisa acerca das mudanças na profissão marcadas pela oposição entre tradição e contemporaneidade.

A percepção dessas transformações discursivas são as rédeas que conduzem a pesquisa por este arquipélago de investigação, cujas correias se entrelaçam ora no discurso tradicional, ora no contemporâneo, mas com direcionamento voltado à temática linguagem sobre o trabalho em contexto narrativo. Como percebe o vaqueiro VA3 Melgaço, da Fazenda Janaucu⁴:

Essa é uma lida que a gente tem que aprender desde novo. E hoje eles querem ser vaqueiro assim já adulto, chegam nas fazendas e nem sabem o que é trabalhar, o que é uma lida de vaqueiro. E, por isso, que eu tenho assim: pra gente ensinar essa geração de hoje já é difícil porque eles têm a cabeça meio complicada, mas tem uns que são legal, tem uns que são bons de aprender. Eu trabalhei com vários companheiros, colegas que sempre me perguntavam: “porque você trabalha assim, dessa maneira?”, porque eu aprendi assim com o meu pai. Eu sempre fui caprichoso, eu sempre procurei aprender com ele, a gente sempre erra, mas pessoa tem que procurar fazer pra não errar. Tem que trabalhar tudo certinho pra não errar e eu sempre gostei de trabalhar correto, mas é uma barra assim pra esses novatos de hoje. É difícil. Na geração nossa todo mundo era vaqueiro porque todos se dedicavam ao trabalho, àquela função de vaqueiro. [...] de cada coisa eu aprendi um pouco. Tudo eu sei um pouco. De várias profissões eu sei um pouco: carpinteiro, trabalho de cerca, eu sei fazer um pouquinho de cada, piloto, de mecânico, tudo eu entendo um pouco. Por isso que eu digo, que hoje em dia essa geração não querem saber de aprender, só querem saber acho que correr atrás de gado. Acho que isso é importante, mas tem que aprender várias coisas que hoje em dia o vaqueiro já não pode ser só o vaqueiro, ele tem que aprender mais coisas. Eu aprendi muitas coisas, até hoje eu sei.

O posicionamento assumido pelo vaqueiro nos permite considerar que houve uma transformação dos sentidos que se produziram sobre essa identidade profissional, seja pelos modos diferentes de se realizar as mesmas tarefas seja quando se faz uma avaliação da profissão, ao longo da história. Diante de um novo paradigma da compreensão da realidade do trabalho podemos pensar, por exemplo, no vaqueiro como ponto de referência na profissão, tanto para uma identidade forjada no que consideramos como tradição, quanto para uma identidade com adesão de novos valores e atribuição de novos significados que não é mais a mesma diante das cenas postas em circulação.

Quando questionados sobre o trabalho deixam mais explícitas e abundantes as marcas positivas, tanto que só esse registro apareceu na primeira análise. Mas nós chegamos a um enunciado que mostra não só marcas positivas na profissão, há vaqueiro que diz: “eu não queria pro meu filho a vaqueirice, eu não queria porque eu já vi o sofrimento que é”. A partir desse enunciado nós fomos buscar as marcas negativas que não eram explícitas, nem em abundância. As entrevistas narrativas foram, portanto, uma escolha consciente para o trato com esta abordagem por se constituir, enquanto fenômeno discursivo, na perspectiva de Bertaux (2010, p. 29), “um instrumento importante de extração de saberes práticos, com a condição de orientar

⁴ Sobre a identificação dada aos vaqueiros, as siglas e os nomes das fazendas ver a disposição no quadro 1, p. 75.

para a descrição das experiências vividas pessoalmente e dos contextos nos quais elas se inscrevem”. Em outras palavras, são um modo de contar as experiências vividas em que a ideologia e a contradição influenciam no processo de construção do dizer, nas tomadas de posição dos sujeitos e, ao mesmo tempo, apresentam uma tendência representativa na constituição de uma identidade. O feitor VF1 Chaves, da Fazenda Mexiana, nos conta sobre essa experiência vivida:

A pessoa começa no dia a dia logo de cedo. De manhã vai pro curral tirar um leite, né? Lá pra umas seis horas, conforme o serviço da pessoa, né? Aqui a gente trabalha mais cedo, entendeu? Às vezes, eu me levanto mais cedo um pouco pra ir pegar o gado no dormitório, né? Que aí uma época dessa tá cerrado. E se você for dobrar um gado desse... mais horas do dia você não vai pegar o gado porque o gado já desceu pra baixa. Tá cerrado. Aí, você não vai conseguir pegar o gado todo. E assim não, o cara levantando cedo, né? vai... consegue pegar o gado lá onde o gado dorme, onde o gado se amalha.

No recorte, inerente ao contexto do trabalho, a legitimação dos lugares por onde circulam os vaqueiros se realiza pelos efeitos de sentido produzidos por suas narrativas de vida. Assim esta pesquisa se conduziu à semelhança do vaqueiro marajoara montado em seu cavalo, animal bom de sela e de rédea, calmo e confiante, dotado de muita resistência para dar o melhor de si no decorrer do trajeto. Foi dessa forma que definimos os objetivos da pesquisa, questões norteadoras, as hipóteses, a justificativa e a metodologia para sairmos a campo e no andamento da escrita nos movemos entre significações para percorrer os sentidos dos discursos em práticas sobre o trabalho. Para este feito, a largada foi dada nas bases conceituais da AD, Ergologia e narrativas de vida e cruzamos a linha de chegada com bagagem na experiência discursiva para concluir este aprendizado de sensibilidades da vaqueirice no percurso acadêmico.

A menção à largada e chegada se faz em referência ao Festival do Cavalo Marajoara, uma corrida tradicional que cruza os campos das fazendas onde cavalos e vaqueiros participam da prova que desafia a habilidade e a resistência do cavaleiro e do animal em 160 km de trajeto a ser concluído em dois dias. Um circuito que passa por dois municípios integrantes da região dos campos do Marajó: a largada no município de Cachoeira do Arari e chegada em Soure, incluindo no roteiro o enfrentamento das mais diversas intempéries, do sol abrasador, das terroadas que deixam o terreno acidentado para as patas do animal, do abrir e fechar porteiras, da travessia de igarapés, do contorno lamacento das rampas, entre outras situações tão características deste espaço.

A caminhada é longa! É preciso fazer duas paradas em fazendas que se transformam em pontos de apoio e ficam distantes uma da outra em torno de 50km de área distinta dos campos e cruciais para cavaleiro e animal poderem descansar, recuperar o fôlego, aliviar o cansaço,

hidratar, fazer um curativo, alimentar, repor as energias e seguir “com toda turada no peito”, com mais força, os 60 km finais do percurso. Por isso, a divisão das partes desta tese é feita de paradas, por ser, em cada uma delas, uma boa ocasião para pensar estratégias e, assim como o vaqueiro, se manter firme na sela e avançar com fôlego renovado até a parte final da maratona.

A primeira parada consiste no apoio dado pelas bases conceituais de Maingueneau pelo viés da dimensão discursiva, com enfoque no conceito de dêixis, considerada central para esta investigação. Acrescentam-se, a este tópico, os conceitos de prática discursiva, cena da enunciação, polêmica e simulacro, na forma de um discurso significativo à pesquisa, que respaldam o situar desta abordagem na AD. O estudo também requer a mobilização de conceitos voltados às práticas discursivas em situação de trabalho, que se espera bem articulada à construção de um lugar de sentidos sobre a tradição e a contemporaneidade no contexto do trabalho da vaqueirice na linha do tempo pelos próprios sujeitos que o realizam. Em se tratando de construção de identidades, na constituição de narrativas de vida, a tessitura, por meio dessa diversidade de conceitos, funda as bases para esse estudo de forma a criar um percurso argumentativo articulado ao percurso da tese.

Na sequência, traçamos o nosso percurso metodológico e, nesta segunda parada, as notas iniciais se voltam ao arquipélago para situar o trabalho em virtude de ser o roteiro a partir do qual se inserem os demais espaços por onde transita o vaqueiro marajoara. Em cada saída a campo, a cada visita para realizar as entrevistas, a cada experiência de observação, a cada conversa de convivência, nas mais diversas situações discursivas se acionou o dispositivo analítico nos parâmetros da AD francesa de Maingueneau, por meio do qual se tornou possível identificar e analisar os efeitos discursivos, no contexto do trabalho dos vaqueiros da tradição e da contemporaneidade. Em relação à linguagem e trabalho a observância de como essa relação acontece nas entrevistas narrativas para instaurar no discurso a construção identitária do vaqueiro marajoara ao contar de si.

A terceira parada trata do *corpus* de análise referente à Lei nº 12870, de 15 de outubro de 2013, que dispõe sobre o exercício da atividade profissional do vaqueiro. As reflexões se concentram em torno do conceito de prática discursiva jurídica como suporte ao exame do documento que visa a legislar sobre o trabalho realizado pelos vaqueiros. Nesta abordagem, as considerações sobre a atividade humana contribuem para a produção de conhecimento sobre o trabalho no que diz respeito aos saberes e às experiências dos vaqueiros na relação com os demais companheiros de profissão. Busca-se compreender no âmbito do discurso jurídico-legislativo a prescrição do exercício da profissão e das funções atribuídas ao vaqueiro e em parada específica sobre a profissão de vaqueiro: os sentidos produzidos na/pela lei.

A transcrição e análise das narrativas estão presentes na quarta parada em uma abordagem que constrói sentidos e implica posicionamentos. Para interpretar a construção discursiva e os possíveis efeitos de sentido do coletado e transcrito, a partir das entrevistas narrativas, pretendemos abarcar o trabalho do vaqueiro em narrativas de vida. Lá estão o sentimento de pertença, crenças, valores, saberes do cotidiano profissional, bem como a experiência vivida nos campos do Marajó na tessitura da trama narrativa carregada de sentidos. Nos recortes das entrevistas, apoiamo-nos em três contares: ser ou não ser vaqueiro: o discurso contraditório sobre a profissão em cena; de quando o vaqueiro produz o simulacro do outro: eu sou o que o outro não é; as lidas da vaqueirice en(tre)laçadas: o lugar, as relações, as aprendizagens. Análises presentes em um capítulo intitulado, a profissão de vaqueiro: os sentidos produzidos na/pela lida do trabalho.

Já cruzando a linha de chegada, com a quinta e última parada, finalizamos o percurso com observação às marcas discursivas, na perspectiva da materialidade linguística e histórica, para identificar e analisar a construção de sentidos acerca das atividades exercidas no cotidiano do vaqueiro em discursos passados e presentes. Na categoria de trabalhadores que elegemos, um compartilhamento de saberes na composição dos discursos nas relações de trabalho, na produção de sentidos das experiências da vida e da lida narradas por profissionais mais antigos na função e por profissionais da contemporaneidade. Nessa distância temporal, a compreensão dos discursos que se dão no momento de enunciação em sentidos que os vaqueiros revelam no fio discursivo peculiar com que tecem a própria vida, constroem identidades.

Nos passos da pesquisa, adotamos um comportamento ético, aqui instituído como parâmetro de relevância, e que deve embasar a continuação de novas investigações por estes campos de trabalho. De forma que o rodopiar das cordas, cutucar os cavalos e erguer as rédeas se constituíram em ações subjetivas no percurso da tese análogas à conduta e o modo de vida na labuta diária do vaqueiro do Marajó atentas à escuta da legitimidade de vozes que veiculam saberes em 104.139,93 Km² de extensão territorial. Uma difusão pretendida a partir da abertura do contar de si, da voz do vaqueiro em situação de trabalho a se propagar em sintonia com outros estudos a se vasculhar nesta região em tantas e novas descobertas.

Descobertas que tiveram início com a pesquisa de campo, quando embarcamos na canoa e navegamos pelo estirão d'água do Paracauari. O rio é tranquilo, mas, logo na primeira curva,

⁵ http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_129_Maraj%C3%83%C2%B3%20-%20PA.pdf

os rebujos⁶ em torno do local conhecido como “Ponta do Sossego” dão uma balançada na embarcação e sentimos que a pesquisa será neste ritmo das marés, ora tranquila, ora mais agitada. E seguimos o curso das águas, rumo à rota traçada, em direção às fazendas para mais um momento de encontro para ouvir os vaqueiros do Marajó. É inverno. As águas estão tufadas pelo aguaceiro que desaba sobre a região nesse período e expandem o leito do rio. No avançar da viagem, a percepção de ter do interior da canoa um espaço privilegiado de observação para a mata verde, campos viçosos, pássaros cruzando os ares, pousados no dorso dos búfalos, mariscando na beirada, e ainda o horizonte a brindar o percurso com um imenso arco-íris tocando a copa das árvores de um lado a outro.

Visão aparentemente bucólica, mas o marajoara sabe da força das águas quando invadem os campos e do cuidado necessário para proteger as matas nativas que contornam o leito do rio. Nesta rota, vale a destreza do vaqueiro, que também é piloto, e sabe conduzir a embarcação por entre os braços dos rios, que aumentam de volume nesse período chuvoso. A impressão é de se estar perdido nessa imensidão de água, mas o condutor conhece cada palmo deste trecho, as inúmeras bifurcações, as pontas das cercas e mourões que não foram submersas e sabe transpor as porteiras que resistem a sua força, mas se abrem em passagem. O piloto aponta, mostra detalhes da paisagem que passariam despercebidos sem sua ajuda, diz o nome das fazendas que passam, seus proprietários, um pouco da história, as curiosidades do lugar e a história das famílias. Olhos e ouvidos atentos, novamente, para o entorno do que se vê e ouve.

No centro do que se está construindo como percurso acadêmico, trazemos imagens⁷ na abertura de cada Parada vinculadas à teoria e significativas na iconografia marajoara, pois estão especificamente focadas na figura do vaqueiro e na representação de momentos do trabalho.

A postos para a largada, deixemo-nos conduzir por estes campos do Marajó com todos os sentidos em alerta ao cavalgar em campo fértil, atentos às marcas das pegadas apreendidas no interior de uma atividade específica e a escrita sobre elas. Nesta redação, cabe registrar uma fundamentação teórica que substancia a convergência das experiências vividas e narradas pelo vaqueiro, por isso, esta escritura, ao longo da tese, ora inclui o eu, ora abarca o nós, de modo que pessoas e tempos verbais se alternam para tecer as marcas deste espaço do trabalho do vaqueiro como lugar de discurso.

⁶ “Rebujo” é uma variação de “rebojo”, que é assim definido por Jacob (1985, p. 128), no Dicionário da Língua Popular da Amazônia: “redemoinho d’água, ondulação forte das águas. Banzeiro”. Porém, na força da expressão da voz do marajoara sourense, a palavra “rebujo” é mais recorrente.

⁷ Para Bertaux (2010, p. 70) “As ilustrações são textos de testemunhos, fáceis de ler (e até de compreender), que atraem imediatamente a atenção do leitor, da mesma maneira que ao folhear uma obra ilustrada no sentido próprio, vai-se primeiro às imagens, porque elas ‘falam’ imediatamente ao imaginário”.

PARADA 1 – LARGADA COM CIRCUITO EM DIFERENTES ÁREAS: UMA CAVALGADA ATENTA À BATIDA TEÓRICA

Figura 2- Vaqueiros a postos aguardando o sinal de largada da corrida



Fonte: Arquivo da autora – dezembro/2019

Chegada a hora da largada, cabe dedicar nesta primeira parada, especial atenção aos preceitos teóricos que embasam esta investigação pelos campos do discurso e do trabalho. No tocante à imagem empírica, ora apresentada, figuram vaqueiros marajoaras montados em seus cavalos posicionados lado a lado aguardando o sinal de largada da corrida. O percurso exige cuidado, por isso a necessidade de observar o chão em que estão pisando, como a fazer um reconhecimento da área para, então, avançar com destreza no direcionamento das rédeas.

E assim a pesquisa de modo similar à posição dos vaqueiros, como registrada na imagem, exigiu de nós uma cuidadosa fundamentação teórica, antes da saída em campo e atenção cuidadosa à área de investigação, observando as marcas que abarcam os sentidos sobre o trabalho do vaqueiro, a partir de uma perspectiva discursiva.

À luz dos pressupostos teóricos, tendo em vista a aplicabilidade dos traços em comum com os processos de significação produzidos pelo nosso olhar e, pela relação com a abordagem feita pelos autores que fundamentam esta pesquisa, avançamos rumo à dimensão do seu alcance no interior da cultura vaqueira e, tal como o rebanho em marcha, cruzarmos a porteira.

Então, sigamos. Foi dada a largada!

É o rebanho em marcha para a ferra, assinalação, a castração dos novilhos, serração dos chifres, contagem. A vaquejada vai a passo, vagorosamente pelos campos. Ainda longe a porteira do curral grande.

(JURANDIR, 2008, p. 271)

Chegada a hora da largada, a menção ao trecho do Marajó, de Dalcídio Jurandir, como diretriz para o passo a passo da pesquisa que está só começando, portanto, está “ainda longe a porteira”, e há um enorme estirão pela frente a se percorrer para dar conta da tarefa que nos dispomos a cumprir até atingir a meta e cruzar a porteira de chegada.

E ao modo do ritual de saída dos vaqueiros, tangendo o gado, a escuta de vozes, como em Jurandir, em meio ao arranjo da partida: “– Ei! Ei! Ei! Vêra! Ei! Boiama!”.

Figura 3- Vaqueiro conduzindo gado para o curral



Fonte: Arquivo da autora – junho/2019

Nesta voz que orienta o caminho a seguir, procuramos nos situar à rota firmada e nela a atenção redobrada na transmissão da voz dotada de sentido e de como o discurso do vaqueiro do Marajó, falando sobre o seu próprio trabalho, se transforma na linha do tempo.

Como se percebe essa diferença com base na experiência entre os vaqueiros, em épocas distintas, e como se dá essa mudança é um problema que merece ser investigado, pois este parece ser exatamente o ponto em que se revela a tensão existente entre os campos do trabalho e os do discurso na lida campeira do vaqueiro marajoara tradicional e do contemporâneo.

À ilharga epistemológica da AD, as teorias de Dominique Maingueneau movem uma concentração de esforços para o avanço desta pesquisa, valendo-nos também de uma oportuna bibliografia para os alcances discursivos que se pretende atingir nesta investigação. A teoria

orienta o olhar para a percepção do objeto e para dar visibilidade ao encadeamento de nossas escolhas no aporte no referencial teórico da escola francesa de Análise do Discurso (AD), constituído pelos conceitos da AD em Maingueneau, e como se imbricam aos preceitos que discutem as relações entre linguagem e trabalho. Por outro lado, a recorrência às narrativas de vida consiste em instrumental teórico-metodológico condizente à análise, contemplando, além dos aspectos linguísticos, o momento sociohistórico dos sujeitos. Como vai emergir essa historicidade, no processo de produção de sentidos, são tramas possíveis neste arcabouço teórico traçado em fios discursivos.

Importante ressaltar que esta pesquisa conta com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e, para acertar o passo ao dar largada neste percurso acadêmico, houve uma inscrição prévia no projeto “Práticas discursivas e vocações enunciativas: a centralidade da linguagem em contextos de trabalho”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Devidamente registrada, a pesquisa avança tendo como meta investigar os discursos acerca do trabalho do vaqueiro marajoara na tensão entre os sentidos tradicionais e contemporâneos acerca da profissão.

Em se tratando de discurso é de fundamental atentar às marcas lá presentes que, segundo Maingueneau (1997, p. 55), “possui, de alguma forma, duas faces, uma que diz respeito ao social e a outra, à linguagem”. E sobre a linguagem enquanto atividade, Faïta (2010, p 165) esclarece que ela é “talhada tanto a partir das normas e valores do ambiente quanto da singularidade das situações de enunciação”. Daí fazermos um recorte significativo das relações tecidas no espaço de trabalho do vaqueiro, onde se filiam aspectos do seu cotidiano profissional e se define uma experiência na atividade pecuária deflagrada pela linguagem e sua relevância na materialização da voz em sentidos manifesta na entrevista narrativa.

Na experiência da vida e da lida contada pelos vaqueiros, a voz assume um lugar, adentra neste de trabalho e assume posicionamento. A potência da voz que narra tem versão assim difundida por Zumthor (1997, p. 157):

É pelo corpo que nós somos tempo e lugar: a voz o proclama emanação do nosso ser. A escrita também comporta, é verdade, medidas de tempo e espaço: mas seu objetivo último é delas se liberar. A voz aceita beatificamente sua servidão. A partir desse sim primordial, tudo se colore na língua, nada mais nela é neutro, as palavras escorrem, carregadas de intenções, de odores, elas cheiram ao Homem e a terra ou aquilo com que o homem os representa.

Uma abordagem centrada na contribuição dos estudos do discurso cujos aportes se ocupam com processos, no entendimento de que eles se cruzam nas mais diversas perspectivas

e funcionam em diálogo para subsidiar os efeitos de sentido produzidos na ação de contar sobre o trabalho. Para tanto, buscamos explicitar, nesta segunda parada, três eixos temáticos: o primeiro trata da dimensão discursiva em campo com base nos conceitos de práticas discursivas, cenas de enunciação, dêixis discursiva, simulacro e polêmica; o segundo eixo agrega linguagem e trabalho por meio de processos discursivos que produzem saberes; o terceiro se direciona às narrativas de vida como uma prática discursiva que constrói sentidos.

1.1 Os marcos teóricos sinalizam o percurso: a dimensão discursiva em campo

Atentas às marcas discursivas de base enunciativa de Dominique Maingueneau, trazemos como ponto inicial desta parada a manifestação dos sentidos como prática discursiva em virtude de que a composição desta pesquisa se efetivou com a finalidade de se manter na dimensão do discurso. No aspecto significativo desta demanda se mobilizam sentidos possíveis de se produzir, convenientemente ao modo como ocorre o exercício enunciativo, considerando-se o discurso sobre o trabalho do vaqueiro marajoara como constituição discursiva de identidades e de relações sociais. Entenda-se o discurso, na concepção definida por Maingueneau (1998, p. 43), como “um modo de apreensão da linguagem [...] como atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados” o que leva à compreensão do que é produzido no âmbito das relações sociais e linguísticas.

Ressaltamos o interesse e os limites de Maingueneau (2008b, p. 21-22, grifo do autor) para a noção do “caráter dinâmico e agentivo do termo ‘formação’ em ‘formação’ discursiva. Em vez de considerá-lo em uma perspectiva puramente estática, como referindo-se a uma entidade já existente, o analista, em função da sua pesquisa, dá *forma* a uma configuração original”. Por isso, a necessidade de uma investigação da linguagem enquanto uso, como funciona, como produz sentidos, e daí fazemos o recorte para a relação linguagem e trabalho. Mas, esse recorte discursivo tem a ver com o exposto por Maingueneau (2008a, p. 95), pois “não apresenta pertinência real a não ser quando relacionado ao sistema que lhe atribui sentido”. Então, exercer uma profissão é ocupar um lugar sobre o qual se produz sentidos. E, a partir dos sentidos que se produz nesse lugar, é possível exercer essa função, realizar esse trabalho.

Trata-se de um ponto de vista possível a partir da conjuntura da escola francesa nos anos 1960 e 1970, em abordagem feita por Maingueneau (2008b, p. 26), mostrando infinidade de relações interdiscursivas não cabíveis em um espaço homogêneo e compacto diante de uma sociedade que “está permeada de conjunto de palavras que, embora não tenham um lugar determinado são mobilizadoras: o sentido é fronteira e subversão da fronteira, negociação entre

pontos de estabilização da fala e forças que excedem cada localidade”. Esse extrapolar as fronteiras permite associar às transformações que ocorrem no meio social onde trabalha o vaqueiro do Marajó. Muito conveniente, portanto, o amparo teórico em Maingueneau (2008b, p. 144), na intenção de mostrar até que ponto é possível produzir “critérios eficazes de pertencimento a uma prática discursiva” e ressaltar a produtividade dessa aproximação na interface linguagem e trabalho.

A prática discursiva é um conceito que mobilizamos *a priori* para entender como o trabalho do vaqueiro se altera na linha do tempo. A escuta segue atenta em busca de se entender uma tensão específica que é como o trabalho era considerado em um tempo passado, em sua tradição, e como o trabalho é pensado agora, na contemporaneidade.

E assim estes escritos se encaminham para a manifestação de sentidos como discurso, como prática discursiva. Objeto privilegiado de estudo incita a uma prática discursiva que envolve quem lê e escreve o mundo em atividades produtivas no universo laboral. De acordo com que dizem Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 396) a respeito da atividade discursiva,

Na verdade, quando se diz ‘prática discursiva’ em vez de ‘discurso’, efetua-se um ato de posicionamento teórico: sublinha-se obrigatoriamente que se considera o discurso como uma forma de ação sobre o mundo produzida fundamentalmente nas relações de forças sociais.

Esse é um ponto de vista sobre prática discursiva a qual Maingueneau (2008a, p. 136), segue em parte a visão de Michael Foucault “que introduz precisamente esse termo para referir-se ao ‘sistema de relações’ que, para um discurso dado, regula as localizações institucionais das diversas posições que o sujeito de enunciação pode ocupar”. Um modo de pensar a produção de sentidos a partir de práticas sociais que estão integradas e contribuem para a constituição de uma formação discursiva em relação à qual se inscrevem os vaqueiros do Marajó com seus saberes, dizeres na historicidade que os constituem.

A noção de prática discursiva, de Maingueneau (1997, p 56, grifo do autor), traz à ilharga os conceitos de formação e comunidade discursiva:

Por um lado, a formação discursiva, por outro, o que chamaremos de **comunidade discursiva**, isto é, o grupo ou organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva. A “comunidade discursiva” não deve ser entendida de forma excessivamente restritiva: ela não remete unicamente aos grupos (instituições e relações entre agentes), mas também a tudo que estes grupos implicam no plano da organização material e modos de vida.

Dáí se pressupõe a existência de uma comunidade discursiva, implicada num processo de enunciação e inserida em um determinado espaço onde se exercem práticas de trabalho. Lá se instalam operações enunciativas que permitem a constituição do discurso, o que Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 108) contemplam “a toda comunidade de fala restrita, organizada em torno da produção de discursos, qualquer que seja sua natureza [...]. Seus membros partilham um certo número de estilos, de normas etc.”, e se coloca em causa o dito, o dizer, as condições de emergência da enunciação e a ordem institucional, no entendimento de que o discurso tem a ver com o processo ideológico, histórico, com as relações que se dão em práticas discursivas entre vaqueiros e demais sujeitos do universo da pecuária, como os fazendeiros, e que são prenes de sentido.

Das relações que se estabelecem no decorrer da língua em funcionamento com efeitos de sentidos distintos cabe ressaltar a reunião dos elementos ora referidos na tomada da palavra, como pontuam Pessoa e Moreira (2016, p. 11),

Inscrever-se em uma comunidade discursiva é, portanto, estar qualificado para tomar a palavra, para enunciar em uma ordem institucional mediadora. Entende-se que, com base nessa concepção do funcionamento discursivo, as regularidades enunciativas que caracterizam os discursos se revelam tanto por meio da materialidade linguística dos enunciados quanto por meio das formas de ação nas quais se engajam os enunciadores, sustentando, assim, uma percepção do funcionamento discursivo enquanto prática.

O modo como se produz o sentido por meio do exercício enunciativo, de pensar como as palavras produzem sentido, leva também a se pensar a formação social que se configura em um determinado período da história. Essa é a prática discursiva que se propõe analisar: ouvir como os vaqueiros falam sobre o trabalho.

Com as questões bem definidas, o foco se concentra em uma prática discursiva a partir da enunciação dos sujeitos do trabalho articulada à proposta da enunciação sobre o trabalho. São contundentes os estudos de Pessoa e Moreira (2016, p. 13), para autenticar esta possibilidade:

Ao lado do conceito de prática discursiva, para refletir acerca da relação entre linguagem e trabalho, é possível considerar, na análise das práticas de linguagem em situações de trabalho e práticas de linguagem sobre as situações de trabalho, não somente as formas por meio das quais os sujeitos se reconhecem como parte de uma ordem institucional que define *a priori* os modos de realização do trabalho, mas também os investimentos locais dos enunciadores para constituírem sentidos sobre o seu trabalho, que os situam nessa ordem e permitem a eles nela se moverem.

E, nessa cavalcada pelos campos do discurso, o preparo para o próximo passo em que se vislumbra logo adiante um novo conceito: o de cena de enunciação. E quando a comunidade

discursiva se volta às cenas de enunciação, diz Maingueneau (2008b, p. 143), ela “é consolidada e legitimada pelos discursos que são o produto dessa comunidade”, por isso a orientação da cena enunciativa construída pelo interesse no que conta o vaqueiro marajoara em suas narrativas de vida e trabalho, resultando a partir dos seus enunciados os dados para nossa pesquisa.

Nas cenas de enunciação, se permite operacionalizar o conceito de prática discursiva que aponta para o sujeito do trabalho falando sobre o seu próprio trabalho. Nesta relação, as cenas enunciativas adquirem total relevância para a interpretação dos recortes das entrevistas narrativas, uma vez que temos sempre a mesma cena englobante, o discurso sobre o trabalho, e as cenas genéricas com roteiro centrado nas narrativas de vida. E, é na composição das cenografias, aliadas ao quadro cênico mais estável que se instituem e se legitimam os discursos.

Cumpra-se entender a dimensão da cena de enunciação como algo não recortado em torno de sua unidade, mas num espaço maior em torno de sua história, uma dimensão da ordem do discurso que vem a ser reiterada, forjada no aqui e no agora, com mobilização de uma memória, uma perspectiva gerada a partir do lugar de fala. Um princípio articulado ao conceito de prática discursiva, que permite seguir junto com Maingueneau (2011, p. 85, grifo do autor) “o rastro deixado por um discurso em que a fala é **encenada**”.

Como ponto nodal da pesquisa, unidade tópica fundamental, dá-se abertura às três cenas de enunciação instituídas por Maingueneau (2015).

A cena de nº 1, a cena englobante, segundo Maingueneau (2015, p. 118) corresponde ao tipo de discurso, “que resulta do recorte de um setor da atividade social caracterizável por uma rede de gêneros do discurso”, atribuindo ao discurso um estatuto pragmático, o que implica diferentes formatos que são definidos por um referencial de idealidade do que seja esse campo, do que se espera dos enunciados com determinadas propriedades que lhes são específicas. Maingueneau forja aí a noção de campo discursivo, o discurso em diálogo com a categoria de “campos” a partir das tensões e conflitos. Nos situamos no interior desta cena pela composição própria das narrativas de vida e trabalho contadas pelos vaqueiros. O dito é determinado pela condição de trabalho e revela alguns posicionamentos não expostos explicitamente, mas estão implícitos e devemos atentar a essas marcas nas narrativas.

Na cena nº 2, a cena genérica, trata-se de gêneros de discursos particulares. Conforme Maingueneau (2015, p. 120) “para os usuários do discurso, a realidade tangível, imediata, são os gêneros do discurso. As cenas genéricas funcionam como normas que suscitam expectativas”. Em outra obra, Maingueneau (2011, p. 86) diz que “cada gênero de discurso define seus próprios papéis”. As duas cenas, a englobante e a genérica, recuperam uma memória. A investida discursiva nesta cena teve abertura no espaço da entrevista narrativa que

ocorreu na fazenda, espaço do trabalho do vaqueiro e, para realizá-la precisamos da autorização do proprietário. A entrevista foi concedida pelos vaqueiros, mas com anuência do patrão. Também houve investida discursiva desta cena na lei 12870/2013, documento de ordem jurídica que regulamenta a profissão de vaqueiro.

A cenografia é a cena de nº 3, é plena de sentidos, diz Maingueneau (2015, p. 122), pois “enunciar não é apenas ativar as normas de instituição de uma fala prévia; é construir sobre essa base uma encenação singular da enunciação: uma cenografia”. Ao instituir as três cens em tripla interpelação, Maingueneau (2011, p. 87) considera a tomada da palavra como um processo de enlaçamento já que, “Logo de início, a fala supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação”. Na cenografia houve toda uma produção em torno da cultura vaqueira. E recorreremos à cenografia do trabalho do vaqueiro em uma diversidade de atos na sua constituição identitária que o levam a se definir como vaqueiro, um bom vaqueiro, vaqueiro vaqueiro, vaqueiro mesmo, no tópico das análises, na parada 4.

Quando fala do sentimento de pertencimento integrado ao meio social, Stuart Hall (2011, p. 11) refere-se à identidade “formada na interação entre o eu e a sociedade”. O que permite cogitar uma identidade discursiva fortemente arraigada ao lugar social onde se situa o sujeito no momento da enunciação, lugar que se constitui como espaço determinante para inscrição do sujeito em dada situação discursiva.

Importa ressaltar que a enunciação não é uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo que se constitui por uma cenografia validada que o discurso mobiliza para, segundo Maingueneau (2011, p. 90), “captar seu imaginário e atribuir-lhe uma identidade, por meio de uma cena de fala valorizada”. Na narrativa de vida, contada pelo vaqueiro, a enunciação se constitui como uma espécie de legitimação discursiva que apresenta, na sua maneira de dizer, uma imagem de si na construção do discurso em situação de trabalho. Vê-se ainda, a propósito, que manifestação do discurso imprime sua marca na cenografia, que, por intermédio da enunciação, a concebe no interdiscurso. Por isso, Maingueneau (1997) analisa o discurso no bojo de um interdiscurso caracterizado como um espaço de trocas entre vários discursos selecionados, em um determinado campo discursivo.

Na intenção de elucidar ainda mais o interdiscurso, Maingueneau (1997, p. 116-117) faz uma distinção entre universo, campo e espaço discursivo: a) universo discursivo, “o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem em uma conjuntura”; b) campo discursivo, “definível como um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa de uma

dada região”; c) espaço discursivo, “delimita um subconjunto do campus discursivo [...] cruciais para a compreensão dos discursos considerados. Este é, pois, definido a partir de uma decisão do analista, em função de seus objetivos de pesquisa”.

Para este momento, importa a legitimação de um discurso que advém da própria enunciação e a relação desses conceitos no intuito de fazer emergir sentidos sobre o trabalho do vaqueiro no contexto de entrevista e reconhecer em suas narrativas a dêixis instituída pelos vaqueiros da tradição e da contemporaneidade quando falam do próprio trabalho. Essa voz se constitui instrumento que visa à criação de uma imagem com valor positivo da profissão explicitamente marcada. Na movimentação da cena enunciativa aspectos da realidade respaldados pela voz do vaqueiro VA1 Portel, da Fazenda Camaleão:

Para mim ser vaqueiro é o gostar, né? É o gostar da profissão. Desde que eu me empreguei eu sempre gostei da minha profissão, né? Então, graças a Deus, com isso eu me tornei um bom vaqueiro. Todo mundo acha, e eu tô com essa idade, mas tem gente me procurando ainda. Tô na Fazenda F porque eu quero, mas que tem gente me procurando, tem. Vizinho me procurando, é... Tem dois vizinho lá perto de mim que são doido que eu vá trabalhar com eles.

Nas coordenadas espaço-temporais implicadas nas cenas enunciativas presentes nas narrativas de vida se aponta a dêixis discursiva, pois durante a situação de enunciação alguns elementos significam pela relação estabelecida com o momento em que são enunciados, são as marcas dêíticas de sujeito (EU↔TU), de espaço (AQUI) e de tempo (AGORA). Estas marcas se ajustam ao funcionamento discursivo implicado na materialidade, nas coerções históricas, ideológicas e políticas que ampliam olhares para os modos do dizer e do fazer. São processos de identificação que desempenham um papel decisivo na constituição da discursividade.

E, a constar na cenografia, a dêixis discursiva corresponde aos papéis dos sujeitos na enunciação e aos limites espaço-temporais em que se dá o processo de produção dos discursos, o que realça a importância do trabalho do vaqueiro quando colocado em cena. Quando a dêixis se torna explícita, ela é inclusive marcada, “antigamente”, “hoje em dia”, como podemos observar no dito pelo vaqueiro Bagre, VA2, da Fazenda Viçosa:

A gente vê que tem muitos proprietários de fazenda que já não querem muito empregar funcionários, às vezes tem um no máximo. Antigamente nos Retiros (que a gente chama) tinha dois, três, hoje em dia não, às vezes um vaqueiro só, só um, às vezes no corpo da fazenda (que a gente chamava), onde é a sede mesmo às vezes tem um, dois... Não vamos longe... aqui olhe [cita o vaqueiro] aqui ele trabalha só ele aqui, ele trabalha sozinho, os companheiros dele em cada retiro dele tem um. Isso pode acabar, mas não acaba porque o proprietário ele não pode ficar sem uma pessoa na fazenda dele porque ele tem os bens dele, né? tem o rebanho dele, então tem que ter uma pessoa pra cuidar do que ele tem na fazenda dele. Então eu acho que pelo tempo a vaqueirice não vai acabar, mas não vai melhorar mais do que isso, sempre vai ser assim.

O relato aponta a pouca mão de obra empregada atualmente na pecuária, informação, segundo dados do IBGE/2010 e MDA/2015, que apresentou queda significativa de ocupação da área rural nos últimos anos. São exemplos como o do vaqueiro Bagre que tornam a noção de dêixis um termo central para esta pesquisa, pois consideramos que há uma dêixis discursiva do trabalho do vaqueiro no interior de uma tradição e uma dêixis discursiva inscrita na contemporaneidade, daí emergem marcas que se pretende reconhecer e cujo funcionamento se pretende compreender. Como não há exterioridade entre linguagem e realidade, Maingueneau (1997, p. 34, grifo do autor) é contundente: “É preciso admitir que a ‘encenação’ não é uma máscara do ‘real’, mas uma de suas formas, estando este real investido pelo discurso”.

Uma colocação do funcionamento discursivo em que o vaqueiro se constitui na pluralidade de suas manifestações como ser social inscrito no cenário da Amazônia paraense e em sua enunciação a evidência de trajetos sociais plenos de efeitos de sentidos. No decorrer da análise, nosso olhar para o reconhecimento da dêixis discursiva a partir da qual o vaqueiro marajoara constrói sentidos sobre o trabalho em narrativas de vida, aquela, diz Maingueneau (1997, p. 41), “do universo de sentido que uma formação discursiva constrói através de sua enunciação”, nos traços da enunciação desses sujeitos do trabalho, essa tensão, esse conflito entre o que era ser vaqueiro antes e o que é hoje.

Esta correspondência também equivale à existência de uma formação discursiva que permite à enunciação um direcionamento em meio a um processo de restrições, confrontando, sim, o que já existe, mas abrindo-se possibilidades para fazer diferente. O que nos leva seguir as coordenadas direcionadas por Dominique Maingueneau (1997, p. 42), considerando-se que “se existe dêixis discursiva é porque uma formação discursiva não se enuncia a partir de um sujeito, de uma conjuntura histórica e de um espaço [...], mas por atribuir-se à cena que sua enunciação ao mesmo tempo produz e pressupõe para se legitimar”.

Na narrativa do feitor VF2 Soure, da Fazenda Viçosa, a adoção de uma postura contraditória diante da promoção do cargo de vaqueiro a feitor, por não se achar digno do cargo devido à pouca idade: “Eu achava que o cargo de feitor eu era muito jovem, era muito novo e tinha pessoas mais experientes do que eu que ele [o patrão] ia encontrar, aí ele falou que não, que tinham escolhido eu, porque eu conhecia todo o gado, conhecia todo o campo, o manejo do gado, aí eu peguei e fui experimentando”.

Discurso que deixa entrever tensões na tessitura narrativa de VF2 diante das reais funções que podem ser exercidas por vaqueiros da tradição e aquelas pertinentes aos vaqueiros da contemporaneidade. Na cena posta, conhecimentos e habilidades na realização de um trabalho eficiente levaram VF2 a assumir um cargo de confiança, como feitor, ainda tão jovem,

cargo que, normalmente, é exercido por vaqueiros experientes, como reconhece este vaqueiro da contemporaneidade, um cargo que, na sua visão, só poderia ser assumido por alguém de larga experiência na função, o que não era o seu caso.

Neste lugar do trabalho, que se deu a conhecer como instância de enunciação, há sujeitos envolvidos em conflitos nas relações de trabalho. O que foi possível perceber por meio do discurso sobre o cotidiano das práticas profissionais dos vaqueiros diante da inscrição dos dêiticos espaciais e temporais como marcas que integram o discurso na produção de sentidos e conferem credibilidade ao dito, a voz da autoridade que legitima os discursos.

Considerando-se os postulados teóricos da AD, a noção de dêixis se acrescenta nesta pesquisa para reconhecer uma dêixis instituída pelos vaqueiros da tradição e da contemporaneidade quando falam do próprio trabalho. Ou seja, entender o funcionamento do discurso do vaqueiro na contemporaneidade em um confronto de posicionamentos discursivos que, nas suas mútuas delimitações, se entrelaçam num percurso que, segundo Maingueneau (2008a), só pode se dar por meio de um simulacro.

Trazemos o significado da palavra simulacro a partir do passeio que Marilena Chauí (2006, p. 82) faz pelo mundo das palavras e tece interpretações sobre o termo:

Simulacrum é uma palavra latina que vem de *similis*, que significa o semelhante. De *similis* vêm as palavras *simul*, fazer junto, mas também competir, rivalizar, e *similitudo*, semelhante, analogia, comparação. De *similis* vem o verbo *simulare*, que significa representar exatamente, copiar, tomar a aparência de; este último significado leva o verbo a significar também fingir, simular. Ou seja, *simulacrum* tanto pode significar uma representação ou cópia exata como um fingimento, uma simulação.

A apresentação do termo na sua versão etimológica converge para a forma como é empregado na segunda hipótese de Maingueneau em *Gênese do discurso* (2008a), em que a forma de “simulacro” sempre se dá em relação com o Outro.

Em uma relação que aborda o caráter interdiscursivo nesse espaço de trocas entre discursos, Maingueneau (2008a) aponta um processo de *interincompreensão* regrada de onde deriva a forma do simulacro. Formulação que Possenti (2009, p. 159) segue em sua base teórica de estudos e para a qual nos chama a atenção:

A questão não é haver dois ou mais discursos em contato, ou um enunciado ter mais de um sentido ou ressoar mais de uma voz. Para Maingueneau, o interdiscurso precede o discurso de fato, no seguinte sentido: o Outro é desenhado a partir do Um. Mesmo não havendo Outro [...] seu discurso, na forma de simulacro, poderia ser criado a partir de um discurso existente. Se isso ocorre ou não, depende de haver confronto entre discursos.

Frente a essas restrições, em se tratando de uma perspectiva compreendida entre o vaqueiro da tradição e o contemporâneo, a ideia de simulacro se constrói a partir do reconhecimento entre os lugares por onde eles circulam e lá expostos numa relação imanente, de conflito no que se reporta ao trabalho.

A partir deste lugar, se mostram mudanças de tomada de posição na condução das cenas enunciativas, por conta do deslocamento determinado pela exterioridade e de se entender este lugar como um espaço de tensão.

Uma tensão atravessada por diversos discursos, e essa diversidade tem a característica discursiva, atribuída por Maingueneau (2011, p. 55), quando no bojo de um interdiscurso e “só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, lugar no qual ele deve traçar o seu caminho”. O discurso em interação constante, uma vez que cada enunciado participa “de uma cadeia verbal interminável”, diz Maingueneau (2015, p. 28).

Versão também apreciada por Possenti (2009, p.160), pois, “a construção de simulacros de discursos é diretamente proporcional ao confronto aberto entre discursos”, o que implica dizer, necessariamente, que, para marcar a fronteira de uma enunciação vinda de um tecido de vozes de vaqueiros contemporâneos ou da tradição, pode-se buscar apoio na ideia de simulacro.

No tratamento do discurso, segundo as características desse modo de fazer análise, Maingueneau (2008a, p. 108) torna inteligível que “a tradução do Outro, a construção de um simulacro pode, pois, abranger todos os planos da discursividade”. E, na tradução do interdiscurso, da interincompreensão regida por regras, dentro de um espaço discursivo, como pondera Maingueneau (2008a, p. 21, grifo do autor), “cada um [dos discursos] introduz o Outro em seu fechamento, traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sob a forma do ‘simulacro’ que dele constrói”.

O vaqueiro da tradição Melgaço, da Fazenda Janaucu, por exemplo, ao atribuir a si mesmo características positivas pode atribuir o oposto ao seu Outro, o vaqueiro contemporâneo:

Eu sempre fui caprichoso, eu sempre procurei aprender com ele [o pai], trabalhar tudo certinho pra não errar e eu sempre gostei de trabalhar correto, mas é uma barra assim pra esses novatos de hoje. É difícil. Na geração nossa todo mundo era vaqueiro porque todos se dedicavam ao trabalho, àquela função de vaqueiro. [...] hoje em dia essa geração não querem saber de aprender, só querem saber acho que correr atrás de gado. Acho que isso é importante, mas tem que aprender várias coisas que hoje em dia o vaqueiro já não pode ser só o vaqueiro, ele tem que aprender mais coisas. Eu aprendi muitas coisas, até hoje eu sei.

Em se tratando de autoavaliação, ela passa pelo simulacro do outro, pelo modo como o vaqueiro da tradição define a si mesmo como um vaqueiro “caprichoso” e aos outros, como vaqueiros que só querem “correr atrás de gado”, definição que leva em conta as representações

tecidas por um olhar do outro às suas próprias características e atuação profissional. A mostra de como o vaqueiro se constitui por si e como se constitui pelo olhar do outro, construindo assim uma ideia que não é do outro, passada unicamente por seu filtro.

O discurso se constrói pelo modo como os vaqueiros revelam o próprio agir ou uma tentativa de agir sobre o outro que, no processo enunciativo, define o Outro do discurso, a exemplo dos atributos dados ao vaqueiro cargueiro, vaqueiro rebelde, vaqueiro insatisfeito, vaqueiro escorão, citados nas análises. Há uma relação com o Outro do discurso, na qual o Outro ocupa na profissão de vaqueiro a dimensão do Outro discursivo, uma vez que a imagem lá representada é criada por meio de estereótipos que se confirmam pelo processo discursivo.

Nesse caso, trataremos a constituição de estereótipos como simulacros do discurso, os quais revelam nos traços identitários um posicionamento discursivo dos sujeitos que narram e, segundo Maingueneau (2008b, p. 59-60), esse posicionamento gera implicação, pois “cada tomada da palavra implica, ao mesmo tempo, levar em conta representações que os parceiros fazem um do outro e a estratégia de fala de um locutor que orienta o discurso de forma a sugerir através dele certa identidade”. Uma observação atenta à fala como representação de uma prática discursiva, além que o modo como os sujeitos enunciam são reveladores de determinada construção identitária, e, no trabalho com narrativas, importa atentar a esse modo de enunciação que pode incidir em estereótipos.

Paralela à noção de simulacro, existe uma demarcação imposta por categorias de enunciados gerados em diferentes discursos que aponta para o que Maingueneau (2008a, p. 108) chama de relação polêmica, a se entender que “a polêmica aparece exatamente como uma espécie de homeopatia perversa: ela introduz o Outro em seu recinto para melhor afastar sua ameaça, mas esse Outro só entra anulando enquanto tal, simulacro”.

E assim introduzimos a polêmica em campo em meio a uma tensão atravessada pelo embate discursivo. Na dimensão polêmica abordada nos Doze Conceitos em AD, Maingueneau (2010, p. 193) trata de verificar “as práticas discursivas efetivas por meio das quais, em um lugar e em um momento dados, o polêmico se exerce”, o que nos mobiliza para saber de que forma o discurso se constitui na relação polêmica instaurada entre os sentidos construídos sobre a profissão de vaqueiro. O feitor Salvaterra VF3, da Fazenda Jurupari, tece suas considerações sobre o trabalho da “tradição de antigamente” e de hoje, quando “veio a modernidade”:

Eu acho que começou uma coisa que não seguiu mais a tradição, a tradição de antigamente. Veio a modernidade, né? A gente tem muito isso como influência muito que a gente TEM que entrar nela porque senão a gente fica pra trás... e aprender esses negócios de internet, de aprender a trabalhar de outros modos pra gente trabalhar... principalmente com o telefone, você tem que aprender a mexer com isso, passar o zap pro patrão. Hoje o patrão já não vem ver a situação, tem telefone você bate a foto e manda pra ele o

problema. Então são coisas que vai mudando e vai exigindo. Eu acho que o antigamente era mais bonito, prático e se tinha mais respeito. É um pensar meu, né? Hoje você num vê muito isso não.

No movimento de interpretação em torno da experiência contada sobre a atividade pecuária em épocas distintas, buscamos compreender a maneira como os sentidos são percebidos em sua discursividade. Ciente de que se trata de um problema de natureza discursiva, logo na introdução de *Novas tendências em Análise do Discurso*, Maingueneau (1997, p. 12) reconhece “a dualidade radical da linguagem, a um só tempo: integralmente formal e integralmente atravessada pelos embates subjetivos e sociais”. Esses embates representativos se percebem a partir da relação entre os discursos da tradição e da contemporaneidade relativa as experiências de trabalho do vaqueiro.

Na intenção de exercer um gesto de interpretação do trabalho exercido na pecuária, em relação ao contexto histórico, ideológico e político, mobiliza-se na (re)construção do conjunto da cena enunciativa, a constituição dos discursos dos vaqueiros. Uma operação que reflete dois procedimentos característicos da relação polêmica: fenômenos da enunciação localizados ou técnicas argumentativas, na acepção de Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 380). Mas é preciso ir além, dizem os autores:

É preciso saber reconstruir o conjunto da cena de enunciação que subjaz ao discurso polêmico: o modo pelo qual o enunciador legitima o lugar de onde fala, o modo pelo qual atinge seu adversário, o modo pelo qual legitima a própria relação polêmica [que] pode servir para caracterizar a discursividade.

Para que se efetue uma situação polêmica, é necessário o equivalente a pelo menos dois pontos discordantes, o que nos leva a arrolar tal conceito instaurado entre os sentidos construídos sobre a profissão do vaqueiro na tradição e na contemporaneidade, pois mediante os discursos inerentes aos processos laborais e manifestados pelos vaqueiros ao contar as próprias narrativas de vida é que sustentam suas escolhas no momento do embate discursivo.

Assim, o recorte da pesquisa expõe, também, uma relação conflituosa, não inerente ao conteúdo do que o vaqueiro diz, mas do lugar de onde fala e da posição que assume para dar sustentação ao que ele diz. Diante do exposto, a definição de Maingueneau (2008a, p. 113-114) para esclarecer sobre o assunto:

Por definição, o discurso tem resposta para tudo e não pode ser apanhado em erro. Ele está, assim, apto a representar uma figura do Todo. Entretanto, ele não pode ser reconhecido e acreditado, a não ser que possa oferecer a prova do contrário, mostrar que não é invulnerável. O discurso não tem razão a não ser na medida em que se crê que ele pode ser ameaçado, isto é, que é de fato o Outro que ele destrói, e não o seu

simulacro. Cada refutação bem-sucedida é uma vitória do verdadeiro sobre o falso, e esse combate ritual legitima e conforta a crença.

Esse teor conflituoso, Maingueneau (1997, p. 116-117) expressa na sua concepção de campo discursivo, que ele define como “um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região”. O discurso implica conflitos, como veremos no modo de expressar do feitor VF4 Muaná, da Fazenda Mexiana, requerendo adoção de posicionamentos que limitam o que pode ser dito a partir de dado discurso.

[...] tem algumas coisas que não é motivo de mim... não é hora de mim relatar, né? Eu não me sinto... Aí eu fico... cê tá entendendo, acho que você me entende, né? Tem coisas que a gente pode falar e tem coisas que a gente não pode falar e que a gente tem que ficar porque é uma coisa da gente, entendeu? Mas eu me sinto [reconhecido], mas nem todo dia. Há uns dias que eu me sinto... outro dia eu já não me sinto, aliás, é assim que funciona o negócio comigo, né?

A descrição do relato de um conflito em suas próprias condições de possibilidades. O truncamento na fala conflituosa do sujeito, ao dizer que tem “coisas que a gente pode falar e tem coisas que a gente não pode falar” e se retrai, mas está lá implícito o que ele disse mesmo não dizendo, por meio da voz que cria uma polarização que manifesta tensão entre os campos do trabalho e os do discurso. Para a AD até mesmo aquilo que não se diz produz sentidos e, como afirma Orlandi (2007, p. 83), o silêncio “pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. É o sentido como horizonte, como iminência de sentido”.

Em virtude das condições de possibilidades das diversas posições enunciativas que despontam nos discursos sobre o trabalho do vaqueiro, Maingueneau (2008a, p. 99) apresenta em sua gênese a polêmica como interincompreensão. No modelo lá descrito, “cada discurso é delimitado por uma grade semântica que, em um mesmo fenômeno, funda o desentendimento recíproco”, que nas vozes dos sujeitos manifestam oposição, negam-se e até mesmo se ignoram, mas que produzem sentidos. Com o vaqueiro VE4 Sebastião, da Fazenda Ganhoão, mostras de um desentendimento entre ele e o patrão:

A minha carteira não era assinada, foi assinada o ano passado, mas foi contado todos os tempos que eu tinha dentro [da fazenda], entendeu? Foi contado todos os tempos que eu já tinha dentro por que se saísse um dia fora eu ia atrás, eu atrás porque eu já trabalhei, eu já tinha trabalhado. Então, eu fui muito amigo do meu patrão e ele não tá sendo meu amigo. Não pensem que eles me estão me fazendo de besta que não estão. [...] Este é irmão deste [aponta para os olhos], e essa aqui [a cabeça] funciona muito. Eles querem explorar, me esmagar, me arrebetar, mas não conseguem. Eu não me formei, mas eu passei em porta de escola e tive bons mestres. Nem tanto fazendo como dialogando

A polêmica entre o vaqueiro da tradição e da contemporaneidade acontece no sentido discursivo e gera, por exemplo, o não reconhecimento de que aquela figura que se intitula como vaqueiro seja realmente a de um vaqueiro. Existem traços que são mais reconhecidos, como relata o vaqueiro VE2 Cachoeira, da Fazenda Bragança:

Tem um jeito de trabalhar, pra laçar é outro jeito que puxa na rédea... Às vezes a gente usa as duas mãos na rédea, aí tem o chicote na mão. Quando é pra laçar você tá só com uma mão na rédea e a corda do outro lado da rédea e o laço na outra mão, você tem que governar o cavalo só com uma mão. É isso que muitas vezes quando dizem que é vaqueiro, como diz o outro: “só porque montou um cavalo prali”, já sabe que tem muita diferença para o fulano que é vaqueiro. Então é essa coisa que o pai da gente passava com os feitores das fazendas, como amansar um animal, como adomar, o jeito, o período que dá pro cavalo trabalhar, porque tem tudo isso: senão vai montar no cavalo e sair correndo,

No contar das narrativas os sujeitos constroem simulacros da sua identidade vaqueira assim como constroem simulacros de que ou de quem se fala considerando o lugar onde exercem suas atividades. pode-se remeter a um movimento que Maingueneau (2008a, p. 22) explicita da seguinte forma: “a identidade de um discurso coincide com a rede de interincompreensão na qual ele é capturado”.

Polêmica instaurada também quando a noção de um certo lugar de autoridade do vaqueiro naquele contexto de trabalho é estremecida. Para aquele profissional que estava acostumado antigamente a cuidar sozinho da fazenda sem interferência do patrão, em que vigorava a confiança na dinâmica do contrato, agora relação ficou abalada, o vaqueiro se sente “vigiado”. O que se percebe como uma zona de mudança na função e na autoridade que abala o vaqueiro Sebastião, VE4, da Fazenda Ganhoão:

Antigamente era muito difícil os donos virem na fazenda, muito difícil. Olhe, eu nasci na Fazenda C, me criei na Fazenda C, andando pra Soure, Belém, Fazenda A, depois pra Fazenda C. O dono da Fazenda D eu nunca ouvir dizer: “O patrão tá fazenda”, nunca eu ouvi dizer. Nunca ouvi dizer que ele tava na fazenda dele. O velho (?), uma vez que eu vi esse homem na Fazenda E, uma vez que eu vi ele lá. Hoje não, esses fazendeiros eles ficam diretos na fazenda, eu acredito que eles não têm confiança nos seus funcionários. Eles ficam em cima. Por esse motivo que eu digo que tá acabando a vaqueirice, eles não depositam a confiança no seu funcionário. Até porque o roubo de gado tá muito grande, então eles ficam ali em cima, eles ficam em cima. Eles vão em Belém, passa dois, três dias lá e voltam, tão na fazenda e passam dez, doze dias. Aí vão em Belém e voltam logo pra fazenda. Aí eles vivem assim. O vaqueiro se sente vigiado.

Um conflito que tem a ver com a questão da autoridade que se inscreve em suas próprias condições de possibilidades discursivas cujas vozes revelam expressão de modalidades onde se denunciam circunstâncias de trabalho em viés contraditório no decorrer das análises.

Interessante pontuar que a abordagem do registro polêmico não pode se restringir às marcas enunciativas, pois além desses fatores, diz Maingueneau (2010, p. 192), “o simples fato

de sustentar uma polêmica pressupõe pragmaticamente que há uma crise na comunidade em questão que os valores que a fundam estão ameaçados”. As crises que se apresentam ao longo das análises em recortes narrativos que trazem a profissão negada na transmissão de seus saberes às futuras gerações empregam um discurso contraditório. Há introdução de conflito na relação entre vaqueiros da tradição e da contemporaneidade no que se refere à valorização profissional de um e de outro. Também na leitura da lei que regulamente a profissão de vaqueiro, um conflito instaurado entre o que a lei prescreve e a realidade do trabalho no campo.

A partir dos enunciados de cada discurso em seus “simulacros”, em prática de trabalho, há de considerar com Maingueneau (2008a, p. 64) que a “relação polêmica, como vimos, baseia-se nesta dupla bipartição: cada polo discursivo recusa o outro, como derivando de seu próprio registro negativo, de maneira a melhor reafirmar a validade de seu registro positivo”.

Na acepção de que o discurso se modifica conforme a formação discursiva em que se apoia, a polêmica postulada por Maingueneau (2008a, p.107) também “provoca múltiplos encadeamentos de enunciações novas” que se desenvolvem e dialogam em diferentes conexões. E na possibilidade que tem a AD de transitar por várias áreas do saber, incorporam-se noções advindas de outras teorias e a cada opção feita cresce esta diversidade.

E assim dá-se andamento à pesquisa, seguindo um roteiro teórico-metodológico que conduz ao estudo da centralidade do discurso do vaqueiro, neste caso específico, nas relações de sentido produzidas na interface linguagem e trabalho.

1.2 Linguagem e trabalho: processos discursivos que produzem saberes

Para pensar os fenômenos da linguagem estamos embasados nos pressupostos da AD e para pensar o trabalho buscamos uma articulação com os princípios da Ergologia, colocando-se em causa os sentidos que os vaqueiros produzem sobre o trabalho que realizam. Na abordagem ergológica, o suporte para se pensar a defasagem temporal a partir dos conceitos de trabalho prescrito e real:

Falar do trabalho é se expor a todo tipo de encontros frequentemente inesperados, onde podemos crer na perda do fio de sua preocupação inicial: é, por exemplo, ser conduzido a se perguntar como se articulam o corpo, o psiquismo e as normas, como se articulam o privado e o público, o cálculo mercantil e os valores que não têm escalas de medida, o industrial, o ético e o político; é encontrar processos dinâmicos onde emergem o linguístico na atividade e questionam novamente as teorias da linguagem, as relações do microscópico e do macroscópico, do local e do global... A interrogação sobre a maneira de onde vêm as configurações novas da atividade e da vida, quer dizer, das histórias e da história, nos atinge sub-repticiamente em todos os cruzamentos... (SCHWARTZ, 1987, p. 2)

O trabalho como ambiente de vida, que se transforma em ambiente de aprendizagem, de troca de saberes, no enfrentamento das situações reais trazem saberes práticos que se constituem na tecelagem de um trabalho dinâmico em meio aos embates regidos por regras. O que reforça a necessidade de um deslocamento de rota para o trabalho real, uma atividade humana, pois acredita-se, assim como Souza-e-Silva e Mota (2015, p. 131), “que a visão discursiva da linguagem e a abordagem ergológica da atividade humana são elementos que nos permitem pensar diferentemente a vida, a atividade e o trabalho”. Interseção que demonstra as variabilidades desse meio de trabalho que, nos campos do Marajó, se mostra repleto de singularidade diante de situações que revelam seu *modus vivendi*.

Dada as especificidades inerentes ao espaço onde se desenvolve a atividade pecuária no Marajó, tende-se a suscitar reflexões sobre o vaqueiro em situações que dizem respeito a uma atividade complexa que envolve diretamente os protagonistas do trabalho em análise. E, enquanto atividade humana, o trabalho contém especificidades, como expõe Pessoa (2016, p. 64), à luz da Ergologia:

Uma atividade humana que se define por sua dimensão simbólica e, em razão da natureza sócio histórica do trabalho humano, a linguagem ocupa um lugar central nos processos de produção, organização, validação da atividade de trabalho, bem como nos processos de formação para a atividade de trabalho

Para a Ergologia a linguagem é central, pois não se concebe pensar a dimensão afetiva, política, histórica, ideológica do trabalho se não se colocar em causa os sentidos sobre o trabalho. Processos que afetam o ofício de vaqueiro de várias formas, e, por ser de natureza complexa, vai se constituir em outros espaços de experiências, vivências, de relações, de convívio, de atuação, de aprendizagem e confronto entre saberes. E nesse confronto os trabalhadores são afetados pelas situações reais de trabalho, em que movimentam um *thesaurus* de saberes acumulados que validam sua atividade, que se inicia muito cedo, e influenciam na prática construída ao longo de suas vidas.

A respeito de atividade, Souza-e-Silva (2002, p. 64) convoca “a pensar o trabalho não apenas enquanto atividade, mas como atividade pertencente a história”, o que remete ao conceito dos termos *poiesis* e *theoria* na Grécia Antiga, em definição nos estudos de Barros (2011, p. 189): *poiesis* é "uma atividade que convergia para a produção de objetos, para a produção material e os fazeres dela decorrentes", e a respeito da *theoria* "uma atividade contemplativa".

Uma distinção que se constitui como recurso analítico possível de olhar o trabalho como objeto de estudo que se reforça no enfoque ergológico do trabalho de Schwartz (1987), ao incorporar à dimensão da *poïesis* (ação) com elemento da *práxis* (rotina), na qual não são produzidos somente artefatos, mas também valores que orientam a ação. A leitura destes dois aspectos nos permite pensar na visibilidade entre o trabalho prescrito e sua realização em observância à defasagem temporal entre a existência do trabalho e a lei que o regulariza, além de outras singularidades do ofício de vaqueiro.

O trabalho em sua complexidade e singularidade no contexto ergológico não implica somente no saber fazer, mas como atividade humana em que se investe tempo e saberes no lugar onde se estabelece, lugar de constituição de uma identidade. Trata-se de uma abordagem que inclui as dimensões do trabalho e permite entender a atividade profissional como vínculo capaz de revelar um conjunto de relações caracterizadas pela historicidade.

E, na ação de realizar um trabalho profissional também atravessado por circunstâncias históricas, diz Schwartz (2003, p. 23)

Mas, quando se trata do trabalho, se isto é verdade também, não se trata de uma “pequena história”, de uma história marcada pelo acaso das vidas individuais: nenhuma situação humana, sem dúvida, concentra, “carrega” com ela tantos sedimentos, condensações, marcas de debates da história humana das sociedades humanas elas mesmas quanto as situações de trabalho: os conhecimentos acionados, os sistemas produtivos, as tecnologias utilizadas, as formas de organização, os procedimentos escolhidos, os valores de uso selecionados e, por detrás, as relações sociais que se entrelaçam e opõem os homens entre si, tudo isto cristaliza produtos da história anterior e dos povos.

Pensar no modo como se tecem relações que historicizam sentidos, na ordem das relações que permitem significação, nos processos relacionais que mobilizam esses sentidos em práticas, na movência do trabalho impregnado pelo sol abrasador e a poeira levantada no verão marajoara, pela chuva torrencial e os atoleiros que invadem os campos no inverno, no modo como se imprimem marcas de trabalho e lida na adversidade, inscritas na história da profissão. Uma configuração que acontece no tempo em curso, não segue uma linearidade, mas se traçam as coordenadas no caminho, nos movimentos que na linha do tempo do trabalho do vaqueiro marajoara não podem ser apartados de sua vinculação histórica.

A tessitura dessa rede trançada em fios articulados entre *poïesis* e *práxis* remetem às questões tempo e espaço em contexto específico de trabalho. Uma profissão instalada em cenário de campos extensos, tendo o cavalo como ajudante de serviço e companheiro das longas caminhadas em um aspecto de vida tranquilo, de aparente neutralidade, mas que se revela um espaço de tensão quando se torna objeto de reflexão e análise.

Nesse processo dinâmico, cabe analisar o trabalho do vaqueiro como experiência do ponto de vista da atividade humana que ocupa lugar central para o debate de normas e valores. Exigência que abrange a compreensão de trabalho como atividade que também se funda na materialidade discursiva, em sua constituição sócio-histórica-ideológica, na qual, junto com Maingueneau (2008a, p. 17), “nos situaremos no lugar em que vem se articular um funcionamento discursivo e sua inscrição histórica, procurando pensar as condições de uma ‘enunciabilidade’ passível de ser historicamente construída”. Para este momento específico, importa saber, na profissão do vaqueiro, o efeito de sentido construído em práticas discursivas do trabalho e operacionalizar esse conceito para a compreensão das relações enunciativas que se dão no campo jurídico e os efeitos de sentido que se reportam à identidade de trabalhador do vaqueiro marajoara.

No indicativo de tensões que cercam este mundo do trabalho, a hipótese de que há uma defasagem temporal entre o que consta na prescrição da lei e a vivência/experiência do trabalho real dos profissionais vaqueiros no arquipélago do Marajó. Uma defasagem com cinco séculos separando a realidade do trabalho e a regulamentação da lei, uma defasagem temporal, que no funcionamento discursivo do campo jurídico, não abarca a complexidade do trabalho do vaqueiro.

Dá a relevância desta investigação para os estudos em que linguagem e trabalho desempenham um papel de articulação nas diversas posições discursivas do homem em seu ambiente de trabalho que se estendem pelos campos da linguagem, e, na abertura das porteiras do conhecimento desta grande área, cultivam-se os campos do discurso. De forma que as narrativas de vida coletadas para compor a próxima parada tensionam os discursos do vaqueiro na tradição e na contemporaneidade a partir das entrevistas narrativas realizadas com vaqueiros, em diferentes funções no trabalho, pelos nos campos do Marajó.

Então, a pesquisa se encaminha para o entrelaçamento entre o discurso tradicional e a novidade, visto que se pensa também o discurso inscrito com o lugar social onde se trabalha e situam-se os sujeitos. Este é o local a partir do qual eles enunciam, pois, segundo Orlandi (2007, p. 39), “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. Importa saber, na profissão do vaqueiro, os sentidos que são construídos nas atividades do cotidiano.

Esta compreensão teórica embasa os processos de produção de sentidos sobre o trabalho e se apoiam em determinadas conjunturas históricas e sociais direcionadas aos seus aspectos discursivos, com o cuidado de entrelaçá-los nos campos da atividade humana. Os estudos na AD francesa apresentam importantes subsídios para o tratamento da linguagem que, em

articulação com o trabalho, contribuem para a produção de conhecimento a esse respeito e o reconhecimento de uma identidade. Nos estudos de Pessoa (2016, p. 79), isso vem garantir:

A possibilidade de que o trabalhador se enxergue como sujeito ativo do trabalho, reconheça a complexidade do que faz, compreenda os saberes que mobiliza em sua ação, identifique a porção de si que precisa negligenciar para que o trabalho se realize são questões que interessam [...] à permanente reconstrução do homem e dos sentidos.

Questionamentos necessários para acionar dispositivos reveladores que se fazem conhecer na interface linguagem e trabalho. O que leva à compreensão do exposto por Pessoa e Moreira (2016, p. 12): “o sujeito realiza o debate de normas que caracteriza sua atividade laboral ao enunciar e, na materialidade de sua enunciação, encontram-se os traços que o revela”. Nesse caso, a apreensão dos discursos construídos acerca de uma materialidade discursiva provocada pelo ato de contar, despertando nos sujeitos modos de narrar acontecimentos inerentes à trama interior da vida social que neles se investiga.

Como esta pesquisa se apoia em determinadas conjunturas históricas e sociais e se direciona aos seus aspectos discursivos, temos o cuidado de entrelaçar esses aspectos, atentando-se à junção que vê o trabalho não só como uma habilidade para a execução de um serviço que resulta em uma renda para manter o sustento familiar, mas, neste caso específico, constituir o trabalho porque é da ordem do discurso.

E é exatamente por entendermos o trabalho na ordem do discurso, na tensão que se estabelece na constituição de identidade do vaqueiro tradicional e do vaqueiro contemporâneo, que se permite pensar a linguagem sobre o trabalho.

Uma evidência do sujeito como partícipe de uma linguagem cuja configuração se instala em determinado espaço e tempo, reportando-se ao contexto histórico, o que justifica nossa empreitada na compreensão do funcionamento da linguagem nessas dimensões.

A respeito do discurso, ele acontece, segundo Maingueneau (2008a, p. 16), “no interior de um idioma particular, para uma sociedade, para um lugar, um momento definido, só uma parte do dizível é acessível, que esse dizível constitui um sistema e delimita uma identidade”. E queremos ir além dos dados linguísticos, não olhar os dados por eles mesmos, olhar no seu confronto com a ordem social que levou àquele enunciado, na possibilidade de, em acordo com Souza-e-Silva (2002, p. 74), “perceber nas atividades de trabalho outros sentidos até então inacessíveis”, de forma a entender uma ordem discursiva, ao se reconhecer as enunciações, como se manifestam, se reiteram ou se transformam.

O trabalho, no tópico *Memória da Arte, memória do ofício*, de Ecléa Bosi (1994, p. 471), “significa a inserção obrigatória do sujeito no sistema de relações econômicas e sociais. Ele é um *emprego*, não só como fonte salarial, mas também como lugar de hierarquia de uma sociedade feita de classe e de grupos de *status*”.

O conceito de trabalho se lança aqui como atividade em que o sujeito se engaja em todas as dimensões possíveis. Uma significação cujo funcionamento discursivo não depende de questões individuais, mas depende de relações constituídas de lugares sociais, pela capacidade de se dizer desse lugar de representação discursivamente constituída. Com base no modo de existência desses profissionais, seja no aspecto individual, seja no coletivo, Souza-e-Silva (2008, p. 16) esclarece:

Em toda situação de trabalho, há sempre uma combinação parcialmente inédita entre as normas antecedentes (todas as prescrições, sobretudo as definidas pela hierarquia: manuais, instruções técnicas etc.), os materiais e os objetos técnicos [...] e os saberes acumulados pelo indivíduo e pelo micro coletivo, cada qual com sua história.

Esta é uma forma de compartilhar o seu modo de ver e viver com outros que, por sua vez, também interpretam suas realidades. O que abre possibilidades várias de uma reflexão acerca dos estudos da linguagem, dos estudos do trabalho e dos estudos da relação linguagem e trabalho. Como se percebe no estudo sobre a *Produtividade das investigações dos discursos sobre o trabalho*, em que os autores Rocha, Daher e Sant’Anna (2002, p. 81, grifo dos autores) apontam “os estudos linguísticos que tomam por objeto a diversidade de discursos que são produzidos sobre o trabalho” que possibilitam o “resgate de certa historicidade do homem no trabalho”. E todo processo discursivo que amálgama esse lugar de visibilidade congrega e legitima os sujeitos constituídos em uma comunidade discursiva.

Ao nos apoiarmos no quadro epistemológico da AD para compreender as relações de sentido adota-se a premissa de que qualquer manifestação da linguagem se insere na categoria do discurso e a linguagem só acontece e gera sentido, diz Maingueneau (1997, p. 11-12), “à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas”. Os sentidos que são construídos na identidade da profissão, observando os sujeitos na história da tradição, de certo modo os integram à história contemporânea que os constitui na atualidade.

Partimos do pressuposto de que os campos da história dos sujeitos da pesquisa se estendem pelos campos da linguagem e cultivam-se, nesta grande área, os campos do discurso que, neste estudo, incidem em um novo olhar para o sentido, para o sujeito e para história na atividade do trabalho. No confronto entre as diversas vozes dos sujeitos da pesquisa há um

processo de construção de sentidos que exige trocas recíprocas de conhecimento no campo de investigação do trabalho e do discurso. Por isso, pontua Maingueneau (2008a, p. 60), é “necessário igualmente distinguir entre as diversidades dos tipos de discurso e das épocas: o modo pelo qual um discurso se inscreve em uma conjuntura depende de sua natureza, das instituições que o sustentam etc...”.

O discurso aqui em evidência é em torno da atividade do trabalho e no que diz respeito à representação que alcança na cultura marajoara. Na articulação entre linguagem e trabalho, a percepção da construção de um lugar de sentidos no contexto do trabalho da vaqueirice na linha do tempo pelos próprios sujeitos que o realizam.

Voltamos também o nosso olhar à cultura vaqueira, valendo-nos da oralidade como modalidade de acesso à variedade de fenômenos inerentes às experiências de vida dos vaqueiros no seu espaço de trabalho. À nossa frente, um campo de significados para as expressões significativas neste espaço do trabalho e ficamos atentas à construção dos discursos nas práticas sobre o trabalho do vaqueiro, como um conjunto aberto de enunciados deveras relevante que ora se oferece à apreensão com base nos postulados da AD.

Damos ênfase às relações de trabalho dos vaqueiros e de este trabalho ter uma lei de regulamentação, por isso a inscrevemos aqui também no campo da Ergologia. A compreensão da atividade nos campos do Marajó na correlação linguagem e trabalho se volta aos processos discursivos que produzem saberes, a partir das narrativas de vida na interpretação de uma construção discursiva.

1.3 Narrativas de vida: práticas discursivas que constroem sentidos

As narrativas de vida foram introduzidas na França, nos anos de 1950, nas Ciências Sociais, com especificidades e definições aqui pontuadas na perspectiva de Bertaux (2010, p. 15, grifo do autor): “a narrativa de vida resulta de uma forma particular de entrevista, a ‘entrevista narrativa’, durante a qual um ‘pesquisador’ (que pode ser um estudante) pede a uma pessoa, então denominada ‘sujeito’, que lhe conte toda ou uma parte de sua experiência vivida”.

No decorrer do percurso acadêmico, a pesquisa de campo sempre foi alvo de fascínio, uma atração que, seguindo os passos de Bertaux (2010, p. 11), teve como norte a “curiosidade pelos outros e pelo Outro, por outras experiências vividas, outros meios e grupos sociais”. Motivação que se acentua quando se trata de investigar a prática de trabalho do vaqueiro marajoara utilizando-se as narrativas de vida, principalmente, porque dão sentido às experiências quando vinculadas ao contexto em que elas se produzem.

No desenvolvimento desta pesquisa consideram-se possibilidades de diálogo e aperfeiçoamento com a teoria na perspectiva etnossociológica de Daniel Bertaux (2010, p. 17, grifo do autor), em que se recorre às narrativas de vida por orientarem “para uma forma de *narrativa de práticas em situação*, baseando-se na ideia central de que, através das práticas, pode-se começar a compreender os *contextos sociais* nos quais elas se inscrevem e que elas contribuem para reproduzir ou para transformar”. O que leva à necessidade de se observar a forma como se combinam elementos intrínsecos às narrativas de vida e seus efeitos bem como as relações que se estabelecem no contar, o que Pessoa (2007, p. 151), enfatiza:

Uma vez que a representação dos fenômenos sociais não é transparente, tampouco inteiramente determinada por regras sócio históricas que controlam as possibilidades do dizer, é somente no confronto entre pontos de vistas diversos que emergem as significações, ratificando ou modificando as significações já existentes.

Nesta direção, pretende-se entrever mediações entre os discursos dos vaqueiros que versam sobre a tradição e sobre a contemporaneidade, cujos relatos envolvem presente e o passado, a experiência vivida e os fatos narrados.

Na intenção de se investigar o discurso dos vaqueiros marajoaras no viés da tradição e da contemporaneidade é que se tem por base a esteira da AD tecida às suas narrativas de vida no Marajó. Empregamos o termo “esteira”, por ser parte integrante da sela do cavalo, é tecida de junco, um material natural, e serve para forrar o dorso do cavalo e protegê-lo de selas duras. Há também o uso recorrente do trator de esteira, modelo que opera com “esteiras” de material rodante usado com a finalidade de fazer rampas, limpar o campo, preparar o terreno para pastagem, estradas, suporte na construção de cercas e bebedouros e outras tantas mais utilidades próprias da área pecuária. Analogia que se faz ao se apoiar na esteira da AD por suas características fundamentais na instrumentalização dos preceitos teóricos metodológicos condizentes a este percurso de pesquisa.

Esta junção como objeto de estudo por pesquisadores analistas do discurso⁸ se encontra em expansão. E, por ser um tema amplo, ele não se esgota, pois, na perspectiva discursiva, se tem uma visão bem panorâmica da AD como um lugar multifacetado, bastante heterogêneo com diferentes quadros teóricos. O que leva a afirmação de Machado (2014, p.1132):

⁸ A coletânea de textos “Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso” organizada por Ida Lucia Machado e Mônica Santos de Souza Melo reúne artigos de profissionais que se dedicam aos estudos nessa interface. Em consonância com minha pesquisa, destaco os trabalhos de TORRES, Aline. **Relações teórico-metodológicas entre a AD e a Narrativa de Vida**. MACHADO, Ida Lúcia. **Nos bastidores da Narrativa de vida & Análise do Discurso**. Ramalho, Mariana Procópio. **Caracterização do universo das narrativas biográficas sob uma perspectiva discursiva**. EMEDIATO, Wander. **Narrativa como componente fundador de instituições discursivas**.

A narrativa de vida se encaixa mais às análises, ações e considerações de alguns analistas do discurso, já que o sintagma se refere a uma teoria que busca desvelar ou realizar pesquisas sobre o discurso, objeto multifacetado e estudado em tantas outras frentes de pesquisa.

Visto desse modo, Bertaux (2010, p. 30) considera que o importante é que cada “fonte e cada técnica produtora de novas fontes acrescentam sua pedra ao edifício”. E na firme intenção de contribuir para essa construção, tem-se à frente a imensidão de campos marajoaras que me levam a trilhar por caminhos cuja abrangência leve à compreensão de como o vaqueiro se reconhece como trabalhador.

Em busca da apreensão dos significados do vaqueiro ao construir seu próprio discurso por meio de narrativas, utilizamos como forma ideal para coletar esse material em entrevistas a se realizarem, preferencialmente, em momentos de trabalho coletivo, quando os vaqueiros de várias fazendas se reúnem na propriedade onde está sendo realizado o serviço de marcação, ferra, castração e assinalação dos animais. Consideramos, por certo, que essa estratégia foi vantajosa na fase exploratória da pesquisa, quando começamos a elaborar o roteiro de entrevista, uma lista de questões sobre o tema em estudo, os modos de funcionamento do trabalho do vaqueiro, seus contextos de ação, mas a utilização do roteiro será como ponto de apoio, estará lá ao alcance de nossos olhos, porque nossa intenção é de realmente seguir o modelo da entrevista narrativa e conhecermos uma rotina de trabalho para então apontar os efeitos de sentido produzidos nas lidas da vaqueirice.

Para orientar a entrevista narrativa e dar entrada no assunto, o emprego do verbo contar contribui para construir significados. Segundo Bertaux (2010, p. 47, grifo do autor), “o verbo ‘contar’ (fazer o relato de) é aqui essencial: significa que a produção discursiva do sujeito tomou a forma *narrativa*”. O que servirá de estímulo para o vaqueiro começar a contar sua vida, ciente da escuta atenta e interesse em seu relato e, caso surja um tópico a ser mais explorado, uma pista interessante, a destreza para introduzir perguntas perspicazes, em momento oportuno.

Em alerta às marcas das experiências vividas e ora contadas, optamos pelo preparo de um roteiro com 10 questões na expectativa que sejam abordadas pelos vaqueiros nas experiências discursivas sobre o próprio trabalho: Você pode me contar como se tornou vaqueiro? Quando você iniciou suas atividades como vaqueiro? Houve influência de alguém na escolha da profissão? O que é preciso saber para ser vaqueiro? Existem regras na fazenda como exigência do ofício que o vaqueiro precise cumprir? Quais são as dificuldades que o vaqueiro enfrenta no trabalho? Você se sente um profissional reconhecido no trabalho? Em que situação o vaqueiro é promovido ou dispensado do trabalho? Como era o vaqueiro no passado e como é o vaqueiro hoje? Para você o que é ser vaqueiro?

As questões, foram, de certa forma, contempladas durante o contar de si, às vezes no todo, às vezes parcialmente e uma ou outra questão, às vezes deixou de ser citada, dando espaço para que outras questões aflorassem no fluxo das narrativas. E percebemos que os discursos se movimentam e estabelecem correspondência ao lugar de trabalho como lugar de sentidos.

Escolhido o momento e o lugar, Bertaux (2010, p. 79) nos fala sobre o encontro cujo “sucesso da conversa depende, em parte, do contexto, o ideal é estar em um momento e em lugar onde vocês estejam a sós, sem interferências, sem telefone próximo e com uma boa disponibilidade de tempo diante de si”. Após, então, sucessivos encontros no coletivo, passamos a encontro individual na possibilidade de melhor entrosamento durante a coleta de dados. E isso foi possível a partir da experiência em campo, dos contatos facilitares de nossa inserção em campo, da confiança conquistada com vaqueiros e fazendeiros, da apresentação do projeto de pesquisa, dos encontros acolhedores, o que nos preparou para darmos início à entrevista narrativa. Manifestamos nosso interesse à escuta, às indagações, a ouvir e compreender, no ato, as palavras do outro, a controlar os impulsos de interromper uma fala, a formular as boas perguntas no momento certo, na intenção de que a pesquisa possa ser útil à comunidade vaqueira e se mantenham abertas as portas para outras inserções no campo da pesquisa. Em nossas mãos, o roteiro de entrevista para que, caso fique algum ponto a ser esclarecido e desejarmos aprofundar o assunto, possamos empregar as questões previamente elaboradas que listamos acima e ter uma base para acompanhar o fluxo narrativo com temas intrínsecos à cultura vaqueira marajoara.

A familiaridade com essa realidade, no entanto, requer alerta cada vez mais consciente do emprego dessa estratégia quanto aos seus alcances e limites ao congregar narrativas de vida em interface com a Análise do Discurso pinçadas com a Ergologia. Muito embora a análise das situações de trabalho do ponto de vista ergológico, valendo-se da observação e escuta das narrativas de vida, não alcance todos os aspectos do trabalho real em suas vivências, valores, e tantas outras situações que se apresentam no desenvolvimento das atividades laborativas dos vaqueiros, essa incompletude das narrativas de vidas, como técnica de produção de dados, se reafirma em Bertaux (2010, p. 33-34), pois “podem conter uma grande riqueza de informações factuais exatas e descrições confiáveis – ainda que, evidentemente – incompletas de encadeamento de situações, de interações, e ações”.

Recursos que nas narrativas evocam memórias, saberes e práticas da profissão que na experiência no espaço rural materializam-se nas vozes presentes a constituírem o discurso. Os vaqueiros narram o lugar das vivências onde deixam impressas as marcas e modos de vida e contribuem com olhares investidos à construção sentidos da sua identidade profissional.

Para traçar esse perfil profissional, o vaqueiro é convidado a narrar sua vida ou partes dela, enfatizando determinados aspectos e construindo enredos e sentidos. São tipos de falas, que segundo Maingueneau (1996, p. 103), “não são somente citadas, elas ocupam lugar numa narrativa”, o que implica posicionamento diante dos fatos que fluem no contar as experiências de vida e de trabalho, considerando o espaço e o tempo como primordiais na tessitura narrativa.

Por isso, optamos por seguir um trajeto com narrativas contadas por diferentes profissionais atuantes do campo da pecuária, observando os efeitos de sentido da produção narrativa que acarreta mudanças e afeta o mundo do trabalho. Nas incessantes idas e vindas pelos campos do Marajó, a escuta das diferentes vozes dos vaqueiros requer uma conexão coerente para se investigar o discurso do vaqueiro na tensão entre a tradição e a contemporaneidade, cujos sentidos são marcados por uma dimensão temporal e espacial.

O vaqueiro diarista, por exemplo, é aquele profissional disponível para execução de tarefas diversas e com quem o fazendeiro não tem nenhum tipo de compromisso contratual, o pagamento é efetuado por cada diária executada. Normalmente, o sujeito com essa função é chamado quando se tem muito serviço na fazenda e os empregados de lá não dão conta sozinhos de realizar a tarefa. É comum esse trabalhador ser contratado na época de ferra, vacinação, nas apartações para irem atrás de gado que estão distantes da sede, também trabalham no curral na tiragem de leite e ajudam a conduzir animais pelos campos rumo às caiçaras para embarques.

É vaqueiro com habilidade para auxiliar nas demandas da fazenda quando o trabalho em campo aumenta e o proprietário tem muito gado e poucos funcionários para dar conta de todo o serviço. Com essa precisão, o vaqueiro VA1 Portel, da Fazenda Camaleão, (que ainda exerce o cargo de feitor), procura um diarista:

Aqui na fazenda são três vaqueiros, se eu for fazer um serviço grande e eu acho que não dá pra mim trabalhar só com os meus três vaqueiros lá aí eu peço ajuda pro [patrão]: Eu vou meter dois diarista, três diarista. “Por quê?”, ele pergunta: Aí eu digo: não, porque eu tô precisando, tem pouca gente pra fazer os serviços assim, assim..., tem pouca gente, eu preciso de diarista. Aí ele me autoriza, então eu arranjo. Aí eu vou procurar quem queira trabalhar.

Nas áreas rurais do Marajó existe uma diversidade de serviço desempenhado por diaristas que se deslocam por entre uma e outra fazenda quando chamados por fazendeiros, feitores, gerentes para realizarem um serviço por tempo a combinar. Algumas dessas atribuições incidem em consertar cercas, fazer roçagem – no campo de aviação, ao redor da casa grande, dos barracões, manter limpas as proximidades das porteiras, cuidar dos moinhos, fazer aterros, entre outras atividades rotineiras da fazenda.

O diarista é o tipo de trabalhador que vai fazer o que se está precisando, ou seja, os trabalhos a serem feitos por qualquer pessoa, um tipo de “pau pra toda obra”, dar conta do serviço que aparecer e, caso não se sintam capazes de realizá-lo a contento, têm humildade para pedir ajuda e ensinamento da tarefa aos mais experientes da fazenda. É um profissional que, independentemente de local e da tarefa a ser feita, não precisa ter especialidade. Ao serem contratados, se deslocam para onde for preciso e ficam à disposição do contratante para cumprir o serviço acertado entre eles. Como nos explica o vaqueiro Anajás, VD1, da Fazenda Caviana:

A função do diarista é fazer quase tudo, é ir pro campo, é ajudar no que tem que fazer aqui na fazenda. O diarista tem dia que ele roça, que ele faz só a limpeza, tem dia que ele vai pro campo, tem dia que ele faz cerca, o que pede pra ele fazer, ele faz. Tira leite, faz muita coisa. Ele tá aqui fazendo umas coisinhas aí alguém pede pra ele fazer outra, é... várias coisas que o diarista faz.

No contexto das narrativas de vida, o diarista é aquele que se coloca à disposição para enfrentar os desafios do trabalho de vaqueirice e, outros a ele designados, sem ter nenhum problema de andar de fazenda em busca de serviço ou realizar qualquer tipo de trabalho quando for solicitado. E como não há vínculo empregatício, ainda que haja trabalho, é o diarista quem decide se continua ou não na prestação do serviço, pois a condição de diarista não é a desejada, já que esse trabalhador fica na expectativa de ser reconhecido profissionalmente e espera o momento em que o patrão peça seus documentos para efetivá-lo como vaqueiro.

A esse respeito é contundente a afirmação do vaqueiro VD2 Curralinho, da Fazenda Viçosa, inscrito na contemporaneidade:

Comecei esta lida desde os meus 14 anos, eu morava na fazenda com a família. Eu gostei dessa função de lidar com o gado, era muito legal e eu resolvi seguir [...] A carteira assinada tem um respaldo, né? Tudo em ordem. Diarista já é diferente, trabalha aquela temporada, depois vai fazer outra coisa, não é diretamente só um serviço. [...] Eu queria ter carteira assinada.

Outra forma de conhecer o diarista é o modo como é descrito por um vaqueiro da tradição, conforme expõe o vaqueiro VA1 Portel, da Fazenda Camaleão, na função de feitor:

Até hoje tem o diarista, tem o serviço pra fazer e se você não que empregar um vaqueiro, mete um diarista pra fazer um serviço, assim... pra roçar, capinar, se hoje trabalhar com o gado sem assinar a carteira, aí eles pagam a diária. O vaqueiro não, o vaqueiro é mensalista, o diarista é pago a diária se ele trabalhar hoje ele ganha, se ele não trabalhar é descontado aquele dia que ele não trabalhou.

Um trabalhador com perfil diferenciado, sem o mesmo reconhecimento daquele que tem a carteira assinada. A remuneração inferior também se iguala à função com pagamento feito quando o diarista conclui o trabalho, ou seja, o tipo de atividade que tem pagamento ao final de

sua execução, que diferencia o diarista na função considerada de menor valor em relação ao vaqueiro efetivo pelo reconhecimento profissional.

Entendemos como vaqueiro efetivo aquele que tem um cargo permanente, estável e, principalmente, tem a carteira de trabalho assinada nessa função específica, recebe o salário todo mês, ganha independência financeira e garantias que dão uma certa segurança ao cargo. É indivíduo considerado pelas suas habilidades para amansar búfalos e cavalos que servem como meio de transporte, na atenção no manejo do gado, fazer ordenha, preparar arreio, esteira, cabeçada, saber laçar, encilhar, tirar leite, curar bicheiras, dar remédio para os animais, vacinar, assinalar, castrar e ferrar os animais, correr cerca, fazer aterro, participar de embarques, sair para o campo. Diferente do diarista, o vaqueiro é alguém que sabe para onde ir e o que vai fazer, e é recorrente em suas falas o orgulho que tem da profissão, de saber realizar seus afazeres, da lida com os animais no campo ou no curral. E estes são serviços realizados, exclusivamente, por alguém da área, que entende do ofício.

Uma atuação no campo do trabalho definida pelo vaqueiro Currallinho, da Fazenda Viçosa, com sensibilidade, envolvimento e compromisso com a profissão:

Eu gosto de ser vaqueiro por causa da lida no campo com os animais, de sair pro campo, trabalhar com o gado. Eu sempre gostei disso, gosto muito disso de tá trabalhando com animais. A sensação da liberdade, de tá no meio da natureza, trabalhando no meio dos animais, e ser livre, né? Graças a Deus, trabalhando bem.

O registro de uma definição do trabalho narrado por um sujeito que descreve com prazer a experiência de quem vive no campo e tem no fazer cotidiano o desenvolvimento de um conhecimento de práticas da vaqueirice adquiridas ao longo da vida, observando a forma tradicional do trabalho, o modo como se faz e se produz saberes, um aprendizado que acontece nas relações de convivência. Relações de quando ainda se é criança e, ao chegar à maioridade, segue na profissão como um rito de passagem necessário para manter o efeito de continuidade, participação e pertencimento àquela comunidade de vaqueiros, àquele lugar onde aprendeu a realizar com os mais velhos as primeiras tarefas da lida vaqueira. Primeiro foi observando os mais antigos enquanto sujeitos na história da tradição, e agora, como integrante da história contemporânea vivida nos campos e que constitui esse vaqueiro na atualidade.

Uma representação que se tem desse profissional, por exemplo, são as marcas da tradição na labuta diária dos campos repassadas entre as gerações e se adotam os procedimentos similares na lida rotineira. E, embora se reconheça o vaqueiro ainda preso às origens dos ensinamentos segundo o modelo tradicional dos antepassados, há vaqueiro contemporâneo atuando em campo de quem se intua uma formação diferenciada acerca do trabalho.

Sobre os adjetivos tradicional e contemporâneo, importa trazer narrativas com esses atributos para explicar um modo de trabalho relacionado aos vaqueiros antigos e os novos e como esses termos se referem ao exercício profissional. Iniciamos pelo que nos conta o Melgaço a respeito da representação tecida em torno da vaqueirice tradicional e dos novos que vão chegando a campo:

É como eu tô lhe falando: antigamente a profissão de vaqueiro ela tinha muito futuro porque a gente aprendia muitas coisas com os antigos que iam ser vaqueiros e hoje em dia ai vai acabando porque não querem aprender com os antigos, já vai sendo do jeito deles. Com os mais antigos, os novos não querem aprender, já vai sendo tudo do jeito deles. Por isso que eu lhe digo: vai acabando. Você pode andar nessas fazendas por aí, pode chegar lá... é só gente novo, antigo tem um ou dois. O modo de trabalhar já é diferente da antiguidade, de como era antes o modo de trabalhar. Hoje em dia eu sinto que já é tudo diferente porque não querem aprender como era antigamente, querem tudo do jeito deles. Entendeu? É muito complicado com essa geração de hoje em dia. Aí aquilo vai acabando, vai acabando porque eles não prestam atenção nos mais antigos, já vão fazendo coisas do jeito deles... dos novos, né? Por isso que eu lhe digo: a profissão vai acabando, a profissão antiga de vaqueiro... quem é vaqueiro... você pode conversar com vaqueiro mesmo até mais idoso do que eu que ele lhe fala a mesma coisa, vai dizer: tá acabando a profissão de vaqueiro não é como antigamente. Hoje em dia todos querem ser vaqueiros, mas não sabem... [vai falando bem devagar, num sussurro, como se estivesse contando um segredo]. E pode falar com esses vaqueiros mais antigos que eles vão dizer a mesma coisa.

E podemos adiantar que tempos e costumes mudaram por estas bandas, e famílias de vaqueiros que se mantiveram durante anos e anos na mesma fazenda, transmitindo saberes de geração em geração, perderam espaço e hoje já encontramos vaqueiro da tradição, como VF4 Muaná, da Fazenda Mexiana, que diz “Eu não indicaria essa profissão para um filho meu”. Também encontramos vaqueiro contemporâneo, como VE3 Pedras, da Fazenda Mexiana, que morava na zona urbana, com Ensino Médio concluído, o pai que nunca foi vaqueiro, além de, no auge da juventude ter tido a oportunidade de viajar para outros municípios do Estado do Pará trabalhando com gado de baía, mas o que ele queria era ser vaqueiro mesmo em fazenda do Marajó: “Desde muito novinho eu comecei a frequentar a fazenda e fui aprendendo a gostar, gostar, e... estudei sim, eu tenho meu ensino médio completo, mas eu dizia pra minha mãe que eu queria ser o que eu sou hoje em dia... um vaqueiro profissional”.

Os sujeitos ora se apresentam por meio da voz e se dispõem durante algum tempo a falar sobre o seu trabalho, relatam as situações difíceis na lida, seus dramas pessoais, as dificuldades com os novos patrões que herdaram/assumem a fazenda, os acidentes de trabalho, o choro com as lembranças... Mas também ressalta atos de coragem, manifestação da fé, a alegria pela sensação de liberdade vivida nos campos e nos momentos de lazer com os companheiros e familiares quando se juntam em festejos, passeios, celebrações.

São profissionais que contam dos encargos assumidos, do cotidiano, da lida dos campos, da disposição para acordar cedo quando ainda é madrugada para dar início à labuta diária.

Também comentam da necessidade de se ter bom preparo físico para as longas cavalgadas no lombo de um cavalo em terras a perder de vista, da destreza para exibir as habilidades com o laço e capturar animais em movimento, do cuidado e responsabilidade com o bem alheio, cumprir as tarefas e ajudar quando convocados para outras situações de trabalho.

Trabalhador fundamental nas áreas pastoris, quando se destaca na profissão, as boas credenciais o precedem, estas, sabiamente conseguidas na função exercida como exímio conhecedor de gado, área da fazenda e entorno, assim como da boa relação com os companheiros, pessoal da fazenda e redondezas. E o vaqueiro logo se torna “o braço direito do patrão” e, convidado a se elevar de categoria, passa a assumir o cargo de feitor, trabalhador de referência na vaqueirice e condução do serviço.

Chegar ao cargo de feitor requer uma boa formação, normalmente repassada pelas gerações que o antecederam na função, e o vaqueiro, ao aceitar o cargo, tem conhecimento de que o trabalho e a responsabilidade aumentaram. Essa transição de cargo também acontece quando se pertence a uma família de tradição na arte da vaqueirice, e o parente que vai substituir o outro na função transmite os ensinamentos que o habilitam a essa colocação pelas credenciais familiares. É assim que nos conta o vaqueiro VE1 Santa Cruz, da Fazenda Mexiana.

Ser feitor é saber, é conhecer o terreno todo, conhecer todo o gado, a contagem de gado que você recebe, você tem que saber quantas tem, quantas não tem. Quantas morreram, quantas não morreram, dar baixa no que morreu e entregar pro seu patrão. E aí saber mandar, ser amigo com todo mundo. Essa vizinhança por aqui todo mundo, todo mundo eu acho que me tem essa pessoa que é benquista. Eu me sinto o mesmo.

Ressalta-se que o cargo de feitor não concede privilégios, esse lugar do trabalho o coloca em um lugar híbrido, ele é vaqueiro como todos os outros, mas assume outro tipo de responsabilidade maior de representar a figura do patrão junto aos demais trabalhadores, é o feitor quem faz a defesa dos interesses do patrão juntos aos companheiros de serviço, é a voz do patrão, ao mesmo tempo em que ele não é o patrão. Dentre as atribuições do cargo estão pagamentos de salários dos funcionários e fornecedores, compras para atender as pautas de serviço, usar a balança com precisão para pesar o gado da fazenda e o gado de fora. Fica sob sua orientação encaminhar e averiguar os serviços necessários ao fluxo de atividades na fazenda e ter a particularidade de mando para designar tarefas aos vaqueiros que vão executá-las. Outro fator que pesa na balança é o salário a mais que passa a receber, o novo cargo garante melhores condições de vida para toda a família.

Nas palavras de Miranda Neto (1993, p. 86), a descrição desse trabalhador marajoara: “O feitor, administrador da fazenda, é quem vai lidar diretamente com os vaqueiros. A ele

pertence o poder decisório de questões relativas ao serviço da fazenda”. Embora tenha poder de mando sobre os demais vaqueiros e outros trabalhadores da fazenda, posição que deve obediência, subordinação, o feitor também tem atribuições repassadas pelo próprio patrão de supervisionar e subordinar os outros vaqueiros, por isso deve “sabe mandar, sabe ouvir, sabe falar com seus companheiros o modo de fazer um serviço”, como já expôs Santa Cruz.

Sendo que o fato de lidar diretamente com outros vaqueiros com quem trabalha, tem a mesma realidade, vive o mesmo contexto, faz com que ele se encontre em lugar tenso, de ao mesmo tempo ser vaqueiro e a voz do patrão. Uma função que nas narrativas está mais ligada à organização e gestão do trabalho alheio, de maior contato com gente do que com animais. Se esta prerrogativa garante ao feitor alguma autoridade, certamente isso o coloca em alguns momentos em situações bem difíceis de lidar. Ainda que se fale em tipos de relações afetivas, cordiais, de admiração e respeito, elas não se sobrepõem as relações de exploração no trabalho.

O feitor reconhece que precisa da ajuda dos companheiros para juntos desempenharem suas tarefas que em muito dependem de estarem de comum acordo um com o outro. E quando se sentir apanhado, em meio a situações conflitantes e ter dúvidas quanto ao modo de agir, sabe que poder contar, sempre que for preciso, com a ajuda e conhecimento de quem tem um legado de vida nos campos, os vaqueiros aposentados.

E são os vaqueiros aposentados que nos contam sobre o trabalho no campo no fluir da memória, ainda estando na ativa. Mesmo encaminhamento dado por Steiner (2006, p. 72), no seu livro de memórias, ao contar de dois feitores, Argemiro e Mané Gregório, quando se aposentam, e notamos como é comum, nesta região, repassar o serviço: “Na substituição dos cargos pelos vaqueiros nomeados feitores, levavam consigo, os ensinamentos dos aposentados, na fala rouca, na repetição das ordens, através da poeira das malhadas, no vento contra, no lavrado dos campos”. Dos aposentados, os ensinamentos, a repetição de ordens, e o que mais, em termos de conhecimento da profissão, puderam repassar a diaristas, vaqueiros e feitores. Ensinar, é sobre isso que nos conta o vaqueiro VA3 Melgaço, da Fazenda Janaucu:

Até hoje eu ensino, onde eu vou trabalhar. Nas duas fazendas que eu fui sempre os meus companheiros que vão pra lá sempre eu procurava ajudar eles e eu ensinei. Teve uns vaqueiros, que eu conheci agora na Fazenda F, todos os vaqueiros que trabalharam lá comigo eles saíram de lá, mas eles aprendERam algumas coisas comigo que eu ensinei. Eu pegava pesado com eles, pra onde eu ia... era consertar cata-vento, eu levava. Vamos lá: “mas eu não sei”, tu vai ficar olhando, tu vai aprender. Aí eles iam comigo, e eu fazia tudo direitinho: na próxima vez tu vai fazer e eu vou ficar aqui olhando, eu vou te ensinar. Teve uns três vaqueiros que eu ensinei e eles aprenderam, não TUdo, mas pelo menos o que eu ensinava eles aprenderam. É como a gente fala, né? tem que se esforçar para aprender, porque senão, só assim como vai, não aprendem naada. Mas eu gostei muito de ensinar, tudo o que eu sei, eu ensinava pra eles. E eu procurei ajudar meus companheiros, ensinava pra eles, pra onde eu ia trabalhar, eu levava, pra onde eu ia, eu levava... “mas eu não sei”, umbora que eu te ensino. Ensinava para eles.

Em obra da autora Ecléa Bosi (1994, p. 480), *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*, ela recomenda: “Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou, uma existência, passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor”. É chegada a hora de se despedir dos companheiros e daquele cenário onde se fez um homem ativo, vivo, experiente, exemplo a ser seguido.

Após um longo tempo de serviço e a chegada da idade avançada, que para alguns vaqueiros e feitores se torna uma fase difícil de aceitar, é quando são dispensados do serviço, pois a aposentadoria, àqueles que conseguem se cadastrar e receber o benefício, os leva para longe dos campos, e o lugar onde se passou uma vida de trabalho fica para trás, momento em que vaqueiros e feitores se deparam com o conflito da finda dos trabalhos nos campos.

Do que se assimilou, a maioria dos companheiros e patrões reconhece a maestria com que desenvolvem o serviço da pecuária, entende que esse trabalhador precisa continuar se sentindo útil. Um fato recorrente é de sempre que necessitam de alguém de referência, de confiança, ou mesmo como acompanhante em tarefas da fazenda, logo chamam os vaqueiros que já estão aposentados para os serviços de ferra⁹, castração¹⁰, assinalação¹¹, vacinação¹², pois são mais experientes para o adjutório no montante de serviço nessa época. Em meio às tarefas, a relação de companheirismo, as brincadeiras, atividades das quais o vaqueiro aposentado interage, participação que expressa o sentido de pertencimento a um grupo quando não se é mais membro ativo. É como se o vaqueiro, já aposentado, se recusasse a deixar a experiência dos campos. O que se reflete em uma identidade construída no exercício laborativo realizado no dia a dia, que não se separa da identidade de ser vaqueiro e reflete o desejo de se manter ligado ao grupo de profissionais dos campos que, no seu entendimento, ainda permanecem.

Acerca de sentidos e identidades, Stuart Hall (2011, p 51) diz que “os sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas [...], memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”.

O sujeito aqui inscrito se apresenta por meio da voz que aciona mecanismos por via da memória e conduz à materialização do processo enunciativo como algo construído historicamente, discursivamente, entrelaçando-se à noção de sujeito, da forma como define Fernandes (2008, p. 24)

⁹ Ato de ferrar o gado, de o marcar a ferro quente.

¹⁰ Ato de castrar, de cortar os órgãos reprodutores; capar.

¹¹ Marcar (o animal) mediante cortes nas orelhas.

¹² Nos campos do município de Soure, a vacinação é obrigatória para controle do gado livre de doenças e as doses são aplicadas no rebanho de 15 de setembro a 30 de novembro. O não cumprimento gera auto de infração.

Um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade [...], e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. A voz desse sujeito revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade histórica e social; de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar histórico e social.

Dáí se apresenta um sujeito que recorre à memória discursiva para a tessitura do próprio discurso. Neste caso, há um sujeito que aciona mecanismos por via da memória, e dispõe, à sua maneira, dos efeitos de sentido decorrentes da linguagem para a retomada de discursos.

As incursões que se estabelecem, nesse campo, oportunizam a construção de uma trama tecida do encontro entre os saberes da tradição e da contemporaneidade, (en)laçadas às vozes dos vaqueiros e às vozes dos teóricos que embasam esta pesquisa, tendo em vista a produção de sentidos articuladas às práticas discursivas do trabalho.

Assim, procuramos ouvir cada narrativa de vida em suas especificidades e, condizente à orientação de Bertaux (2010, p. 52), como recolher “um núcleo comum às experiências, que corresponde à sua dimensão social, justamente aquela que se procura obter”. Ao levar em conta os diferentes tipos de relação e ocupação no mesmo espaço de vida e vivência, passamos a investigar os discursos acerca do trabalho do vaqueiro marajoara na tensão entre os sentidos tradicionais e contemporâneos sobre a profissão, pois se tende a perceber que há uma transformação no sentido que o trabalho tem para o vaqueiro em diferentes épocas.

Na sequência, temos uma parada obrigatória, aquela em que escolhemos os mecanismos que melhor nos orientem para o tratamento dos dados na intenção de uma boa conexão metodológica neste arquipélago de investigação, que se abre em diversas passagens, facilitando o acesso de um lugar do trabalho.

Traçadas as coordenadas do caminho, seguimos rumo aos campos do discurso e às relações de sentido produzidas na interface Análise do Discurso, Ergologia e Narrativa de vida em que são produzidos os efeitos de sentido na rede interdiscursiva.

PARADA 2. ENTRE TERROADAS E INUNDAÇÕES, O TROTE CADENCIADO DA PESQUISA

Figura 4 – Campos do Marajó no inverno



Figura 5 – Campos no Marajó no verão



Fonte: Arquivo de Otávio Cardoso

Trazemos para abertura desta segunda parada, duas imagens dos campos, onde os vaqueiros trabalham no manejo com o gado, que retratam períodos marcantes nesta região do Marajó, – o inverno e o verão. O movimento do trote cadenciado, citado no título, se oferece como estratégia metodológica pela possibilidade de associar a pesquisa à cena representada em duas marcas acentuadas: na cena do inverno a imersão dos búfalos na água, um registro do real que ajuda a situar os sujeitos da pesquisa, no tempo e no espaço, tendo em vista os contextos sócio-históricos que sinalizam este percurso sobre o trabalho do vaqueiro da tradição e da contemporaneidade; na cena do verão, em que a poeira é levantada pela pata dos animais, podemos fazer alusão ao atravessamento do efeito da transparência dos discursos sobre o trabalho do vaqueiro para vislumbrar os efeitos de sentido identificados em sua opacidade,

As leituras imagéticas, associadas ao andamento da pesquisa, propõem um mergulho na teoria e neste campo da atividade rural para maior aprofundamento acerca dos aspectos que tratam da seleção dos recortes discursivos, ora em análise, tendo em vista a constituição do *corpus* em processos expressivos de significação do lugar de onde o sujeito enuncia.

A voz recolhia subterraneamente o murmúrio dos laços distantes, a agonia das lagunas morrendo no verão com as vacas e os bezerros atolados, a queixa dos rios secando, o mar roncando, os viajantes do mar rezando no mau tempo, os ventos desfiando as velas, possuindo a floresta e dispersando as estrelas, o miado longo das onças acuadas nas ‘ilhas’, os tambores do Espírito Santo batendo nos corações.

(JURANDIR, 2008, p. 413)

A prosa de Dalcídio Jurandir (2008), em trecho extraído do romance *Marajó*, traz elementos que se en(tre)laçam às imagens que transformam a ação em cena e às diferentes etapas deste percurso metodológico vindas em vozes, murmúrios, agonia, inundação, terroadas, rezas, ventos contra e a favor, dispersão, barulho, concentração, a escuta do Espírito Santo, viagens na enchente e na vazante. Momentos distintos no funcionamento do movimento dos sentidos e dos sujeitos em que a narrativa dalcidiana corrobora a versão das experiências vividas neste espaço movente. Mistura de sensações nas travessias por estes campos, seguindo o regime das duas estações predominantes no Marajó, seja de lancha, navio, balsa, barco pesqueiro, batelão, rabeta, popopô voadeira – no inverno; ou jeep, pick-up, caminhão, moto – no verão. Em meio às águas que invadem a área rural ou às poeiras encontradas em nossos itinerários, alguns traçados e outros nem tanto, cada um deles nos conduziu à pesquisa por estes campos. Os sentidos em alerta para a abordagem metodológica que orienta esta pesquisa e às peculiaridades decorrentes de nossas escolhas na observância das práticas de significação do trabalho do vaqueiro marajoara.

Com essa abertura às experiências discursivas no contexto do trabalho seguimos um percurso metodológico visando a favorecer a construção dos saberes que emergem das narrativas laborais no ecoar das vozes dos vaqueiros, introduzidas na abertura desta parada 2.

A atenção em cada rota é fundamental, como ressalta o Padre Giovanni Gallo (1981, p. 177) em seus estudos sobre o Marajó, pois “uma simples observação jogada lá à toa, me abre novos caminhos de pesquisa, para descobrir mais um aspecto desta multiforme realidade”, e na oportunidade de estudos por esta abertura de “novos caminhos de pesquisa” sigo investigação com as narrativas de vida dos vaqueiros marajoaras, como fonte para as minhas pesquisas, agora em perspectiva discursiva, constituindo-se, portanto, como objeto de estudos da AD.

Para tanto, a concentração no debruçar na leitura das obras elencadas no referencial bibliográfico, na consulta à literatura relativa à mesma temática ou áreas afins, uma gapuiada nos artigos científicos que façam relação entre linguagem, trabalho e narrativas do ponto de vista discursivo. Na seleção dos vaqueiros, colocamos em ação o exercício da escuta das narrativas de vida, a técnica de observação para ouvir, indagar e compreender as conversas cotidianas, a formular perguntas pertinentes no momento oportuno no trabalho de campo, e as

Destacamos como centro desta pesquisa a microrregião do Arari, a região dos campos, que se constitui pelos municípios de Soure, Salvaterra, Cachoeira do Arari, Chaves, Santa Cruz do Arari, Ponta de Pedras, Muaná, e São Sebastião da Boa Vista. A delimitação da pesquisa concentra-se, como já anunciamos, no município de Soure, que teve instalação solene em 20 e janeiro de 1859, é também conhecida como a “Pérola Marajó”, banhada pelo Rio Paracauari, agregando uma área que totaliza 3.517 km², sendo o terceiro maior município da região dos campos em extensão territorial.

Na configuração deste espaço, uma mostra dos dados de Soure realizado pelo IBGE/2010 em colaboração com Fapespa / Seplan traz uma população estimada em um total de 24.488 habitantes, deste montante 21.015 vivem na área urbana, apenas 1.986 estão nas áreas rurais. No ano de 2000 havia 19.958 habitantes, destes, 17.303 viviam na cidade e 2.655 no campo. Dados que apresentam um declínio populacional na região dos campos, em um movimento migratório acentuado para a zona urbana.

Com esta visão panorâmica de onde habitam e trabalham poucos vaqueiros cadastrados e atuantes na sua área, há mostras de número cada vez mais reduzido do ofício de vaqueiro em situação ativa de trabalho na fazenda. A dificuldade em encontrar vaqueiros, devidamente reconhecidos na profissão, e proceder às entrevistas narrativas implicou inserção de mais fazendas no percurso da pesquisa, começamos com oito e inserimos mais duas, e obter um número considerável para os procedimentos de análise propostos. Os poucos trabalhadores efetivados legalmente, a dificuldade de acesso aos seus locais de trabalho, obter permissão para adentrar nas propriedades, conquistar confiança para um bom entrosamento com possíveis colaboradores, são alguns dos pontos a se destacar neste estudo.

Em busca das pistas sobre a vida desses profissionais e os processos de interpretação de suas narrativas em práticas discursivas é que seguimos em trote cadenciado, com cautela. E, como no título de abertura deste capítulo, a pesquisa acontece entre inundações – a invernada, período das cheias nos campos do Marajó, compreendido de dezembro a maio; e, terroadas – formação de rachaduras no solo ressequido pela constância do sol abrasador do verão, que vai de junho a novembro.

Na caracterização deste espaço um recorte das imagens, alusivas ao inverno e ao verão nos campos marajoaras, feitas na abertura do capítulo, e a leitura dos traços marcantes das duas estações, na literatura do marajoara Dalcídio Jurandir, fazem referência a esta parte oriental do arquipélago. Da obra *Marajó* (2008), extraímos dois excertos para descrever os períodos:

No inverno,

O lago se espalhou pelos campos, comeu as lonjuras, ilhou as palhoças, bateu de leve debaixo dos jiraus, espiando o sono dos pobres. Caiu então um silêncio de princípio de mundo em que os homens se misturavam com os bichos deslizando nas águas e na lama, na espuma das enxurradas e na folha de morurés (JURANDIR, 2008, p. 338).

Enquanto no verão,

Ramiro galopa na terra rachada e queimada. Viu em torno de um lago quase seco muito e muito animal vindo de toda a parte, tuiuiú, o passarão, a borboleta [...]. Pousavam ali os bichos juntos, manso, irmãos, bebendo; E sobre aquele chão de terroadas onde pelos buracos as cobras se escondiam, Ramiro continuava a galopar (JURANDIR, 2008, p. 423).

Na literatura, o galope é por conta da destreza de Ramiro, exímio vaqueiro do *Marajó* de Dalcídio Jurandir, quanto a nós, o trote cadenciado é mais condizente para pisar no solo deste campo do trabalho. E isso exige um passo mais cuidadoso, requer firmeza das mãos para segurar as rédeas e guiar o animal na direção sugerida, assim como no campo da pesquisa, para seguir adiante e mantê-la na direção traçada atentas ao desafio de observar a construção de um espaço discursivo, no contexto do trabalho do vaqueiro, tendo em vista a tradição e a contemporaneidade.

E da maneira como os embates nas duas estações são superados pela destreza e saberes do marajoara em lidar com as duas estações e delas tirar proveito, assim se pretende nestes escritos, a partir da utilização um roteiro teórico e metodológico que conduz o rumo da investigação pelo discurso do vaqueiro falando sobre o seu próprio trabalho.

Dessa forma, o texto se inscreve à luz de um novo cenário de mudanças na pesquisa acadêmica possibilitado pela AD nos seus processos históricos, políticos e ideológicos, o que nos permite avançar por porteiras já abertas na investigação em diferentes áreas.

2.1 As marcas impressas em diferentes áreas: abertura às experiências discursivas

Os rumos da pesquisa acadêmica, pelo *Marajó*, nos levaram viajar por diferentes áreas e cada uma sob a ótica de investigação em estudos diversificados com singularidades e sentidos em que emergem diferentes aspectos e representações sobre a profissão do vaqueiro. Assim, nos en(tre)laçamos às pesquisas realizadas na área de Comunicação e Semiótica, Educação, História Social da Amazônia, Antropologia, Artes Cênicas, numa revisão da literatura realizada a partir dos descritores vaqueiro marajoara, linguagem e trabalho, narrativas de vida. Nas produções com o mesmo delineamento, uma combinação de dados teóricos e empíricos com profissionais de áreas diversas que investigam sobre o assunto em estudos semelhantes.

A tese de doutorado em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes, de Josebel Akel Fares (PUC-SP/2003), “Cartografias marajoaras: cultura, oralidade, comunicação”, já citada em minha dissertação de mestrado, é referência também para estes escritos. A pesquisadora constrói cartografias do Marajó em uma estrutura que se divide em duas partes. A primeira parte traz uma visão larga das paisagens amazônicas, como a fisiografia das águas e dos campos; registra e reflete sobre os relatos de viagens realizadas por estrangeiros, no rio Amazonas, séculos XVIII e XIX, e as crônicas das pesquisas em busca do poético, no século XXI. Na segunda, o rio estreita-se, as cartografias baseiam-se nas vozes dos intérpretes de Cachoeira do Arari, mapeiam-se os elementos da cultura e da comunicação, indicadas nas falas. Os emblemas e os ícones mostram traços da cerâmica marajoara, da cidade, dos costumes. As mitopoéticas analisam o tempo mítico, o espaço das encantarias e as metamorfoses.

Com estas cartografias estabelecemos uma relação possível, tendo em vista as estratégias discursivas empregadas pelo vaqueiro no ato de contar de si em que se oferecem possibilidades de atribuição de sentido aos conhecimentos, experiências e saberes do cotidiano profissional, enquanto trama da existência narrada. No fluxo da ação, determinados traços de identidade vão se compondo no espaço-temporal uma teia de rememoração sobre os acontecimentos vividos.

No percurso destes campos, cito a minha dissertação de mestrado em Educação (UEPA/2014), intitulada “Educação, memórias e saberes: vozes de vaqueiros marajoaras”, na qual tivemos o objetivo de inscrever, a partir dos conceitos de cultura, memória, oralidade e educação, os processos de construção identitária de cinco gerações de vaqueiros da família Vasconcelos. Por meio de entrevistas narrativas, o procedimento incidiu no levantamento *in loco* de narrativas que contam sobre o trabalho e materializam a dinâmica das relações nas lidas no cotidiano da pecuária em tempos, memórias e identidades. Ao mergulhar nas memórias, a inclusão da formação identitária desse sujeito tanto para o campo sociológico, com suporte da memória social, quanto para o educacional, estimulando à reflexão sobre os aspectos ligados aos seus saberes. Os vínculos que surgem com o tema permitem vislumbrar e adentrar em outros campos da vida marajoara, considerando as representações que tecem sobre o trabalho e as atividades que realizam. Podemos dizer que, a partir das vozes que permeiam este trabalho, a narrativa segue o curso da vida em passagens dos momentos vividos quais sejam as circunstâncias sociais, históricas, culturais e laborativas do vaqueiro marajoara. Para isso, empregamos como estratégia metodológica as narrativas de vida, ao lado de memórias e (auto)biografias contados e cantados pelas vozes de vaqueiros que, no contar de si, transmitem

ensinamentos e lições de vida que lhes foram repassados de geração a geração por meio das vozes repercutidas na cultura vaqueira.

Optamos pelo recorte (auto) biográfico das fontes orais, por considerar que são instrumentos relevantes de análise e, assim, identificarmos os fenômenos intrínsecos à atividade pecuária, sejam eles reais ou imaginários, decorrentes de fatos do cotidiano por meio dos quais o homem marajoara constrói o seu saber.

Embora o método seja o embasamento da pesquisa no mestrado, agora, no doutorado, há necessidade da incorporação de outros a partir desse olhar, como explicita Bertaux (2010, p 30), “não se trata de pleitear a utilização exclusiva das narrativas de vida, mas de propor sua articulação com outras formas de observação e outras fontes documentais”, escolhendo pontos possíveis de se tecer, gerando efeitos de sentido que se consolidam e se transformam na tessitura da atividade vaqueira.

Nesta trama, unimos nossos fios à tese em História Social da Amazônia, de Joel Santos Dias (UFPA/2016), “Confuso e intrincado labirinto. Fronteira território e poder na Ilha Grande de Joanes (séculos XVII e XVIII)”, em que apresenta o importante papel deste espaço no processo de colonização da Amazônia Portuguesa, dando destaque ao ato de criação da capitania de Joanes e a história de sua existência para elucidar, neste estudo, a memória do arquipélago no cenário colonial. As potencialidades para o desenvolvimento econômico foram destacadas por cronistas, leigos e missionários que incrementaram o povoamento do arquipélago, garantindo uma atividade rentável gerada pela criação de rebanho bovino e cavalar. Atividade impulsionada pelas concessões de terras a diversos sesmeiros interessados em se valer das terras férteis para ampliar os seus rebanhos numa empreitada de exploração do contingente de mão de obra significativo das populações indígenas na lida com o gado. Nestes infundáveis rastros que as sociedades do passado legaram em formas documentais, Dias lança mão também do relato, por ser o fio do relato um guia que nos ajuda a orientar no labirinto da realidade e serviram de base para a confecção de cartografias de seus escritos. Os estudos e documentos apresentados ao longo da narrativa mostram que a economia do Marajó foi fundamental para o abastecimento de Belém e áreas vizinhas até o final do século XIX, quando novas fronteiras agropecuárias começaram a se projetar no cenário da economia local.

Nesses infundáveis rastros, também seguimos a forma narrativa para ouvirmos as vozes desses sujeitos por meio das lembranças, das memórias, dos relatos de saberes e aprendizagens no sentido individual e coletivo. E no aspecto documental a lei 12870/2013, bem atual, que dispõe sobre o exercício da atividade profissional do vaqueiro, fundamentamo-nos na Ergologia centradas nos conceitos de prescrito e real.

A somar às pesquisas, a tese de doutorado em Antropologia “Vaqueiros, compadres, criadores de gado e transformações nos campos do Marajó: relações sociais em mudança”, de Euzalina da Silva Ferrão (UFPA/2016), tem por objetivo analisar a vida de vaqueiros, compadres, criadores de gado e transformações nos campos do Marajó a partir das relações sociais em mudança, principalmente no trabalho. O foco da pesquisa concentra-se na população localizada na área do Rio Atuí, entre o Rio Anabiju e São Miguel, no município de Muaná, parte que compreende a microrregião dos campos do Marajó. Foram analisados processos de organização dos grupos sociais envolvidos para dar conta das mutações imanentes na atividade de vaqueiro, como se inscrever em outro ramo do trabalho, vindo a se constituir como um extrativista ou mesmo um pescador. Entre tantos outros movimentos de permanência e mudanças, há uma relação de trabalho sustentada por um forte laço de compadrio, nos quais se configuram e se projetam novas relações, tendo origem na ordem sacramental do batismo, o patrão e a esposa servem de padrinhos para os filhos dos empregados, firmando-se um elo de dependência dos vaqueiros ao compadre, uma relação de proximidade sob uma aura de confiança e subordinação. A construção desse desenho local se delineou nos fenômenos e eventos abordados na longa duração de uma história particular de formação da sociedade marajoara, cuja atividade de criação de gado constituiu a economia local desde os primeiros momentos do século XVII. As linguagens, hábitos e costumes estão associados a um contexto físico-social em transfiguração devido à introdução de novos instrumentos de comunicação, de trabalho e de circulação, como a telefonia móvel, parabólicas, “rabudos” motorizados, motos, e outros elementos que entram no mundo rural. Associadas a esses elementos estão a certificação do gado, com controle de produção pelo órgão fiscalizador; a demarcação da terra, um processo que gerou conflitos; e a política social do seguro-defeso, um benefício destinado aos pescadores, mas procurado pelos vaqueiros para usufruir do recurso e melhorar os rendimentos. Há uma dinâmica particular em processo centrada na própria narrativa do vaqueiro em que vibram acordos mútuos com novos valores e novas práticas sociais.

Atentas a esse movimento dos sentidos, seguimos o contorno de fenômenos e eventos das pegadas delineadas no solo marajoaras, observando em nossa rota de pesquisa as construções discursivas em torno das experiências do vaqueiro, ao falar sobre o próprio trabalho que é constitutivo de sentidos. Uma relação a ser intercambiada com a escuta das vozes que fazem do ser vaqueiro uma profissão, determinantes para o estudo pautado no plano discursivo.

Com os sentidos em alerta para captar uma diversidade de movimentos no texto escrito, destacamos a dissertação de mestrado de Maria Ana Oliveira de Azevedo (2004/UFBA), produzida nas Artes Cênicas com a temática “O tamanco e o vaqueiro: um estudo dos elementos

espetaculares na dança dos vaqueiros do Marajó em Belém do Pará”. A pesquisa foi realizada com o grupo parafolclórico “Os Baioaras”, que tem essa dança no seu repertório de show, com objetivo de realizar um estudo dos elementos espetaculares usados na dança, como a indumentária, o acessório, a música, a coreografia, o sapateado com tamanco, além do movimento do galope e do gesto de laçar o boi correndo pelo campo. Movimentos que na dança ressaltam gestos do cotidiano do vaqueiro, transportando a plateia para uma imagem do homem no campo, construída coreograficamente. Das incursões na cultura do vaqueiro, a busca por ampliar o discurso sobre o processo de organização dos grupos parafolclóricos no Estado do Pará e a contribuição para ampliação de novos conhecimentos no campo das Artes Cênicas.

Uma abordagem de pesquisa associada à dimensão da lida campeira, a qual nos voltamos também e concentramos nosso foco às narrativas carregadas de efeitos de sentido pela forma como o vaqueiro tece seu discurso no tocante às situações do cotidiano. E, no movimento coreografado en(tre)laçamos nossa opção metodológica à semelhança do vaqueiro marajoara montado em seu cavalo: que seja um animal bom de sela, atenda ao comando das rédeas, seja calmo e confiante, dotado com muita resistência para dar o melhor de si no decorrer do trajeto.

En(tre)laces também firmados com as produções oriundas do grupo de pesquisadores das Culturas e Memórias Amazônicas da Universidade do Estado do Pará (CUMA/UEPA), como a publicação em 2017 da obra “*Saberes de Vaqueiro: épica, ancestralidade, ofício*”, organizado pela professora Josebel Akel Fares. A coletânea reúne doze artigos com uma variedade de abordagens sobre estes profissionais do campo da pecuária dispersos pelo território brasileiro que apontam para fatos corriqueiros do dia a dia na narrativa de suas próprias histórias de vida. Os autores elaboraram um dossiê composto de artigos sobre vida, a lida e a memória do vaqueiro em traços de uma cartografia de saberes do cotidiano marajoara e nacional, lugares que tem expressão na pecuária. Dos sujeitos que integram a obra, o contar da lealdade, compromisso, família, da tecnologia cada vez mais presente no espaço rural e da adaptação às formas de nova comunicação instaladas, do zelo dispensado à propriedade e ao manejo com os animais no curral, no campo, e outros acontecimentos atrelados às experiências do universo pastoril. Na constituição do exemplar, as narrativas fluem por meio da memória individual e social na voz que conta de si e dos outros em entrevistas concedidas em vida e outras possíveis fontes orais, históricas, bibliográficas. Os escritos nos conduzem a uma compreensão das atividades experienciadas por sujeitos em espaços nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos na dinâmica dos processos socioculturais onde estão inseridos em narrativas direcionadas a uma abordagem empírica, no contar da experiência humana no trabalho; enquanto outros autores trazem uma abordagem simbólica, com passagens

sobrenaturais, de vaqueiros que se deixam acompanhar por seres encantados, envolto em mistérios. Na representação do significado cultural da forma de vida de sujeitos integrantes de uma comunidade de sentidos que é plural, uma fonte de experiências singulares sinalizando as características identitárias dos sujeitos que aí labutam, contadas em saberes que circulam em diferentes áreas do conhecimento.

Desta coletânea destacamos o artigo “Rédeas de saberes em vivência e lidas nos campos: relatos em cinco gerações de vaqueiros marajoaras”, um recorte de minha dissertação de mestrado na qual abordamos o percurso vivido em uma trajetória de vida e trabalho de vaqueiros marajoaras da família Vasconcelos. Uma investigação que se deu na vertente etnossociológica com proposta de “uma forma de pesquisa empírica adaptada à identificação das lógicas próprias de cada mundo social, ou de cada tipo de situação”, o que foi fundamental para a narrativa das experiências construídas pela família que tem a vaqueirice como profissão desde 1910 e labuta por estes campos do Marajó até os dias atuais.

Na escuta da voz, a atenção agora tende ao discurso em contexto de trabalho com dispositivos que sejam suporte às narrativas de vida na perspectiva da AD, por isso trazemos também para esta revisão da literatura os “Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso”, publicado em 2016, em que as organizadoras Ida Lúcia Machado e Mônica Santos de Souza reúnem uma coletânea de artigos que levam em conta e expõem teorias conjugadas sobre a narratividade com a Análise do Discurso ou que as ilustram por meio de exemplos práticos. E dada a diversidade dos pesquisadores e seus *corpora* (inseridos na narratividade), elas tentaram proporcionar, com essa publicação, um espaço para aqueles que tratam de religiões, histórias ou relatos de vida, memórias ou ainda textos narrativos ligados ao folclore ou às lendas etc., ou seja, como as narrativas têm sido vistas pelas diversas correntes de Análise do Discurso.

Nos pontos de contato entre formas discursivas, o itinerário de leituras se fortaleceu na tese de Fátima Cristina da Costa Pessoa na área de Estudos Linguísticos (UFMG, 2004) sobre “As Relações interpessoais nos domínios do contar e fazer contar as narrativas populares da Amazônia paraense”, cujo fio condutor teve como objetivo descrever e analisar o processo de construção, negociação e reconhecimento das identidades dos sujeitos envolvidos no trabalho de coleta das narrativas orais populares da Amazônia paraense e as relações interpessoais estabelecidas entre eles. Por se tratar de um estudo com sujeitos envolvidos em processo de interação em que seus saberes entram em contato, despertou atenção a maneira como informantes e pesquisadores interagem e compreendem os acontecimentos narrados, relacionados à tradição lendária do imaginário amazônico.

Em nossa construção narrativa, o vaqueiro traz à cena uma produção discursiva relacionada à atividade de trabalho. E é a análise desse discurso sobre a profissão do vaqueiro que se quer investigar a partir das narrativas de vida contadas por eles mesmos. Por isso, no cuidado metodológico, foi posto em evidência a entrevista do tipo narrativo que Bertaux (2010, p. 18) concebe como “a descrição, sob forma narrativa, de um fragmento da experiência vivida”. E, por entender a utilização das narrativas de vida apropriada à temática do trabalho do vaqueiro, adentra-se no território da AD francesa.

No que se refere à junção linguagem e trabalho, são consideráveis as publicações dos membros do GT da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) denominado Discurso, trabalho e ética, cujas reflexões possam contribuir para temas que englobam o fazer linguístico-discursivo conjugado com situações concretas de trabalho. O foco na atividade do trabalho como uma atividade humana complexa, que necessita dos estudos da linguagem para a sua compreensão, que, sob um ponto de vista interdisciplinar, põe em diálogo as ciências da linguagem e as modernas abordagens sobre o trabalho.

Do apreendido no material publicado, o mapeamento com o qual dialogamos nesta tese, e fomos além no retorno a campo, delineamos um ponto de vista situado na AD em diálogo com a Ergologia e as narrativas de vida sobre o trabalho do vaqueiro do Marajó, observando os preceitos nos quais se apoia o percurso da tese. Um desdobramento de investigação centrada nos seus objetivos gerais e específicos e o empenho para responder às questões da pesquisa nos levaram à inclusão de outras fontes para os propósitos que desejamos alcançar, além de trabalhar os conceitos de Dominique Maingueneau no quadro específico da AD francesa. Consideramos a escolha teórica e metodológica condizente à orientação da pesquisa, tendo-se como justificativa a abertura de portas a partir de uma posição e de contextos determinados na produção de discursos com possibilidades várias de um tratamento teórico e analítico que colaboram para dar conta das práticas de linguagem em situação de trabalho.

E para o alcance pretendido, mobilizamos conceitos em diferentes áreas, tendo em vista circular em outros campos do conhecimento por meio de processos que se cruzam e funcionam concomitantemente nas pegadas do caminho. Abordagens que as pesquisas, ora citadas, apresentam estudos afins com os escritos desta tese e vimos, em cada uma delas, o retorno constante ao mesmo sujeito conforme os objetivos traçados em cada investigação.

Como apontam os trabalhos publicados em artigos de periódicos acadêmicos, revistas de circulação nacional e internacional, livros de autores que se debruçam à temática ora comentada, em seus estudos, a narrativa de vida conseguiu a visibilidade como método pela abertura à escuta das vozes que contam de si. Neste lugar do trabalho onde são produzidos os

efeitos de sentido de um discurso por meio das vozes que, no contar de si, trazem experiências de vida e de trabalho, vivências permeadas de saberes, de fazeres, de situações ocorridas em determinado tempo e espaço, de tensões e conflitos, que se inserem no discurso do narrado.

Importa mencionar que a base desta tese se apoia teoricamente na AD e nas entrevistas narrativas com vaqueiros falando do seu trabalho de maneira que possam, ao modo de Bertaux (2010, p. 68), “contar sua experiência pessoal, fixar a sua atenção além, sobre o que essa experiência revela das relações sociais no seio das quais ela se inscreve”. Considera-se que as vozes anunciadoras à composição da trama a ser tecida nesta pesquisa são as dos vaqueiros, que no ato de contar de si mostram indícios que orientam para uma análise discursiva. Este nos parece ser exatamente o ponto em que se revela a tensão existente entre os campos do trabalho e os do discurso no contexto do trabalho do vaqueiro marajoara tradicional e do contemporâneo, quando no decorrer da narrativa surgem rupturas discursivas que afetam e transformam suas próprias condições de existência na lida e na vida nos campos.

Então, a seleção do *corpus*, observação do contexto empírico do trabalho, a escuta e coleta das narrativas de vida, leitura e análise da lei de regulamentação da profissão de vaqueiro destacam-se na presente investigação que se realiza com o estudo do discurso sobre o trabalho do vaqueiro a partir da análise de entrevistas narrativas com estes profissionais que labutam na atividade pecuária e residem em fazendas dispersas pelos campos do Marajó/Soure.

2.2 Na seleção dos sujeitos, a identidade enunciativa: traços vinculados ao ofício

Nesta pesquisa, investigamos o discurso sobre o trabalho da vaqueirice a partir de dois *corpora*: um *corpus* referente à Lei 12870/2013, um *corpus* referente à Lei 12870/2013, surge do interesse de entender como por meio desse prescrito, que é a lei, se reconhece uma identidade da profissão e os sentidos produzidos para essa profissão na sua relação com a tradição e a contemporaneidade. A considerar, nos prescritos da lei, o discurso da técnica legislativa voltado à regulamentação da profissão do vaqueiro e aprofundar os sentidos produzidos no campo jurídico; e outro *corpus* se fez com recortes das entrevistas narrativas que nos foram concedidas nas fazendas onde os vaqueiros labutam, às quais juntamos também às notas de campo.

A introdução da lei se justifica no intuito de aprofundar a discussão dos discursos acerca da profissão vaqueira a partir de um lugar endógeno (as narrativas de vida) e de um lugar exógeno (um campo legislativo do discurso) e como esse lugar exógeno afeta os trabalhadores da atividade pecuária. Na potência dessa relação, indicadores que apontam para um

funcionamento interdiscursivo mostrando o apagamento da tradição da arte de vaqueirar e contribui para a construção de simulacros.

E traçamos um percurso da pesquisa movidas por estratégias de como os vaqueiros do Marajó inauguram uma dêixis discursiva ainda arraigada à tradição e como é percebida na contemporaneidade. Ademais, a pesquisa de campo mostrou o trabalho associado à dimensão do cotidiano que agrega elementos políticos, culturais, históricos e ideológicos, em uma diversidade de aspectos que alteram as regras no modo de trabalho do vaqueiro.

Para contactá-los, houve necessidade de visitas *in loco* às fazendas onde prestam serviço e lá se fizemos a apresentação da pesquisa, esclarecemos os objetivos e solicitamos a concessão de uma entrevista gravada, sendo que, no decorrer do processo, algumas entrevistas precisaram ser refeitas e outras acrescentadas na articulação da expressividade do discurso.

Em nossa rota, visitamos onze fazendas, mas apenas em dez delas fizemos paragem para estabelecermos a relação necessária aos procedimentos de investigação e coleta de dados. Na fazenda que não consta em nossos arquivos, não conseguimos contato com o proprietário e, como estávamos sem autorização, ela não é citada neste trabalho, mas como estava em nossa rota, deixamos, no mapa, a nossa passagem lá registrada.

Figura 7 – Percurso da Pesquisa



Fonte: Jamerson Viana e Délcia Pombo – 11/03/2019

A escolha foi feita, a princípio, pela distância geográfica que há entre as fazendas onde se realizou a pesquisa, e depois pelo ganho da oportunidade de encontrar vaqueiros vindos de outras áreas para se reunirem em uma propriedade rural para a prática de adjutório/ajutório, em um mesmo espaço de compartilhamento de tarefas. Uma estratégia bem articulada, visto que a intenção era de executar um trabalho de campo e lá obter dados *in loco*, onde os vaqueiros desempenham suas atividades e poder fazer áudio, registro fotográfico e anotações da atuação desses profissionais no seu espaço, tendo como marco o município de Soure.

Quanto à seleção das categorias neste estudo, além de escolher os vaqueiros pela profissão, foi preciso também selecioná-los de acordo com a função, idade, cargos, residirem/prestarem serviço nas fazendas. Para tanto, consideramos para efeitos de investigação do discurso sobre o trabalho as quatro categorias de vaqueiros já definidas: diaristas, efetivos, feitores, aposentados, contemplando quem, de alguma forma, tem algo a dizer (ou a calar) sobre o assunto. Houve, para este fim específico, um período dedicado à observância dos afazeres em campo, o que acarretou uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete viagens para nossa inserção neste universo da pecuária. Ressaltamos que cada viagem foi determinante para o entendimento das marcas discursivas singulares na construção do sentido presentes nas narrativas que esses sujeitos contam sobre o trabalho que realizam à luz da Análise do Discurso.

Nesta fase exploratória da pesquisa, e, embora muito confiante e pisando um terreno conhecido com/sobre os vaqueiros do Marajó, houve necessidade de ter um roteiro em mãos com questões que se constituíssem em mecanismos de apoio acerca dos fins específicos do discurso nos tópicos abordados. É um preparo que deve ser pensado, diz Paul Thompson (1988), que introduziu a história oral na Grã-Bretanha e é citado por Bertaux, (2010, p. 81): “Quanto mais se tem ideias claras sobre o que se procura compreender e sobre a maneira correta de procurá-lo, mais se poderá apreender, qualquer que seja o informante”. Um detalhe essencial para se fazer retomadas perspicazes e para a pesquisa avançar com sujeitos que realizam o processo discursivo, produzem discurso.

Nas vozes dos sujeitos que ecoam nos discursos sobre o trabalho, a relevância da proposta com entrevista narrativa, assumindo como característica principal a total liberdade para os sujeitos contarem suas histórias de forma a desenvolvê-las segundo as suas próprias conveniências, sem interferência do pesquisador. Na escuta atenta das ações realizadas no trabalho do vaqueiro construído discursivamente, procuramos participar mantendo-nos em sintonia com os sujeitos e com o ambiente onde desenvolvemos a pesquisa, articulando meios que pudessem favorecer a condução da pesquisa na coleta de dados.

Reunimos um conjunto dos traços dos vaqueiros participantes da pesquisa, anotados em um quadro (APÊNDICE E), cujos tópicos estão na seguinte ordem: a data de realização da entrevista narrativa; um referente para identificarmos os vaqueiros; um referente para identificarmos as fazendas; a função que o vaqueiro exerce, o tempo de serviço datado pelos anos e meses na profissão e o tempo de duração da entrevista.

Para escolha do referente na identificação dos vaqueiros e manutenção do anonimato, aqui eles serão chamados pelos nomes dos municípios do arquipélago do Marajó (Figura 6, p, 62, com designação dos nomes na íntegra ou com as abreviações excluídas entre parênteses.: Soure, Salvaterra, Cachoeira (do Arari), Muaná, (Ponta de) Pedras, (Santa) Cruz, Chaves, Afuá, Anajás, Breves, Curralinho, (São) Sebastião (da Boa Vista), Gurupá, Melgaço, Bagre e Portel.

Prosseguimos à elaboração do quadro 1, para incluir o referente dado à fazenda onde o vaqueiro trabalha que também não será identificada pelo nome de origem. Os nomes escolhidos referem-se as dez ilhas¹⁴ sitas na mesma área dos campos – a parte oriental do Marajó–, sete delas jurisdicionada ao município de Chaves e três pertencentes ao município de Soure. São elas: 01. Bragança, 02. Janaucu, 03. Viçosa, 04. Jurupari, 05. Caviana, 06. Pacas, 07. Mexiana, 08. Ganhoão, 09. Camaleão; 10. Machados. As visualizamos na figura do mapa a seguir.

Figura 8 – Mapa das Ilhas entre Chaves e Soure



Fonte: Elaborado por Jamerson Viana e Délcia Pombo – 19/03/2019

¹⁴ Disponível em <www.ufpa.br/permacultura> Acesso em 03/03/2019.

No quarto item do quadro, que se refere à função que o vaqueiro exerce no serviço, empregamos uma forma abreviada, no caso de Vaqueiro Diarista (VD), Vaqueiro Efetivo (VE), Vaqueiro Aposentado (VA), e vaqueiro exercendo a função de Feitor (VF).

Em cada item coletado, o empenho para compreendermos os processos de produção de sentido nas narrativas de vida contadas pelos próprios sujeitos. Interessante também constar em nosso quadro de identificação o apelido pelo qual nossos colaboradores são mais comumente conhecidos, por isso consideramos relevante acrescentar este item, assim como a data de nascimento, o município de origem do vaqueiro e o estado civil. Itens adicionados nas fichas como componentes à parte da pesquisa na intenção de preservar o anonimato.

E finalizamos o quadro 1, no formato seguinte, com preenchimentos dos itens elencados, inserindo dados pertinentes ao nosso estudo com cada uma das categorias de vaqueiros.

Quadro 1 – Dados informativos dos vaqueiros colaboradores da pesquisa

Data da entrevista	Referente do Vaqueiro	Referente do Fazenda	Função que exerce	Ano de início na vaqueirice	Tempo de serviço	Duração da entrevista
25/08/2017	Anajás	Caviana	Diarista (VD1)	2015	02 anos	06:26
25/08/2017	Currallinho	Viçosa	Diarista (VD2)	2015	01 ano e 8 meses	07:20
25/08/2017	Breves	Viçosa	Diarista (VD3)	2017	06 meses	06:39
25//03/2020	Afuá	Machados	Diarista (VD4)	2011	09 anos	25:02
07/06/2019	Santa Cruz	Mexiana	Efetivo (VE1)	2016	03 anos	18:34
15/03/2020	Cachoeira	Bragança	Efetivo (VE2)	2001	19 anos	42:15
07/06/2019	Pedras	Mexiana	Efetivo (VE3)	2014	05 anos	41:40
03/01/2020	Sebastião	Ganhoão	Efetivo (VE4)	1987	33 anos	1:19:09
25/08/2017	Chaves	Mexiana	Feitor (VF1)	1999	18 anos	20:25
25/08/2017	Soure	Viçosa	Feitor (VF2)	1993	24 anos	21:12
08/10/2018	Salvaterra	Jurupari	Feitor (VF3)	1987	31 anos	47:19
07/06/2019	Muaná	Mexiana	Feitor (VF4)	1999	20 anos	18:26
08/10/2018	Portel	Camaleão	Aposentado (VA1)	1967	51 anos	1:18:26
08/12/2019	Bagre	Viçosa	Aposentado (VA2)	1982	37 anos	29:00
08/12/2019	Melgaço	Janaucu	Aposentado (VA3)	1980	39 anos	34:01
08/12/2019	Gurupá	Pacas	Aposentado (VA4)	1972	47 anos	20:15

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho

Um levantamento dos dados por nós identificados em torno das atividades laborais que se deu na observação em campo, os quais consideramos relevantes para abordagem e posterior contextualização, em consonância às narrativas de vida coletadas. Ocasão em que os sujeitos expuseram os seus posicionamentos, um reflexo dos seus modos ser e de agir com ele mesmo e com os outros companheiros de ofício. Estes princípios se deram na escolha metodológica, como a Lei 12870/2013 e as narrativas de vida, às quais se juntaram memórias e recortes deste mundo social que se constrói em torno de sua atividade do vaqueiro do Marajó.

Traçadas as coordenadas do caminho quanto à construção do *corpus* da pesquisa, cabe também incluir nestes escritos a distância temporal aqui exposta, seja nas funções, faixa etária e cargos de trabalho em diferentes tempos dos sujeitos, ora referidos, os procedimentos utilizados para execução das tarefas, às características essenciais da atividade desenvolvida.

Abordagem que procura mostrar o caminho traçado onde se delineou a análise da atividade discursiva, trazendo-se algumas pontuações necessárias, como a construção do perfil profissional em traços representativos do ser vaqueiro. No rastro desses acontecimentos a relevância dos achados da pesquisa, aqui os relacionamos no que diz respeito à introdução de mudanças no trabalho do vaqueiro entre uma atualidade e uma memória que faz emergir um vaqueiro contemporâneo.

Houve, de nossa parte, uma atitude cuidadosa quanto ao anonimato dos participantes firmado no procedimento ético que acordamos e, no decorrer da escrita, a precaução para empregar os dados relevantes à pesquisa mantendo esse compromisso. Outro critério será omitir trechos das entrevistas narrativas que possam identificar funcionários, fazendas e fazendeiros, no decorrer desses escritos.

Para concretizar esse feito, apresentamos o Termo de Consentimento Informado (APÊNDICE A) que foi assinado pelos proprietários das fazendas e, primando por princípios éticos, a remoção das trancas das porteiras das fazendas por onde a pesquisa transitou. E, no trabalho de investigação, quando se prima pelos princípios éticos, há garantia de aceitação da pesquisa com acesso privilegiado a dados e informações, uma prática que exige autonomia para uma relação de confiança, de compromisso e assim conquistar colaboradores para sempre manter as porteiras abertas.

Por ora, acessos permitidos para as experiências da pesquisa neste espaço e a inserção no cotidiano profissional do vaqueiro marajoara. Então investigamos como esses trabalhadores distintos entre si produzem discursos acerca do serviço que exercem e como diaristas, efetivos, feitores e aposentados constroem identidades segundo as características vinculadas à atuação profissional.

Na constituição dos dados, foram coletadas em trabalho de campo, entre os meses de agosto de 2017 a março de 2020, 16 entrevistas, correspondentes a 08 horas e 23 minutos de gravação em modo digital. Interessadas no que os vaqueiros têm a dizer, a escolha por um número significativo de trabalhadores decorreu da possibilidade de favorecer a compreensão da emergência dessas vozes sobre a sua própria experiência de trabalho em diferentes tipos de atuação. Por isso, o número de participantes passou de doze para dezesseis profissionais da área rural do Marajó – campos de Soure, conforme as categorias, já descritas, que contemplaram vaqueiros diaristas, efetivos, feitores e aposentados.

Nossa opção pelo modo da coleta dos dados tem marca teórico-metodológica bem definida, assim é feito com o gado ao ser identificado pela marca a ferro (como tatuado no couro do animal, o selo de propriedade), fogo (braseiro quente o suficiente para esquentar o instrumento de ferrar e produzir uma boa marca) e sinal (talho feito na orelha do gado). De modo que os dispositivos teóricos e analíticos sobre a atividade do trabalho têm característica de uma atitude tensa e necessária para a análise do funcionamento discursivo. Nas considerações de Maingueneau (2008 a, p. 87), cada “discurso define o estatuto que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para legitimar seu dizer”. Por isso, optamos a seguir o percurso em campo com narrativas contadas por diferentes profissionais atuantes do campo da pecuária, observando os efeitos de sentido da produção narrativa que acarretam mudanças e afetam o mundo do trabalho.

E a reunião desses aspectos não pode ser apartada da sua vinculação histórica, por isso as estratégias para fazer emergir essa historicidade, a repetição, as semelhanças, o levante do discurso em dada materialidade são necessárias às experiências de saberes no contexto do trabalho. Diante das configurações do movimento discursivo voltado aos saberes, memórias, experiência de trabalho em vozes falando de si nas narrativas permeadas de elementos singulares à identidade enunciativa do vaqueiro, a nossa busca por mecanismos que melhor orientem para o tratamento dos dados a partir das entrevistas narrativas coletadas em campo.

2.3 Estatuto do dado na entrevista em AD: vozes que contam de si e da lida campeira

Tendo como rumo os campos do Marajó, as nossas estratégias após a fase de observação foi passarmos às entrevistas narrativas, e por meio delas a percepção de um trabalhador do campo da pecuária engendrado em um mundo social de experiências e práticas singulares de trabalho. E no recomeço da viagem pelos campos do Marajó, partimos com o mesmo interesse

em conhecer, descobrir, registrar e mostrar o contexto de experiência destes trabalhadores-sujeitos da pesquisa realizada.

A coleta de dados se pautou em entrevistas narrativas, por considerá-las instrumentos relevantes de análise e, assim, identificar os fenômenos intrínsecos ao contexto do trabalho do vaqueiro. A primeira orientação era para se identificarem, dizerem a idade, a função e o nome da fazenda onde trabalhavam. E com essa entrada no assunto passamos às informações de Bertaux (2010, p. 50): “Eu faço uma pesquisa sobre...” e, mais adiante: “Então, eu gostaria que você me contasse como você se tornou...”. A deixa para que a partir daí o vaqueiro siga o fluxo da narrativa. Nos seus modos de contar, a busca de afirmação de si, o que remete à dimensão identitária e à compreensão de participação em um contexto mais amplo nessa mostra de saberes. Assim é que em meio às narrativas de vida, vaqueiros, trabalho, fazendas, os campos do Marajó, a nossa opção de trilhar caminhos na escrita da tese em pegadas já deixadas, a exemplo das pesquisas e obras já citadas, pela maneira como se coadunam aos objetivos da nossa abordagem, o que implicou associar as narrativas ao discurso do vaqueiro.

Consideramos, portanto, as relações espaço-temporais como características do período em que se inscrevem os vaqueiros, levando em conta, como aponta Maingueneau (1997, p. 19), “a singularidade do objeto, a complexidade dos fatos discursivos e a incidência dos métodos de análise”, procedendo à aplicação da entrevista narrativa, de forma que o interesse, nascido pelo exercício profissional do vaqueiro, se direcionou aos encontros realizados em contexto específico de trabalho.

Uma consideração a ser pontuada sobre a entrevista numa perspectiva discursiva vem dos estudos de Rocha, Daher, Santana (2004, p. 174), mostrando que “a entrevista não é um corpus de análise, mas sim o campo de circulação de determinados discursos, campo esse que será recortado conforme os objetivos da pesquisa”. Condizente ao nosso campo de circulação de estudos pelos campos do Marajó, no compromisso de realizar entrevistas narrativas com os vaqueiros no próprio *locus* de atuação. Consideramos ser este um campo de atuação do trabalho profícuo à entrevista narrativa em que o essencial depende de colaboradores dispostos a falar sobre o tornar-se vaqueiro.

A motivação para contar as experiências na lida campeira não acontece de forma espontânea, mas é decorrente de uma solicitação para colaborar com a pesquisa. Aqui cabem as narrativas de dias de trabalho, de acontecimentos marcantes na lida, dos sujeitos com que tivemos contato e que de alguma forma colaborou nos contando de si.

A liberdade de contar desencadeou uma diversidade de temas sobre as influências familiares para seguir a profissão, de como nem se tentou outro meio de vida, pois se tinha

ciência do seu destino, das suas atribuições para dar conta do serviço, da lida diária no calor do sol abrasador ou vento frio trazido pela chuva, dos desejos em ser reconhecido no trabalho, das dificuldades, das conquistas, do ser vaqueiro no passado e do ser vaqueiro na contemporaneidade, dos sonhos para o futuro da profissão, das lembranças...

Um mundo de trabalho onde o lugar tem grande importância para se exercer o ofício de vaqueiro, é onde ele ocupa posição de destaque neste cenário de possibilidades de aprendizagem e conhecimento, um espaço particular de atuação onde desenvolve sua prática em vivências e experiências que repercutem nas narrativas tão bem situadas a esse contexto, em que se convocam todos os sentidos do corpo para captarem sua essência.

E, por estarmos diante de uma situação de entrevista em tempos e espaços determinados, no encontro entre entrevistadora e entrevistados, com objetivos e expectativas particulares, dizem Rocha, Daher, Santana (2004, p. 174): “Tudo isto que caracteriza a entrevista como situação de enunciação é suficiente para justificar que algo novo - e de irrepetível, como pressupõe o próprio conceito de enunciação – se produza aí, por ocasião de sua realização”.

A ênfase, portanto, na escuta da narrativa com feitos da lida no trabalho, os percalços vividos nos campos, o reconhecimento e a voz silenciada, os desabafos, as confissões inusitadas, o riso e o choro, a alegria de fazer parte de um grupo de trabalhadores que falam de liberdade na sua essência.

No contar direcionado pelo método da narrativa de vida, enquanto fenômeno discursivo, a permissão para “estudar um fragmento particular da realidade social-histórica, um objeto *social*; de compreender como ele funciona e como se transforma, destacando as configurações de relações sociais, os mecanismos, os processos, as lógicas de ação que o caracterizam”, quando evocam acontecimentos e experiências.

Ao considerar as formas de apropriação do espaço do trabalho em suas peculiaridades, pudemos ouvir as narrativas de vida cuja manifestação de sentidos reverbera em momentos distintos do modo de vida e atividades habituais desenvolvidas no campo do trabalho do vaqueiro. Porém, não há intenção de seguir uma ordem pré-estabelecida, mas, sempre que a conversação tomar um rumo que difere do tema em estudo, haverá necessidade de redimensioná-la de forma a focar o que é relevante para o objeto da pesquisa. Em vista disso, convém compreender, segundo Bertaux (2010, p. 89, grifo do autor), alguns procedimentos:

Uma narrativa de vida, não é um discurso qualquer, diz. É um discurso *narrativo* que se esforça para contar uma história *real* [...] é improvisado durante uma relação dialógica com um pesquisador que orientou a entrevista para a descrição de experiências pertinentes para o estudo de *seu* objeto de pesquisa.

Sobre a veracidade dos fatos narrados que autor se refere no “esforço para contar uma história real”, há uma constatação de Fares (2012, p. 174) sobre a ciência do dizer que “não exige comprovações, nem dúvidas ao narrado, a narrativa do intérprete é a verdade com que reflete seu universo”, daí o envolver-se em uma trama de sentidos nas entrevistas narrativas na legitimidade dos procedimentos de pesquisa que alcance a realidade manifesta pelos sujeitos.

Por isso, a concentração no contar sobre as narrativas de vida coletadas da forma como mencionada por Bertaux (2010, p. 12, grifo do autor), que “elas constituem um método que permite estudar a ação *durante seu curso*” e, assim, o interesse segue o curso que se constrói por meio da escuta das vozes dos sujeitos que residem e trabalham nos campos do Marajó.

Ao contar sua vida, o vaqueiro também utiliza estratégias temporais, referindo-se ao momento em que a narrativa acontece desde sua inserção neste espaço de trabalho, na relação com parentes, patrões, companheiros, dos que indagam sobre sua vida no trabalho (pesquisadores, por exemplo), seja com vistas à organização de uma sequência temporal ou fora da ordem cronológica. O tempo adequado para cada tarefa desde as primeiras horas quando se dirige ao curral e procede à tiragem de leite, o momento propício à seleção das reses e abalá-las até à caiçara para os embarques, a época favorável de recolher os animais para vacinação, fazer os serviços de ferra, assinalação e castração de animais.

Por isso, a inclinação pelas narrativas de vida, contadas pelos vaqueiros, com ênfase, diz Bertaux (2010, p. 29), “aos contextos sociais dos quais eles adquiriram, pela experiência, um conhecimento prático”. Trazemos um recorte da narrativa do feitor VF3 Salvaterra, da Fazenda Jurupari, sobre uma prática de serviço que nos chega pelo viés da experiência:

Primeiramente é ter conhecimento com animal, né? Às vezes a gente sai pro campo e tem uma rês que tá parindo a gente tem que ir lá ver o bezerro e saber qual é a rês que tá parida porque às vezes no meio de muitos assim... tem muitos que se perde, né? E fica lá olhando... “será essa aqui?” Às vezes não é, pega enganado. É isso que eu tenho pra mim: pra ser vaqueiro o cara tem que ser conhecedor, saber das coisas, saber trabalhar com o animal, ter zelo. É importante, porque não adianta a gente ser vaqueiro e ter animal tudo esculhambado, ferido... eu tenho esse orgulho comigo: o meu animal pode até não ser bom, mas eu quero que ele seja bem conservado, bem gordo, bem tratado.

A referência que se faz no emprego da entrevista narrativa como prática discursiva, portanto como produção de sentido, permite visibilidade ao sentido que os vaqueiros constituem em seus discursos sobre o trabalho. Em atenção a essa finalidade é que se estabeleceram critérios na constituição do *corpus* da pesquisa e cuidado na tomada de decisão quanto aos instrumentos de recolha das fontes que pudessem favorecer a análise da problemática recortada para este projeto. Sobre a eficácia das narrativas diante de determinadas circunstâncias da vida, Bertaux (2010, p. 27) é da seguinte opinião:

A utilização das narrativas de vida se mostra aqui particularmente eficaz, pois essa forma de coleta de dados empíricos se ajusta à formação das trajetórias; ela permite identificar por meio de que mecanismos e processos os sujeitos chegaram a uma dada situação, como se esforçaram para administrar essa situação e até mesmo para superá-la.

O que tange às situações que requerem ação para chegar, administrar e superar, o impulso para proceder às entrevistas narrativas criando um clima favorável para sua condução, encorajando os vaqueiros a falarem das condições de trabalho, incitando-os a contarem de si, da lida enquanto vaqueiro, e aquilo que diz respeito ao seu entorno profissional e social. Um pouco do que nos conta o vaqueiro VA2 Bagre da Fazenda Viçosa:

A gente ia de madrugada, dava três horas da madrugada quando começava [o serviço], ainda mais quando se ia trabalhar no campo, o feitor vinha e dizia: “Tu vai sair cedo, tu vai montar cedo e ir pro campo pra fechar a malhada”. A gente tinha que fazer essas coisas cedo: tirar leite, cada um pegava o seu animal, selava, metia a cabeçada, freio, ajustava a balança e colocava a corda na garupa, montava e ia embora pro campo. Botava o chapéu, o chapéu de palha que sempre a gente usamos na parte da vaqueirice. [...] Tudo isso, como se diz, faz parte da vaqueirice.

Situações que podem gerar um bom entrosamento e se obter resultados favoráveis, uma vez que as narrativas trazem em seu bojo uma consistência de experiências vividas plena de significados. Do discurso construído na ação de contar emergem situações próprias da atividade de trabalho cotidiano em contexto específico de uma lida pelos campos do Marajó, pois “Tudo isso, como se diz, faz parte da vaqueirice”.

Um falar que na entrevista narrativa estimula o vaqueiro a pensar sobre o trabalho que realiza no contexto específico para a pesquisa acadêmica que difere do que contaria, por exemplo, para um companheiro de profissão. E dada as significações pertinentes que contém, a opção fundamentada pelas narrativas de vida permite recortes das lidas no trabalho convenientes à análise, como assinala Bertaux (2010, p. 89), “não se trata de extrair de uma narrativa de vida todas as significações que ela contém, mas somente aquelas pertinentes ao objeto de pesquisa”. O intercâmbio dessas significações em diferentes categorias de vaqueiros reúne nas narrativas de vida a descoberta de fatos que convergem à formação identitária desses trabalhadores e possibilitam a reflexão dos discursos contextualizados em situações experienciadas no contexto do trabalho. Uma ressalva: ainda que a pesquisa esteja restrita a Soure, quisemos assistir à largada da Corrida de Cavalos Marajoara com saída em Cachoeira e chegada em Soure (por isso as seções da tese divididas em paradas) por ser um espaço onde muitos vaqueiros se encontram. Nossa esperança residia na oportunidade de conversar com eles e ouvi-los falar sobre esse momento. Madrugamos. Logo os avistamos conversando e cuidando dos animais. Nos dirigimos até eles. Fotos e um dedo de prosa. Na deixa para falarem sobre o

motivo de estarem ali como vaqueiros participando da corrida... veio o choro. Pausa. Indagado sobre o porquê das lágrimas e a explicação do VF Salvaterra, da Fazenda Jurupari:

É que eu me lembrei de tantos companheiros que tinham gosto de participar da corrida. De como era antes. A gente saía três dias antes da corrida para chegar aqui e dar tempo do animal se recuperar da viagem. Hoje não. São poucos vaqueiros. Eu agradeço muito o meu patrão ter-me liberado para participar. A maior parte é corredor da cidade, criam os animais lá mesmo com ração e remédio. O nosso cavalo a gente cuida bem, mas ele também é de trabalho, de ir pro campo. Eu acho que ser vaqueiro é dom, já nasce com a pessoa. Está no sangue.

A partir deste primeiro encontro outros tantos aconteceram no campo para realizarmos as entrevistas, às experiências de observação, as conversas de convivência, as mais diversas situações discursivas em que se acionaram dispositivos por meio do quais é possível identificar e analisar os efeitos discursivos no contexto do trabalho dos vaqueiros da tradição e da contemporaneidade. Com a palavra, o vaqueiro da tradição Melgaço:

O vaqueiro tem que ser mais criativo porque hoje ele tem que saber fazer várias coisas e eles hoje em dia não querem aprender, né? Sempre eles dizem que não sabem... por isso que eu digo: de cada coisa é muito bom aprender um pouco porque hoje a função de vaqueiro tá diferente, tem que fazer tudo, um pouquinho de tudo tem que fazer. Antigamente não, era só trabalhar com o gado no campo, no cavalo, amansando cavalo e hoje na verdade mudou um pouco... muito.

No contar sobre o trabalho onde os vaqueiros se inserem e se posicionam, a interpretação dos fatos narrados e exploração desse caminho se conduz por meio da linguagem e do que os sentidos revelam e dão passagem ao discurso para pensar o trabalho ligado à história do vaqueiro marajoara, em seu campo de trabalho, atentando-se à simbologia do lugar, à atividade que ele exerce, e às relações do papel da linguagem na própria construção do discurso.

Na escuta atenta do que os vaqueiros têm a dizer, o estudo qualitativo por meio de narrativas não se vai ater ao contado como transmissão de informação, a AD vai mais além e permite que a interpretação se instaure em busca de identificar o discurso sobre o trabalho dos vaqueiros. Deste lugar destaca-se a função da dêixis discursiva onde se definem as coordenadas espaço-temporais, a que Maingueneau (1997, p. 41) chama de dêixis discursiva e que se constrói na dimensão do “universo de sentido que uma formação discursiva constrói através de sua enunciação”, e daí investigar a hipótese de uma dêixis diferente no passado e no presente.

Uma compreensão de que os sentidos, procedentes da construção discursiva dos vaqueiros, produzem mudanças, a mobilização revelada pelas narrativas de vida, como diz Bertaux (2010, p. 113), são “particularmente adaptadas à apreensão dos *processos*, isto é, dos encadeamentos de situações, interações, acontecimentos e ações”, maneiras de adaptar-se ao

meio para manter boas relações e nele habitar ciente da posição que ocupa e de onde emergem traços identitários e, na voz do vaqueiro, a construção identitária é mediada discursivamente.

Em meio a diferentes temporalidades a construção de enredos em uma sucessão de fatos, como um processo de movimentação de sentidos, em que o vaqueiro, na instância enunciativa, oferece as pistas do que se procura entender na pesquisa e os pontos que aproximam ou distanciam da forma como cada discurso na tradição e na contemporaneidade é construído.

Um embate temporal que também contatamos na Lei 12870/2013 que regulamenta a profissão de vaqueiros. Consideramos que os sentidos do trabalho assumidos por estes profissionais da atividade pecuária, em épocas distintas, também podem ser compreendidos na relação com esse universo laborativo nos preceitos instituídos pela lei 12870/2013.

Trazemos na sequência, os tópicos de análise com a fundamentação em nossas escolhas teóricas e metodológicas, cujo conteúdo se concentra em três principais argumentos: a defasagem temporal a partir dos conceitos de trabalho prescrito e real, com abordagem ergológica; a lei que não abarca a complexidade do trabalho do vaqueiro, no entendimento de que a realidade do trabalho do vaqueiro é muito mais complexa, e também compreender como, por meio desse prescrito, que é a lei, se conforma uma identidade da profissão.

E, ainda em trote cadenciado, seguimos entre o passo e o galope rumo aos discursos que nos propusemos analisar e se concentra na Lei 127870/2013. Na parada seguinte, seguimos a voz que difunde a regulamentação da profissão de vaqueiro, a voz manifesta no discurso jurídico.

PARADA 3 – PROFISSÃO VAQUEIRO: OS SENTIDOS PRODUZIDOS NA / PELA LEI

Figura 9 -- Vaqueiro: profissão reconhecida por lei



Fonte: Arquivo da autora – dezembro/2019

Com sinal de “legal”, expressão positiva feita pelo vaqueiro com o polegar da mão direita voltado para cima, introduzimos a terceira parada da tese e a primeira de análise do *corpus*, para tratarmos dos dados legais em torno da Lei nº 12870, de 15 de outubro de 2013, que regulamenta a profissão de vaqueiro. Do ponto de vista discursivo, visamos a identificar como, por meio desse prescrito que é a lei, se conforma a identidade da profissão vaqueira.

Também buscamos compreender a pertinência de uma lei que passa a se inserir em um contexto de trabalho existente antes da regulamentação legal, já consolidado no meio rural. Outro ponto a de destacar é de pensarmos esse lugar do prescrito como a atividade se constitui na prática discursiva jurídica, normatizada na definição do ofício, na garantia e no reconhecimento dos direitos desse trabalhador.

Como a profissão de vaqueiro tem um prescrito recente, a justificativa de se analisar a lei surge do interesse de entender os sentidos produzidos para essa profissão na tradição e na contemporaneidade.

Prazer íntimo de dar trabalho à língua dele, de achar estúrdio e sem jeito que aqueles sinais, riscos e pingos fossem nomes, coisas, casos, histórias, palavra nunca escutada, cada palavra tão sua conhecida.

(JURANDIR, 2008, p.123)

E eis que em 15 de outubro de 2013 a profissão de vaqueiro é regulamentada. Diante da lei, em epígrafe à “palavra nunca escutada”, as palavras escritas declaram oficialmente uma profissão a ser reconhecida nacionalmente e em conformidade com as instâncias legais. E, para o ditado “antes tarde do que nunca”, o olhar do Estado, finalmente, contemplou a profissão de vaqueiro por meio de Projeto de Lei (PL) 2123/2007 de autoria dos deputados Edigar Mão Branca e Edson Duarte, ambos do Partido Verde da Bahia (PV/BA). Uma tramitação documental entre a Câmara dos Deputados e o Senado Federal desde 25 de setembro de 2007, com apresentação do projeto original no Plenário (PLEN), até sua aprovação em 15 de outubro de 2013, quando é transformado na Lei Ordinária 12870/2013, pela presidenta Dilma Rouseff.

Na leitura atenta da lei como objeto da AD, que ora se constitui como *corpus* de análise sobre a profissão de vaqueiro, procedente do âmbito jurídico, a sua pertinência em nosso percurso argumentativo para pensar o discurso sobre o vaqueiro, que vem de fora desse universo, um discurso que também cria uma identidade. Foram seis anos entre relatórios, mensagens, ofícios, requerimentos, pareceres, substitutivos, votos, recursos, encaminhamentos, despachos, vetos e regulamentação da profissão, com um distanciamento temporal de cinco séculos de anonimato, de apagamento de um tipo de trabalho com origem, no Brasil, desde o período colonial. No documento, o funcionamento discursivo do campo jurídico em torno da lei 12870/2013, inscrita na contemporaneidade, e sua influência sobre o trabalho do vaqueiro marajoara ainda arraigado ao tradicionalismo da profissão, leva a entender que se a lei não abarca a complexidade do trabalho do vaqueiro é porque há o apagamento da tradição histórica dessa profissão e daí se constroem simulacros,

Diante da leitura centrada em artigos dispostos de forma tão objetiva na lei, a comparação ao trecho lido no *Marajó*, de Jurandir (2008, p. 122-123), em que “as letras tão miúdas, tão juntas, tão numerosas, dançavam, eram como muitos caroços de açaí espalhados numa esteira, como as estrelas do céu”, com o propósito de mostrar que há diversos modos de viver a experiência de ser vaqueiro na tradição e na contemporaneidade. E, para este momento, nossa esteira é a AD e, no decorrer da análise, vamos juntar alguns caroços espalhados em “letras tão miúdas, tão juntas, tão numerosas” para compreender como, por meio desse prescrito, se institui uma identidade legal da profissão.

Na construção do texto, o traçado de uma prática discursiva que constrói sentidos no entendimento das relações em tramas alinhavadas em fios teóricos e metodológicos da AD

francesa, e, na abordagem ergológica, em pontos específicos de análise, na interseção entre o prescrito na lei e a atuação do vaqueiro na labuta diária.

3.1 A antiga profissão e a recente lei: na defasagem temporal, o reconhecimento tardio

Como parte de nosso recorte teórico-analítico privilegia a categoria tempo, trataremos aqui da lei 12870/2013 inscrita recentemente no discurso jurídico legislativo, por se tratar de uma prática discursiva que diz respeito ao ordenamento da profissão de vaqueiro, estabelecido em uma ordem institucional exterior ao modo como o coletivo se trabalho se organiza, mas sem deixar de com ele se relacionar. Dizemos então que um dos argumentos pontuais para este tópico de análise é a questão temporal. Há uma defasagem temporal da lei publicada no século XXI que regulamenta um fazer laboral que está fincado na tradição pecuária do Brasil desde o século XVI, quando, logo após a chegada dos portugueses, desembarcou a primeira leva de bovinos em território brasileiro.

O ofício de vaqueiro, nos apontamentos de Miranda Neto (1993), teve início no Brasil com a chegada de um lote de reses por volta de 1534, procedente das Ilhas de Cabo Verde e desembarque na povoação de São Vicente, em São Paulo. Do Sudeste, o ramo pecuário se estendeu pelo Recôncavo baiano em 1549 e daí o gado se alastrou pelo interior dos demais estados brasileiros. No Marajó, o marco da afirmação da atividade pastoril foi em 1680, quando, segundo Teixeira (1953), o gado foi aqui introduzido e se construiu o primeiro curral por Alexandre Ferreira e pelo oficial de carpintaria portuguesa Francisco Rodrigues Pereira.

A instalação dos currais se estendeu de tal forma que contribuiu na implantação e conquista de povoados nesta região. Em exemplo dado por Teixeira (1953, 29-30), a fundação da primeira fazenda pastoril no Marajó se deu na localidade denominada Anajatuba, à margem esquerda do Rio Mauá, afluente do rio Arari. Neste mesmo local se instalam, posteriormente, outros currais, vindo a despertar interesse dos frades mercedários que chegam em 1696, depois os jesuítas e mais religiosos, colonizadores leigos, pessoas fidalgas ou de posses a quem concederam-se sesmarias.

O investimento do rebanho em ambiente profícuo logo se ampliou e as boas pastagens influenciaram positivamente para a criação e o desenvolvimento do rebanho, uma experiência que logo se revela promissora, atraindo incentivadores à pecuária no Marajó, como no descrito por Miranda Neto (1993, p. 66): “As vistosas campinas marajoaras atraíram religiosos e leigos. Construída a rústica vivenda, a única preocupação era adquirir gado para criar já que a terra, abundante e sem cercas, permitia ampla expansão”.

Expansão que os dados da FAPESPA (2017, p. 13) confirmam no Boletim Agropecuário do Pará de 2017, mostrando que o rebanho bubalino do Estado lidera o ranking nacional com um efetivo de 519.586 cabeças, em 2016, equivalente a 37,90% da produção brasileira e 57,29% em relação à Região Norte. Índices que também apontam condições favoráveis para a criação do animal em todos os municípios na região dos campos do Marajó, com números de cabeças do efetivo bubalino e o referente a base percentual, assim dispostos: Chaves com 160.849 (30,96%), Soure 74.589 (14,36%), Cachoeira do Arari 46.758 (9,00%) e Ponta de Pedras 39.897 (7,68%), Santa Cruz do Arari 14.300 (2,75%) e Muaná 11.100 (2,14%). O búfalo consiste, então, como um segmento importante para a economia do Marajó, principalmente em razão da sua fácil adaptação ao ambiente natural do lugar. E, para manter esse índice é preciso mão de obra especializada no manejo com esses animais.

Sendo a pecuária a principal base econômica na região dos campos do Marajó, torna-se essencial a mão de obra qualificada para a realização efetiva de um serviço pontual em que se põe à prova a destreza dos profissionais vaqueiros de acordo com a função que ocupam. Uma atividade profissional que tem, a partir de 15 de outubro de 2013, um regime jurídico com atribuições específicas que mostram um modelo concebido de trabalhador.

São muitos, portanto, os vaqueiros a labutar por este território marajoara, no exercício de uma profissão em campo há muito tempo, passando por acontecimentos marcantes na história, que deram origem a alianças, expulsão e extermínio de quem se opunha à atividade pecuária. Logo, a presença e a habilidade do vaqueiro vêm de tempos remotos e se fez necessária para execução das tarefas relativas ao manejo dos animais.

Uma introdução para apresentar evidências históricas, desde 1534, de um tipo de serviço antigo na região, que se voltou à atividade pecuária extensiva em seus campos naturais, mais especificamente ao rebanho cavalariço, gado *vacum* e bubalino e daí as enormes fazendas que se instalaram nesta área. Essa lida com o gado, quase tão antiga quanto o próprio país, tem cinco séculos de distanciamento de uma forma existencial exclusivamente ligada ao trabalho pecuário até a assinatura da lei que oficializa a profissão de vaqueiro.

O vaqueiro, parte deste cenário nacional com saberes e experiências conhecidas de longa data, ficou tanto tempo sem uma regulamentação que o amparasse, alijado das leis para gozar os benefícios desse cargo. E quando o Estado determina as funções inerentes à atividade profissional e define esse trabalhador, adota um procedimento que vai confrontar-se com uma situação de trabalho já fundada na tradição, existente na lida, em campo.

A ausência do Estado, com cinco séculos de distância temporal, gerou o que o vaqueiro vive hoje, e de forma alguma implicou em um lugar vazio, e isso incide no discurso produzido,

pois cada discurso, para Maingueneau (2008a, p. 131), “só existe produzindo sua própria definição das características que devem ser preenchidas”. O que implica dizer que, desde sempre, este espaço do trabalho pecuário, foi preenchido com regras, com normas, embora não fossem oficiais, mas que se constituíram para o mundo experimentado pela ação do trabalho, das tarefas executadas, a sua realização concreta.

O modo como essas relações trabalhistas foram sendo constituídas não somente no escopo do Marajó, mas em todos os lugares, fundou uma relação de trabalho ordinária no sentido de que se constitui na tradição, no dia a dia, no embate entre patrão e empregado. E, agora, se elabora o mundo representado no discurso da lei. E isso tem alcance não só para os vaqueiros do Marajó, mas para todos os vaqueiros do território nacional, todos com suas especificidades e saberes incorporados no decorrer da execução de suas atividades.

O principal argumento é que essa defasagem implica relações de trabalho que foram se constituindo fora da atuação do Estado e foram consolidadas, se transformaram em tradição. O discurso, em Maingueneau (2008a, p.116-117), também “demanda Tradição e cria sua própria Tradição, sendo essencial poder dizê-lo como ele já foi dito, inscrever sua enunciação nos traços de uma enunciação anterior”, e se sustenta em valores reforçados pelos vaqueiros em seus discursos com um delineamento que promove traços de sua identidade e contribui com seu trabalho para a região, filiado à profissão que o legitima, embora um reconhecimento tardio.

Dizemos então que a lei, da profissão, feita na contemporaneidade, e a tradição da profissão, consistem em dois discursos que entram em conflito, trocam elementos indicativos de uma defasagem temporal entre o trabalho prescrito e o real, adotando, nessa ocasião, os princípios da Ergologia para compreender o distanciamento existente entre aquilo que se deve fazer, conforme a lei, e o trabalho realizado efetivamente pelos vaqueiros.

Para gerar esse feito há toda uma tramitação documental pelo Congresso Nacional desde 25 de setembro de 2007, a partir do Projeto de Lei (PL) 2123/2007 que deu origem ao reconhecimento da profissão de vaqueiro. O texto inicial foi entregue pelos deputados Edigar Mão Branca e Edson Duarte, ambos do Partido Verde da Bahia (PV/BA), que tramitou pelas Casas Legislativas, o Senado Federal e a Câmara dos Deputados, respectivamente, a Casa Iniciadora para aprovação e revisão e, de lá seguiu para a Casa Revisora, ambas envolvidas na elaboração da lei que durou seis anos até a promulgação.

Até que finalmente, em 15 de outubro de 2013, o projeto é transformado em norma jurídica na forma da Lei nº 12.870/2013 aprovada pelo plenário, sancionada pela Presidenta Dilma Rousseff, com um veto, e publicada no Diário Oficial da União.

Vejamos o que diz a lei:

LEI Nº 12.870, de 15 de outubro de 2013**PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
CASA CIVIL
Subchefia para Assuntos Jurídicos****LEI Nº 12.870, DE 15 DE OUTUBRO DE 2013.**

Mensagem de veto Dispõe sobre o exercício da atividade profissional de vaqueiro.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica reconhecida a atividade de vaqueiro como profissão.

Art. 2º Considera-se vaqueiro o profissional apto a realizar práticas relacionadas ao trato, manejo e condução de espécies animais do tipo bovino, bubalino, equino, muar, caprino e ovino.

Art. 3º Constituem atribuições do vaqueiro:

I – realizar tratos culturais em forrageiras, pastos e outras plantações para ração animal;

II – alimentar os animais sob seus cuidados;

III – realizar ordenha;

IV – cuidar da saúde dos animais sob sua responsabilidade;

V – auxiliar nos cuidados necessários para a reprodução das espécies, sob a orientação de veterinários e técnicos qualificados;

VI – treinar e preparar animais para eventos culturais e sócio esportivos, garantindo que não sejam submetidos a atos de violência;

VII – efetuar manutenção nas instalações dos animais sob seus cuidados.

Art. 4º A contratação pelos serviços de vaqueiro é de responsabilidade do administrador, proprietário ou não, do estabelecimento agropecuário de exploração de animais de grande e médio porte, de pecuária de leite, de corte e de criação.

Parágrafo único. (VETADO).

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 15 de outubro de 2013; 192º da Independência e 125º da República.

DILMA ROUSSEFF

Guido Mantega

Antônio Andrade

Manoel Dias

Gilberto Carvalho

Para a leitura atenta dos moldes na escritura da lei, considera-se a dimensão deste fazer interpretativo, atentando-se ao procedimento de Maingueneau (1997, p. 164), em que “o caráter indireto da interpretação longe de constituir uma imperfeição ocasional, seria sua dimensão essencial: ela prescreve, através de sua estrutura, o percurso que sua leitura implica”. Leitura esta que suscita reflexão sobre a dimensão de uma identidade, a dimensão da prescrição de uma identidade pela lei, um instrumento do discurso jurídico que instaura um decreto com a finalidade de determinar como o trabalho do vaqueiro deve ser realizado.

A Lei, portanto, é uma lei recente, inscrita na contemporaneidade, a se considerar que o trabalho do vaqueiro é fundado na tradição. No indicativo de tensões existentes neste mundo do trabalho, a hipótese de que no discurso jurídico da Lei 12870/2013 há um novo sujeito a ser constituído tendo em vista que esta regulamentação ignora uma profissão historicamente constituída no cenário brasileiro. Uma defasagem, como já apontada, com cinco séculos separando a realidade do trabalho e a regulamentação de uma lei que, em razão dessa defasagem, não alcança a complexidade do trabalho do vaqueiro em suas dimensões.

Do ponto de vista formal, as atribuições da lei que caracterizam o trabalho do vaqueiro suscitam questões sobre o discurso da prescrição e da atividade vaqueira, em conceitos da AD importantes para refletir sobre as relações de trabalho e nela os instrumentos a serem implementados no contexto do trabalho, nas práticas cotidianas vivenciadas no campo onde se desenvolve a atividade pecuária.

Cabe então investigar o contemporâneo olhar do Estado sobre a profissão de vaqueiro, sobre a lida desse trabalho com histórico desde o período colonial. Na elaboração do projeto original, em 2007 (BRASIL, 2013, Lei nº 12870/2013), a justificativa se deu no intuito:

Resgatar uma dívida da nação para com estas pessoas que em todo o Brasil desempenham sua atividade com afinco e competência. Queremos proporcionar aos vaqueiros o reconhecimento e a regulamentação da profissão, obtendo o registro que o possibilitará responder pelo exercício da profissão.

Embora este seja um reconhecimento necessário à profissão, ela acontece em momento tardio por ficar silenciada durante cinco séculos. O vaqueiro há tanto tempo na labuta por estes campos e a lei, tão atual, demonstra o silenciamento da diversidade de uma profissão que se constitui ao longo da história. Uma forma de silenciamento operado pelo discurso jurídico manifesta uma relação de poder que fragmenta a atuação profissional, na abrangência limitada de um conceito, que apaga um passado de toda uma categoria de trabalhadores que labutam de sol a sol dos campos e ficaram ausentes, durante séculos, das leis trabalhistas.

Neste vácuo temporal, a promulgação da lei chega com uma prescrição tardia sem considerar um contexto real de trabalho. Além da defasagem temporal que está com séculos de atraso, há um hiato temporal entre o trabalho prescrito e o trabalho real e essa distância não abarca toda a complexidade do contexto do trabalho do vaqueiro, a profissão está aquém do que verdadeiramente é a lida por campos do Marajó.

Uma forma de trabalho que se encontra regrada e normatizada nos preceitos da lei e o trabalho do vaqueiro posto sob forte tensão: de um lado o trabalho prescrito, a submissão às regras da lei; de outro, o trabalho real, implicado nas ações realizadas no cotidiano. Por trabalho prescrito, Schwartz (2010, p. 40, grifo do autor) caracteriza “o trabalho que foi determinado, ‘cientificamente pensado’ por pessoas que fizeram cálculos de tempo, de eficácia, portanto que estudaram tudo, de fato, detalhadamente”. Ou seja, um entendimento da realização de um trabalho delimitado em normas definidas de modo externo, uma forma de se impor aos trabalhadores procedimentos de um trabalho prescrito.

3.2 Entre os fios de uma rede discursiva: o ponto de vista jurídico sobre a vaqueirice

A lei 12870/2013 abre portas que materializam os discursos de uma identidade que se constitui e se transforma independente de legislação. Tanto na atividade do trabalho quanto na mobilização do discurso sobre o trabalho do vaqueiro manifestam-se outros discursos, outras vozes em movência com marcas da discursividade que faz mover esses circuitos de dizer, constituídas em uma rede interdiscursiva cujos fios se entremeiam na interação entre discursos nesse campo jurídico.

Na regulamentação da profissão do vaqueiro, o registro de um trabalho posto como único, homogêneo, invariável e a ser aplicado em todo o território nacional. Em função dos efeitos que se pretende produzir, em meio às interferências subjetivas que atravessam os discursos no que diz respeito à regulamentação da lei 12870/2013, se abarca a ressalva de Orlandi (2007, p. 44): “é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações”. Na concepção dessas formações discursivas, o campo do trabalho do vaqueiro imerso num espaço que é plural, heterogêneo, variável em todas as suas dimensões.

A lei que elenca as atribuições do vaqueiro, conforme o prescrito no Art. 3º, referenda aquelas que se constituem para: I – realizar tratos culturais em forrageiras, pastos e outras plantações para ração animal; II – alimentar os animais sob seus cuidados; III – realizar

ordena; IV – cuidar da saúde dos animais sob sua responsabilidade; V – auxiliar nos cuidados necessários para a reprodução das espécies, sob a orientação de veterinários e técnicos qualificados; VI – treinar e preparar animais para eventos culturais e sócio esportivos, garantindo que não sejam submetidos a atos de violência; VII – efetuar manutenção nas instalações dos animais sob seus cuidados.

A determinação prescrita delimita o trabalho do vaqueiro em que se destacam algumas descrições, por exemplo, no inciso V, do Art. 3º: “auxiliar nos cuidados necessários para a reprodução das espécies, sob a orientação de veterinários e técnicos qualificados”. A lei determina um prescrito para o trabalho que não consegue se realizar onde o vaqueiro marajoara atua e é conflitante com a abrangência da área territorial dos campos do Marajó que impossibilita a constância de atendimento por “veterinários e técnicos qualificados”, cabendo ao vaqueiro extrapolar as tarefas de “sua alçada”, fazendo os serviços além das atribuições regulamentadas para sua função. Indicativo de uma discrepância entre o trabalho prescrito e o real em razão desse contexto geográfico, dessas grandes distâncias, um conflito instaurado entre o que a lei prescreve e a realidade, a vivência desse trabalhador difere do lá disposto e o vaqueiro precisa aprender a lidar com as limitações e as dificuldades não previstas na lei.

Tema ver com prática de produção de saberes e o “ritos” que “rarefazem” certos enunciados. Neste caso, só os veterinários e técnicos especializados podem conduzir o rito da reprodução das espécies. O vaqueiro faz “clandestinamente” serviços que, para a Lei, só profissional com formação na área pode executar. Antes se lidava na prática de quem sabe como fazer. Na atualidade, tem o veterinário com profissão instituída com competências específicas a ele atribuídas, não se pode dizer, portanto, que o vaqueiro pode assumir essa função. A lei prescreve o modo de o vaqueiro agir em serviço o que implica a existência de uma relação polêmica. Um conflito que se dá pela forma posta na lei entre dois grupos de profissionais: o veterinário que tem profissão reconhecida há tempos, pela Lei nº 5517, de 23 de outubro de 1968, e o vaqueiro que tem profissão reconhecida pela Lei 12870/2013, de 15 de outubro de 2013. Nas experiências construídas, as marcas de uma relação em oposição que tem a ver com a questão da autoridade, a profissão de veterinário que vai deslocando certos saberes locais, vai desautorizando porque eles são os especialistas da área.

Nessa constitutiva e tensa relação, a lei, em gestos de leituras que, ao serem produzidos em espaço polêmico, conduz o trabalho do vaqueiro ao lugar de tensão em vista da dificuldade normativa em campo, pois não há execução da forma prescritiva e homogênea de um trabalho, há situações que convocam recursos específicos para as demandas do dia a dia. E o vaqueiro

acaba se tornando um profissional com funções diferenciadas para além das prescritas na lei, em razão do caráter particular, das singularidades da atividade laborativa desta região.

Um modo de trabalho inerente a este cenário envolto em “um verdadeiro aprendizado de linguagens, vida e ofício”, diz Jerusa Pires Ferreira (2017, p. 140), e na compreensão de uma realidade mediada pelo contexto discursivo que se permite identificar uma distância significativa do real, das experiências nos campos da pecuária no Marajó, do trabalho prescrito do que a lei determina, sendo possível elaborar os sentidos sobre o trabalho.

O exposto pelo vaqueiro VA3 Melgaço, da Fazenda Janaucu, abarca uma série de tarefas consideradas comuns de serem executadas no trabalho do vaqueiro:

O nosso trabalho nesse tempo era mais negócio de cerca, da gente ajeitar cerca, quando não ia reparar o gado, todo dia fazer o manejo no gado, a gente ajeitar cerca, o feitor convidava e a gente ia, trocar um fio de arame que tava arrebentado, a gente ia pra cerca... Isso tudo era parte do nosso trabalho e a gente tinha que ir fazer esses serviços. Mas, pra mim agora eu não sei, né? pra essa geração “Tá chovendo, hoje eu não vou, bora deixar pra amanhã...” E, no nosso tempo era bem... Por isso que digo: daqui pra essa geração mudou pouco, mas antigamente eu achava mais... porque todo mundo se esforçava pra aprender e era bem... Deus o livre! Era muito legal mesmo. Eu aprendi muita coisa. Hoje em dia eu chego no lado desses: Bora ali? “Ah, eu num sei fazer”. Meu Deus, a profissão de vaqueiro hoje em dia tá diferente...! Porque eu aprendi muita coisa, eu sei trabalhar em tudo: sei fazer corda, sei fazer cabeçada, sei casear... por isso que eu digo: eu fui um vaqueiro completo, porque eu sei fazer tudo. E hoje em dia, essa geração, você pode dar uma corda, um cabresto eles não sabem casear, pegar uma corda e, sendo vaqueiro, ele chegar em casa e procura casear aquela corda pra ficar tudo bonitinho. Essa é a lida do vaqueiro. Por isso que eu digo: tem que APRENDER, né? E hoje em dia essa geração eles não aprendem tudo eles... agora, hoje em dia, qualquer coisa eles dão um rim¹⁵, mas não sabem casear porque tudo isso era do nosso trabalho que o pai da gente ensinava. A geração de antigamente, todos, pode procurar pra fazer qualquer coisa que eles sabem fazer, agora, esses novatos de hoje em dia...

Do que consta na prescrição da lei e a vivência em campo, há um confronto, diz Durrive (2011, p. 49), “o que exigem dele com o que ele exige de si mesmo” e procurar meios para superar as intempéries. Na lida, o vaqueiro mobiliza competências para se desenrolar das situações do cotidiano e de transformar aspectos triviais, comuns do dia a dia por meio de recursos próprios, acionando saberes locais para enfrentar as contingências do mundo do trabalho e realizá-lo, valendo-se dos saberes do seu patrimônio pessoal como trabalhador do ramo da pecuária, embora sejam atribuições fora daquelas relacionadas nos preceitos a lei. O que implica dotar-se de um tipo de discurso de maior autoridade na articulação entre operações enunciativas associadas à constituição discursiva pelas quais, diz Maingueneau (2008b, p 41), “se institui o discurso, que constrói assim, a legitimidade de seu posicionamento, e o modo da organização institucional que o discurso ao mesmo tempo pressupõe e estrutura”

¹⁵ O vaqueiro aposentado VA3 explica o que é “dar um rim”: “é um tipo de nó que se dá na ponta do cabresto, da cabeçada ou da corda. Quando a gente ia fazer os arreios a gente dava um rim na cabeçada para elas ficarem bonitas. Os novatos de hoje, não sabem casear dão logo o rim na ponta do cabresto só pra não casear”.

E como o discurso não escapa à polêmica, elementos são mobilizados por esse viés para marcar posicionamentos e, nas palavras de Maingueneau (1997, p. 125)

O exercício da polêmica presume a partilha do mesmo campo discursivo e das leis que lhe estão associadas. [...] Ela supõe um contrato entre os adversários e, com ele, a ideia de que existe um código transcendente, reconhecido pelos membros do campo, o que permite decidir entre o justo e o injusto. Que se trate de bom senso, de partido, de justiça, do interesse do país etc., deve existir um referencial comum que legitime a figura de algum tribunal supremo.

No entendimento do que se alega como problemático, perceber o entrelaçamento de formações discursivas conflitantes nesse espaço discursivo em vista das relações que constituem o discurso da Lei 12870/2013 e sua forma de alinhar o trabalho do vaqueiro. E, no estatuto da lei que define uma profissão é pertinente a pontuação de Schwartz (1987, p. 08), ao considerar o “ato, no fundo eminentemente problemático, de conceituar a atividade dos outros”, tornando complicado e mesmo uma intromissão instituir como o trabalhador deve desempenhar a própria função, daí apelar a estratégias, (re)criando normas para execução de práticas corriqueiras ou aquelas que o vaqueiro se confronta no trabalho. Um cotidiano de trabalho atravessado por debate de normas e valores de profissionais inscritos numa prática de trabalho que tem um caráter histórico e político e que constitui uma representação no interior de uma comunidade discursiva, terreno de encontros que são tensos.

As atividades executadas no contexto real do trabalho do vaqueiro não têm o alcance pretendido pelo Estado, pois a lei, como prescrição, não abarca o real contexto do trabalho do vaqueiro, gerando uma relação polêmica entre o prescrito e o real. Uma demonstração reduzida do que o vaqueiro sabe/pode executar, e torna-se insuficiente para abarcar toda a complexidade vinculada ao seu trabalho e aos conhecimentos, os saberes da experiência que esse tipo de trabalho comporta.

Saberes indisponíveis na organização estrita da lei, distanciada do trabalho realizado “na vera” pelos vaqueiros segundo seus princípios e normas. Como técnica empregada na prática para fazer tirar o leite espumoso das vacas leiteiras ainda de madrugada, arrear o cavalo e sair para o campo, balançar o laço e jogar certo no alvo, ser preciso no corte dado com o facão para castrar e assinalar animais. As mãos também se mobilizam ao peiar os animais com firmeza e não correr o risco de se soltarem pelo caminho, tocar a boiada no rumo traçado, ferrar o lombo dos animais pondo a marca do patrão, ter habilidade para tecer os instrumentos de trabalho e agilidade fazer aterros ao elevar o terreno da área baixa e permitir passagens, além de construir rampas para reter a água.

As lidas rotineiras apontam para a heterogeneidade desse lugar social, relacionado a um posicionamento ideológico, político e social que emerge na dimensão da atividade humana quando articulada ao trabalho e à vida. Em contraponto à lei, uma forma de intervir sobre uma prática de trabalho já inscrita na tradição, estão saberes historicamente acumulados, trazendo um discurso que vai incidir na ação do encontro de normas de vida e de práticas de trabalho.

A lei, portanto, é um simulacro da real condição do trabalho do vaqueiro. Um simulacro que se faz dessa real condição do trabalho do vaqueiro que se forja na tradição e a lei só aparece tempos depois para constituir as atribuições do vaqueiro, mas a lei não tem a força para transformar o já estabelecido, tendo em vista que a profissão já existe há muito tempo e a lei não dá conta da complexidade do que é o trabalho do vaqueiro em seus mais diversos contextos.

Do que se expõe, entende-se que há muito mais que uma defasagem, há uma relação polêmica. No diálogo com a perspectiva ergológica, esse debate favorece o confronto em que o trabalhador, envolto em suas singularidades, pode então (re)criar o trabalho, no entendimento partilhado com Durrive (2011, p. 49), de que “o homem não se deixa totalmente comandar de fora, está, ao contrário, numa relação polêmica com o mundo das normas nas quais se encontra”, pois o vaqueiro já observava regras e princípios próprias da profissão desde a implantação do primeiro curral na região e a chegada da lei só fez determinar uma atividade já praticada. A leitura que mostra o descompasso do que está prescrito na esfera do direito e o trabalho realizado diariamente, na lida em campo.

E quando se pensa na relevância de se ter uma área de atuação organizada de forma eficiente, entende-se a lei que regulamenta a profissão de vaqueiro com benefícios e vantagens para uma categoria de trabalhadores com direitos assegurados, valorização profissional. A lei para fins de legitimar o trabalho da vaqueirice e as relações de especificidades diversas para o tratar de modo respeitoso esses profissionais, mas, no documento, o saber do vaqueiro não é um saber qualificado e ele perde o poder articulador de grande parte de suas tarefas. E esta lei, ao ser sancionada numa perspectiva identitária uniformizante, ela cala, apaga outros contextos de trabalho, constrói um simulacro, deixando à mostra, no campo do discurso jurídico, traços de silenciamento da profissão de vaqueiro em linhas prescritas.

3.3 A tessitura identitária em linhas prescritas: marcas discursivas do ser vaqueiro no Marajó

O vaqueiro tem seu perfil traçado no interior de uma lei baseado em expectativas reguladoras, numa concepção de trabalho com objetivos estabelecidos e condições

determinadas, mas os vaqueiros trabalham em área pastoril diversificada, todas têm uma paisagem diferente, e cada um desses espaços tem tipo de solo com rugosidades, texturas, traçados, cores diferentes. Assim, em terreno com solo mais macio, as pegadas do animal ficam lá marcadas, e no solo mais duro só o registro da passagem fica na memória e, embora seja o chão que o gado pise e o vaqueiro transite, as próprias características regionais os distinguem.

Um espaço em sintonia com os trabalhadores, constituindo a identidade do vaqueiro de cada região em meio a uma paisagem de fazendas, bois, búfalos, cavalos, bodes, animais presos em currais, na beirada das cercas, ou correndo solto nos campos, configurando um panorama específico na representação deste ofício. E este profissional, quando está correndo os campos, no “lombo do cavalo”, está apto a realizar práticas de trabalho quais sejam as relacionadas ao tratamento, manejo e condução de animais nas cercanias da propriedade rural, como diz na lei.

Entender a lei nº 12870/2013 como diretriz da atividade de todo trabalhador vaqueiro não alcança a variabilidade do trabalho desse profissional em todo o território nacional, cuja função prescritiva homogênea não prevê o universo mais amplo da realidade na pecuária brasileira, considerando-se que não existem traços fixos como essência, mas uma identidade vinculada à história de misturas com as quais se formaram também os vaqueiros.

Considera-se o fato de que a iniciativa legislativa para o Projeto de Lei que resultou na Regulamentação da Profissão do Vaqueiro foi de dois deputados baianos, Edison Mao Branca (PV/BA) e Edson Duarte (PV/BA). Na emenda parlamentar, os autores justificaram a proposta trazendo do site “terra brasileira” “uma descrição peculiar da figura do vaqueiro do Nordeste”¹⁶,

No Nordeste o Vaqueiro trabalha com o boi, vive em função do boi, veste roupa feita com o couro do boi. A vestia do vaqueiro, de couro, resiste aos espinhos da caatinga, é a sua couraça, a sua armadura. O couro, em geral, é curtido por processos primitivos, ficando com uma cor de ferrugem, flexível, macio. Tiram, geralmente, todos os pelos. O gibão é o paletó de couro de vaqueta. Enfeitado com pespontos. Fechado com cordões de couro. O parapeito, como o nome indica, protege o peito. Uma alça que passa pelo pescoço o segura. A perneira é uma perna de calça que cobre o pé até a virilha. As perneiras ficam presas na cintura. São duas pernas de calças soltas, deixando o corpo livre para cavalgar. As luvas cobrem as costas das mãos e deixam os dedos livres. Nos pés as alpargatas simples ou complicadas como as dos cangaceiros. Às vezes usam botinas, um sapatão fechado. E na cabeça o chapéu, que protege o vaqueiro do sol e dos golpes. Na sua copa às vezes bebem água ou comem. O jaleco parece um bolero, feito de couro de carneiro. É usado geralmente e, festas. O jaleco tem duas frentes: uma para o frio da noite, onde conservam a lã e a outra de couro liso para o calor do dia.

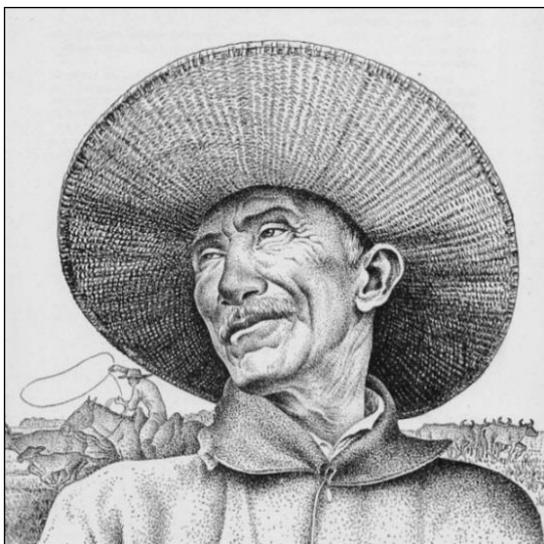
O fato de exemplificarem a figura do vaqueiro nordestino, ao colocar o projeto na pauta de votação, os deputados referendam profissionais da sua região e ressaltam o vaqueiro

¹⁶ Disponível em <http://www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/7tipos/vacanod.html> Acesso 13 de jan de 2019.

nordestino pelo seu jeito de se fazer, mas mencionam que há vaqueiros “nas Minas Gerais, na Amazônia, Sul e Sudeste, Centro-oeste, Nordeste, nos campos, pantanais, cerrados, caatinga, no litoral”, ou seja, estão por todos os recantos deste país onde existe gado e alguém que cuide do rebanho. E, por ser uma lei recente, pensada quase que inclusivamente para uma região, devido à tradição da profissão, à heterogeneidade da profissão no país, a lei que surge para dar respaldos legais aos vaqueiros, na escritura final do documento, não concebe a heterogeneidade da figura do vaqueiro, a lei também não concebe a heterogeneidade de vivências desse trabalho, o contexto em que se realiza, há o rigor da lei que tende a homogeneizar o que não é possível.

E, na descrição do IBGE, outra fonte institucional, portanto uma política de Estado, o próprio Estado reconhece a diversidade de tipos humanos e faz a descrição do vaqueiro marajoara com seu chapéu de palha de timbó, o rosto expressivo, a manta de baeta sobre os ombros, elementos que concorreram para que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Série Tipos e Aspectos do Brasil (1949), selecionassem Luís Andrônico de Vasconcelos com desenho de Percy Lau e descrição de Lúcio Soares (1949, p. 29), como o tipo humano característico do Marajó:

Figura 10 – Vaqueiro marajoara – IBGE/1949



Os elementos caboclo, mulato e negro constituem maioria da população vaqueira de Marajó, entrando o branco com um coeficiente reduzido. O tipo étnico característico do peão de Marajó é o caboclo, mestiço de branco e índio, com predominância deste último sangue. A vida do vaqueiro de Marajó está intimamente ligada à vida da fazenda, trabalhando unicamente para o fazendeiro, do qual recebe, além do salário, casa e alimentação. Na sua faina diária o vaqueiro usa uma vestimenta sóbria, composta de camisa e calça de pano claro, que lhe permite liberdade de movimentos e defesa contra o clima quente e úmido. Seu chapéu é feito de palha, de traçado muito unido, de abas largas e planas, tendo a copa achatada como medida de defesa contra a ação dos raios solares e como impermeabilizante à água da chuva. No período das cheias o vaqueiro serve-se do boi como montaria (“boi-cavalo” ou “boi de sela”) para atravessar os alagados, o que constitui uma nota pitoresca dos costumes marajoaras.

Fonte: IBGE, 1949

Não só no Marajó, quando o vaqueiro é citado pelo IBGE como o tipo humano característico desta região, nem só na Bahia, citada pelos deputados no projeto de lei, mas em cada lugar desse imenso território brasileiro há um indivíduo na labuta dos campos, na lida com o gado, tocando rebanho e, em todos esses espaços, não há um padrão uniformizado de vaqueiro e suas funções como na forma expressa da lei.

Cabe então aqui a afirmação de Maingueneau (2008a, p. 60), uma vez que se torna “necessário igualmente distinguir entre a diversidade dos tipos de discursos e das épocas: o modo pelo qual um discurso se inscreve em uma conjuntura depende de sua natureza, das instituições que o sustentam etc...”. O Estado então tem conhecimento dessa variabilidade de profissionais, tem fontes de informações que mostram essas características peculiares, mas a lei instaurada como mecanismo de poder pelo Estado não alcança a diversidade, não enxerga o todo do território nacional. Numa prática discursiva, se homogeniza todos os vaqueiros, porque está se tratando de uma lei, que é uma prática de uma política de Estado, e nela se incluem toda a diversidade de vaqueiros sem as devidas referências e pertencimentos num sistema de trabalho que se mostra regionalmente diferenciado. Em outra prática discursiva, que é a recensão feita pelo IBGE, o Estado destaca o vaqueiro marajoara para figurar na Série Tipos e Aspectos do Brasil.

Seja na prática da recensão dos tipos nacionais feitas pelo IBGE, seja no legislativo, se mostra como o Estado flutua nesse processo de reconhecer e de invisibilizar esses profissionais. Um documento que adota um padrão para homogeneizar uma identidade profissional em tramadas discursivas legais e embaça essa identidade, quando apaga as diferenciações de tratamento para o profissional vaqueiro dado o posicionamento histórico e social de grande relevância no contexto nacional. No entendimento que cada região tem características restritas à atividade em suas diferenças de valores e costumes, Hall (2011, p. 51, grifo do autor) defende que

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.

E, na configuração deste espaço, a formação identitária dos vaqueiros dos campos do Marajó têm suas bases fundadas na relação com o mundo vivido, dando origem a trama social tecida no século XVI, formando a heterogeneidade desse marajoara. E vem de lá, desde o período colonial, com a chegada dos europeus que escravizaram comunidades indígenas, e, dado o êxito pecuário, a importação dos negros africanos a somar na mão de obra escrava, a serviço do desenvolvimento pecuário na região. Nas palavras de Teixeira (1953, p. 89),

O vaqueiro marajoara, “mui destro e avisado”, ao princípio índio e escravo e, depois, livre, na sua maioria, constitui a expressão materializada do espírito do imenso e silencioso pampa da grande ilha de Joanes. Tinha como lar a planície e em seu ouvido a brisa da campina sussurrava a liberdade. O vaqueiro foi sempre o braço direito dos seus senhores e patrões na manutenção da sua riqueza pastoril.

Uma cartografia marajoara ligada às articulações históricas, traçada de longa data com perfil identitário em mostra da heterogeneidade de trabalhadores desta região, vindos desde a instalação do primeiro curral quando se expandiu o campo da pecuária e atravessou séculos, até chegar à contemporaneidade. Um extenso caminho de transformações envolto em muitos confrontos, determinantes para o reconhecimento da profissão como um direito, mas de forma que o trabalhador fosse alcançado pela lei e não adaptado aos limites por ela estabelecidos.

A regulamentação, portanto, de uma que lei não alcança a complexidade do que é de fato ser vaqueiro como uma identidade que se constitui na tradição antes e independente da lei. Daí a polêmica, da noção de simulacro, porque a lei não consegue expressar exatamente quem é o vaqueiro, e o vaqueiro não vai se reconhecer na lei. Incapaz de alcançar essa realidade, a lei constrói uma identidade para o vaqueiro no presente que é diferente para a atividade na labuta real, diz quais são suas atribuições só que na realidade o vaqueiro faz muito mais porque as condições em que ele exerce o trabalho são outras que a lei não alcança, instalando-se uma relação polêmica porque fincada em formações discursivas distintas.

Então há o silenciamento acerca da diversidade, como se o vaqueiro fosse só um, deixando-se de levar em conta o heterogêneo quadro histórico, social e cultural do Brasil, que imprime no trabalho seus vínculos de pertencimento à determinada região pastoril, acionando uma identidade, não como algo que lhe seja inerente, mas por fazer parte do meio onde está inserido, imerso numa prática que reforça a ordem social e as relações que lá se estabelecem.

Com este significado de pertença, de produção simbólica de lugares, destacam-se atributos de natureza específica e diferenciativa que, a exemplo dos vaqueiros do Marajó, Fares e Rodrigues (2015, p. 01) designam como um ícone:

O vaqueiro marajoara é mais que a representação de um ofício da região dos campos marajoaras é ícone do Marajó, pois não é possível pensar neste território sem a presença das fazendas e trabalhadores do gado e toda uma cultura decorrente deste espaço e desta relação.

O destaque à singularidade de indivíduos imersos numa coletividade dotados com características próprias, que embora contenham similaridades com vaqueiros de outras regiões, eles preservam sua identidade. São particularidades em mostra de uma formação identitária que a lei deixa escapar no reconhecimento tardio da profissão, continuando o Estado a desconhecer/anular a diversidade e o perfil identitário de diferentes trabalhadores que vivem em diferentes contextos e silencia sobre ela sem conceder a devida valorização dos profissionais na heterogeneidade que os constitui.

Maingueneau assinala que (1997, p. 111) marcar essa relação “Não se trata, contudo, de absorver os discursos em algum interdiscurso indiferenciado, mas de avançar na reflexão sobre a identidade discursiva”. Ressalta-se, neste caso, a mescla de vozes no bojo de um interdiscurso a se buscar os efeitos de sentido a se apreender, no entendimento das possibilidades de equívoco, pois os discursos não são evidentes como parecem.

Frente a essa aparente neutralidade de um local onde se produzem os discursos que de forma alguma é neutro, considerando-se aí os postulados de Maingueneau (2008a). Nas vozes dos vaqueiros emanam discursos permeados de posicionamentos sociais, culturais, políticos, ideológicos e traz nessas relações marcas de um confronto, pondo em conflito um saber tradicional e uma política institucional com indícios discursivos que implicam um posicionamento, pois o ato de enunciar se volta à construção de sentidos e remete às relações que se estabelecem no convívio do ambiente do trabalho e da execução das atividades laborais em espaço carregado de sentidos.

A noção de identidade, quando observada à luz dos discursos e práticas sociais envolvendo o trabalho do vaqueiro, encontra em Hall (2000, p. 111-112) pontos em comum que possam:

significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”.

Uma atividade que exige dedicação desde as primeiras horas da manhã na labuta de cuidar de gado e demais afazeres diários na fazenda e se abre em um campo de possibilidades, visando a garantir maior visibilidade sobre a complexidade desse trabalho. É nesse sentido que se analisa a lei como uma prática discursiva porque é uma ação constitutiva de uma realidade e essa prática varia conforme sujeitos, espaços e posicionamentos.

Considera-se, então, o contexto de trabalho do vaqueiro segundo a lei 12870/2013, pertinente para pensar a lei como um dispositivo de conquista e de coerção. Sendo conquista, o reconhecimento legal de valorização da profissão, de relevância em situação de trabalho, confirmado por Schwartz (1996, p. 150), “o trabalho tem valor porque é produtor ou matriz do laço social”, e a lei dá essa visibilidade porque é um instrumento que permeia as relações de trabalho do vaqueiro no campo do discurso jurídico e, ainda que instituído numa relação de poder, se constitui como um documento que busca valorizar o profissional vaqueiro. E de coerção, de tolhimento, do sistema que, por meio do discurso jurídico, institui os conhecimentos

adequados à função de vaqueiro, definindo o profissional e quem está apto para executar as funções laborais a ele atribuídas, suscitando expectativas acerca dos sentidos que atravessam esse entendimento, do que é ser vaqueiro.

Embora as condutas concernentes ao trabalho prescrito indiquem discursos que, de forma marcante, traduzem a vasta experiência vivida por cada vaqueiro imerso num tempo histórico e social, as ações exercidas no trabalho real constituem sentidos que expressam uma peleja ainda a ser travada por mais um bom tempo, visto que estão em pauta questões de direito e deveres do trabalhador. Uma forma de contestar que esse hiato entre o real e o prescrito do trabalho se configure somente no documento formal do trabalho que expressa a concepção institucional das atribuições a serem desempenhadas na profissão de vaqueiro.

Todas essas prescrições são tarefas que estão sob a responsabilidade do vaqueiro e integram suas rotinas, mas, no contexto dos campos do Marajó, são bastantes reduzidas, pois deixam os vaqueiros presos às atribuições do ofício abreviadas em cinco artigos, sendo que o Art. 1º reconhece a atividade de vaqueiro como profissão, e o 5º destina-se à entrada da lei em vigor na data de sua publicação. A regulamentação da profissão restringe-se, portanto, aos três artigos que se intercalam aos dois citados, e estes, de forma alguma, abarcam outras tantas atribuições destes trabalhadores e se mostram insuficientes quando se pensa na complexidade do ofício de vaqueiro.

Isto posto é necessário pontuar a incompletude da análise na perspectiva discursiva do documento da lei, na incompletude da produção de sentidos, que se pode comparar à forma já citada por Jurandir (2008, p.122-123), “como muitos caroços de açaí espalhados numa esteira, como as estrelas do céu”, infinitas possibilidades em abertura para novos horizontes de pesquisa a se considerar os efeitos de sentido aos eventos do cotidiano do trabalho do vaqueiro.

De certo modo, a lei, instrumento do discurso jurídico, impõe uma inovação com a função de substituir o que já existe e esta possibilidade é remota, pois “a lei aprovada em 2013, que regulamenta da profissão de vaqueiro, vai se confrontar com essa história, mas a lei não tem a força de apagar uma história” (notas de campo com Pessoa, 2018). Nessa perspectiva, a pesquisa, após centralizar-se na análise da lei 12870/2013, segue em busca de outros movimentos de saberes para apreender a produção de sentidos, observando práticas discursivas que permeiam o cotidiano do trabalho do vaqueiro em outros regimes de materialidade.

De forma que a quarta parada está profundamente ligada ao mundo do trabalho desenvolvido na escuta atenta da voz de dezesseis vaqueiros, permitindo a construção de narrativas de vida (com)partilhadas de saberes e conhecimentos que constitui a atividade ao falar sobre o próprio trabalho.

As narrativas de vida coletadas para compor a próxima parada tensionam os discursos do vaqueiro na tradição e na contemporaneidade a partir das entrevistas realizadas nas diferentes funções no trabalho do vaqueiro do Marajó.

Após a transcrição e leitura das entrevistas narrativas, dividimos a seguinte parada em três blocos temáticos: ser ou não ser vaqueiro: o discurso contraditório sobre a profissão em cena; de quando o vaqueiro produz o simulacro do outro: eu sou o que o outro não é; as lidas da vaqueirice em(ter)laçadas: o lugar, as relações, as aprendizagens, em um capítulo intitulado: a profissão de vaqueiro: os sentidos produzidos na/pela lida do trabalho.

PARADA 4. A PROFISSÃO VAQUEIRO: OS SENTIDOS PRODUZIDOS NA/PELA LIDA DO TRABALHO

Figura 11 — Vaqueiro conduzindo animais de montaria



Fonte: Arquivo da autora – junho/2019

A ilustração de abertura desta quarta parada está relacionada ao que passamos a desenvolver agora. Faz-se equivalência entre o trabalho do vaqueiro, capturado na foto, e o trabalho da tese na vinculação da imagem do vaqueiro montado no búfalo, segurando com uma das mãos as rédeas que orientam o animal no caminho a seguir e, na outra mão, empunhando as cordas que conduzem os cavalos de montaria e serviço. As duas mãos, em movimento contínuo, controlam a tensão da corda.

A exemplo da forma empregada pelo vaqueiro para executar a tarefa em campo, assim esta pesquisa traçou uma rota metodológica e aproxima o trabalho de escrita da tese com o trabalho do vaqueiro, ao propor uma abordagem discursiva das narrativas de vida no contexto do trabalho, que se conduziu no rumo de uma interpretação das marcas linguísticas pertinentes às lidas em campo. Nas narrativas contadas pelos vaqueiros, palavras e expressões se ancoram em fragmentos narrativos como uma espécie de guia para situar a análise, apoiada em determinadas conjunturas históricas e sociais e direcionada aos seus aspectos discursivos.

Desse modo delineou os contornos da pesquisa atendo-nos à percepção da construção dos sentidos que se dão no fluxo da narrativa e das experiências vividas pelos vaqueiros, atendo-se à percepção. No contar, estão presentes as travessias tão comuns neste espaço, também presentes no ir e vir da construção da tese, que seguiu o fluxo da voz e se ateu à escuta atenta e ao registro preciso dos vaqueiros marajoaras falando o ofício, sobre a vaqueiragem.

Deteve o galope, e a boiada cruzava o rio. Reluziam ao sol as cordas ensebadas e retesas, as reses ofegantes, as selas, os rostos escuros. Montarias e varas, os bois guias à frente e o grito dos vaqueiros: Vêra! Vêra!

(JURANDIR, 2008, p. 301)

Dos encontros com os vaqueiros do Marajó, colaboradores deste estudo, o traçado da nossa rota de pesquisa segue o fluxo das marés e dos campos e quando detivemos o galope, ao modo do excerto de Dalcídio Jurandir, foi para ouvir mais profundamente essa voz que está sempre em relação com o Outro, na sua relação com a história. Este acesso dá abertura para se pensar o trabalho ligado à história do vaqueiro marajoara, em seu campo de trabalho, considerando-se a simbologia do lugar, a atividade que ele exerce e as relações entre linguagem e trabalho na própria construção do discurso. Para realizar esta abordagem em torno das relações entre linguagem e trabalho, tem-se como objeto de análise as narrativas de vida dos vaqueiros que aceitaram contar suas lidas e vivências nos campos do Marajó.

Em atenção aos objetivos da pesquisa de como o trabalho do vaqueiro se transforma na linha do tempo, numa tendência enunciativa dos estudos do discurso, recorreremos às cenas de enunciação a partir dos conceitos de Maingueneau (1997, 2008a, 2008b, 2011), o que implica considerar as coerções das cenas englobante, genérica e cenografia em busca dos traços caracterizadores dos saberes do trabalho do vaqueiro nas suas narrativas de vida.

Na análise, a cenografia se dá em abertura a três eixos, mas antes disso vale a pena falar sobre o quadro cênico, que abarca a cena englobante e a cena genérica, e aqui se retoma a metodologia que foi escolhida, o método da narrativa de vida pelas razões lá expostas. Sobre a cena englobante é preciso que se traga alguns dados que são relevantes para que se compreenda como essas narrativas de vida foram apresentadas a mim, enquanto pesquisadora. Todas as entrevistas narrativas foram feitas nas fazendas onde trabalham os vaqueiros, o que requereu autorização do proprietário da fazenda. Esta coleta, portanto, se deu em um contexto em que o vaqueiro estava dentro do seu espaço de trabalho e, com o consentimento dado pelo fazendeiro, pudemos entrevistar nossos colaboradores. A entrevista narrativa então se deu como parte da jornada de trabalho dos vaqueiros, consentida por eles, mas também autorizada pelo patrão.

O fato de que os vaqueiros são chamados a contar as vivências e experiências do ofício no contexto de uma pesquisa acadêmica, levou a nos orientar pelo conceito de cena englobante. Nesse lugar, está a pesquisadora, mas também uma mulher que vive a experiência do Marajó e, de certo modo a experiência da vaqueirice. De forma que as narrativas de vida foram contadas não para alguém estranho a esse universo, mas para uma pesquisadora que tem vivência nesse ir e vir constante pelo espaço geográfico onde os vaqueiros trabalham, ou seja, contaram de si

para alguém que já conhecem e que transita por estes campos pelas boas relações estabelecidas em outros momentos de pesquisa ou como moradora da região.

Assim, vinculamos a cena englobante implicada na enunciação sobre o trabalho do vaqueiro à cena genérica que se refere aqui às narrativas de vida contadas pelos vaqueiros em um espaço com determinadas propriedades neste campo da atividade humana. Como nossa temática é a transformação do trabalho do vaqueiro na linha do tempo, a prática discursiva que nos propusemos a analisar são as narrativas dos vaqueiros sobre a vida no trabalho. A cena genérica que caracteriza essa prática discursiva dá indicativos da maneira como os vaqueiros dizem, determinado por essa situação da vida em campo, cujos traços se revelam como em um mosaico, não como algo límpido, sem fraturas, mas como algo que destoa, não se encaixa ao dito explicitamente, mas está lá implícito e revelador de um posicionamento. O que nos leva a descrever a cena genérica e discutir lugares assumidos na interação entre sujeitos da pesquisa.

E, para este momento, é interessante saber a recepção dos vaqueiros quando convidados a participar da entrevista narrativa em uma pesquisa acadêmica:

Quadro 2 - No “lembrete de lembrar” a recepção dos vaqueiros à entrevista

<p style="text-align: center;">VD4 – Afuá Fazenda Machados</p>	<p style="text-align: center;">VE3 – Pedras Fazenda Mexiana</p>
<p>Eu queria que todo mundo visse, né? o que eu expliquei e como eu sou, né? que as pessoas gostassem do que eu falei, e do quê... do meu serviço. O dia que chegar numa parte [da fazenda] aí que aí gostasse do meu trabalho e do que eu faço.</p>	<p>E também...pela primeira vez eu tô passando por isso... sendo tipo entrevistado, né?! Eu me sinto reconhecido, mas, primeiramente, eu agradeço a Deus; segundo aos meus companheiros de serviço e ao meu patrão. Se eu sou reconhecido hoje em dia eu teve que me empenhar em cima disso.</p>
<p style="text-align: center;">VF4 – Muaná Fazenda Mexiana</p>	<p style="text-align: center;">VF3 – Salvaterra Fazenda Jurupari</p>
<p>Assim: eu me sinto reconhecido por algumas partes só que tem algumas coisas que não é motivo de mim... não é hora de mim relatar, né? Eu não me sinto... Aí eu fico... cê tá entendendo, acho que você me entende, né? Tem coisas que a gente pode falar e tem coisas que a gente não pode falar e que a gente tem que ficar porque é uma coisa da gente, entendeu? Mas eu me sinto [reconhecido], mas nem todo dia. Há uns dias que eu me sinto... outro dia eu já não me sinto, aliás, é assim que funciona o negócio comigo, né?</p>	<p>[O vaqueiro se emociona ao falar da profissão, e eu indago o motivo do choro]: é porque eu me lembro muito das pessoas que me ensinaram. Você já pensou? Que não é fácil a gente ter uma pessoa que dê apoio pra gente, né? De ficar ensinando bem pra gente, assim, assim... Mas graças a Deus eu agradeço muito, primeiramente a Deus e ele, o meu [parente]. Se hoje em dia eu tô nesse cargo eu agradeço a ele.</p>
<p style="text-align: center;">VA2 – Bagre Fazenda Viçosa</p>	<p style="text-align: center;">VA1 – Portel Fazenda Camaleão</p>
<p>Eu agradeço dona Délcia pela sua gentileza com a gente e eu acredito que alguma coisa que eu pude lhe responder, eu respondi. Tá bom?! (risos)</p>	<p>Obrigada também pelo seu lembrete que a senhora teve também de lembrar de mim, né?</p>

Elaborado pela autora do trabalho

Nos breves recortes, a maneira como os vaqueiros reagiram ao convite deu a entender uma diversidade de sentimentos, quais sejam: o desejo de serem valorizados no serviço, o reconhecimento entre seus pares, a desconfiança de quem acha que tem coisas a dizer, mas não pode falar, a emoção pelo apoio de tantos na profissão, a solidariedade expressa na vontade de contribuir com a pesquisa. Os comentários nos levam a problematizar uma diversidade de situações que não são óbvias nem transparentes, são opacas, não refletem a realidade, mas a constituem. E nesta opacidade, própria da linguagem e do trabalho, os efeitos de sentido nas singularidades do dito.

Dizemos então que é preciso compreender o processo de produção de sentidos além da evidência da materialidade discursiva para encontrar as marcas que não estão na superfície, mas no conjunto de relações que são tecidas no funcionamento discursivo. E isso nos leva a questionar as narrativas de vida contadas que não se limitam a sua linearidade.

Nesse quadro cênico, uma recorrência facilmente reconhecida nas narrativas é de sempre compensar uma avaliação negativa sobre o trabalho com uma avaliação positiva. Daí o interessante em mostrar nos recortes narrativos elementos singulares e conflitantes para o sujeito dizer o que diz, e sobre o que faz ao dizer, uma pertença que se justifica, segundo Pessoa (2016, p. 64), “pelo próprio caráter das duas atividades humanas que se realizam no confronto dialético que permanentemente instauram: dizer implica agir e agir implica dizer”. Desta feita, é importante esclarecer sobre como esse quadro cênico se constituiu para se construir uma interpretação dos traços cenográficos que serão abordados nas análises a seguir, observando as marcas avaliativas do trabalho tendo em vista os objetivos traçados.

Em cada eixo, a busca para entender como se estabelece uma cenografia, que queremos entendida a partir do viés conceitual de Maingueneau (2006, p. 113): “o discurso impõe sua cenografia de algum modo desde o início; mas, de outro lado, é por intermédio de sua própria enunciação que ele poderá legitimar essa cenografia que ele impõe”. Ressaltamos o apoio da teoria para dar tratamento aos dados, para descrevê-lo, categorizá-lo, mostrar suas contradições, suas relações de confronto e de aliança.

É a partir desse lugar que discutiremos sobre a cenografia implicada na cena de enunciação em torno dos três eixos definidos para esta análise em que se apresenta, inicialmente, uma seleção de termos constituídos por segmentos positivos, contraditórios e, posteriormente, negativos, dispostos nas narrativas, para mobilizar os sentidos determinados pela orientação que a ela impõe o discurso em marcas avaliativas da profissão. O eixo seguinte ampara-se no postulado de que o sujeito só se relaciona com o outro por meio do simulacro que dele constrói, de forma a colocar o outro em uma posição inversa a sua, inserindo na própria

formação discursiva o discurso do outro, que é a formação discursiva que fundamenta seu posicionamento. No terceiro eixo organizamos a construção de um quadro em torno da vaqueirice, do lugar, das relações e das aprendizagens em situações discursivas específicas de trabalho no campo da pecuária a partir de uma posição e de um contexto determinado.

Para iniciarmos este primeiro momento de análise, os esforços se concentraram à busca de indícios nas narrativas para reconhecer como adjetivos, substantivos, verbos e advérbios carregam marcas portadoras de significado valorativo na construção do discurso sobre o trabalho do vaqueiro.

4.1 Ser ou não ser vaqueiro: o discurso contraditório sobre a profissão em cena

Após a leitura e identificação das marcas avaliativas, chamou-nos atenção o aparecimento de qualificadores que expressam a forma como esses profissionais se autoavaliam e avaliam o trabalho da vaqueirice de maneira geral, mas referindo-se a eles mesmos. Há uma reiterada referência, por exemplo, à imagem positiva que constroem acerca de si mesmos e da profissão, mas veremos que os dados na tomada da palavra revelam um estranhamento nessa ordem.

A esse respeito, há de considerar o postulado por Pessoa (2016, p. 70)

Embora a garantia da tomada da palavra nos contextos institucionais das atividades de trabalho seja definida pela adesão dos enunciadores a uma ordem política constitutiva das identidades e das relações sociais, sendo as possibilidades de produção de sentidos nesses contextos determinadas por essa ordem, há sempre a possibilidade de confronto entre as determinações de uma ordem antecedente e os investimentos locais que apontam para uma certa movência do sujeito nessa ordem.

Traçar o caminho movente, em suas múltiplas possibilidades de acesso, para desvendar essa produção de sentidos nos levou a explorar e fazer um mapeamento das marcas valorativas, nas categorias já elencadas, e lá os confrontos no indicativo de que nem tudo está explicitado favoravelmente à profissão. Em atendimento o exposto, o quadro 3 traz recortes¹⁷ das entrevistas narrativas¹⁸ e neles o realce aos substantivos, adjetivos, verbos, advérbios que, no contexto de significação das narrativas, consistem em um recurso da produção discursiva dos referenciais empregados pelos vaqueiros em marcas avaliativas da profissão.

¹⁷ Para inserção de passagens narrativas, usaremos os dois tipos de operação citados por Bertaux (2010, p. 148) “os cortes, que serão indicados por [...] e a montagem por deslocamento de frases, a serem indicada por: // //”

¹⁸ Os recortes, a serem analisados, estão inseridos em quadros com destaque em negrito para algumas expressões. As marcações em itálico realçam palavras estrangeiras, as letras maiúsculas enfatizam fragmentos da transcrição sobre determinadas unidades. Já as aspas, utilizamos para inserir uma citação direta no corpo do texto.

Quadro 3 - Marcas avaliativas positivas da profissão de vaqueiro

<p style="text-align: center;">VD1 – Anajás Fazenda Caviana</p>	<p style="text-align: center;">VD2 – Curralinho Fazenda Viçosa</p>
<p>Ser vaqueiro pra mim é tudo, é a profissão que eu gosto, o meu maior prazer é ser vaqueiro porque tá na fazenda pra mim é tudo. // // A minha família é de vaqueiro, tem o meu avô, meus tios, meus irmãos, tudo são vaqueiro, quase toda minha família é vaqueiro, os homens. O meu avô era vaqueiro aqui também. // // Aí desde pequeno eu comecei a me apaixonar pela vaqueirice, entendeu? Aí eu não consegui mais sair de ser vaqueiro. É a vontade de ser vaqueiro mesmo que vem no sangue das gerações de outros tempos com meus tios, meu pai, meu avô, são tudo vaqueiro e tá no sangue aí. Minha profissão me traz alegria, me sinto bem, é minha profissão que eu gosto de tá montado... Meu sonho sempre foi ser vaqueiro e eu tô me realizando ser vaqueiro.</p>	<p>Eu gosto de ser vaqueiro por causa da lida no campo com os animais, de sair pro campo, trabalhar com o gado. Eu sempre gostei disso, gosto muito disso de tá trabalhando com animais. A sensação da liberdade de tá no meio da natureza, trabalhando no meio dos animais e ser livre, né?!</p>
<p style="text-align: center;">VD3 – Breves Fazenda Viçosa</p>	<p style="text-align: center;">VD4 – Afuá Fazenda Machados</p>
<p>Me considero um bom vaqueiro... dizem que eu sou bom pra amansar pordo, cavalo, laçar bezerro, tombar bezerro... Eu gosto de ser vaqueiro. Tem a vantagem pra mim que sou nascido e criado na fazenda eu acho que esse serviço de vaqueiro é ótimo, é animado. // // Às vezes quando tamo trabalhando tem animação da gente laçando bezerro, tombando bezerro... Essa diferença que eu acho, né ?!, de trabalho pra gente aqui de vaqueiro. É muito bom.</p>	<p>Vaqueiro pra mim é uma, uma diversão, né? Eu acho bom assim, né? A pessoa corre, ele laça a rês e tudo isso é uma alegria pro vaqueiro. Tudo isso é uma alegria pro vaqueiro. Vai correndo, monta num animal brabo, se joga, né? E assim tudo isso é uma alegria pro vaqueiro.</p>
<p style="text-align: center;">VE1 – Santa Cruz Fazenda Mexiana</p>	<p style="text-align: center;">VE2 – Cachoeira Fazenda Bragança</p>
<p>Eu faço os meus serviços tudo direitinho, não sou rebelde assim pra tá respondendo... aí assim a pessoa vai indo. A pessoa sendo um ótimo vaqueiro onde a pessoa chega é bem recebido. É assim, né? Pra mim é uma profissão que eu gosto muito de sair pro campo e é uma profissão maravilhosa pra mim. Se eu tivesse um filho eu ia botar ele na escola ao menos pra aprender o nome e depois que ele crescesse, se quisesse vim morar comigo... daí ele ia crescendo e já ia se entendendo.</p>	<p>Até hoje eu acho bom essa profissão. [...] A vaqueirice traz coisas boas e coisas ruins. Hoje em dia estou bronqueado do meu joelho de trabalhar com a vaqueirice. Peguei umas quedas também montado, mas foi eu que quis essa vida, né? Eu achava bom pra mim. Não tenho o que me queixar, graças a Deus! O que eu tinha que ter era uma casa boa e uma mulher que me ajuda muito. Então, eu não tenho do que me queixar dessa minha profissão que eu escolhi pra mim.</p>
<p style="text-align: center;">VE3 – Pedras Fazenda Mexiana</p>	<p style="text-align: center;">VE4 – Sebastião Fazenda Ganhoão</p>
<p>Ser vaqueiro é um dom que veio desde gatinho, desde os 8 anos eu já começava a montar animal aí não cheguei a trabalhar em outros serviços, só mesmo na fazenda. // // Eu tô feliz na profissão que eu exerço que é o vaqueiro. Ser vaqueiro pra mim é uma coisa muito significante. Porque eu tenho que honrar a minha profissão, que é ser vaqueiro. Então, a partir do momento que a gente honra aquilo que a gente faz, a gente tem que ser fiel a ela. E... é uma coisa que significa muito pra mim. É uma coisa que eu espero muito no meu futuro eu espero é... adquirir algo dentro do meu cargo ... da minha função que é ser vaqueiro. E eu tenho absoluta certeza que a minha profissão ela é capaz de me dar tudo isso só depende primeiramente de Deus, que tá acima de tudo, e secundamente só</p>	<p>A profissão de vaqueiro foi muito sofrida pra mim no início, mas hoje, graças a Deus, eu tô feliz. Então é uma satisfação muito grande pra mim de eu ser vaqueiro, eu fico feliz de eu ser vaqueiro até porque eu tanto ajudo eles [os patrões] como eu me ajudo, eu não visio só o lado deles, eu visio o meu também.</p>

(continuação do Quadro 3)

depende da... da pessoa própria ter a força de vontade. Ser vaqueiro pra mim significa minha liberdade.	
VF1 – Chaves Fazenda Mexiana	VF2 – Soure Fazenda Viçosa
O serviço é tranquilo, tranquilo... tranquilo. É uma vida fácil, né?! Ser vaqueiro não é uma vida difícil não. É só que é meio arriscado, né?! Trabalhar com fé em Deus, né?! Dá certo!	Eu acho, sou um bom profissional junto com meus companheiros a gente não faz isso aí também só um, é com a ajuda dos companheiros também. Ser feitor é saber, é conhecer o terreno todo, conhecer todo o gado, a contagem de gado que você recebe, você tem que saber quantas tem, quantas não tem. Quantas morreram, quantas não morreram, dar baixa no que morreu e entregar pro seu patrão. E aí saber mandar, ser amigo com todo mundo. Essa vizinhança por aqui todo mundo, todo mundo eu acho que me tem essa pessoa que é benquista. Eu me sinto o mesmo. Meu sonho é se aposentar nessa profissão.
VF3 – Salvaterra Fazenda Jurupari	VF4 – Muaná Fazenda Mexiana
Pra ser vaqueiro tem que ser conhecedor, e ter zelo e ser responsável. O importante é ser responsável. De que adianta o cara ser conhecedor, ter zelo e não ser responsável? Tem que ter cuidado com os animais da fazenda. Vamos dizer: o patrão pede pra fazer aquela coisa e o cara tem que fazer, obedecer. Já começa daí a responsabilidade, porque às vezes tem muitos vaqueiros que só porque ele não é feitor ele não tá nem vendo, não tá nem aí. Eu acho que não é assim. Já no momento que a gente se emprega, a gente é responsável. A pessoa pra pegar um cargo desse [feitor], ela tem que ter a responsabilidade, tem que ter a responsabilidade. Ter zelo com o animal e ser conhecedor de animal. Eu gosto dessa profissão. Gosto dos animal, de todo animal búfalo, cavalo... eu adoro trabalhar com os animal. Trabalhar na fazenda pra mim é o paraíso tá lá na fazenda. Poxa! Que eu nascido e criado lá... eu me sinto muito bem-vindo de trabalhar lá na fazenda... [o choro, as lágrimas]. Pra gente é um prazer, a gente fica tudo ali como vaqueiro, né?	Ser vaqueiro é uma profissão que a gente gosta. Eu acho até que é uma profissão que eu herdei do meu pai, entendeu? Eu achava bonito o que ele fazia: laçar, correr em cavalo, ir pro campo tombar um animal... fazia tudo isso. Aí foi que eu acho que eu fui criando aquela vontade. Aí eu fiquei na esperança de ser igual o meu pai, porque o meu pai era vaqueiro. Eu sou uma criança e meu pai é vaqueiro e é bonito o que ele faz e eu vou crescer e ser igual ele, entendeu? Aí isso eu imaginei, eu vinha pensando nisso, e foi aí que eu já me tornei vaqueiro. E graças a Deus eu estou nessa profissão, agora só não sei se sou um bom vaqueiro, só sei que eu sou um vaqueiro, entendeu? [...] Ser vaqueiro é bom, e bom demais, né! É ótimo a gente poder chegar em algum lugar e dizer que a gente tem uma profissão, né? Que tem uma profissão. Ser vaqueiro é uma profissão que a gente gosta.
VA1 – Portel Fazenda Camaleão	VA2 – Bagre Fazenda Viçosa
Pra mim, graças a Deus, é bonito isso, é bom, porque eles reconhecem o meu trabalho lá, e eu conheço eles, então eles não me aperreiam em nada lá, TUDO o que é pra fazer lá, eles chegam tá tudo feito, eles não vivem me mandando fazer. Eles ficam satisfeito quando eles chegam que eles vejam lá. Eles NUUUNCA, graças a Deus, eles chegaram lá que tá malfeito isso, assim, assim. Nunca eles chegaram comigo pra mim dizer as coisas, falar. Então isso pra mim é bonito, é bonito isso. Eu não MEREÇO que eles cheguem lá pra me dizer qualquer coisa que não fiz porque, graças a Deus, eu sei tudo da profissão, né? Então os vizinho, tudo por aí gostam de mim, do meu trabalho, me convidam pra trabalhar, eu vou faço o meu serviço direito. Eu	E a profissão de vaqueiro é uma profissão, como diz antigamente, era uma profissão boa pra gente, a gente trabalhava até chegar no ponto de parar. (...) Eu já estou há três anos aposentado, trabalhei 22 anos de carteira assinada e tenho saudade da minha profissão, mas quando a gente pensa naquilo que a gente fez..., mas a idade já pesa e a gente já fica no cantinho da gente, mas quando dá certo da gente fazer, a gente ainda faz.

(continuação do Quadro 3)

.chego em qualquer uma fazenda daquelas, daqueles patrão por ali... tudo esse pessoal se dão muito comigo, se dão muito comigo, gostam do meu trabalho, me elogiam o meu trabalho	
VA3 – Melgaço Fazenda Janaucu	VA4 – Gurupá Fazenda Pacas
Eu comecei como vaqueiro... comecei aos 15 anos, aí eu trabalhei 30 anos na Fazenda (?) SÓ de vaqueiro. Aí eu dirigia várias voadeiras lá, motor de voadeira quando o patrão recebia [turistas]. Eu comecei a trabalhar no motor de voadeira, eu ia buscar eles, mas sempre a minha função foi vaqueiro. Saí de lá pra trabalhar na outra COMO vaqueiro, mas como a gente aprende de cada coisa um pouco, aí já na Fazenda (?) eu trabalhava mais dirigindo voadeira, cuidando de outras coisas... de motores de luz, <u>mas</u> a minha carteira sempre foi assinada de vaqueiro, a minha profissão sempre foi essa: vaqueiro. E pra mim, graças a Deus, até hoje eu estou muito satisfeito, muito feliz pela minha profissão que eu exerci todo esse tempo. Pra mim foi muito gratificante.	Sou um vaqueiro que já estou aposentando, primeiro comecei como vaqueiro e me aposentei como feitor e tudo mudou por causa da responsabilidade, né? Aí tudo vem pra cima de mim, tudo é eu que resolvo. [...] porque ele [o patrão] fala assim, né? depois dele e do filho quem resolve tudo sou eu. Então tudo ele vem pra cima de mim, pagamento, tudo é eu que resolvo.

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho

No interior das narrativas, a relação com substantivos, adjetivos e advérbios contribuem para uma construção do dizer carregada de significados que nos colocam diante de um sujeito que constrói uma imagem valorativa em torno do trabalho com características próprias, como a demonstração de reações emotivas, fatos da vida cotidiana, a vivência nos campos do Marajó em suas singularidades e contrastes. Como operamos no plano discursivo, analisar esses traços caracterizadores nas entrevistas narrativas implica considerar as cenas de enunciação, conforme Maingueneau (2011, p. 85), na concepção de que “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro de um discurso em que a fala é encenada”.

Como este levantamento tendeu para se verificar a utilização de termos e expressões que marcam o tom avaliativo positivo da profissão, podemos também observar uma conexão afetiva com o trabalho na junção com o substantivo avaliativo (“prazer”, VD1; VF3), que ganha amplitude ao lado do adjetivo de intensidade (“maior prazer”, VD1), realçando o alto valor dado à profissão ao empregar o pronome (“tudo”, VD1; VD4; VE3; VA4), marca com propriedade distinta que cria efeito de sentido de uma ação considerada essencial. E para dar maior rigor ao exposto, o teor enfático do adjetivo (“absoluta”, VE3), na confiança sobre o que é dito, junta-se ao substantivo (“certeza”, VE3), mostra convicta de que o dito evoca atributos propícios à profissão. Esse querer almejado de forma tão intensa tem uma qualidade específica e individual (“própria”, VD3) e depende de uma disposição favorável caracterizada pela locução adjetiva (“de vontade”, VE3), a depender da vitalidade humana e divina que se obtém

como complemento do substantivo avaliativo (“força”, VE3), ato pelo qual a vontade de querer é determinante para alcançar os objetivos esperados pela profissão.

A atribuição valorativa do serviço traz nos adjetivos a marca da qualidade de quem é devotado ao trabalho (“fiel”, VE3), dotado de merecimento e de um conjunto de habilidades naturais (“dom”, VE1), de quem sabe fazer e executa com eficiência seu ofício (“conhecedor”, VF3), além de prestar contas do que está sob sua alçada no cumprimento das tarefas (“responsável”, VF3; “responsabilidade”, VA4). A esse conhecimento e domínio da profissão acrescentam-se adjetivos que exprimem aprovação (“ótimo”, VD3; VF4), empenho numa tarefa (“animado”, VD3) que o sujeito executa sem dificuldade, sem complicação (“fácil”, VF1) por ter a garantia de um serviço realizado de modo sossegado (“tranquilo”, VF1). Na sequência da classificação de um trabalho avaliado de forma positiva, o critério é justificado pela beleza (“bonito”, VA1), pela qualidade (“bom”, VD3; VD4; VE2; VF2; VA1; VF4) e acrescida por advérbio de intensidade, que prima pelo excesso (“demais”, VF4) e provoca uma grande admiração (“maravilhosa”, VE1) em quem se inclui neste cenário. A relação com a profissão, quando intensificada pelo advérbio (“muito”, VA3), reforça o sentido de prazer (“satisfeito”, VA3) como resultado alcançado do que se espera em termos de realização profissional (“feliz”, VE3; VE4; VA3), tendo-se na base do ofício um saber da experiência pelo qual demonstra gratidão (“gratificante”, VA3) pela oportunidade de trabalhar nestes campos.

No emprego de marcas avaliativas, com valor agregado à profissão, o realce ao modo de qualificar o trabalho tem na função expressa pelo advérbio de modo (“bem”, VF2; VF3) uma circunstância com valor significativo e conveniente ao processo verbal determinado pelo verbo sentir (“sinto bem”, VF1; “sentindo bem”, VF2), e mais significativo ainda quando intensificado pelo advérbio muito (“sinto muito”, VF3). O termo “bem” adquire outro sentido na colocação de adjetivo composto quando se refere a um trabalhador estimado por todos os companheiros (“bem-visto”, VE1) e que é bem acolhido (bem-vindo”, VF3) no seu entorno profissional. Esse carisma de estimação se estende à pessoa que é bem-aceita na área em que atua (“benquista”, VF2), pela relação de proximidade e afetividade com o trabalho. Também se atribui devida importância à profissão pela forma utilizada (“boa”, VA2), motivando o vaqueiro a seguir até alcançar as condições ideais de se aposentar, como se percebe no valor temporal dado à locução adverbial (“no ponto de parar”, VA2).

No processo avaliativo os vaqueiros demonstram a valorização da profissão com elementos nominais que proporcionam momentos de descontração (“diversão”, VE4), exemplificados por um estado que causa contentamento (“alegria”, VE4; VF1; “satisfação”, VE4;), com testemunho de estima e consideração (“honra”, VE3) naquilo que realizam com

atenção (“cuidado”, VE3) e no empenho extraordinário na execução dos deveres (“zelo”, VE3) peculiares à atividade pecuária, ainda mais quando esse trabalho está na família há gerações e marca toda uma descendência (“tá no sangue”, VF1). Esse lugar do trabalho se revela como espaço que tanto representa o vaqueiro como o constitui (“significante”, VF3), dito isso de forma tão intensa que o vaqueiro não consegue controlar as lágrimas e chora quando exprime a emoção de viver e trabalhar na fazenda, um lugar particularmente encantador (“paraíso”, VE3).

Em cada trecho ilustrado a constância das expressões formadas pelo verbo “ser”, em que o adjetivo produz efeitos significativos e estabelece uma relação apreciativa entre os referentes “vaqueiro” e “profissão”, que constituem na narrativa uma unidade de sentidos positivos, mesmo quando se referem às adversidades do cotidiano. Vê-se passagens específicas com a contribuição de todos os participantes: “Ser vaqueiro pra mim é tudo” (VD1); “Eu sou bom pra amansar pordo, cavalo, laçar bezerro, tombar bezerro” (VD3); “Vaqueiro pra mim é uma, uma diversão, né?” (VD4); “[...] não sou rebelde assim pra tá respondendo” (VE1); “[...] hoje em dia estou bronqueado do meu joelho de trabalhar com a vaqueirice” (VE2); “Ser vaqueiro pra mim é uma coisa muito significativa” (VE3); “A profissão de vaqueiro foi muito sofrida pra mim no início” (VE4); “O serviço é tranquilo, tranquilo... tranquilo” (VF1); “Eu acho, sou um bom profissional junto com meus companheiros” (VF2); “Pra ser vaqueiro tem que ser conhecedor, e ter zelo e ser responsável” (VF3); “Pra mim, graças a Deus, é bonito isso” (VA1); “E a profissão de vaqueiro é uma profissão, como diz antigamente, era uma profissão boa pra gente” (VA2); “E pra mim, graças a Deus, até hoje eu estou muito satisfeito, muito feliz pela minha profissão” (VA3). Nota-se uma imagem profissional (re)produzida nessa prática discursiva com atributos que favorecem uma relação positiva de trabalho, diante das situações atribuladas do serviço.

Ressaltamos também a reiteração da primeira pessoa, na construção verbal das narrativas, como portadora de um julgamento avaliativo que reforça o dito sobre a profissão: “tá na fazenda pra mim é tudo” (VD1); “Pra mim é uma profissão que eu gosto muito de sair pro campo” (VE1); “E graças a Deus eu estou nessa profissão, agora só não sei se sou um bom vaqueiro, só sei que eu sou um vaqueiro, entendeu?” (VF4); “Eu estou muito satisfeito, muito feliz pela minha profissão que eu exerci todo esse tempo” (VA3).

Os recortes ilustram passagens de uma regularidade, cujo funcionamento discursivo, como condiz à filiação francesa, sustenta os efeitos de sentido produzidos no espaço onde se deram as entrevistas narrativas. Como nosso objetivo é de investigar o trabalho do vaqueiro na tensão entre os sentidos tradicionais e contemporâneos sobre a profissão, coube-nos observar as regularidades enunciativas logo evidentes em uma série de termos positivos.

Estas características comuns realçam um trabalho cujos traços revelam satisfação e se reforçam em campos semânticos que apontam um lugar de prazer, de bem-estar na profissão ligada certas vezes ao signo da liberdade como marca valorativa positiva do trabalho. Uma qualidade revelada nesta “sensação da liberdade, de tá no meio da natureza, trabalhando no meio dos animais e ser livre, né?!” (VD2), onde o vaqueiro executa as tarefas do cotidiano em ambiente tranquilo (VA1). Diante das marcas que aderem ao dito na qualificação favorável do trabalho, chamou-nos atenção o emprego do qualificador “livre” (VD2). O vaqueiro remete à imagem de um trabalhador livre, correndo solto pelos campos no lombo de um cavalo, de sua estimação, neste espaço onde tem tamanha liberdade dada a sensação que transmitem nas narrativas com uma carga sentimental expressiva na referência às suas atividades em serviço. Contudo, podemos suscitar, nesse processo, uma oposição ao estado de “livre” pela forma como se apresenta e os efeitos de sentido produzidos pelas marcas discursivas que se mostram contraditórias: de um lado o sujeito que trabalha em um lugar aprazível com o privilégio de exercer as tarefas montado no lombo de um cavalo correndo solto pelos campos, (“liberdade, VD2) realizando uma tarefa onde se sente à vontade (“livre”, VD2); de outro lado, um cenário diferente do exposto, pois o vaqueiro sabe que deve cumprir as ordens a ele repassadas (“obedecer”, VF3) e, se agir corretamente (“direitinho”, VE1; “direito”, VA3) no seu cargo, não se contrapondo às ordens recebidas (“não ser rebelde”), ele vai indo na profissão.

Podemos dizer que as marcas regulares nos discursos apontam qualificadores que constroem a imagem positiva que os vaqueiros têm da profissão, ou do trabalho, ou do serviço como também se referem. Cabe lembrar que este serviço não se reduz à liberdade soberana de seus movimentos na lida em campo, uma vez que os marcos que dividem as fazendas são delimitados por cercas; a tiração de leite, assinalação, ferra, castração são feitos nos currais ou barracões cercados por frechais para o animal não escapar do redil; a vacinação e os embarques precisam que os animais passem pela manga, um estreito corredor cercado de ambos os lados para receberem o medicamento ou o ferro em brasa pressionado contra o couro do animal com a marca do proprietário ou do comprador.

Ainda que os limites dos campos sejam áreas extensas onde o vaqueiro exhibe suas habilidades na corrida, em perseguição a uma rês desgarrada, e na jogada do laço para capturá-la, todos esses lugares onde ele executa a maioria das tarefas diárias são delimitados por fronteiras. Há controvérsias, portanto, na forma como os vaqueiros expressam essa sensação de liberdade relacionada ao campo do trabalho.

Importa lembrar que o espaço das entrevistas é o espaço do trabalho dos vaqueiros, um lugar marcado por uma hierarquia em que cada participante da pesquisa se encontra de alguma

forma sob coerção, com receio de que o dito ali seja mostrado para o patrão e ele saiba o que seus funcionários estão falando sobre o trabalho desenvolvido dentro da sua propriedade, por isso, muitas informações sobre a profissão aparecem de maneira pouco explícita. Ainda que se tenham assinado um termo de compromisso de que não haveria nenhuma forma de identificação de suas narrativas. Agora, para além do que está explicitado, durante o mapeamento realizado, surgiram marcas em que vai se compondo uma cena no espaço do trabalho contrastante em muitos aspectos, por exemplo, na busca por qualificativos com os quais os vaqueiros avaliam o trabalho, os traços negativos não são abundantes como os qualificativos positivos.

O que equivale a dizer que devem ser levados em conta as condições de produção do discurso no decorrer das entrevistas, e isso implica considerar o fato de o sujeito se encontrar em um espaço onde se dão as relações sociais marcadamente hierárquicas, ele vai falar da profissão ressaltando elementos que se mostram em perspectiva positiva, na falsa ilusão de quem pensa ter controle dos sentidos acerca do que fala. Em contrapartida, ao pensarmos a discursividade em torno do dito e do dizer, apontam-se os atributos qualificativos rumo à outra direção, consoantes à influência das coerções desta abordagem com entrevistas narrativas. Uma constatação de que o dito produz efeitos. A voz narrativa exhibe um trabalhador que se encontra em uma situação de pesquisa, em um contexto estranho a ele para falar da profissão, envolto em uma atividade que não costuma fazer no espaço do trabalho. É importante considerar a inserção deste profissional em uma comunidade discursiva ampliada constituída por vaqueiros, a família do patrão, as demais pessoas que entram nesse circuito e mais a presença da pesquisadora. Todos contribuem para uma cena de enunciação em que se deixa à mostra afinidades e interesses do trabalhador com a profissão ora marcada por traços de boa qualidade além de ser também a cena em que se constitui a contradição entre ser ou não ser vaqueiro.

Vimos então, neste percurso, uma frequência das regularidades discursivas com marcas positivas abundantes e explícitas na construção de uma cena de enunciação que caracteriza o trabalho como atividade tranquila, harmoniosa, de satisfação, felicidade, bem-estar, mas, neste mesmo percurso, surgiram marcas que fizeram uma curva em nossa análise, a partir do dito por VE4 Sebastião, da Fazenda Ganhoão: “eu não queria pro meu filho a vaqueirice, eu não queria porque eu já vi o sofrimento que é”. Um tipo de enunciado que gerou estranhamento e teve forte efeito no decorrer da análise, pois nosso olhar focava marcas positivas e de repente esse dado nos causou incômodo, pois na constituição desta cenografia, a voz narrativa introduziu tópicos cujas marcas sugerem um desvio e alteram uma ordem de trabalho, aparentemente regulada. Há uma ruptura frente ao modo tradicional de agir, revelando um posicionamento que aponta para o lugar do trabalho como um lugar de contradição.

Para ilustrar esse movimento discursivo contraditório, transcrevemos, no quadro seguinte, exemplos da narrativa de vida de cada categoria de vaqueiros (diarista, efetivo, feito, aposentado), em que são construídas, à esquerda, representações positivas no discurso do trabalho e, à direita, a profissão é avaliada negativamente pelos próprios vaqueiros em cenários de enunciação caracterizado por rupturas.

Quadro 4 – A profissão de vaqueiro em movimento discursivo contraditório

VD2 – Currealinho Fazenda Viçosa	
Eu gosto de ser vaqueiro por causa da lida no campo com os animais, de sair pro campo, trabalhar com o gado. Eu sempre gostei disso, gosto muito disso de tá trabalhando com animais. A sensação da liberdade, de tá no meio da natureza, trabalhando no meio dos animais e ser livre, né?!	Olha, eu não ia tirar as forças, mas pelo menos eu queria primeiro que eles [os filhos] estudassem e ter uma oportunidade melhor, né?! Se bem que a função de vaqueiro não é uma função ruim..., mas podendo ter outras oportunidades melhor..., né?! A gente quer pros nossos filhos o melhor. É isso.
VE4 – Sebastião Fazenda Ganhoão	
A profissão de vaqueiro foi muito sofrida pra mim no início, mas hoje, graças a Deus, eu tô feliz. Então é uma satisfação muito grande pra mim de eu ser vaqueiro, eu fico feliz de eu ser vaqueiro até porque eu tanto ajudo eles [os patrões] como eu me ajudo, eu não viso só o lado deles, eu viso o meu também.	Por exemplo assim, se ele [o filho] tivesse uma oportunidade pra ele não ser vaqueiro, eu poderia chegar junto e dizer, se tivesse estudando..., eu poderia chegar junto e dizer “Olha, cuida do teu estudo que você vai ter um futuro bem melhor, que você vai ver”, até porque, hoje, as fazendas já não tão como era antes. Antigamente os donos nem ligavam, você matava vaca, a torto e a direito, que eu via... os antigos faziam isso. E hoje já não tem mais isso, já não tem mais isso, então, a parte da alimentação já fica mais um pouco difícil, principalmente pra quem tem família, tem muitos... tem mulher, e tem muitos filhos, a caça já não tá muito como era antes. [...] Então é essas coisas, eu chegaria e dizia “olha, vai estudar, você vai ter um futuro bem melhor do que se você ser só vaqueiro”, a não ser que a pessoa insistisse, insistisse, insistisse porque hoje, eu tô na fazenda e eu digo a pessoa que mora na fazenda “Hoje, se não tiver uma criação de porco (o que ajuda muito é porco), se você não tiver um porco, mas antes você pegar suas coisas e vai embora, que você não tá fazendo nada”, porque só um salário mínimo não dá. [...] Se eu tivesse filho homem eu não queria pro meu filho a vaqueirice, eu não queria porque eu já vi o sofrimento que é.
VF4 – Muaná Fazenda Mexiana	
Ser vaqueiro é uma profissão que a gente gosta. Eu acho até que é uma profissão que eu herdei do meu pai, entendeu? Eu achava bonito o que ele fazia: laçar, correr em cavalo, ir pro campo tomar um animal... fazia tudo isso. Aí foi que eu acho que eu fui criando aquela vontade. Aí eu fiquei na esperança de ser igual o meu pai, porque o meu pai era vaqueiro. Eu sou uma criança e meu pai é vaqueiro e é bonito o que ele faz e eu vou crescer e ser igual ele, entendeu? Aí isso eu imaginei, eu vinha pensando nisso, e foi aí que eu já	Eu não indicaria essa profissão para um filho meu porque, assim... a gente vê o dia a dia da gente, né? É um serviço animado, você brinca com as pessoas, você vive naquele dia a dia animado, só que é um serviço meio perigoso, é um serviço meio pesado que a gente tem que fazer. E aí, lá atrás, eu acho que o meu pai num via desse jeito, né? Mas eu hoje... eu já estudei um pouco, né? e o meu pai não teve a oportunidade de estudar e eu já estudei um pouco e já vi que essa profissão eu não queria pra ele. [...] Aí pra mim que

(continuação do Quadro 4)

<p>me tornei vaqueiro. E graças a Deus eu estou nessa profissão, agora só não sei se sou um bom vaqueiro, só sei que eu sou um vaqueiro, entendeu? [...] Ser vaqueiro é bom, e bom demais, né! É ótimo a gente poder chegar em algum lugar e dizer que a gente tem uma profissão, né? Que tem uma profissão. Ser vaqueiro é uma profissão que a gente gosta.</p>	<p>amo meus filhos, eu já num queria isso pra eles, né? Eu queria que eles tivesse, fosse pelo menos pra eles estudassem um pouco que fosse, procurar um serviço que fosse mais leve... num tivesse a necessidade de levantar esse horário, chegar esse horário, entendeu? Eu queria que eles fossem num serviço mais, mais leve, né? Mas aí vai deles, né? da cabeça de qualquer um pensar que vai seguir aquele caminho, e eu converso com eles esses pontos, eu falo, eu mostro pra eles a realidade que eu vivo, né? pra ver se ele vai... Agora se ele for... ou se for uma genética [risos] é ele que vai saber, vai desenrolar a vida dele. Se for genética, ele vai ser vaqueiro, num tem jeito.</p>
<p>VA2 – Bagre Fazenda Viçosa</p>	
<p>E a profissão de vaqueiro é uma profissão, como diz antigamente, era uma profissão boa pra gente, a gente trabalhava até chegar no ponto de parar. (...) Eu já estou há três anos aposentado, trabalhei 22 anos de carteira assinada e tenho saudade da minha profissão, mas quando a gente pensa naquilo que a gente fez..., mas a idade já pesa e a gente já fica no cantinho da gente, mas quando dá certo da gente fazer, a gente ainda faz.</p>	<p>O ensinamento da vaqueirice eu passei para os meus filhos, mas hoje em dia eles não são vaqueiros na parte do Marajó, mas tiveram a influência desse vaqueiro [...] Quer dizer que eles já trouxeram o dom que eu trouxe dessa parte de vaqueiro eles também utilizaram essa parte, só que a parte lá é diferente daqui. Como nos diz o ditado que eu influí pra isso, foi a PARTE que eu podia dar pra eles, nera? Essa parte de mexer com o gado. Desde que eles começaram já ser rapaz pra poder trabalhar, eu calculo, com uns treze, quatorze, quinze anos eles já começaram na profissão deles aqui. Trabalham nas fazendas aqui, aliás, o mais velho com essa idade já trabalhou na Fazenda (?), o outro também foi pra lá, que na época perderam a mãe. Ficaram rapaz e então, como diz, um estudou em Soure e como eles viram que NÃO dava certo chegaram: “Papai vamos trabalhar na parte da vaqueirice” e foram pro campo então trabalhar. [...] Essa escolha deles eu não me sinto muito feliz porque, eu acho que o segundo, ele podia até ser hoje em dia um professor, que ele estudou no Edda¹⁹ e quando ele tava pra terminar o primeiro ano ele achou melhor trabalhar. Eu fiquei muito triste, triste porque eu não queria que acontecesse isso, eu queria que eles concluísse, que seguisse... mas como ele escolheu essa parte da vaqueirice que ele queria: “Olha, meu filho...” Isso não foi muito... até hoje eu lamento que ele podia tá noutra parte, noutro grau mais alto, mas ele escolheu a vaqueirice... mas pelo menos deu certo porque hoje em dia eles tenham, todos dois tenham as casa em Soure, eles tenham a moto deles pra lá, eles me ajudam muito na parte quando eu preciso. Quer dizer que pra mim eu me sinto feliz nessa parte deles. Não estou como eu disse satisfeito, mas pelo menos eles escolheram essa parte... não posso fazer nada, né?</p>

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho

¹⁹ Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Prof.^a Edda de Souza Gonçalves”, prédio localizado na 5ª Rua, Bairro Centro, município de Soure/Pará.

Em nosso percurso argumentativo, vimos que no quadro 2 os dados apresentam uma profusão de marcas explícitas, visíveis imediatamente, com as quais os vaqueiros avaliam positivamente a profissão. No quadro 3, as versões dispostas em dois eixos exemplificam representações positivas e negativas efetivada pelo discurso em análise de oito enunciados. Na versão do discurso primeiro, a atitude tradicional representada pelos sujeitos em uma cena englobante com uma seleção de termos abundantes e explícitos constituídos por segmentos positivos sobre o trabalho, a exemplo do dito por Curralinho: “Eu gosto de ser vaqueiro por causa da lida no campo com os animais, de sair pro campo, trabalhar com o gado. Eu sempre gostei disso [...]. A sensação da liberdade, de tá no meio da natureza”. Mas quando prosseguimos à análise e chegamos ao enunciado de Sebastião: “eu não queria pro meu filho a vaqueirice, eu não queria porque eu já vi o sofrimento que é?”, inferimos não mais exclusivamente dados positivos da profissão. E as narrativas que até então exploravam as virtualidades da profissão, de repente um enunciado com tal força argumentativa, funcionando na composição desse *corpus*, desconstrói esse atributo favorável e gera um estranhamento no direcionamento dado. Então, a partir desse enunciado, nós fomos em busca dos não-ditos, das marcas nem tão explícitas, nem tão abundantes porque articulados em conformidade com a cena genérica, presente no quadro cênico já discutido anteriormente. As marcas negativas estavam opacas, não as enxergávamos, isso só foi possível a partir do estranhamento que esse enunciado suscitou quanto aos processos de significação e a natureza do próprio discurso.

O enunciado que mudou nossa rota mostrou no discurso segundo um ponto de vista contemporâneo em versão negativa da profissão, uma inversão do dito primeiro, em tensa relação, dada as circunstâncias do discurso, em que se expõem argumentos acerca de uma lida nos campos marcada por dificuldades e desafios e se adota uma postura negativa, na justificativa de querer “o melhor para os filhos”.

O reconhecimento desse fato discursivo, indicado pela força argumentativa do enunciado de Sebastião: “eu não queria pro meu filho a vaqueirice, eu não queria porque eu já vi o sofrimento que é?”, nos levou a outros enunciados, apresentados agora em contraste, mostrando na opacidade da linguagem, que não se trabalha com evidências, mas com mecanismos de processo de produção de sentido, cujo reforço dessa execução se faz contundente em Maingueneau (2010, p. 15) “a opacificação do sentido exige um trabalho interpretativo”. Em busca de um dispositivo de interpretação, procuramos caminhos para fazer emergir os efeitos de sentido, atravessando o efeito de transparência da linguagem, e procuramos ouvir os não-ditos, além do que se permite transparecer, destacando uma linguagem marcada pela opacidade e pela historicidade da teia discursiva constituída. Na orientação

argumentativa do enunciado, a análise discursiva trouxe à tona o que estava subentendido e com os elementos para uma abordagem enunciativa por meio dos quais buscamos alcançar a opacidade do discurso.

Neste quadro contrastivo, a tessitura narrativa traz na coluna à esquerda um sujeito que reconhece e enaltece os feitos valorosos do trabalho da vaqueirice tradicional, como diz Sebastião: “Então é uma satisfação muito grande pra mim de eu ser vaqueiro, eu fico feliz de eu ser vaqueiro?”, em que usa qualificativos apreciativos vinculados a contextos precisos à atividade que exerce. E quando este mesmo sujeito, no quadro à direita, nos conta que não quer para o filho a profissão de vaqueiro “eu não queria pro meu filho a vaqueirice, eu não queria porque eu já vi o sofrimento que é”, podemos compreender esse novo posicionamento como uma negação do já-dito, uma ruptura diante das marcas tão apreciativas ditas anteriormente cuja tendência seria incentivar os descendentes a exercer tal ofício. Ao fazer uma afirmação e logo em seguida negá-la, isso nos causou inquietação e procuramos entender o que está funcionando na base dos sentidos, pois altera uma regularidade que não se mantém, quando se diz que não indicaria para o filho essa profissão.

Ao nos depararmos com essa ruptura, passamos então a procurar no avesso do enunciado as marcas negativas existentes e precisávamos encontrá-las nas narrativas. Acercamo-nos de estratégias avaliativas positivas que mobilizam os dizeres de um discurso primeiro permeado de elogios, dito por VA2 “era uma profissão boa pra gente, a gente trabalhava até chegar no ponto de parar”. Do que se define como uma profissão “boa” até a idade de se aposentar na mesma lida, torna ainda mais significativa a amplitude das transformações discursivas, as quais apontamos um confronto diante do que se apresenta no discurso segundo uma representação negativa da situação de trabalho em que vive o vaqueiro e não deseja para o filho: “até hoje eu lamento que ele podia tá noutra parte, noutra grau mais alto, mas ele escolheu a vaqueirice...”. Um contraponto que se revela quando o vaqueiro, após conceituar a profissão como um serviço maravilhoso, bom, que realiza satisfeito em um lugar onde se sente livre para desempenhar as tarefas do dia a dia e logo depois emite um parecer contraditório que causa ruptura no discurso ao recusar a própria prática de ser vaqueiro. Em um momento fala tão bem da atividade que exerce e depois não quer que o filho o siga na profissão, almeja algo melhor profissionalmente. Ora, se querem o melhor para os filhos é contraditório dizer que a vaqueirice é uma profissão que gostam, amam, sentem-se livres, e em outro momento assumem que não querem que os filhos ingressem na profissão, como na passagem do conselho dado por Sebastião: “olha, vai estudar, você vai ter um futuro bem melhor do que se você ser só vaqueiro”. Um movimento contraditório entre ser ou ser vaqueiro marcado no modo de enunciar que faz toda a diferença

sobre o que dizem os vaqueiros a respeito do ofício que exercem. Isso implica em ter um futuro bem melhor se escolher outra profissão, já que a profissão de vaqueiro é ruim, atribulada, com horários imprecisos para início e término das funções, entre outros fatores que contribuem para se contrapor a ideia de o filho se tornar um vaqueiro. As dificuldades, os riscos constantes de acidente, a dedicação exclusiva, porque se está lá nas terras do patrão o tempo todo disponível para a árdua lida, tudo isso alcança negativamente a figura do pai, porque se não o atingisse, Muaná não seria capaz de formular um enunciado “Eu não indicaria essa profissão para um filho meu”, e o vaqueiro só é capaz de dizer isso porque vive as dificuldades diárias da profissão.

Dizemos que há ruptura discursiva quando um vaqueiro fala tão bem do ofício, de fazer parte dessa categoria de profissionais, como VF4 expressa declaradamente que “Ser vaqueiro é bom, e bom demais, né! É ótimo a gente poder chegar em algum lugar e dizer que a gente tem uma profissão, né?”, mas esse mesmo vaqueiro tem dificuldade de falar da opressão que vive nela e não quer que os filhos passem por esse apanhado: “Eu queria que eles fossem num serviço mais, mais leve, né? Mas aí vai deles, né? da cabeça de qualquer um pensar que vai seguir aquele caminho, e eu converso com eles esses pontos, eu falo, eu mostro pra eles a realidade que eu vivo, né? pra ver se ele vai... Agora se ele for...” Um direcionamento avaliativo no qual os sujeitos expressam seus dizeres em um tempo e um espaço permeado de valores do qual emergem tensões. O vaqueiro não pode falar declaradamente dessa opressão porque ele não quer se expor, o quadro cênico onde está inserido não permite essa liberdade de expressão, o sujeito está num espaço em que o dito pode ter consequências, caso relate uma situação interna de trabalho vindo a comprometer o relacionamento com o patrão. Por isso, o discurso positivo da profissão, que em si ela é muito boa de se realizar, sente-se valorizado, mas ela é realizada em um lugar de opressão em razão das condições de trabalho. Expor esse fato não é tarefa fácil, não é algo que se possa falar abertamente e o vaqueiro se esquivava de dizer, evita pronunciar, mas fica como marca implícita que o sujeito não quer que o filho seja vaqueiro para impedir que ele passe pelas mesmas condições de trabalho que ele, como pai, vivencia.

Assinalamos que a versão, ora construída no discurso segundo, promoveu uma ruptura entre posicionamentos produzindo efeitos de sentido diferentes, opacos em sua materialidade, tendo em vista as relações que se mostram contrárias na segunda versão ante o dito primeiro. No discurso primeiro, se mostra o caráter positivo da profissão, mas que no discurso segundo defende-se um ponto de vista contrário, pois os vaqueiros não querem que os filhos o sigam no ofício. Ao ressignificar a maneira como veem a profissão, no discurso segundo, os sujeitos acessam uma via de significação em que a profissão não deve ser aceita pelos filhos, e,

exatamente por viverem uma situação intimamente ligada à carreira, a negatividade vai prevalecer porque mostram fatos da lida cotidiana com todas as mazelas existentes no trabalho.

Diante da capacidade e do modo de execução do serviço e as implicações laborais advindas daí emergem características que deixam a sensação de que os discursos sobre o conhecimento das lidas em campo são de pertencimento a uma geração tradicional que assume a responsabilidade no trabalho e o vaqueiro contemporâneo, em seu simulacro, como aquele sujeito que não assume a responsabilidade no trabalho. O simulacro é que antes havia vaqueiros e hoje não há mais. Declaram que gostam da profissão que exercem, entretanto não querem que os filhos sigam carreira nesta área.

Partindo do pressuposto de que o sentido é construído nos diversos processos discursivos, se considerarmos o percurso desenvolvido até aqui, a partir da ruptura discursiva que se deu, foi possível enxergar o avesso desse discurso em cada recorte, um parecer contraditório com mostra de uma cena que coincide com o ponto central do discurso, quando os sujeitos não querem que os filhos se tornem vaqueiros. Além da superfície do texto, estão as possibilidades de tecer as relações interdiscursivas, como as implícitas no enunciado “Eu não indicaria essa profissão para um filho meu porque, assim... a gente vê o dia a dia da gente, né?” que reconhecem condições opressivas de trabalho, mas que não estão ditas. Há uma cena englobante que impede que essas marcas se apresentem na superfície do texto e inibe o sujeito de falar, de se expor, construindo uma imagem positiva do trabalho, mas não quer essa labuta nos campos para a sua descendência. As lidas do cotidiano integrada às vivências desses trabalhadores revelam discursos em torno de uma atividade exercida como uma lida difícil, sofrida, conflituosa em relação à forma como expostas na superfície discursiva, que também se revelam na opacidade do discurso e geram efeitos sobre o que se acabou de dizer.

O que se revela então na opacidade discursiva é quanto o vaqueiro está vivendo condições de trabalho opressivas e ele não quer a continuidade da profissão entre os seus descendentes, é isso que está na opacidade constitutiva dos sentidos lá presentes. O que é dito muito veladamente é que o trabalho do vaqueiro contemporâneo não mais se conduz nos mesmos passos do vaqueiro da tradição. O vaqueiro da tradição orgulhava-se de ser vaqueiro e orgulha-se dos filhos o seguirem na profissão e, como vimos, a transmissão dos saberes do ofício de vaqueiro de pai para filho como tradição é quebrada, os laços rompidos, não mais se mantém como tradição por estes campos. Essa valoração acentuada, o orgulho de antes em ser vaqueiro encontra-se em declínio na contemporaneidade devido a um conjunto de significações que afetam o mundo do trabalho, pois encontramos, nos recortes narrativos, marcas que apontam negativamente à profissão, e apresentam não mais a transmissão de uma herança

profissional como parte do legado ideal de pai para filho, o que se permite identificar na opacidade do discurso são marcas de um contexto de opressão nas relações de trabalho no campo, uma exposição das suas vulnerabilidades. Vimos, nos detalhes da construção discursiva dos exemplos citados, o quanto os vaqueiros da tradição almejam por melhores condições de vida para seus filhos dadas as oportunidades que outrora não tiveram, ou nem chegaram a cogitar, já estavam lá e, como dizem, logo assumiram a função que lhes foi repassada.

Do que decorre da memória do dizer, vemos que os sentidos estão marcados pela sua historicidade, e, na memória enunciativo-discursiva de um único vaqueiro aposentado, Melgaço faz-se atualidade na construção dos sentidos: “A única coisa que eu não tive sorte foi com meu filho [risos] que não quis nada de aprender de vaqueiro” // // . De vaqueiro ele não entende nada, ele não aprendeu nada. Eu queria muito que ele aprendesse a profissão que eu sei”. O vaqueiro, com esse enunciado, embora seja único, ao dizer que não teve sorte porque o filho não quis ser vaqueiro, contrasta com todo o conjunto de discursos do vaqueiro da tradição. É o discurso de um vaqueiro aposentado cuja tendência seria a de repassar os ensinamentos da profissão ao filho que deveria segui-lo na carreira, se bem que Melgaço ainda tentou: “Mas quando ele estava desde gatinho sempre eu dava..., mas depois ele cresceu, né? Ele quis só estudar, estudar. Depois foi embora pra Belém. O negócio dele é estudo, é estudar... até hoje. Não quis ser vaqueiro”. No exemplo, um discurso contemporâneo no qual se inscreve um vaqueiro da tradição, apontando para uma situação inversa de quando o filho traça o próprio caminho e, por opção, não quis “desde gatinho” nem aprender a profissão do pai.

Na tradição quebrada e nos vínculos desfeitos, se atingem modos de pensar e agir dos que aqui labutam, em uma confrontação que segue um ritmo discursivo e temporal singulares nos sujeitos em suas articulações que se dão em novos movimentos. Versão consoante com Maingueneau (2008a, p. 116) de modo que “o discurso demanda Tradição e cria sua própria tradição, sendo essencial poder dizê-lo como já foi dito, inscrever sua enunciação nos traços de uma enunciação anterior”. Percebemos isso pelo emprego constante de expressões adjetivas, carregadas de valor, trazendo significados que, segundo Maingueneau (1996, p. 138), “se liga de maneira crucial ao ato de enunciação particular na qual está inscrito”, e são constitutivos do trabalho do vaqueiro e pontuados pelo sujeito ao construir seu discurso em narrativas que contrastam os traços positivos e negativos da profissão.

No que diz respeito à valorização, uma quantidade de adjetivos qualificativos no eixo que tratamos da profissão de vaqueiro em suas marcas avaliativas positivas e do registro dessas marcas em movimento discursivo contraditório, para além do dito uma tensão latente a fim de encontrar uma variação da própria experiência da vida e da lida nos campos. Examinaremos a

seguir as marcas que encontramos com efeito negativo na profissão, de forma a constatar que existem categorias valorativas negativas, em razão das contradições materiais da experiência laboral, para adotar a perspectiva do materialismo histórico, considerando-se que as condições de trabalho assalariado, em sua longa trajetória histórica, são opressoras.

Assim, transcrevemos do *corpus* recortes para compor o quadro 5 em busca das marcas avaliativas negativas da profissão a partir das narrativas de vida contadas pelos vaqueiros.

Quadro 5 - Marcas avaliativas negativas da profissão de vaqueiro

<p style="text-align: center;">VD1 – Anajás Fazenda Caviana</p>	<p style="text-align: center;">VD2 – Curralinho Fazenda Viçosa</p>
<p>A gente gosta muito disso, de enfrentar também animal brabo, isso pra nós é uma diversão. [...] Porque quando a gente laça tem que derrubar ele segurando no rabo dele o suficiente pra ele cair. Aí a gente aposta: quem derruba, quem não derruba, aí quem pega com a mão, quem não pega. Isso pra nós é uma diversão... enfrentar um pouco o perigo, o animal brabo.</p>	<p>Já vai fazer dois anos que eu tô como diarista. No momento eu tô numa função que eu não trabalho diretamente que é tratorista, mas minha função mesmo é de vaqueiro. Minha carteira não é assinada. A carteira assinada tem um respaldo, né?, tudo em ordem. Diarista já é diferente, trabalha aquela temporada depois vai fazer outra coisa, não é diretamente só um serviço. Eu queria ter carteira assinada.</p>
<p style="text-align: center;">VD3 – Breves Fazenda Viçosa</p>	<p style="text-align: center;">VD4 – Afuá Fazenda Machados</p>
<p>Trabalho na Fazenda A na função de diarista aqui há uns 6 meses [...] Tô esperando uma oportunidade para ter a carteira assinada. Com a carteira assinada recebe por mês, é mensal, e se acontece algum acidente com a pessoa tem como ir receber um benefício, que Deus o livre, né?!</p>	<p>As vezes a pessoa cai de mau jeito e se machuca. Mas é assim mesmo, né? Vida de vaqueiro é assim. É que nem essa, né? [...] É arriscada, né? Que se o cavalo cai com a gente, o cara se quebra tem vez. Às vezes até se bate. Tem vez que a rês chifra o cavalo que vem com a pessoa. Aí é assim.</p>
<p style="text-align: center;">VE1 – Santa Cruz Fazenda Mexiana</p>	<p style="text-align: center;">VE2 – Cachoeira Fazenda Bragança</p>
<p>Se for preciso levantar 2 horas, 3 horas pra ir pegar gado no malhador tem que levantar que é preciso. Aí a pessoa tem que recorrer cerca porque senão o gado rebenta os arames e varam ... e isso dá mais problemas pra nós que estamos recorrendo todo o tempo essa cerca que o patrão firma que é pra zelar por ela. Então nós tem que fazer isso todo o tempo, fazendo isso não tem problema nenhum pra nós.</p>	<p>Sempre acontecia alguma coisa pro cavalo cair com o cara, às vezes alguns acidentes, mas graças a Deus, comigo nunca aconteceu esses acidentes! Mas eu já vi acontecer muitos acidentes, se cavalo tombava, vaqueiro saía com o braço quebrado, arrastava vaqueiro, essas coisas, né? mas não era isso que abatia um vaqueiro, ele ficava pensativo, depois já tava... Aí tinha um ditado lá: ele não morreu? não morre mais [risos]. Isso que era sadio na vida do vaqueiro, né?</p>
<p style="text-align: center;">VE3 – Pedras Fazenda Mexiana</p>	<p style="text-align: center;">VE4 – Sebastião Fazenda Ganhão</p>
<p>Mesmo diante das dificuldades que a gente encontra... dificuldades... eu digo assim... aquelas coisas que se tornam mais um pouco complicadas... é quando a gente tá no campo que tem alguma rês brava. Se torna um pouco dificultoso e arriscado pra nós vaqueiro, porque é um animal que mesmo ele sendo bem trabalhado..., mas um animal desconfiado é o búfalo. Há qualquer momento ele pode desconfiar até mesmo com a pessoa que trabalha com ele. Então, isso se torna arriscado, se torna preocupante e a gente tem que trabalhar com bastante atenção. Mas as dificuldades a gente tem que passar por cima delas, né?!</p>	<p>Olha, ela é sofrida, o motivo dela ser sofrida... você já pensou... na parte invernososa? No verão nem tanto. Na parte invernososa, você levanta duas da manhã, DUAS horas da madrugada, você tá no bom do sono, na sua cama, na sua rede, você levanta pra ir pro curral tirar leite, se você... aonde você mora não tiver um barracão, se você tiver tirando leite, aí arria um temporal, chuva, chuva, chuva...; aí você pro campo, você pega um cavalo, aí você vai de madrugada, aí arria um temporal, muita chuva, aí de repente seu cavalo joga com você, joga com você, se ele não for bem manso, se você não cair tudo bem, e se você cair, aí essa é uma parte sofrida isso</p>

(continuação do Quadro 5)

<p align="center">VF1 – Chaves Fazenda Mexiana</p>	<p align="center">VF2 – Soure Fazenda Viçosa</p>
<p>O serviço é tranquilo, tranquilo... tranquilo. É uma vida fácil, né?! Ser vaqueiro não é uma vida difícil não. É só que é meio arriscado, né?! Trabalhar com fé em Deus, né?! Dá certo!</p>	<p>Pra gente que trabalha com gado é muito arriscado da gente sofrer um acidente. É muito dificultoso quando o mato tá alto e a gente não dá de ver o gado todo. E na época da parição, as vacas ficam mais velhacas porque querem esconder o bezerro no meio do cerrado e quando alguém se aproxima é confusão na certa, porque ela vai avançar. Se der pra ver o animal vindo na nossa direção dá pra se defender..., foi então que a vaca se dirigiu pra mim, e eu não enxergava ela e ela me tombou com cavalo e tudo. Aí eu caí e ela veio em cima de mim e eu ainda me defendi, mas já tava no chão, ficou uma situação bem difícil pra mim. A sorte foi meu companheiro chegar e me socorrer, porque eu só contava com o livramento de Deus mesmo! Quando meu companheiro chegou, ela já tinha me dado quatro chifradas e não deixou ele apeiar, correu atrás do cavalo dele, mas não alcançou ele, ela passou direto e ele veio me socorrer.</p>
<p align="center">VF3 – Salvaterra Fazenda Jurupari</p>	<p align="center">VF4 – Muaná Fazenda Mexiana</p>
<p>a gente escolheu essa profissão, eu acho que ... como diz o ditado: graças a Deus, eu não me arrependo de ser vaqueiro! É isso o que a gente passa no campo, assim..., mas é isso mesmo! Já que a gente escolheu essa profissão a gente tem que aguentar. [...] É arriscado, porque toda profissão é arriscado, mas se for determinado por Deus para acontecer, acontece. Se não for, Deus protege!</p>	<p>porque ali é o seu serviço, né? e você tem que ir. Aí esse é um serviço que eu já fico imaginando nele, aí esse é um serviço que eu já fico imaginando nele, aí você vai, faz o serviço e quando chega, às vezes vem chegar à noite de volta, e esse já se sabe que é um serviço que é meio pesado.</p>
<p align="center">VA1 – Portel Fazenda Camaleão</p>	<p align="center">VA2 – Bagre Fazenda Viçosa</p>
<p>Olha, a dificuldade que a gente tem é de transporte, de negócio de pagamento que às vezes eles atraso o pagamento... tudo isso aí é uma dificuldade. Quando atrasa pagamento tem gente que não gosta... Nós, por exemplo, eu que já tô ACUSTUMADO, eu já não estranho isso, eu não tenho muito, eu já tenho uma coisinha eu já não estranho, sou aposentado. Mas tem os que não são aposentado que tão tendo dificuldade. Também tem a dificuldade na terruada, a pegada do gado que anda no inverno, onde o gado anda no inverno na lama fica cheio de buraco [...]. É arriscado o animal cair com a gente, correndo... porque mete a mão às vez na pegada, principalmente do búfalo, o animal mete a mão, engata e quebra a pata do animal na terruada, né? Então isso é dificuldade. Uma série de dificuldade que o vaqueiro trabalha que pra ele tem dificuldade, é... perigo.</p>	<p>A gente já vê hoje em dia muitos erros, já não é como aquela profissão de antigamente. A gente acha muitos erros que às vezes é uma falta de respeito na profissão. E a gente não, a gente trabalhava com muita atenção, não como quem ia vacilar. Tudo isso faz parte da vaqueirice pra gente. E aí são essas coisas... até hoje representa pra mim muita saudade. Tenho saudade que às vezes eu fico pensando assim, não vamos longe, o Tio iranda, foi vaqueiro que a gente dizia VAQUEIRO. Eu gostava de ver ele trabalhar, laçava, ensinava a gente, e a gente via o jeito dele, a gente prestava atenção, como diz a gente não sendo muito rude a gente fica prestando atenção na qualidade das pessoas. Não sendo rude, a gente aprende. São essas coisas que deixam saudade da parte da vaqueirice.</p>
<p align="center">VA3 – Melgaço Fazenda Janaucu</p>	<p align="center">VA4 – Gurupá Fazenda Pacas</p>
<p>Os acidentes... isso sempre aconteceu no trabalho, às vezes a gente correu muito e caiu do cavalo, o cavalo correu com a gente... Eu nunca tive acidente assim de quebrar alguma coisa. O meu pai trabalhou e ele teve um acidente feio que quase perde o dedo, mas isso é da vida do trabalho. Todo trabalho é arriscado, então a gente tem que enfrentar...</p>	<p>Já tive um acidente logo quando eu cheguei na Fazenda O, quase perco o meu dedo, o cavalo não deixou eu montar. Eu saí e tinha muita pedra lá, eu saí correndo. A gente não usava bota, aí eu saí correndo no lado do cavalo e dei de encontro na pedra, quase eu perco o dedo.</p>

Ao relacionar este lugar de labuta diária à cena englobante em que os vaqueiros aceitaram contar sobre o seu trabalho no espaço onde o realizam e com a autorização do patrão, entendemos ser também este um fato preponderante para o profissional dos campos avaliar o trabalho exercido com satisfação, ainda que às vezes esse exercício calhe de forma inversa. Então, para além das evidências, estão as angústias, as tristezas, os conflitos, as contradições relacionadas ao trabalho do vaqueiro, o que requer compreendermos se essas angústias, tristezas, conflitos, contradições se relacionam com a hipótese da pesquisa: as mudanças na profissão marcadas pela oposição tradição e contemporaneidade.

Na busca pelos traços avaliativos que aparecem negativamente na construção discursiva do profissional vaqueiro, seguimos uma orientação argumentativa pautada em três tópicos. O primeiro tópico trata de quando a carteira de trabalho não é assinada e o sujeito não tem respaldo para garantir seus direitos trabalhistas. O segundo tópico é direcionado à vaqueirice como uma profissão arriscada a ser abordada em três acepções: os riscos diários na lida com os animais, a atitude de resignação perante os riscos enfrentados diariamente, e da segurança na proteção divina para os livramentos constantes dos riscos no trabalho. O terceiro tópico foca as relações entre as gerações de vaqueiros e se explora em duas acepções: primeiramente, mostrar como a relação entre vaqueiros da tradição e da contemporaneidade se constitui numa relação desigual, uma vez que os vaqueiros da contemporaneidade valorizam os vaqueiros da tradição, valorizam o que aprenderam com esses profissionais e os vaqueiros da tradição nem sempre dão valor ao serviço dos vaqueiros da contemporaneidade, fazem as suas ressalvas. Na segunda acepção, há toda uma valorização com a tradição intrínseca ao trabalho realizado da forma como foi transmitido entre as gerações de vaqueiros, é um saber que o sujeito possui, mas não se quer repassar aos descendentes, uma recusa diante da declaração de VF4 Muaná, da Fazenda Mexiana: “Eu não indicaria essa profissão para um filho meu”.

Com esse direcionamento, trazemos no primeiro tópico argumentativo, as narrativas dos vaqueiros diaristas VD2 e VD3 e, nelas, a marca negativa da falta de registro de contrato na carteira de trabalho e atuação profissional por um longo período na base da informalidade, ficando alijados das leis trabalhistas, vaqueiros sem carteira assinada e com quem não há nenhum tipo de compromisso contratual. No processo do dizer de Currálinho “Minha carteira não é assinada” há um funcionamento discursivo que contesta, opõe-se implicitamente a uma asserção positiva anterior, “Minha carteira é assinada”. Diremos então que a circunstância apresentada é de uma negação polêmica que põe em cena atitudes antagônicas e, no par antonímico “Minha carteira não é assinada” e “A carteira assinada tem um respaldo, né?”, O vaqueiro diarista Currálinho formula esse enunciado, colocando a carteira como sujeito, mas é

o trabalhador cuja carteira profissional é assinada que tem respaldo. Uma relação de trabalho que se constrói com negação de direitos e desvalorização profissional, o que contribui para a encenação do conflito e se constitui como um espaço de formação de sujeitos conscientes do lugar que ocupam (ou que não ocupam), sem “ter um respaldo” e sem “receber um benefício”. A falta do amparo legal desperta nos sujeitos a vontade de reverter essa condição de invisibilidade no trabalho, e se pronunciam à espera da oportunidade de ter a carteira assinada.

Ciente de que se encontra em uma situação irregular, o vaqueiro diarista sabe que, caso aconteça algum acidente, estará impossibilitado de receber um benefício, pois não é amparado legalmente, e isso gera um sentimento de diferenciação e de distanciamento que experimenta em relação aos vaqueiros efetivos, que por terem a carteira assinada, “tem um respaldo, né? tudo em ordem. Diarista já é diferente, trabalha aquela temporada depois vai fazer outra coisa”. Deparamo-nos assim com outra situação negativa para quem é diarista: não ser reconhecido entre seus pares, porque ele está lá na fazenda para fazer qualquer serviço, não há uma ocupação específica. É o tipo de trabalhador que vai fazer o que se está precisando em qualquer lugar. E, como em toda construção discursiva que o efeito de sentido resulta de um sistema de significação, observamos que as narrativas de vida se constituem de marcas relacionadas a formações discursiva, levando-se em conta os processos histórico-sociais que os constituem enquanto sujeitos do discurso.

Avançando em nosso processo de leitura dos dados, percebemos que os vaqueiros, ao delatarem um acordo trabalhista sem a carteira assinada, deixam escapar uma regularidade nas narrativas de que a vaqueirice é uma profissão arriscada devido aos eventos problemáticos do cotidiano e relatam uma diversidade de situações diante das quais ficam constantemente expostos aos riscos da profissão. É isso o que as narrativas de vida ilustram com a possibilidade de significação ativada pelo adjetivo “arriscado”, e suas variações, por ser uma característica negativa recorrente no contexto discursivo. Os riscos aparecem então, na maioria das narrativas de vida dos vaqueiros, como marca negativa e se faz presente nos discursos como parte deste cenário dos campos, quando se fala de perigos frente às labutas diárias. Para falar acerca desses riscos, embasamo-nos em três acepções: os riscos diários na lida com os animais, a atitude de resignação perante os riscos enfrentados diariamente, e da segurança na proteção divina para os livramentos constantes no trabalho.

Das experiências em campo, o segundo tópico argumentativo está relacionado à vaqueirice como uma profissão arriscada. O emprego da expressão “arriscada” aponta para uma construção discursiva inusitada frente aos riscos de sofrer um acidente ocasionado por coices, cabeçadas, chifradas, pisão, queda, mordida entre outros riscos inesperados durante a

lida. Dessas reações instintivas decorrem inúmeras possibilidades de acidentes com o vaqueiro no manejo diário pela fazenda nos espaços por onde circula quando está em serviço. O que norteou a análise para os riscos apresentados nas narrativas em três acepções: a primeira acepção mostra os riscos diários no manejo com os animais. São riscos que advêm do comportamento imprevisível dos animais, das condições adversas no campo, do atoleiro no inverno, das terroadas no verão, uma diversidade de situações imprevisíveis e arriscadas que integram o próprio conceito de risco da atividade vaqueira no Marajó.

Estar ciente desses riscos é essencial neste cenário da pecuária no trato com os animais para se tomar a devida precaução quaisquer que sejam os motivos. A declaração negativa do vaqueiro VA4 Gurupá: “A gente não usava bota” revela que antigamente se trabalhava desprotegido sem dispor das mínimas medidas de segurança para exercer as atividades em campo e garantir o próprio bem-estar. Como esse vaqueiro aposentado ainda está na ativa, nos conta de como este cenário passou por transformação e, para quem antes não usava bota, agora já usa um tipo de calçado adequado para este ambiente e fundamental para a proteção e segurança do trabalhador na área rural. Foi nessa percepção de sentido que os recortes apontaram a respeito de uma problemática de longa tradição nos campos e ficamos a par das questões existentes “antigamente”, acerca da falta de itens essenciais de segurança. Além das passagens narrativas em que se descrevem acidentes no serviço de forma variada, também identificamos como marca de avaliação negativa de Gurupá a carência de itens de proteção necessário para proteger contra possíveis lesões ocasionadas por um eventual acidente de trabalho. Uma denúncia que os vaqueiros relatam sobre a cultura da segurança e o uso de equipamento adequado para proteger os trabalhadores em seu campo profissional, uma forma prática e eficaz para diminuir os riscos de acidente, que são difíceis de prever, e quando acontecem são graves as consequências para o trabalhador. Das relações que constituem as práticas discursivas das situações de trabalho no campo, a mostra de como os discursos apresentam uma regularidade em torno dos riscos que o vaqueiro sabe que corre na execução das suas atividades.

Na exposição das lidas diárias, Sebastião revela os riscos de quem inicia a labuta às duas horas da manhã, quando precisa enfrentar um forte temporal: “você pega um cavalo, aí você vai de madrugada, aí arria um temporal, muita chuva, aí de repente seu cavalo joga com você, joga com você, se ele não for bem manso, se você não cair tudo bem, e se você cair, aí essa é uma parte sofrida isso”. Nesta relação, a interpretação à profissão “sofrida” se dá na parte invernososa, quando os campos estão inundados e o serviço se torna dificultoso, ficando o sujeito à mercê das tempestades, o que pode influenciar no comportamento do animal em que se está

montado e acontecer um acidente. Podemos a partir daí inferir uma cenografia construída entre sentidos e marcas, tensões e conflitos em um cenário de trabalho que tem início às duas da madrugada com exposição do sujeito a um tempo chuvoso com provável risco de cair do cavalo.

Em contraponto à situação de perigo no trabalho, a mesma situação legitima a diversão, o lazer, um tipo de procedimento que o vaqueiro Anajás utiliza para contar da coragem que possui para “enfrentar também animal brabo”, e considerou este momento de realização da entrevista narrativa uma circunstância oportuna em que pode narrar os atos destemidos que a vida no campo propicia, assim como as habilidades na profissão frente aos desafios a enfrentar. Ao trazer à cena uma situação de confronto com um animal e a possibilidade de perigo iminente, “Isso pra nós é uma diversão... enfrentar um pouco o perigo, o animal brabo”, o vaqueiro expõe os riscos que passa diariamente, e, ainda que se refira a esse momento como uma diversão, a atividade tida como lazer durante a execução das tarefas no campo também é de risco.

Observamos que as escolhas lexicais ajudam a sustentar uma construção discursiva de sentido que adquirem valor no contexto de entrevista narrativa em que estão expressos. Elementos que remetem às cenas de enunciação e colaboram na construção de uma rede de sentidos próprios nas lidas em campo, no exercício das tarefas rotineiras. Uma parte da vida sofrida que na apreensão negativa do discurso revela o pertencimento à prática discursiva com os quais esses trabalhadores legitimam seus dizeres. Em suas ações, disseminam conhecimentos, advertências e aceitação resignada para aquilo que o atinge como sina. No que diz respeito à resignação, vamos apresentá-la como a segunda acepção por se tratar de uma regularidade constante nas narrativas, em que o vaqueiro entende que os riscos da profissão ele não pode evitar, ele aceita resignadamente.

De um modo geral, aceitar com resignação as agruras no campo frente a um trabalho “arriscado” é recorrente nas narrativas contadas aqui. O sujeito que trabalha “com bastante atenção” evita passar por uma situação arriscada e, de maneira oposta, “aquele que não trabalha com atenção” está arriscado a passar por sérios apuros na lida com o gado solto no campo. Além dos eventos arriscados do cotidiano, percebemos uma atitude de resignação diante de situações avaliadas como negativas em relação à profissão, pois, logo após expor uma série de dificuldades na lida, nos diz o vaqueiro Pedras: “Mas as dificuldades a gente tem que passar por cima delas, né?!”. Ora, vejamos que ele nos conta sua narrativa de vida intercalada por pausas, repetição hesitante, corte temporal, interrupções, e silencia diante de certos acontecimentos: “Mesmo diante das dificuldades que a gente encontra... dificuldades... eu digo assim... aquelas coisas que se tornam mais um pouco complicadas... é quando a gente tá no campo que tem alguma rês brava”. O ato de contar de maneira tão reticente expõe o desconforto

de Pedras diante da situação de entrevista que se caracteriza por efeitos de sentido que remetem a um movimento complexo da lida em campo marcado por contradições.

A narrativa, em seu contexto e tessitura, é determinante para a construção dos referentes discursivos sobre o trabalho em qualquer circunstância, e veremos como as propriedades argumentativas dos sujeitos ligam o adjetivo “arriscado” ao ato de aceitar com resignação os riscos no campo do trabalho, um lugar histórico-social e ideológico de onde falam esses sujeitos. Neste quadro cênico, o discurso sobre o trabalho mobilizado por VF3 em “Já que a gente escolheu essa profissão a gente tem que aguentar”, implica em confronto de experiências arriscadas predestinadas como sina neste trabalho, um desígnio da atividade, haja vista a carga semântica das formas verbais “escolher” e “aguentar”. Esse encarar frente a frente as situações de risco, porque inerentes ao trabalho do campo, se dá num processo de significação repetitivo no discurso, no sentido de resignação, conforme a colocação feita pelo vaqueiro Melgaço: “mas isso é da vida do trabalho”. A força argumentativa do “mas”, em “O meu pai trabalhou e ele teve um acidente feio que quase perde o dedo, mas isso é da vida do trabalho”, nos leva a pressupor, a partir da cena enunciativa, que sofrer um acidente feio faz parte da vida do trabalho.

Vejamos que na construção narrativa de VF2 “Mas eu já vi acontecer muitos acidentes, se cavalo tombava, vaqueiro saía com o braço quebrado, arrastava vaqueiro, essas coisas, né? mas não era isso que abatia um vaqueiro”, o operador argumentativo “mas” em “mas não era isso que abatia um vaqueiro”, faz ligação com o implícito, que, segundo Maingueneau (1997, p. 166), possibilita fazer “oposição à interpretação argumentativa”. Ou seja, mesmo diante da ocorrência de um acontecimento perigoso, o sujeito se declara de acordo com o fato alegado por ele mesmo como ser inevitável correr riscos e não se poder fazer nada contra isso, em uma reação movida pela incapacidade de reverter modos e costumes de longa tradição.

O sujeito adota uma postura passiva nas ocorrências de risco porque está acostumado, é assim mesmo que acontece, e como ele não pode fazer nada para mudar esse cenário de trabalho arriscado, a proteção dele é a proteção divina.

Com essa proteção, chegamos à terceira acepção que foca a vaqueirice como uma profissão arriscada. O recorte da narrativa de vida do vaqueiro VF2 ilustra bem essa passagem: “Aí eu caí e ela veio em cima de mim e eu ainda me defendi, mas já tava no chão, ficou uma situação bem difícil pra mim. A sorte foi meu companheiro chegar e me socorrer, porque eu só contava com o livramento de Deus mesmo!”. Uma cena que foca o sentido para a fé no discurso do trabalho e se abre à representação de valores manifestada pela crença no poder de Deus diante de iminente perigo de morte, tornando relevante a representação construída pela narrativa que legitima a experiência com o divino em uma ocasião arriscada, difícil de lidar.

O poder da fé manifesta em Deus, nos santos intercessores e demais seres divinos, para os quais o sujeito apela em momentos de sufoco, consiste, evidentemente, numa característica marcante por estes campos. Que o diga o feitor VF1 Chaves, da Fazenda Mexiana: “É só que é meio arriscado, né?! Trabalhar com fé em Deus, né?! Dá certo!”. Essa confiança se renova quando o sujeito está diante de uma situação de perigo em que falta proteção e sobram riscos, de modo que, naquele momento, o trabalhador só conta com a proteção divina. Os confrontos são inevitáveis, mas frente aos riscos é pela proteção divina que os vaqueiros estão seguros e, diante da súplica, recebem o livramento. De modo que o vaqueiro Breves, destituído dos benefícios legais, clama a Deus para livrá-los dos acidentes de trabalho, situação que seria diferente caso a carteira fosse assinada: “Com a carteira assinada recebe por mês, é mensal, e se acontece algum acidente com a pessoa tem como ir receber um benefício, que Deus o livre, né?!”. A fé manifesta, nesse contexto, mescla-se à situação de risco, tornando-se um meio de receber as bênçãos e sair do aperreio, caso aconteça algum acidente, pois sabe que não pode contar com nenhum tipo de segurança que venha das mudanças de condições de exercício do seu trabalho, porque as condições de exercício de trabalho são condições opressoras.

Nos dizeres do discurso, cabe reforçar a produção de sentidos nas invocações pelo divino que os fiéis realizam em sua experiência profissional quando se deparam com os riscos inerentes à vaqueirice e confiam plenamente na proteção das forças divinas onde buscam a segurança que precisam para se livrarem de acidentes. Assim diz Cachoeira: “Sempre acontecia alguma coisa pro cavalo cair com o cara, às vezes alguns acidentes, mas graças a Deus, comigo nunca aconteceu esses acidentes!”, um pedido da proteção divina, pois nunca se sabe o que o sujeito vai encontrar pela frente.

Para compreender esses processos de significação, vimos que os sujeitos introduzem valores e os expõem discursivamente, valendo-se de expressões explícitas com sentido positivo em que reconhecem os próprios méritos, dons ou qualidades, assim como são indiciadas as marcas negativas. De modo que a produção de sentidos resultante da confluência dos contextos apresentados nem sempre trazem as marcas negativas explicitamente, mas estão presentes, qual seja, a escolha de uma palavra, uma construção interrompida, no que foi dito de um modo, do que se acrescentou ao já dito, do que poderia ser dito e não foi, do que não foi dito com clareza, mas que, segundo Maingueneau (2008a, p. 23), “a enunciação discursiva ao mesmo tempo supõe e torna possível”.

Levamos em consideração os saberes discursivos dos sujeitos no campo do trabalho e os efeitos produzidos nas narrativas por eles contadas para efetivar a análise com argumentos em posicionamentos contrários. Em cada excerto narrativo um modo próprio dos sujeitos

colocarem-se em cena, a partir de suas coerções, filiados a um discurso marcado por traços contraditórios entre ser ou não ser vaqueiro, pois há implicitamente aí uma avaliação na linha do tempo: serviu ontem para o vaqueiro, mas hoje não serve para sua descendência. Reconhecer esses traços é demonstrar que a relação entre os vaqueiros da tradição e da contemporaneidade é conflituosa o que requer maior compreensão na construção discursiva dos sentidos do trabalho.

Valemo-nos ainda de argumentos avaliativos nas sequências a serem exploradas no eixo a seguir, causando uma certa perspectiva em saber como o trabalhador da região dos campos do Marajó se define, a partir da perspectiva do outro. Consideramos pertinente explorar nesse eixo a autoavaliação, o modo como o vaqueiro define a si e aos outros vaqueiros a partir dos dados coletados nas entrevistas narrativas.

4.2 De quando o vaqueiro produz o simulacro do outro: eu sou o que o outro não é

Para a construção da imagem de um sujeito inscrito no lugar discursivo do trabalho, nos permitimos a escuta atenta das narrativas de vida, em que foi possível concluir que o trabalho realizado no campo da pecuária no Marajó está fortemente marcado por contradições. Vimos no eixo anterior, quando tratamos das marcas avaliativas da profissão vaqueira, em dois de seus desdobramentos, que a falta de registro na carteira de trabalho implica ausência de direitos legais e vimos também a vaqueirice se constitui como uma profissão arriscada, dados que interferem na postura profissional que o vaqueiro passou a adotar, qual seja de aceitação, contradição, recusa, enfrentamento, resignação, proteção. No percurso de nossos argumentos, surgiram dados que dizem respeito à autoavaliação do desempenho do profissional vaqueiro, a qual será discutida aqui a partir do confronto com o outro. Nas sequências a serem exploradas, a autoavaliação passa pelo simulacro do outro, pois consideramos pertinente o modo como o vaqueiro define a si e aos outros, atentando aos recortes que mostram, às vezes, que essa definição se dá por um olhar do outro às suas próprias características e atuação profissional.

Assim, nosso olhar converge, nesta análise, para a avaliação feita acerca da profissão, de como os sujeitos se autoavaliam quanto ao desempenho profissional e os saberes e fazeres da profissão nestes campos do Marajó. Desse todo, nós vamos nos ocupar agora deste segundo eixo concernente à autoavaliação. E, importa para nós, que toda essa discussão esteja relacionada com o eixo temporal da tradição e da contemporaneidade, cabendo verificar se essa tensão entre ser e não ser vaqueiro se constitui na tensão entre o ontem e o hoje ou não.

Consideramos, para isso, a recorrência do verbo “gostar” na construção do sentido do discurso sobre o trabalho do vaqueiro e, na sequência, se os dados apontam para discutir se o

vaqueiro contemporâneo reconhece o vaqueiro da tradição como referência ou não e, na mesma direção, se o vaqueiro da tradição se reconhece no vaqueiro contemporâneo ou não. Assim, mostramos no quadro 6, a seguir, que a forma empregada pelos sujeitos ao selecionar o verbo “gostar” parte do recorte de um processo de significação em que se permite avaliar aspectos discursivos no contar de si e do outro em referência a um elemento verbal de singularidade expressiva na profissão de vaqueiro.

Quadro 6 - A autoavaliação no desempenho da vaqueirice

<p style="text-align: center;">VD1 – Anajás Fazenda Caviana</p>	<p style="text-align: center;">VD2 – Curralinho Fazenda Viçosa</p>
<p>Ser vaqueiro pra mim é tudo, é a profissão que eu gosto, o meu maior prazer é ser vaqueiro porque tá na fazenda pra mim é tudo. // // Minha profissão me traz alegria, me sinto bem, é minha profissão que eu gosto de tá montado... Porque na minha família quase todo mundo é vaqueiro e eu gosto muito de ser vaqueiro.</p>	<p>Eu gosto de ser vaqueiro por causa da lida no campo com os animais, de sair pro campo, trabalhar com o gado. Eu sempre gostei disso, gosto muito disso de tá trabalhando com animais. A sensação da liberdade, de tá no meio da natureza, trabalhando no meio dos animais e ser livre, né?!</p>
<p style="text-align: center;">VD3 – Breves Fazenda Viçosa</p>	<p style="text-align: center;">VD4 – Afuá Fazenda Machados</p>
<p>Eu gosto de ser vaqueiro. Tem a vantagem pra mim que sou nascido e criado na fazenda eu acho que esse serviço de vaqueiro é ótimo, é animado. Às vezes quando tamo trabalhando tem animação da gente laçando bezerro, tombando bezerro...</p>	<p>Me sinto [reconhecido] porque tudo por ali por onde eu passo, todos gostam de mim, né? porque eu gosto de trabalhar, né? Aí onde eu chego eu mostro logo o meu serviço, né? Eu não chego me escorando, né? o que tiver pra mim fazer eu vou logo fazendo, não fico esperando pelos outros pra fazer, né? Assim vai, aí onde eu chego minha fama tá lá que eu sou trabalhador.</p>
<p style="text-align: center;">VE1 – Santa Cruz Fazenda Mexiana</p>	<p style="text-align: center;">VE2 – Cachoeira Fazenda Bragança</p>
<p>Pra mim é uma profissão que eu gosto muito de sair pro campo e é uma profissão maravilhosa pra mim. // // Ser vaqueiro é por causa que eu gosto de montar, de laçar, divertir, correr, mas não pra acabar o animal porque tem gente que corre muito e acaba o cavalo.</p>	<p>Graças Deus essa rotina, até hoje eu tô com eles trabalhando. Comecei lá como diarista na Fazenda (?), trabalharam pra mim vim pra cá e viemos pra cá, até hoje estamos aqui. Foi essa minha rotina de trabalho. Não tenho do que me queixar, graças a Deus!</p>
<p style="text-align: center;">VE3 – Pedras Fazenda Mexiana</p>	<p style="text-align: center;">VE4 – Sebastião Fazenda Ganhoão</p>
<p>Porque é uma coisa que eu faço e gosto de fazer, amo a minha profissão. [...] Eu tô fazendo o que eu amo fazer hoje em dia que é ser vaqueiro. Então, se você tá naquela coisa pra você dá prosseguimento a ela você tem que gostar, tem que amar o que faz que não adianta você tá ali e tá insatisfeito com o trabalho porque isso daí só vai atrapalhar a pessoa. [...] Então, pra mim ela é tudo, porque é uma coisa que eu faço e gosto de fazer e uma coisa que eu amo fazer é... amanhecer o dia e tá mexendo com animais e cuidando do meu trabalho ali onde eu moro.</p>	<p>Até hoje eu trabalho como vaqueiro porque eu gosto, gosto. Hoje eu tô na Fazenda (?) trabalhando porque gosto. Eu gosto muito de ensinar, eu não escolhamo ninguém eu gosto de conversar com as pessoas, e dizer “olha é assim, assim, assim...” [...] Eu gosto de ter muitas vacas num curral por isso eu sou elogiado pelo meu patrão, graças a Deus. Gosto de andar de carroça, gosto de amansar boi na carroça... Agora, a parte divertida é quando você tá tirando gado, que você tá laçando, principalmente..., eu gosto muito de laçar. Eu adoro fazer essas coisas, adoro mesmo... Eu fiquei na fazenda porque eu quis. Porque eu... eu namorava com a (?) e eu gosto muito dela, aí eu me empreguei. E eu já tive propostas e propostas pra sair e eu não quis, eu não quis porque eu gosto desse lugar.</p>

(continuação do Quadro 6)

<p align="center">VF1 – Chaves Fazenda Mexiana</p>	<p align="center">VF2 – Soure Fazenda Viçosa</p>
<p>Desde os 16 anos sou vaqueiro, cria da Fazenda (?)... Lá aprendi a montar, laçar. O serviço que não muda. Tem que saber laçar, tem gente que é cargueiro [risos], que erra, e tem gente bom de laço. Tem que saber rabiar uma rês, tombar ela pelo rabo, tombar e tem que ajuntar ela, segurar ela no chão pra peiar e fazer algum serviço nela... serrar a ponta do chifre, com três meses começa a assinalar, ferrar nessa faixa aí. Ser vaqueiro é a profissão, meu começo foi esse, tem que ter formação, ser obediente, não ser respondão pras pessoas, saber laçar, rabiar... isso aí.</p>	<p>O meu pai queria que eu continuasse meus estudos, mas eu botei em cabeça que não, que eu não queria, eu queria trabalhar, mas eu nunca pensei também de um dia de ser vaqueiro. Eu era acostumado... nascido e criado na fazenda, mas... foi indo, foi indo, foi indo, fui gostando e eu já fiquei.</p>
<p align="center">VF3 – Salvaterra Fazenda Jurupari</p>	<p align="center">VF4 – Muaná Fazenda Mexiana</p>
<p>Eu comecei, eu agradeço primeiramente a Deus, e ao meu padrinho. Foi ele quem começou a minha vida... foi desde pequeno. Ele me levou pra lá e me ensinava. Tudo isso eu fui gostando. E já com aquela influência de ser vaqueiro. Até hoje eu agradeço muito a ele dele ter me ensinado tudo o que eu sei hoje em dia eu agradeço muito a ele. E pra mim é um prazer. Eu gosto muito dessa profissão, foi a profissão que eu escolhi. [...] Eu gosto dessa profissão. Gosto dos animal, de todo animal búfalo, cavalo... eu adoro trabalhar com os animal. Trabalhar na fazenda pra mim é o paraíso tá lá na fazenda. Poxa! Que eu nascido e criado lá... eu me sinto muito bem vindo de trabalhar lá na fazenda...</p>	<p>Ser vaqueiro é bom demais, né? É ótimo a gente poder chegar em algum lugar e dizer que a gente tem uma profissão, né? Que tem uma profissão. Ser vaqueiro é uma profissão que a gente gosta.</p>
<p align="center">VA1 – Portel Fazenda Camaleão</p>	<p align="center">VA2 – Bagre Fazenda Viçosa</p>
<p>Para mim ser vaqueiro é o gostar, né? É o gostar da profissão. Desde que eu me empreguei eu sempre gostei da minha profissão, né?. Então, graças a Deus, com isso eu me tornei um bom vaqueiro. Todo mundo acha, e eu tô com essa idade, mas tem gente me procurando ainda. Tô na Fazenda F porque eu quero, mas que tem gente me procurando tem. Vizinho me procurando, é... Tem dois vizinho lá perto de mim que são doido que eu vá trabalhar com eles. .</p>	<p>Ser vaqueiro, é como diz o ditado, é ter amor por aquela PROFISSÃO que a gente tinha e que hoje em dia já não tem [vaqueiro novo] aquele amor, trabalha porque é preciso. Antigamente a gente tinha aquele... amanhã eu vou pra tal lugar, isso faz parte do amor pela vaqueirice, não pensava em outras coisas, pensava só naquilo que você ia fazer. Era amor o que a gente tinha pela vaqueirice.</p>
<p align="center">VA3 – Melgaço Fazenda Janaucu</p>	<p align="center">VA4 – Gurupá Fazenda Pacas</p>
<p>Eu sempre fui caprichoso, eu sempre procurei aprender com ele [o pai], trabalhar tudo certinho pra não errar e eu sempre gostei de trabalhar correto, mas é uma barra assim pra esses novatos de hoje. É difícil. Na geração nossa todo mundo era vaqueiro porque todos se dedicavam ao trabalho, àquela função.</p>	<p>Essa experiência da profissão pra mim eu gostei muito, né? até aqui. Até hoje eu tô assumindo a responsabilidade.</p>

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho

Por meio desses recortes narrativos, vimos uma acentuada frequência²⁰ no emprego do verbo “gostar” na construção de saberes da imagem do profissional vaqueiro com pertença

²⁰ Dos dezesseis participantes, apenas dois deles (VE2 e VF1) não empregaram o verbo “gostar” na autoavaliação sobre o desempenho da vaqueirice.

social no cenário do trabalho. Entre as significações que se apresentam, observamos que a ação expressa em “gostar” dá apoio ao dito no sentido de que o sujeito se posiciona, ao introduzi-lo em primeira pessoa, uma autoavaliação feita em um conjunto de traços caracterizados de acordo com sua formação discursiva.

Os sentidos das marcas formais em cada uma das construções de “gostar” dependem do contexto no qual elas estão inseridas. Há duas ocorrências em que se declara gostar da profissão: no pronunciamento de Anajás, “é a profissão que eu gosto, o meu maior prazer é ser vaqueiro”, uma ocorrência em que o trabalho se traduz em estado afetivo prazeroso; no pronunciamento de VF4, “É uma profissão que a gente gosta”, a opção pela inclusão de “a gente”, uma preferência para abarcar o nós em vez do “eu” que individualizaria o sujeito, o sujeito que se autodesigna como “a gente”, porque se reconhece profissional vaqueiro e emprega o “nós” porque também se insere nesta comunidade discursiva, conforme apreendemos em seu discurso.

Os efeitos de sentido têm relação com as cenografias que emergem e expressam continuidade na realização de um trabalho que foi acontecendo aos poucos, com influência dos parentes, e até hoje seguem na profissão conforme a deferência feita na construção verbal “fui gostando”, uma ação em curso. Ao optar pela construção verbal “gostar”, o registro de marcas de valores e comportamentos, a representação que se faz de sujeitos do trabalho em cenografias construídas em diferentes tempos.

Um retorno aos acontecimentos vividos por VA3 e VA4 com verbos expressos na forma do presente em que se enumeram ações para o mundo do trabalho narrado durante a entrevista narrativa. O emprego do tempo passado “gostei” situa os acontecimentos ocorridos antes de os dois estarem aposentados e, quando narram no presente “tem que trabalhar” e “tô assumindo”, destacam que ainda estão na ativa “até hoje”.

No âmbito de uma apreciação sobre o trabalho do vaqueiro, a escolha do recurso verbal gostar é intensificada na narrativa de Currealinho “gosto muito disso de tá trabalhando com animais” e, na narrativa de Santa Cruz “gosto muito de sair pro campo”. Na autoavaliação do ofício, o sujeito assume esse fazer diário, gabando-se de cada dever cumprido com marcas valorativas cujas expressões encenam os sentidos que representam.

Nas duas acepções apresentadas a seguir, uma construção transitiva indireta semelhante, “Eu gosto de”, mas com complementos verbais que as diferenciam. Afuá diz: “Eu gosto de trabalhar”. Como é diarista, enfatiza o sentido de trabalhar como qualidade de valor, visto que mais adiante acrescenta “aonde eu chego, eu mostro logo mostro o meu serviço”, apresentando-se como profissional engajado que desenvolve suas funções com habilidade, de forma que “trabalhar” tem como efeito a ação que executa, é parte de uma prática vivenciada no campo

em meio aos procedimentos discursivos do cotidiano. Enquanto o vaqueiro Breves diz: “Eu gosto de ser vaqueiro”. Ser vaqueiro é uma condição, é a essência de uma vida, expressão que adquire força no desenvolvimento discursivo com efeitos de sentidos carregados de significados. E, neste lugar, marcado por contradições, produzem-se efeitos de sentido diferentes no modo como este sujeito se coloca individualmente no espaço do “gostar”, atentando ao fato de que nos processos de troca verbal, os falantes produzem discursos.

Consideremos agora dois recortes extraídos das narrativas de VA2 e VE3. Segundo a definição de VA2: “Ser vaqueiro [...] é ter amor por aquela PROFISSÃO que a gente tinha e que hoje em dia [o vaqueiro novo] já não tem aquele amor, trabalha porque é preciso”. Trata-se de uma versão aproximada da justificativa de Pedras: “Pra mim, ela [profissão] é tudo, porque é uma coisa que eu faço e gosto de fazer e uma coisa que eu amo fazer é... amanhecer o dia e tá mexendo com animais e cuidando do meu trabalho ali onde eu moro”. Nos dois casos, os sujeitos mostram a importância de gostar e de trabalhar com amor à profissão cuja declaração coopera para o emprego de expressões geradoras de sentido. Nas marcas enunciativas do dito por VA3 Melgaço, encontramos um sujeito arraigado à tradição e crenças vividas pelos antigos, em contraponto a forma como ele mesmo avalia o trabalho do vaqueiro novo a quem considera incapaz de amar a profissão porque está condicionado ao ganho financeiro, um sujeito que “trabalha porque é preciso”.

No modo como o vaqueiro define a si e aos outros é interessante perceber como o sujeito quer ser reconhecido como “um bom vaqueiro”, aquele profissional capacitado e conhecedor do seu ofício. A questão central dessa afirmação leva em conta as habilidades dos vaqueiros no âmbito da lida e, como estratégia avaliativa e discursiva, trazemos para este espaço discursivo a narrativa de Pedras com a elaboração de um prescrito para caracterizar um bom vaqueiro para além daquele que gosta “de tá montado” e se dispõe a seguir as normas da vaqueirice:

Pra gente ser um bom vaqueiro não é só saber montar. Pra ser um bom vaqueiro, primeiramente, a pessoa tem que ter responsabilidade e segundo seguir as normas da vaqueirice porque não é... “ah, porque eu sei montar” que é vaqueiro. Não. Eu aprendi isso pra cá com os meus companheiros de serviço mais experientes do que eu.

Com as formações construídas da imagem do sujeito que fala, se permite a passagem da posição empírica a uma posição discursiva em um processo de significação que relaciona o contexto sócio-histórico e a memória discursiva. Este modo de enunciação se corrobora em Maingueneau (2008a, p. 91), visto que “o discurso produz um espaço onde se desdobra uma ‘voz’ que lhe é própria. Não se trata de fazer um texto mudo falar, mas de circunscrever as particularidades da voz que sua semântica impõe”. Pensamos aqui no tocante às restrições da

semântica global, não aquele sistema de restrições concebido como a essência de um discurso, mas como uma das dimensões da discursividade, as quais Maingueneau (2008a, p. 96-97) tende a especificar “o funcionamento discursivo, que em graus diversos, investiu as vivências dos sujeitos. [...] É o direito e o avesso do discurso, toda uma relação imaginária com o mundo”, um funcionamento além da sua superfície discursiva.

Ao nos referirmos ao discurso sobre o trabalho, as marcas valorativas incidem na comunidade discursiva aqui focada em uma fusão dos fatos do presente e do que é capturado pela memória com uma (re)criação de significados dados pela maneira de dizer desses sujeitos dentre outras possibilidades que vem a ser constitutiva de uma semântica global. Valendo-nos desta articulação de uma memória discursiva (interdiscurso), percorreremos a seguir o circuito em que o sentido se cria no espaço recortado do discurso em seu direito e avesso, e se definem identidades no interior de narrativas.

Na tensão discursiva entre os elementos constitutivos de fatos da vida e do trabalho, as asserções positivas, já vistas, como fator de realização e valorização profissional se contrapõem à construção de imagens apresentadas no quadro 7 que caracterizam o outro como tipo de trabalhador “escorão”, “insatisfeito”, “cargueiro”, “rebelde”.

Quadro 7 - O simulacro do outro no discurso do trabalho da vaqueirice

VD4 – Afuá Vaqueiro-escorão	VE3 – Pedras Vaqueiro-insatisfeito
<p>Quando [o vaqueiro] ele é trabalhador A fama boa é, né? ele mostra serviço. Aí o patrão gosta, né? Aí em qualquer parte que ele chega, falam “poxa, ele é trabalhador, né? Esse fica”. Aí todo o tempo tá elogiando, né? Isso que é a fama boa, né? “fama de trabalhador”, onde chegar é reconhecido. [...] Aí dum vai passando pro outro: ele é trabalhador! Me sinto [reconhecido] porque tudo por ali por onde eu passo, todos gostam de mim, né? porque eu gosto de trabalhar, né? Aí onde eu chego eu mostro logo o meu serviço, né? Eu não chego me escorando, né? o que tiver pra mim fazer eu vou logo fazendo, não fico esperando pelos outros pra fazer, né? Assim vai, aí onde eu chego minha fama tá lá que eu sou trabalhador.</p>	<p>O meu bisavô materno era vaqueiro também. [...] Aí, foi que eu comecei a frequentar a fazenda e comecei a gostar da vaqueirice. // // Eu creio que tem muita diferença do tempo do trabalho do meu avô. E o trabalho no campo na época deles... hoje em dia tem muita diferença que eu vejo também que eu lembro é que em algumas fazendas os animais eram bem, bem, bem mansos, bem domesticados pelo fato de alguns encarregados serem aquelas pessoas assim mesmo bem interessadas e em algumas fazendas hoje em dia que você vê por aí, já não tá... o gado já é um pouco arisco, já se torna mais difícil de pegar porque às vezes a pessoa acaba se relaxando com o seu trabalho. E os antigos não... no tempo deles não, eles eram mais curiosos, queriam tá ali todo dia vendo como é que tá... E hoje é difícil de você ver assim uma pessoa que tenha essa responsabilidade. // // Como eu falei pra você, eu tenho o meu ensino médio completo, mas eu... não segui os meus estudos, mas não me arrependo por isso porque eu tô fazendo o que eu amo fazer hoje em dia que é ser vaqueiro. Então, se você tá naquela coisa pra você dá prosseguimento a ela você tem que gostar, tem que amar o que faz que não adianta você tá ali e tá insatisfeito com o trabalho porque isso daí só vai atrapalhar a pessoa.</p>

(continuação do Quadro 6)

VA3 – Melgaço Vaqueiro-cargueiro	VE1 – Santa Cruz Vaqueiro-rebelde (VE1)
A gente tirava gado tudo certinho: vocês num pode passar pro meu lado, vai no seu lado, que eu vou no meu. Aí então por isso que eu lhe digo: tem que ser um vaqueiro completo. E hoje em dia num tem, é pouco o que existe. Eles tiram gado tudo pra cá, pralí é tudo... nããão! Era tudo per-fei-ti-nho, era tudo correto, num tinha erro, se fizesse errado ele dizia: “Vaqueiro cargueiro”, chamava “o vaqueiro é cargueiro”, porque ele estava fazendo errado. Entendeu? Então a profissão de vaqueiro que eu conheço é assim, desde o meu tempo do que eu aprendi com o meu pai, foi assim. Por isso que eu digo: tem que trabalhar tudo certinho e hoje em dia não existe mais não, chamam CARGUEIRO pra um, CARGUEIRO pro outro porque não tem mais aquele aprendizado como era antigamente.	Vou levando a vida devagar fazendo o meu serviço e pelo meu jeito eu me considero um profissional reconhecido. Já ouvi muitos comentários aí que... por causa que eu faço os meus serviços tudo direitinho, não sou rebelde assim pra tá respondendo... aí assim a pessoa vai indo. A pessoa sendo um ótimo vaqueiro onde a pessoa chega é bem recebido. É assim, né? [...] Eu espero ser promovido no meu trabalho, a pessoa quando é promovida é uma ótima coisa. Se eu for promovido eu vou ser feito. Quem sabe um dia, Deus não vai me dar essa oportunidade de ser feito.

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho

Do conjunto de discursos manifestados no ato enunciativo que compõe os recortes, no quadro acima, identificamos expressões qualificativas das quais emergem a noção de simulacro quando descrevem o outro como um profissional “escorão”, “insatisfeito”, “cargueiro” e “rebelde”, estabelecendo sentidos que convergem, nesse contexto, para um conflito histórico e social. Com perfil do outro traçado negativamente, nesta construção discursiva, emerge a noção de simulacro uma vez que se traz à discussão características carregadas de significados que, postas em confronto, nos levar a considerar o pressuposto por Maingueneau (2005, p. 103), de que “para construir e preservar a sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o outro como tal, mas somente com o simulacro que constrói dele”.

Dizemos então que o lugar de fala é constitutivo do sujeito na sua legitimidade de dizer que, neste espaço discursivo, nega as evocações feitas do seu outro e elabora suas próprias percepções de mundo e de si. No âmbito dessas construções, o sujeito traz à discussão características relevantes para a produção de sentidos no campo do trabalho que, associadas ao discurso, no seu contexto de produção, dão origem a simulacros. Um efeito que, nas narrativas, causou estranhamento por entendermos relacionados à desvalorização da imagem profissional do outro, deixando-a manifesta, explicitamente, na própria materialidade discursiva.

No conjunto de discursos manifestos nas narrativas, que são prenes de simulacros, a descrição de Santa Cruz para sujeito “não rebelde” consiste na representação de um profissional que faz tudo certinho, não é respondão, é obediente, como para mostrar que age diferentemente do seu simulacro, o vaqueiro “rebelde”. Contudo esta não é a única adjetivação atribuída

contrastivamente no ato discursivo, o vaqueiro Pedras menciona àquele sujeito “insatisfeito” que não faz o trabalho com gosto e, de maneira bem explicitada por Afuá, aparece o vaqueiro “escorão”, aquele que espera os outros façam o seu serviço e, finalizando esta abordagem narrativa sob a forma de simulacro, temos o vaqueiro “cargueiro”, citado pelo feitor Chaves e pelo vaqueiro aposentado Melgaço, como aquele sujeito que não entende nada de vaqueirice.

O uso dessas expressões, com emprego próprio no interior do campo do discurso da atividade laboriosa, permite um confronto ante os termos, ora citados, instaurando uma polêmica entre os sentidos construídos sobre a profissão o que nos levou a investigar os elementos que atravessam essa representação e reconhecer como os discursos constroem os simulacros sobre este trabalho.

Veremos que a construção da imagem do vaqueiro-rebelde identificada na narrativa de Santa Cruz tem característica marcante: “Eu faço os meus serviços tudo direitinho, não sou rebelde assim pra tá respondendo”. O adjetivo “direitinho” opera, neste recorte, como avaliação positiva em deferência às formas de agir no trabalho e na construção da própria imagem de um sujeito íntegro que executa as tarefas de forma correta. O sujeito denominado como rebelde é aquele que, nesse contexto, tem avaliação a partir de uma postura depreciativa, no pressuposto de que, ao dizer “não sou rebelde assim pra tá respondendo”, há um sujeito rebelde que tá respondendo. A presença deste vaqueiro com postura “rebelde” é marcada negativamente nas narrativas e resulta de um convívio difícil nas experiências do cotidiano constatada na observação de sua prática, que se intercambiaram em diferentes momentos da lida em campo. Enunciada sob a forma de um simulacro, a aparição do termo “rebelde”, no discurso, é associada à nova geração de vaqueiros o que leva a um confronto com a tradição como explicita Melgaço:

Pra mim agora eu não sei, né? pra essa geração “Tá chovendo, hoje eu não vou, bora deixar pra amanhã...” E, no nosso tempo era bem... Por isso que digo: daqui pra essa geração mudou pouco, mas antigamente eu achava mais... porque todo mundo se esforçava pra aprender e era bem... Deus o livre! Era muito legal mesmo. Eu aprendi muita coisa. Hoje em dia eu chego no lado desses: Bora ali? “Ah, eu num sei fazer”. Meu Deus, a profissão de vaqueiro hoje em dia tá diferente...!

As expressões comumente empregadas pelo vaqueiro rebelde de hoje que diz: “eu não vou”; fica o tempo todo adiando tarefas: “bora deixar pra amanhã”; aquele que ignora quais são as suas atribuições: “eu num sei fazer”, são atitudes descritas por Melgaço sobre a nova geração de vaqueiros. E, como Melgaço é um sujeito que não está acostumado a esse tipo de comportamento, considera a resposta dada uma forma grosseira de conduta e lamenta: “a profissão de vaqueiro hoje em dia tá diferente...! Esse tipo de procedimento é reprovado e é difícil de aceitar pelos sujeitos mais antigos na profissão que trabalham direitinho e são

educados no modo de agir com os companheiros. De forma que censuram esta maneira imprópria de atuação dos vaqueiros mais jovens por estar distanciada dos hábitos e costumes com os quais já estão acostumados.

Na narrativa de VF1 Chaves, da Fazenda Mexiana as marcas de um posicionamento do vaqueiro rebelde quando convidado para fazer uma tarefa:

A gente ia roçar mato também, onde tinha gado bravo no mato pra gente pegar, a gente ia fazer estrada pra gente pegar gado no mato. Hoje não tem mais isso. O vaqueiro não quer mais fazer isso. É... o vaqueiro não quer mais fazer isso. Se disser: “Bora tapar um igarapé ali no banguê?” Tem vaqueiro que diz que não vai, é ... o vaqueiro diz: “ah, no banguê eu não vou, no banguê eu não vou fazer”. Aí: “vamos fazer uma estrada ali no mato?” Tem vaqueiro que diz que não vai fazer.

Marcadores com os quais se interpreta o discurso do outro como uma relação polêmica, cuja representação positiva construída do profissional da tradição é colocada, no foco dessa narrativa, com uma imagem distorcida do trabalhador do campo da pecuária, a citar o vaqueiro rebelde ou “uma pessoa tipo estourada” como Pedras caracteriza: “Você pode trabalhar em qualquer profissão que ganhe mais ou menos, mas se você for uma pessoa tipo estourada, né?! A pessoa tem que ser aquela pessoa ali beeem ciente do que tá fazendo pra que você seja alguma coisa futuramente”. É latente a tensão entre os discursos que, dependendo dos efeitos de sentido produzidos polemizam dados em torno de uma cena de trabalho específica e o sujeito deve estar “ali beeem ciente” acerca da convenção que deve adotar se “submisso” ou “rebelde” como princípio a nortear suas ações. Coloca-se em realce a menção feita ao bom desempenho de Santa Cruz no cumprimento das suas tarefas: “por causa que eu faço os meus serviços tudo direitinho”, a mostra de uma apreciação valorativa do trabalho aparece no plano da evidência, transparente, sem deixar dúvidas às suas reais e futuras intenções. Porém buscamos compreender o processo de produção de sentidos além da evidência da materialidade discursiva. E, na opacidade do discurso, a expressão “não sou rebelde assim pra tá respondendo...” Santa Cruz tem a sua estratégia como vaqueiro submisso justificada para não se tornar um vaqueiro “rebelde” porque tem pretensões de alcançar uma promoção, de se tornar um feitor: “Eu espero ser promovido no meu trabalho, a pessoa quando é promovida é uma ótima coisa. Se eu for promovido eu vou ser feitor”. Cargo que, ao dizer “aí assim a pessoa vai indo”, realça o desempenho atual marcado como fator de respaldo à colocação pretendida, já que ouviu comentários a respeito da sua atuação profissional, como aquele empregado que faz os “serviços tudo direitinho”. Esta forma de o sujeito se autoavaliar, “não sou rebelde assim pra tá respondendo”, nos remete à mudança de perspectiva de negar aquilo que o outro é, um sujeito rebelde. A negação observada faz com que o discurso se construa a partir do que revelam as

atitudes relatadas sob outro ponto de vista. Na exploração desse movimento há um discurso que constrói e nega simulacros como forma de dizer eu sou o que o outro não é, ou eu não sou o que o outro é.

Em busca das estratégias de que se valem os sujeitos, nesse espaço de legitimação dos discursos, as vozes que contam narrativas de vida sobre o trabalho nos conduziram ao vaqueiro insatisfeito. Passamos a conhecer o vaqueiro com essa característica na cena descrita por Pedras: “Então, se você tá naquela coisa pra você dá prosseguimento a ela você tem que gostar, tem que amar o que faz que não adianta você tá ali e tá insatisfeito com o trabalho porque isso daí só vai atrapalhar a pessoa”. Insatisfeito no sentido de não gostar do que faz, está naquele emprego sem querer e sem interesse em cumprir as tarefas diárias, desencadeando situações que geram impactos negativos e interferem no seu avanço profissional, pois está lá naquela função sem interesse em realizá-la. Esse modo de atuar com insatisfação no trabalho abre espaço para entrar em confronto com outro ponto de vista que corresponde a uma forma afirmativa para aquele sujeito que executa, ao modo de Melgaço, as tarefas com satisfação: “E pra mim, graças a Deus, até hoje eu estou muito satisfeito, muito feliz pela minha profissão que eu exerci todo esse tempo. Pra mim foi muito gratificante”. No exposto pelo vaqueiro efetivo Pedras VE3 e pelo vaqueiro aposentado Melgaço VA3, as marcas de rupturas que se mostram em descompasso entre as gerações. No par contrastante “insatisfeito/satisfeito” é que o posicionamento de Pedras, com uma conotação negativa, constrói, no discurso oponente, o simulacro de si mesmo. E estas características estão relacionadas ao vaqueiro antigo e contemporâneo na enunciação de sujeitos inscritos em uma comunidade discursiva que contam sobre a diferença de trabalho entre as gerações em uma reconstrução do vivido. Assim expõe Pedras: “Na época deles [dos antigos]”, até os animais tinham uma conduta diferenciada em algumas fazendas os animais eram bem, bem, bem mansos, bem domesticados” Em termos de aceitação e legitimidade, este trabalhador é referência no campo da pecuária, com valores e conduta positiva adquirida no cotidiano do trabalho, que logo o capacitam para ser reconhecido como um “vaqueiro mesmo”. Em contraponto com o que se vê atualmente “em algumas fazendas hoje em dia que você vê por aí, já não tá... o gado já é um pouco arisco”. São modos de agir no trabalho e cuidar dos animais que refletem atitudes do vaqueiro de antigamente e do vaqueiro hoje. O uso do termo “curiosos”, por exemplo, que, na articulação da expressividade do discurso, foi usado como atributo positivo para os antigos, aqueles que “queriam tá ali todo dia vendo como é que tá...”, enquanto hoje “é difícil de você ver assim uma pessoa que tenha essa responsabilidade”. A referência também aos termos “interessado”, para os vaqueiros de antes, que amansavam os seus animais, em oposição a “relaxado” e “insatisfeito”, para o

vaqueiro contemporâneo, que não amansa os animais. A justificativa para esse tipo de comportamento do animal é dada pelo cuidado com que os encarregados faziam seu serviço, cuidavam da manutenção das cercas e vistoriavam o gado, pelo fato de serem bons profissionais, de “serem aquelas pessoas assim mesmo bem interessadas”, e hoje já não é mais assim, nem em relação ao encarregado, nem em relação ao animal solto no campo que “já se torna mais difícil de pegar porque às vezes a pessoa acaba se relaxando com o seu trabalho”. Narrativas que tocam pontos sensíveis das relações de trabalho no campo cujas referências colocam em cena às ações do cotidiano com suas regras, costumes em traços reveladores do discurso de uma relação mais imediata com as experiências acerca do vivido.

Indo mais além, nesta sequência, buscamos explorar, de acordo com a noção de simulacro, o modo como o vaqueiro define a si e aos outros. A narrativa que compõe o *corpus*, a seguir, está relacionada à cena englobante, na forma de o vaqueiro Afuá se autoavaliar, que é negando aquilo que o outro é: “eu não chego me escorando”, significa que há vaqueiro que se escora. O sujeito que se escora se opõe ao sujeito que gosta de trabalhar, fica esperando que o outro faça o serviço em seu lugar, como nos apresenta a descrição de vaqueiro “escorão”, feita por Afuá: “eu não chego me escorando, né? o que tiver pra mim fazer eu vou logo fazendo”, ou seja, esse lugar que o outro ocupa o vaqueiro Afuá não quer ocupar, porque não é um sujeito que se beneficia do trabalho do outro sem fazer nada. E ratifica esse procedimento: “o que tiver pra mim fazer eu vou logo fazendo, não fico esperando pelos outros pra fazer, né?”. Para fundamentar este posicionamento não basta ao vaqueiro que se autoavaliar falando de si, tem que avaliar o outro e isso tem a ver com o trabalho, com a profissão e quando assim procede emerge a opacidade do discurso. Vemos, por exemplo, no recorte da narrativa de Pedras: “Porque se a gente tentar ficar se escondendo do serviço a pessoa não fica tanto reconhecida. Fica tipo assim reconhecido, mas sendo visto de uma maneira diferente por outras pessoas de fora”, essa “maneira diferente” é o tipo de reconhecimento negativo que traz má fama, de passar a ser visto como um vaqueiro “escorão”. De forma que o perfil do vaqueiro “escorão” é traçado na narrativa de Afuá em meio a um estado de tensão determinado pela cena englobante, cabe lembrar que estamos nas dependências da fazenda, espaço do patrão. Entendendo que o discurso a partir do lugar de onde o fala o sujeito é também o lugar onde a ideologia se materializa. Ao caracterizar o vaqueiro como “escorão”, tem-se uma tradução depreciativa, de má fama, um valor negativo na sua forma inversa daquele “vaqueiro mesmo”, que se gosta de apreciar em campo segundo o vaqueiro diarista Afuá pelas qualidades de boa fama que tornam o sujeito de reconhecido valor nos meios onde circula: “A fama boa é quando ele é trabalhador, né? ele mostra serviço. [...] Isso que é a fama boa, né? fama de trabalhador, onde chegar”. Nas

condições de produção em torno do profissional “que não se escora”, leva-nos a reproduzir saberes da formação discursiva do vaqueiro Afuá em seu simulacro, aquele que se escora. O que nos remete à narrativa do vaqueiro aposentado VA1, quando caracteriza um bom vaqueiro:

O vaqueiro se ele sabe que é pra fazer uma coisa ali que se ele faz aquilo todo dia, ele vai e faz, não precisa mandar. Tem um curral desarrumado ali e uma cerca desarrumada e ele sabe que aquilo não é desarrumado, ele vai e ajeita, vai arrumar, sem que a pessoa mande ele, que aquele vaqueiro que espera só que o feitor seja mandando ele, ele não é um bom vaqueiro, porque só espera que tejo mandando ele. Aquele que tem iniciativa, que procura fazer, esse aí vai se tornar um bom vaqueiro porque ele tem iniciativa pra trabalhar, tem iniciativa pro serviço, não espera que tejo mandando ele. Então aí que entra o bom vaqueiro.

Excerto que mostra a constituição de um sujeito ideologicamente marcado como um “bom vaqueiro”, aquele que é assim considerado “porque ele tem iniciativa pra trabalhar, tem iniciativa pro serviço, não espera que tejo mandando ele”, o que se contrapõe àquele sujeito caracterizado como quem nada faz, um “escorão”. No fluxo da narrativa de Afuá, se expõe uma atribuição não desejada e, seguindo as pistas deixadas, as práticas discursivas nos levam ao discurso oponente, uma vez que o sujeito atribui, por meio de narrativas, formas positivas e/ou negativas para os demais vaqueiros que, conforme sua ação em campo, ganham algumas características, também definidoras, para as diferentes épocas: um vaqueiro da tradição é chamado por Melgaço de “bom vaqueiro”, e um vaqueiro contemporâneo, entre outras designações, aqui é chamado por Afuá, de vaqueiro “escorão”. Vimos que uma recorrência facilmente reconhecida nas narrativas é sempre compensar uma avaliação negativa com uma avaliação positiva, o que demonstramos nos pares construídos que tem a ver com a cena englobante explorada aqui. Embora o sujeito expresse suas ideias e construa uma imagem positiva e/ou negativa do outro, atentamos que, ao dizer, ele se posiciona discursivamente e, nesse dizer, significa que a tomada da palavra constitui relações sociais, constitui vínculos.

Nas experiências constituídas na relação com o outro, a recorrência ao conceito de simulacro em Maingueneau (1997, 2008a, 2015) incide no entendimento de que eu sou o que o outro não é, ou eu não sou o que o outro é. Efeitos que, nas relações entre discursos, levam ao conhecimento de uma profissão construída e legitimada por meio de recursos que apontam, por sua maneira de dizer, para um posicionamento. Na tomada da palavra, o pressuposto por Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 86), “Quer queiramos ou não, calculemos ou neguemos, a partir do momento em que falamos, aparece (transparece) uma imagem daquilo que somos por meio daquilo que dizemos”, o que se corrobora na construção discursiva da imagem do vaqueiro “cargueiro”, como veremos na narrativa a seguir.

A próxima narrativa, contada por VA3 Melgaço, a atribuição de “cargueiro” se introduz como qualificativo ao vaqueiro em início de carreira:

A gente tirava gado tudo certinho: vocês num pode passar pro meu lado, vai no seu lado, que eu vou no meu. [...] E hoje em dia num tem, é pouco o que existe. Eles tiram gado tudo pra cá, pralí é tudo... nããã! Era tudo per-fei-ti-nho, era tudo correto, num tinha erro, se fizesse errado ele dizia: “vaqueiro cargueiro”, chamava “o vaqueiro é cargueiro”, porque ele estava fazendo errado.

Na acepção para o qualificativo “cargueiro” o efeito de sentido se constitui como um simulacro daqueles vaqueiros com habilidade nas tarefas. Interessante também é a representação da imagem do “vaqueiro cargueiro”, como a descrita por VF1 Chaves, da Fazenda Mexiana vindo a corroborar o sentido nas relações que esse simulacro suscita: “Tem que saber laçar, tem gente que é cargueiro [risos], que erra, e tem gente bom de laço”. Contexto descritivo de uma ação condizente com aquele sujeito desprovido de atributos para o serviço da vaqueirice. Nesta percepção, o sentido das palavras pode ser apreendido na mobilização de um conjunto de marcas discursivas que, dependendo do contexto de enunciação, pode adquirir outros significados. Em nossa busca para encontrar dados referentes ao vaqueiro “cargueiro” nos deparamos com mais um excerto da narrativa contada por Melgaço com atribuição diferente a este termo, o que demonstra o funcionamento da heterogeneidade dos discursos:

Se fizesse errado [meu pai] dizia: “vaqueiro cargueiro”, chamava “o vaqueiro é cargueiro”, porque ele estava fazendo errado. Entendeu? Então a profissão de vaqueiro que eu conheço é assim, desde o meu tempo do que eu aprendi com o meu pai, foi assim. Por isso que eu digo: tem que trabalhar tudo certinho e hoje em dia não existe mais não, chamam CARGUEIRO pra um, CARGUEIRO pro outro porque não tem mais aquele aprendizado como era antigamente.

O sentido que caracteriza o sujeito “cargueiro”, na tomada da palavra, é atribuído àquele que não aprendeu a desempenhar com êxito as tarefas da profissão da vaqueirice. Sem as habilidades que o capacitam para um desempenho eficaz no trabalho é comparado aos profissionais “experientes” ou companheiros de serviço já atuantes que são “considerados” na área, reconhecidos como “vaqueiro mesmo”. No trecho de cada excerto da narrativa, a seguir, inclui-se essa forma auto avaliativa do profissional, explicitamente marcada em todas as categorias de vaqueiros em estudo.

VD1: “Aí desde pequeno eu comecei a me apaixonar pela vaqueirice, entendeu? Aí eu não consegui mais sair de ser vaqueiro. É a vontade de ser vaqueiro mesmo que vem no sangue das gerações de outros tempos com meus tios, meu pai, meu avô, são tudo vaqueiro e tá no sangue aí.”

VE4: a primeira vez eu me empreguei eu tinha 18 anos, eu me empreguei eu não era vaqueiro, eu era cerqueiro, quando eu passei a ser vaqueiro eu tinha 23... que eu passei a ser vaqueiro mesmo, trabalhar de vaqueiro de carteira assinada.

VF3: [...] hoje em dia tá tudo fácil, mas só pra gente arrumar um vaqueiro que seja vaqueiro mesmo... porque eu acho que essa profissão não é dizer assim: “Eu quero ser vaqueiro”. Não. Eu acho que a pessoa já traz de berço, né? Desde a nascença, já tem aquela intuição de ser aquilo porque hoje em dia já tem aquele que monta um pouquinho e já diz que é vaqueiro, né? Mas só que aí não é bem assim, a pessoa tem que conhecer, tem que conhecer.

VA3: Por isso que eu lhe digo: a profissão vai acabando, a profissão antiga de vaqueiro... quem é vaqueiro... você pode conversar com vaqueiro mesmo até mais idoso do que eu que ele lhe fala a mesma coisa, vai dizer: tá acabando a profissão de vaqueiro não é como antigamente. Hoje em dia todos querem ser vaqueiros, mas não sabem...

Recortes em que se percebe a dêixis discursiva que mobiliza a formação discursiva a respeito do vaqueiro experiente, aquele cujas atribuições conseguidas ao longo da carreira o valorizam pelo querer, pela vontade de ser vaqueiro, do conhecimento necessário para ingressar na profissão. Enquanto o vaqueiro “cargueiro” abarca os vaqueiros novos que não sabem da profissão, invadem o espaço alheio, tocam os animais de um lado e de outro, não tem coordenação para bem realizar suas tarefas e ainda é ruim de laço. Enquanto existe o vaqueiro bom de laço, há também aquele que se constitui como o seu simulacro, o vaqueiro “cargueiro”.

O vaqueiro cargueiro, por não saber laçar, é ignorado em seu meio, assim diz VE4:

Eu digo: “Eu sou laçador”, e eu não me arrependo de dizer, por que eu aprendi com quem? Com meu pai; aprendi com meu irmão [...] e com muitos e muitos que eu via como jogavam corda, eu não perguntava, mas eu via, e eu comecei a fazer, comecei a fazer, e fui aprendendo, e aprendi. E eu ignoro pessoas que tão ocupando função de vaqueiro quando jogam uma corda no chão, chega me dói o coração quando eu vejo isso [...] pessoas que tão ocupando a função de vaqueiro e não tão exercendo a função. A gente faz a laçação no campo aí o dia inteiro, não é possível que você não memorize, você tem que ter consciência daquilo que você tá fazendo, que você pra jogar uma corda numa rês você tem que tá consciente, se você se afobar você erra, cê tem que jogar a corda consciente, então é isso.

Os saberes do ofício, o desempenho na execução das tarefas, a forma de progredir na função e conseguir a realização pessoal levam o sujeito a refletir sobre o próprio valor na parte com a qual se considera competente para avaliar. E avalia o vaqueiro cargueiro como um sujeito ruim de laço, atrapalhado no serviço, e a discrepância dessas e outras tantas falhas ante o serviço realizado se efetivam no convívio entre os sujeitos experientes que labutam nos campos. A não observância aos vaqueiros da tradição levam sujeito a cumprir as tarefas como bem entende, de modo a ser ignorado pelos companheiros mais experientes porque erra o laço, se enrola na execução das tarefas. A total inabilidade no desempenho das suas funções incide no serviço do sujeito avaliado com inferioridade, constituindo-se um simulacro daquele vaqueiro que possui características consideradas como indicadores de superioridade.

Do coletado no *corpus*, a identificação de atributos assinalados pelos vaqueiros da tradição para caracterizar o vaqueiro novato, quando adentra na vaqueirice, adquire um tipo de

caracterização que se encontra no polo oposto ao vaqueiro da tradição. Este último é descrito como responsável, zeloso, trabalhador, interessado, curioso, experiente, dedicado, destemido dentre outros valorosos qualificativos atribuídos aos vaqueiros conhecidos na região e tidos como referência no campo da pecuária. O (re)conhecido vaqueiro “Tio Iranda” (*in memorian*) é citado por VE4 Sebastião como exemplo neste ofício:

Eu ficava olhando o Tio Iranda, ele tirava muito gado, da malhada pra rede só ele e Deus, eu ficava olhando pra ele, e eu não me conformava de ver ele fazer aquilo, só ele e Deus e o cavalo que ele tava em cima. Quando foi um dia, eu peguei um cavalo da sela dele, por minha conta e fui tentar tirar gado da malhada pra rede só eu e Deus, aí foi que eu vi porque que ele fazia aquilo, era o cavalo que ajudava ele, conforme o movimento da rês na frente, o cavalo aqui atrás... se ela queria dobrar pra esquerda o cavalo cercava aqui, se ela dobrava pra direita o cavalo cercava daqui, e com os gritos que a gente dá, dava pra rês, aí ela pegava força pra rede aí você ia e empurrava. Aí eu fui e botei na mente, que era o cavalo que ajudava e eu faço muito isso, faço muito isso sozinho, porque é o cavalo que ajuda a gente, aí você tá com a rédea na mão, vem pra esquerda você puxa a rédea que o cavalo tá habituado, tá acostumado naquilo.

Técnicas de manejo que denotam as especificidades de um modo de atuar em campo e os profissionais ainda na ativa rememoram este modo diferencial no serviço realizado pelos vaqueiros da tradição. A habilidade em campo os concede credenciais em virtude da larga experiência, constituindo-o como um vaqueiro completo, de quem sabe tudo da profissão, ou vaqueiro fechado, aquele que só trabalhou na vaqueirice e conhece da lida. Na tensão entre formas organizadas de trabalho, seja no aspecto individual ou coletivo, a procura para balizar o movimento discursivo nas ações presentes tem o intuito de caracterizar esse profissional qual seja na adjetivação como “experiente” ou “cargueiro”. Este último, como aquele que não aprendeu a desempenhar com êxito as tarefas da vaqueirice.

Assim, o modo como aquilo que o sujeito diz o inscreve em dada formação discursiva e não outra para que seu dizer faça sentido, pois há um espaço ideológico, nesse campo de trabalho, onde estão circunscritos os vaqueiros atuando profissionalmente considerado como “bom vaqueiro”, “vaqueiro mesmo”, “vaqueiro, vaqueiro”. A essa fala incorporada ao mundo representado, a implicação de uma cena que Maingueneau (2011, p. 96) diz ser sustentada por uma voz que “atesta de algum modo a legitimidade do que é dito, isto é, confere autoridade ao dito pelo fato de encarná-lo”.

Na observação de tensão nos processos de produção discursiva nos afazeres da lida cotidiana pelos campos expusemos pontos de vista que revelam posicionamentos em conflito decorrentes do sentido ideológico em circulação sobre um determinado modo de agir presentes nos discursos sobre o trabalho do vaqueiro da tradição e da contemporaneidade. E isso tem a ver em como relacionar os saberes da profissão nos termos estereotipados que surgiram, quais

sejam: o vaqueiro rebelde, o vaqueiro escorão, o vaqueiro insatisfeito e o vaqueiro cargueiro. Dos atributos que desqualificam o agir em campo e a profissão de vaqueiro, destacamos o trabalhador “escorão”, o “insatisfeito”, o “cargueiro” e o vaqueiro “rebelde” que, mais explicitamente no eixo 1, questiona a hierarquia em campo. Deixamos à mostra uma contradição nas relações que se dão na experiência dos vaqueiros mais velhos e o jeito mais afoito dos vaqueiros mais novos, uma problematização com marcas deixadas na linha do tempo.

Ressaltar essa visão negativa dos estereótipos no jeito de ser dos vaqueiros da nova geração e na autoavaliação efetuada pelos vaqueiros da tradição pode levar a generalizações, incorrendo-se em cometer atitudes preconceituosas no tocante ao cumprimento dos deveres e na forma de manejo do vaqueiro contemporâneo. Nessa constitutiva e tensa relação com o outro, a percepção de que o vaqueiro da tradição se reveste da autoridade profissional para reprovar as atitudes dos vaqueiros de “hoje em dia” pela conduta que julga inversa ao modo como aprendeu o ofício. Inferimos que essa atitude atua indiretamente no modo como as escolhas feitas conduziram e influenciaram para conhecermos, pelo viés discursivo, as próprias deficiências avaliadas assim como os pontos em que os vaqueiros mais se sobressaem na definição do outro.

De modo que as relações entre discursos se constituem para construir simulacros do Outro, negando-os ou deixando-se revelar, na superfície da materialidade discursiva ou na opacidade que lhe é inerente, levando em conta os valores e as determinações sócio-históricas das vivências cotidianas no trabalho. Na tensa relação com o outro, manifesta-se a polêmica que a prática discursiva constrói com índices de pertencimento e identificação em narrativas que reformulam esse posicionamento a partir das rupturas que se estabelecem no discurso que o vaqueiro imprime no ato de contar. De modo a revelar no discurso o sentido dos termos em estudo que, dada a especificidade nesta área de trabalho, essas unidades lexicais, segundo Maingueneau (2008a, p. 81), “tendem a adquirir signos de pertencimento”.

Para tanto, além do exposto, consideramos os aspectos discursivos contidos nas narrativas do eixo seguinte expostos em uma diversidade de conflitos, tendo em vista o lugar, as relações, as aprendizagens e as contradições enquanto funcionamento discursivo, que se permitem revelar, em torno do trabalho do vaqueiro realizado nestes campos marajoaras.

4.3 As lidas da vaqueirice en(tre)laçadas: o lugar, as relações e as aprendizagens

Neste eixo, as sequências de análise convergem para reforçar o objetivo geral da tese que se ocupa das tensões entre a tradição e a contemporaneidade no contexto do trabalho do

vaqueiro marajoara. Na possibilidade de identificação desses traços, pautamo-nos no conceito de dêixis discursiva de Maingueneau (2008 a, p. 88), que no ato de enunciação supõe “a instauração de uma dêixis espaciotemporal que cada discurso constrói em função de seu próprio universo”. O alcance dessas discursividades provoca efeitos específicos e estabelecem sentidos ancorados na estrutura básica da dêixis em que o tempo do eu é “agora” e o espaço do eu é “aqui”, criando-se referentes para a cultura vaqueira local. Assim, a imagem do vaqueiro, construída na dêixis enunciativa, aponta relações de trabalho conflituosas na lida em diferentes tempos, lugares e pessoas que, no momento da narração, vieram à tona. No modo de contar, uma relação discursiva em torno do trabalho em diferentes épocas, em que o sujeito relaciona a sua experiência na dimensão que dá acesso à cenografia instituída pela formação discursiva.

Em atenção às marcas dêíticas explicitadas nas narrativas de vida sobre o trabalho do vaqueiro, consideramos pertinente desenvolvê-las, neste tópico, em abordagem que aponte para as diferenças entre ontem e hoje na perspectiva do campo do trabalho dos vaqueiros do Marajó. Na articulação da expressividade discursiva, ressaltamos a noção de dêixis da forma como manifestada por Maingueneau (1997, p. 41) no nível “do universo de sentido que uma formação discursiva constrói através de sua enunciação” e aqui adquire relevância para as referências feitas ao momento e ao lugar como emergem no dito sobre trabalho dos vaqueiros.

Os vaqueiros destes campos do Marajó contam as narrativas de vida sobre o trabalho que executam em meio às vivências das lidas do cotidiano, que aqui trataremos em três tópicos argumentativos: a) a construção de um lugar de referência e de reconhecimento entre os vaqueiros da tradição e da contemporaneidade; b) a relação entre vaqueiros e patrões no recorte temporal ontem e hoje; c) o processo de aprendizagem da profissão com os mais velhos em atenção aos saberes dos vaqueiros de ontem que devem formar os de hoje.

De modo que este eixo vai tratar dos três enfoques argumentativos citados, a começar pelos recortes que integram o quadro 8, nos quais focamos apenas excertos narrativos que apontam para a discussão se o vaqueiro contemporâneo reconhece o vaqueiro da tradição como referência, ou não, e, na mesma direção, se o vaqueiro da tradição se reconhece, ou não, no vaqueiro contemporâneo.

Quadro 8 – A construção de um lugar de referência e de reconhecimento em diferentes épocas

VD2 – Curralinho Fazenda Viçosa	VD4 – Afuá Fazenda Machados
No tempo do meu avô era muita alegria, a gente trabalhava junto com ele, a diversão de juntar o gado todo, vacinar, os menores bezerros a gente ferrava, aí ajudava os outros vizinhos das outras fazendas por	Naquele tempo [do meu pai] na geração deles já era mais avançada. Hoje em dia já tá mais baixa, né? Na diferença que tem é que eles trabalhavam de um jeito, e né? no tempo dos antigos trabalham de um jeito, hoje

(continuação do Quadro 8)

<p>perto que sempre pedia ajuda pra trabalhar com gado, né?! Pra ajudar, e a gente ia, a gente ajudava muito. O trabalho no tempo do meu avô era um jeito diferente de trabalhar do que tá agora... por exemplo, que antes com ... tipo assim ... na ferra antes era no campo, a gente laçava bezerro no campo, tombava no campo, vacinava, fazia fogo no campo pra ferrar bezerro, tudo no meio do campo. Hoje em dia, não. Tem o curral, né?! e a manga, pra passar tudo na manga. Essa é a diferença.</p>	<p>já trabalham de outro jeito, porque ele pegava as vaca metia assim num curral, lá ele botava os bezerro tudinho só numa parte lá pra mamarem e as vaca entrava pra outro, e eu já punho só numa parte, né? tá entendendo? E aqui não, é tudo só... tudo junto, né? do jeito que nós põe. Por isso que eu acho uma diferença. [...] A lida dele era assim, né? Era duro mas ele sempre dava conta, dava conta do serviço dele, né? E ele fazia porque lá onde ele morava era só ele. Ele tomava conta dum gado, dum gadão, daí que ele trabalhava lá, aí era só ele lá no retiro que morava assim, longe. Aí ele tinha muito serviço, mas ele dava conta de tudo lá, certinho. Chegava lá perto e o patrão elogiava ele, né? O meu é assim também, né? Vou por ali, eu dou meu jeito pra lá e tenho que dar o meu jeito, né? porque é o meu serviço, né? É duro mais o cara tem que dar conta.</p>
<p>VE1 – Santa Cruz Fazenda Mexiana</p>	
<p>No meu caso era o meu bisavô. Quando ele morava aqui não tinha esse negócio de cerca, era só um salão, tudo aberto, não tinha cerca. Aí aqui tinha um gado, uma malhada, no Retiro A tinha outro, no Retiro B tinha outro, mas era tudo aberto, não tinha esse negócio de cerca. Aí depois que veio o meu tio morar aqui que já fizeram uma cerca aqui, mas era pouca. Depois que nós viemos pra cá, pra tudo quanto é lado tem cerca. Tando a cerca o gado se acostuma dentro dela, o gado daqui é difícil arrebentar arame, é mais o gado da outra fazenda que encosta na beira da cerca dele que é acostumado a rebentar aí eles varam e quando é pela ferra tem que escoar esse gado de fora, das outras fazendas.</p>	
<p>VE2 – Cachoeira Fazenda Bragança</p>	
<p>Aquelas apartação que tinha de primeiro, aqueles convite que a fazenda mandava: “Olha, vai ter apartação”, vamos supor, na Fazenda P, aí o feitor saía avisando todas as fazendas vizinhas, tal dia vai ter um ajuntamento Então se ajuntava todo mundo ali pra começar aquele serviço, ajunta todo o gado da Fazenda Q, da Fazenda P, ... aí se ajuntava todo mundo uns pra tirar duma parte, outros tirar do outro lado... E agora isso tá acabando. Isso acabou. Só tem agora a escoação, que como agora: Olha, vai ter escoação lá! Às vezes só vai dois daqui, que não tem mais esse ajuntamento, porque na apartação a gente fazia aquele ajuntamento de gente, aquele grupo de gente de todas as fazendas vizinhas. Era uma alegria! Aí vai ter uma apartação no Fazenda P, como eu tô lhe falando, vamos supor. Aí ia daqui... ele [o feitor] tirava mais ou menos ele tirava quatro funcionários. Aí se ficava quantos dias vai ter lá. Antes tinha três dias, quatro dias, né? pra levar os animal consoante para aquele serviço. Aí tinha, se fosse três dias eu levava um animal pra cada dia de trabalho, pra eu não forçar o animal no serviço, porque passava o dia inteiro no campo, pra chegar já de noite em casa. Quando é no outro dia, torna voltar de madrugada, que às vezes praí é muito baixio, muito cerrado. Aí a gente sai de madrugada pra pegar o gado no malhador. Então o vaqueiro tinha que tá lá frente, de madrugada, pra pegar ele pra trazer em vaquejada pra malhar. Isso que era apartação. Aí quando terminava, todo mundo tirava seu gado e traz só pra um curral. Aí quando era no outro dia, via quantas reses tem minha... dez reses mais ou menos da Fazenda G. Aí o feitor: “tá aqui o teu gado”. Assim que era apartação. Aí todo mundo só pegava o seu gado e ia embora. E agora não tem mais isso. [...]. Aqui, hoje em dia dá dois, três dias de ferra, mas já é mais maneiro que o serviço de ferra antes. As vezes tem fazenda aí que tem blete²¹, não é mais como de primeiro, era no campo, aí dava muito gente. Ixi!, era animado. Agora, você não vê mais agora isso, os donos foram tirando essas coisas, né? Hoje em dia já mete tudo no curral, separar bezerrada agora só no curral pra ferrar, não se preocupar mais com lenha, que nessa época era lenha, agora já é tudo no gás, aí vai indo até concluir o serviço. [...] Eu não sei se foi o fazendeiro ou o vaqueiro que foi acabando aquela coisa do vaqueiro, tinha aquele amor pelo serviço. Deus o livre! O vaqueiro quando tinha um cavalo bom, ruim, não dava pra ninguém! Isso eu acho que foi entrando em extinção. Eu acredito que isso tá acabando, o dono percebendo uma coisa dessas, o modo do vaqueiro trabalhar, ele prefere trazer o serviço dele já pro curral pra ele não ter prejuízo lá, é como está acontecendo com certas fazendas que a gente vê aí.</p>	

²¹ Variação de “brete”, é descrito por Fabrício Vasconcelos (POMBO, 2014, p. 79), como um equipamento utilizado na fazenda composto por um compartimento onde se prende boi, vaca, cavalo ou outro tipo de animal com segurança enquanto eles são examinados, marcados ou recebem algum tipo de tratamento veterinário.

(continuação do Quadro 8)

VE3 – Pedras Fazenda Mexiana	VE4 – Sebastião Fazenda Ganhão
<p>d A diferença do mais antigo que... antes eles usavam muito corda, cordas de relho. Cordas feitas do couro do animal. Eles pegavam, tinham todo aquele processo, esticavam, depois cortavam, depois limpavam, depois ia fazer a trança pra usar e hoje em dia já é muito difícil você encontrar uma corda de relho na garupa de um vaqueiro. Porque a gente acha assim que ela dá muita mão de obra e a gente usa mais a de nylon que a gente fabrica ela na máquina em média de 40 ou 42 dois minutos a gente tá fazendo uma corda. E são essas as diferenças aí. [...] E o trabalho no campo na época deles... hoje em dia tem muita diferença que eu vejo também que eu lembro é que em algumas fazendas os animais eram bem, bem, bem mansos, bem domesticados pelo fato de alguns encarregados serem aquelas pessoas assim mesmo bem interessadas e em algumas fazendas hoje em dia que você vê por aí, já não tá... o gado já é um pouco arisco, já se torna mais difícil de pegar porque às vezes a pessoa acaba se relaxando com o seu trabalho. E os antigos não... no tempo deles não, eles eram mais curiosos, queriam tá ali todo dia vendo como é que tá... E hoje é difícil de você ver assim uma pessoa que tenha essa responsabilidade mesmo ali firme e forte pra deixar aquilo tudo... pra que agrade o patrão, né?! Pra que ele veja: tá sendo tudo certinho. Tem que ser desse jeito pras coisas darem certo. Mas não é todo encarregado que tem essa visão. Alguns se deixam... deixam as coisas derramar e... fica por conta. E às vezes acaba que o patrão... acaba se desgostando, muitas coisas assim.</p>	<p>O vaqueiro hoje, ninguém sabe mais andar no cavalo a passo, antigamente, você via os cavalos, só faltavam explodir de gordos. Os vaqueiros e os cavalos ali, eram só para trabalhar, andavam... não tinha nem quase búfalo, era tudo no boi comum, cavalo se pegava pra trabalhar, hoje não. Você olha ali na porta do mato da Fazenda B, tinha uma turma ali correndo, iam tudo no cavalo, quer dizer aquilo seca o pulmão do bicho, o gogó do bicho fica seco, não engorda tanto, então vai quebrando a tradição com essas coisas assim. Eles não têm a responsabilidade de antigamente, eles só querem saber de corrida, eles só querem saber de passeio, aí se tem um serviço, por exemplo, é na Fazenda I, vamos supor, aí ele vai por influência, mas a responsabilidade não tem, entendeu? Vai porque é empregado, mas ele não vai com aquela vontade de dar conta do que é para ele fazer, entendeu? Ele vai só pra dizerem “O fulano tava na Fazenda I no serviço”, aí ele vai, fica, conversa com o fulano ali, conversa com outro ali, com outro ali... aí perguntam “E o teu gado, tu não vai tirar?” “Não. Deixa aí. Chegando lá eu digo pra ele que não tinha gado”. Aí fica difícil assim. [...] Os vaqueiros de antigamente... o cavalo deles eram só para trabalhar, hoje não... ninguém anda mais em boi, é tudo no cavalo, é cavalo e moto, é cavalo e moto... eu queria ter uma moto [pra trabalhar], mas só que moto ela vicia, a pessoa fica viciado naquilo, como eu digo para o pessoal da Fazenda C, eles dobram cavalo em moto,, eles dobram vaca em moto, aí vicia, quer dizer... antigamente não tinha isso, era só o cavalo, o cavalo era só para trabalhar.</p>
VA2 – Bagre Fazenda Viçosa	VA3 – Melgaço Fazenda Janaucu
<p>Vaqueiro como era antigamente não tem mais. Tem pessoas que se empregam como vaqueiro, mas não é vaqueiro mesmo, não sabem laçar um animal, não sabem governar um cavalo, amansar um boi porque às vezes é preciso, mas não é mais como antigamente. Antigamente era muito diferente. O vaqueiro antigamente, poxa! Quando você fazia uma ferra numa fazenda, mandava avisar todas aquelas fazendas, de cada fazenda vinha um, tudo pra se reunir, passava às vezes duas semanas lá e era aquele momento da vaqueirada de tudo se encontrarem e quando terminava cada um das suas fazendas tirava o seu rebanho e ia levando pro seu dono.</p>	<p>A gente aprendia muitas coisas com os antigos que iam ser vaqueiros e hoje em dia ai vai acabando porque não querem aprender com os antigos...já vai sendo tudo do jeito deles. Por isso que eu lhe digo: vai acabando. Você pode andar nessas fazendas por aí, pode chegar lá... é só gente novo, antigo tem um ou dois. [...] Hoje em dia eu sinto que já é tudo diferente porque não querem aprender como era antigamente, querem tudo do jeito deles. Entendeu? É muito complicado com essa geração de hoje em dia. Aí aquilo vai acabando, vai acabando porque eles não prestam atenção nos mais antigos, já vão fazendo coisas do jeito deles... dos novos, né?</p>
VA4 – Gurupá Fazenda Pacas	
<p>Hoje em dia, a gente vê essa juventude aí só querem tá na brincadeira. Aí não tem condição. Tive muito exemplo. Do tempo que eu comecei a trabalhar pra agora a agente vê muita diferença, só querem tá na brincadeira, essas coisas. A gente não foi acostumado, eu pelo menos trabalhei com esse pessoal e me dei muito bem. Se eu for pra outra fazenda, vou estranhar muito, o modo que eu aprendi tá totalmente diferente. O modo de trabalhar deles... nessa época que eu comecei a trabalhar o que o encarregado falava tinha que ser aquilo. Hoje em dia, o pessoal não querem mais assumir uma responsabilidade que é a melhor coisa que tem, né?</p>	

A construção desse lugar de referência no trabalho do vaqueiro, no direcionamento argumentativo dado, é marcadamente acentuada pela relação patrão e empregado e revela pontos de interseção em que as ações de um afetam o outro, ocasionando mudanças nesse contexto de formação do trabalho na pecuária. Tais argumentos, apontaremos aqui em três acepções: a primeira acepção traz nas narrativas o tempo da apartação, que, além da atividade de apartar o gado, incluiu os serviços de ferra, assinalação, vacinação entre outras demandas desse período. A segunda acepção refere-se a um período da história nos campos do Marajó quando tem início a inserção das cercas para delimitar as propriedades rurais. E a terceira acepção diz respeito à transformação do trabalho do vaqueiro na linha do tempo. Os três episódios surgem nas narrativas como pertinentes às transformações pelas quais passam os modos de atuação dos vaqueiros em campo.

Para abordagem da primeira acepção, partimos de uma análise do panorama que se construiu com perfis de diferentes categorias de vaqueiros, percebemos que a escolha de um dispositivo enunciativo não se dá por acaso, como se pode verificar na dinâmica da temporalidade expressa na narrativa de Currálinho, em que se considere o ontem / antigo / no tempo do meu avô... referente à vida de vaqueiro da tradição nas lidas do cotidiano; em confronto àquela parte realizada em campo, como acontece hoje / agora / atualmente / na contemporaneidade. Na construção discursiva, ressonâncias de já-ditos com marcas da instância temporal ressignificada no contexto do trabalho. E aqui mencionamos a dupla modalidade da dêixis, em sua modalidade espacial “tudo no meio do campo” e temporal “No tempo do meu avô”, que abarca uma série de marcas que, para Maingueneau (2008a, p. 89, grifo do autor), definem de fato “uma instância de enunciação legítima, delimita a *cena* e a *cronologia* que o discurso constrói para autorizar sua própria enunciação”. A diferença no discurso do vaqueiro diarista Currálinho se percebe no próprio jeito contar: “O trabalho no tempo do meu avô era um jeito diferente de trabalhar do que tá agora”.

Quando se refere ao trabalho “no tempo do meu avô”, há uma descrição detalhada de todo o manejo realizado pelos vaqueiros e Currálinho dá detalhes com exemplos: “na ferra antes era no campo, a gente laçava bezerro no campo, tombava no campo, vacinava, fazia fogo no campo pra ferrar bezerro, tudo no meio do campo”. E como vimos na primeira seção desta análise, em que os vaqueiros avaliam a profissão, o sentimento de alegria é aqui também expresso: “No tempo do meu avô era muita alegria”. A foto de Otávio Cardoso captura esse momento de alegria do encontro em serviço e entre as ações realizadas ao laçar, peiar, ferrar, assinalar.

Figura 12 – Serviço realizado em campo



Fonte: Otávio Cardoso

Mas... na sequência narrativa, o sujeito estabelece a diferença do serviço dos antigos para os contemporâneos sem as descrições de antes, para o modelo de trabalho atual, faz uma síntese “Hoje em dia, não. Tem o curral, né?! e a manga, pra passar tudo na manga. Essa é a diferença”. No curral e na manga não há essa interação e o momento prazeroso do convívio em meio às tarefas no conjunto cede espaço para o trabalho realizado individualmente ou com poucos vaqueiros, em separado.

Figura 13 – Serviço realizado no curral e na manga



Fonte: Arquivo da autora – junho/2019

Ressonâncias de já-ditos também no que diz o vaqueiro diarista Currálinho, quando conta da alegria do serviço da vaqueiragem realizado “No tempo do meu avô” e das mudanças

ocorridas no tipo de manejo em campo. Essa alegria que se manifestava em meio às atividades realizadas em campo: “diversão de juntar o gado todo, vacinar, os menores bezerros a gente ferrava, aí ajudava os outros vizinhos das outras fazendas”. Daquilo que já se falou antes, as experiências de trabalho narradas são determinantes para o emprego de expressões geradoras de sentido, cujo efeito é produzido via memória discursiva. Na narrativa de Curralinho, faz-se referência ao tempo em que as crianças, como aprendizes de vaqueiros, participavam dessas tarefas: “a gente trabalhava junto com ele, a diversão de juntar o gado todo, vacinar, os menores bezerros a gente ferrava, aí ajudava os outros vizinhos das outras fazendas por perto [...] e a gente ia, a gente ajudava muito”. Conhecimentos da vaqueiragem ainda na infância, uma forma de transmissão de saberes que retomaremos, mais adiante, na análise sobre o processo de aprendizagem da profissão. Levando em conta as circunstâncias de enunciação, o vaqueiro em circunstância de entrevista falando sobre o trabalho, o contar sobre esse envolvimento profissional, nos remete à noção de interdiscurso pelo conjunto de dizeres já-ditos.

E, de acordo com a formação discursiva em que se inscreve o sujeito, vemos, na narrativa do vaqueiro Cachoeira, como os efeitos de sentido são produzidos no relacionamento dos vaqueiros no campo, em tempos de apartação:

Aquelas apartação que tinha de primeiro, aqueles convite que a fazenda mandava: “Olha, vai ter apartação”, vamos supor, na Fazenda P, aí o feitor saía avisando todas as fazendas vizinhas, tal dia vai ter um ajuntamento. Então se ajuntava todo mundo ali pra começar aquele serviço, ajunta todo o gado da Fazenda Q, da Fazenda P, ... aí se ajuntava todo mundo uns pra tirar duma parte, outros tirar do outro lado... E agora isso tá acabando. Isso acabou. Só tem agora a escoação, que como agora: Olha, vai ter escoação lá! Às vezes só vai dois daqui, que não tem mais esse ajuntamento, porque na apartação a gente fazia aquele ajuntamento de gente, aquele grupo de gente de todas as fazendas vizinhas. Era uma alegria! Aí vai ter uma apartação no Fazenda P, como eu tô lhe falando, vamos supor. Aí ia daqui... ele [o feitor] tirava mais ou menos ele tirava quatro funcionários. Aí se ficava quantos dias vai ter lá. Antes tinha três dias, quatro dias, né? pra levar os animal consoante para aquele serviço. Aí tinha, se fosse três dias eu levava um animal pra cada dia de trabalho, pra eu não forçar o animal no serviço, porque passava o dia inteiro no campo, pra chegar já de noite em casa.

Nesta versão, vaqueiro efetivo Cachoeira, via memória, nos conta de um tempo de trabalho da forma como era realizado: “Antes, era a apartação’ e como se procede “hoje em dia, a escoação”. Na atividade laboriosa nos campos, Cachoeira ressalta também o modo do vaqueiro da tradição tratar o animal de serviço: “Antes tinha três dias, quatro dias, né? pra levar os animais consoante para aquele serviço. Aí tinha, se fosse três dias, eu levava um animal pra cada dia de trabalho pra eu não forçar o animal no serviço”. Ao observar algumas situações de tratamento dado ao animal pelo vaqueiro contemporâneo, há uma advertência de Santa Cruz: “porque tem gente que corre muito e acaba o cavalo, chega de pé, sela na costa, sela no ombro, isso daí tá errado. Não pode correr pra matar o bicho, pode dar problema pro próprio vaqueiro

que trabalha com os animais da fazenda”. Situações que apontam contrapontos no tratamento com o animal por um sujeito que tem zelo e não o força em serviço, e por um sujeito mal tratador que leva o cavalo de serviço à exaustão.

O conhecimento das lidas em campo se revela na experiência narrada entre outros fatos marcados na temporalidade “antes”, “de primeiro”, “nessa época” em meio à complexidade dos relacionamentos que ocorrem “agora”, “hoje em dia”, como no dito por Cachoeira: “Aqui, hoje em dia dá dois, três dias de ferra, mas já é mais maneiro que o serviço de ferra antes”. O uso da expressão “mais maneiro”, quer dizer, menos pesado, porque “nessa época era lenha, agora já é tudo no gás, tem o fogão”, o que diminui o tempo empregado para realizar essa tarefa.

O período de ferra que hoje se finaliza em dois, três dias é feito no brete, enquanto de primeiro durava três, quatro dias, às vezes semanas e era no campo, assim descreve Cachoeira: “A ferra antes, tem fazenda aí que tem brete, não é mais como de primeiro, era no campo, aí dava muita gente. Ixi!, era animado! Era laçada, era ferra, laçava bezerro o dia inteiro, às vezes duzentos, trezentos bezerros que tinha numa malhada dessa”. O tipo de mudança mencionada sobre o manejo na passagem do campo para o curral, manga ou brete, como dizem os vaqueiros, quando hoje aparece em algumas narrativas, não é bem-vindo, porque o modo de serviço realizado antes trazia à ilharga a concepção de que “isso que era sadio, era alegre de ver, era uma felicidade”. Era o momento de pôr à mostra uma diversidade de habilidades com as quais são reconhecidos, dentre as quais se destaca a destreza dos vaqueiros com o laço:

VE1: “dizem que eu sou bom pra amansar pordo, cavalo, laçar bezerro, tombar bezerro...”

VE2: “tem vaqueiro que usa corda de doze braças, tem vaqueiro que usa corda de 15 braças, aí vai indo, tem vaqueiro que usa até de vinte braças. Você já pensou? Você está atrás do bezerro com uma corda de vinte braças?”

VE4: “eu gosto muito de laçar, e não tenho inveja de quem chegar e dizer ‘Eu sou laçador, eu até acho graça eu, eu acho graça do cara dizer que ele é laçador’, por quê? Porque eu também sei laçar”.

VA3: “às vezes eu vou trabalhar com os meus companheiros novos e a gente vai laçar uma rês, vai fazer... aí: bora laçar uma rês aqui? E eles vem e laça e TAN e erra, e eu venho TAN por trás e laço”.

Era uma grande agitação vivida com os companheiros no serviço de ferra, laçada, cair e levantar era o que animava esse momento de encontro para o serviço no coletivo, proporcionava alegria, e, ainda que expostos aos acidentes no trabalho, isso acabou. E adentraram nas instalações da pecuária os instrumentos que facilitam o serviço, investimentos que modernizaram o setor e aboliram uma prática vivida em momentos de interação e lazer em tarefas agora realizadas individualmente, ou com o mínimo de vaqueiros.

Toda essa forma de atividade na área rural durante a apartação, da ferra, por exemplo, antes realizada em campo, hoje posta no curral, contraria o vaqueiro que reclama a perda de um lugar no cotidiano do trabalho que tem um grande valor simbólico que é o valor simbólico do encontro, lugar onde ele e os companheiros se reuniam.

Esse encontro é muito importante porque às vez tem conhecido da gente que passa tempo sem a gente se ver. E, quando chega numa ocasião dessa, a gente tá tudo junto, ali brincando, gracejando, a gente fica feliz, né? A gente não mora um perto do outro, as vez nem todo tempo a gente se fala, passa tempo sem se falar, aí num momento desses que vem outros vaqueiros de outras fazendas que a gente conhece, aí fica aquele ... assim legal, assim bacana da gente tá se revendo de novo.

Então aquele trabalho que envolvia todo o pessoal das áreas vizinhas e outros tantos convidados tinha um perfil, um caráter de festa, era um espaço de confraternização. E o vaqueiro perde esse momento vivido no coletivo quando ele passa a trabalhar no curral, individualmente ou na presença de uns poucos companheiros. Para o patrão essa mudança pode ter sido muito mais eficaz no gerenciamento do seu negócio, mas para o vaqueiro isso é uma perda. Ele é nostálgico em relação ao tempo quando havia aquele trabalho de avisar as fazendas vizinhas para participar do serviço em que todo mundo ficava junto. O vaqueiro VA2 é exemplo dessa experiência: “O vaqueiro antigamente, poxa! Quando você fazia uma ferra numa fazenda, mandava avisar todas aquelas fazendas, de cada fazenda vinha um, tudo pra se reunir, passava às vezes duas semanas lá e era aquele momento da vaqueirada de tudo se encontrarem”.

Com um trabalho fundamentado na tradição, VA2 mantém o sentido do exposto em que prevalece como espaço o contexto de ferra: “Quando você fazia uma ferra numa fazenda, mandava avisar todas aquelas fazendas”. Também marcam as temporalidades: “Vaqueiro como era antigamente não tem mais”. E o que se vê nos dias de hoje é que “tem pessoas que se empregam como vaqueiro, mas não é vaqueiro mesmo”. Neste espaço de reconhecimento por eles mesmos e de uns para os outros, VA2 descreve a si mesmo de maneira a destacar a própria experiência em relação àquelas pessoas: “que se empregam como vaqueiro, mas não é vaqueiro mesmo”. Ao contemplar o processo de produção de sentidos, nessas condições, percebemos que o espaço de trabalho coletivo tem significado simbólico para o vaqueiro marajoara e é relevante a sua tessitura na narrativa frente à uma identidade profissional que se perde.

O vaqueiro Cachoeira atribui o fim desse procedimento compartilhado de trabalho no campo aos patrões: “Agora, você não vê mais agora isso, os donos foram tirando essas coisas, né? Hoje em dia já mete tudo no curral, separar bezerrada agora só no curral pra ferrar”. Ao dizer que foram os donos os causadores da transformação no modo de realizar o trabalho, Cachoeira profere uma afirmação sobre a qual não paira dúvida, visto que a continuidade da

intervenção do vaqueiro incide sobre os efeitos dessas mudanças no próprio modo deste profissional executar o seu serviço. E essas transformações afetam tanto o modo do patrão gerenciar o próprio negócio quanto afetam o modo como o vaqueiro realiza o seu trabalho, haja vista que as ações praticadas no modo de gerir o trabalho afetam um e outro, o que leva Cachoeira a dividir a responsabilidade com o fazendeiro: “Eu não sei se foi o fazendeiro ou o vaqueiro que foi acabando aquela coisa do vaqueiro”. Diante das mudanças ocorridas, a mostra de como o vínculo entre patrões e vaqueiros se tece em um dos polos, de modo que um, efetivamente, interfere no outro. O vaqueiro Cachoeira marca no seu discurso uma interseção, ele marca, pelo modo de construir o seu enunciado, que ali tem responsabilidade compartilhada de um e de outro e marca nesse discurso que ambos estão interligados.

Então não se pode dizer que foi o vaqueiro quem deixou de ter aquele amor pelo serviço, essa falta de apego às tarefas da fazenda, o cuidado com o animal de serviço, atitudes que segundo Cachoeira: “Isso eu acho que foi entrando em extinção. Eu acredito que isso tá acabando”. Ora, se transformações ocorreram na execução das lidas em campo, mostra que o vaqueiro foi afetado pela atitude do patrão, mas é claro que o vaqueiro não coloca a responsabilidade toda sobre o patrão, ele compartilha responsabilidades. A interseção entre as ações tomadas pelo patrão altera o modo de se fazer um tipo de serviço, vindo interferir no que está posto como o traço do discurso e da labuta do vaqueiro, alterada quando há mudanças que ocorrem no seu modo de agir em campo.

Um tipo de atitude que também influenciou o modo de agir do patrão, mudanças que já se percebem na área rural, quando se vê os investimentos nas propriedades com as novas instalações no campo. Novidades na construção rural com estratégia de uma prática que exige poucos trabalhadores, um serviço que sai do coletivo e tende cada vez mais para ser realizado individualmente, procedimento com o qual Cachoeira conclui “é como está acontecendo com certas fazendas que a gente vê aí”. Percebemos que as modificações aludidas pelo profissional não se voltam somente aquilo já dito sobre as mudanças feitas pelo patrão que botou todo o serviço para ser feito dentro do curral. Notamos também que, no interior do discurso, o tipo de vaqueiro que eles mesmos constroem reforça o discurso tradicional, esse simulacro que se constrói de um vaqueiro, ao qual se referem como “VAQUEIRO”, “vaqueiro, vaqueiro” ou “vaqueiro mesmo”. Nesse contexto discursivo, a significação referencial à situação de enunciação quanto ao uso do pronome demonstrativo “isso”, em “Eu acredito que isso tá acabando”, equivale às características do profissional responsável, dedicado, um tipo imagem de vaqueiro construída nesse simulacro do vaqueiro que era responsável por tudo, um “vaqueiro mesmo”.

Na narrativa de Afuá essas credenciais estão presentes na figura do pai, ao referir-se ao modo de manejo no tempo dos antigos e modo como se faz hoje: “no tempo dos antigo trabalham de um jeito, hoje já trabalham de outro jeito, porque ele pegava as vaca e metia assim num curral, lá ele botava os bezerro tudinho só numa parte lá pra mamarem e as vaca entrava pra outro, e eu já punho só numa parte, né?”. No modo de trabalho diferenciado entre as gerações, o campo se configura como lugar de referência para o vaqueiro, este espaço onde as mudanças ocorridas na linha do tempo do trabalho afetam tanto o empregado quanto o patrão.

No percurso dos argumentos que contribuíram significativamente para a transformação no espaço do trabalho do vaqueiro, a pertinência do mostrado sobre o período de apartação, durante o qual se realizava os serviços de ferra em campo e outros serviços que depois passaram a ser feitos no curral.

Na sequência argumentativa, acrescentamos outra demanda acionada pelos vaqueiros que apontam como segunda acepção, a chegada das cercas nos campos em relação às áreas rurais onde foram afincadas. Nessa articulação, surgem as tensões relacionadas ao cercamento das propriedades rurais, em que se pretende conectar modos de trabalho em lugares e tempos diferentes desde meados do século XVII, com implantação do primeiro curral no Marajó, em 1680, até este início do século XXI, conforme as narrativas contadas pelos vaqueiros.

Para entendermos como a cerca está nesse contexto de formação do trabalho rural e afeta o mundo do trabalho do vaqueiro, consideramos necessário introduzir o cercamento de arame farpado no contexto histórico nestes campos do Marajó. Nossa retrospectiva tem início em 1644 com a chegada da primeira leva de gado em Belém/Pará que, segundo Miranda Neto (1993, p. 67), rapidamente se reproduziu na zona suburbana. E como o regime pastoril no Brasil se constitui como modo de conquista e povoamento, houve interesse em remanejar essa criação para as campinas marajoaras, motivo que Baena (1969, p. 133) atribui “a fim de que venha a ser povoado de Fazendas de criar animais tão beneméritos; pois que os campos são de tão viçoso pasto que bem podem sustentar numerosas e longas manadas”. E assim a atividade criatória de bovinos e equinos se desenvolveu e proliferou nos extensos campos desta região.

O início promissor da pecuária, sendo um empreendimento estimulado pela Coroa Portuguesa, ganhou impulso com as concessões de terra doadas no Marajó, atraindo, inclusive, religiosos que, paralelamente às suas missões, aqui acumularam grande patrimônio com a criação e comercialização de gado. Posteriormente, os religiosos tiveram os bens confiscados e foram expulsos dessas áreas com doação das suas propriedades a civis e militares, os chamados

contemplados, que só precisavam adquirir o gado, já que a terra era fértil e abundante”²². Além destes, outro aspecto a se considerar e revelado por Miranda Neto (1993, p. 66) é de não haver cercas delimitando as propriedades rurais, já que as terras “sem cercas, permitia ampla expansão, transcendendo os limites da propriedade”. Interessa esclarecer que, quando esses sujeitos se integraram no contexto fundiário marajoara, surgiram conflitos e essas questões fundiárias exigiram a construção de cercas dos fazendeiros para delimitar os marcos de suas propriedades e manter o rebanho em instalação restrita à sua área em contraposição aos animais antes criados soltos em toda a região.

A partir daí, veremos a relevância a instalação dessa estrutura no campo, qual seja uma área de trabalho demarcada que se articula às mudanças no sistema de manejo com os animais nos processos locais de (re)criação e ressignificação no desempenho das tarefas da vaqueirice como revelam as narrativas a seguir.

Reportamo-nos à imagem do bisavô do vaqueiro Santa Cruz quando comenta sobre a chegada das cercas na fazenda e os sentidos que sua narrativa produz em relação ao trabalho do vaqueiro antigo e do contemporâneo: “Quando ele morava aqui não tinha esse negócio de cerca, era só um salão, tudo aberto, não tinha cerca [...] aí depois que veio o meu tio morar aqui que já fizeram uma cerca aqui, mas era pouca. Depois que nós viemos pra cá, pra tudo quanto é lado tem cerca”. Neste percurso analítico, o discurso sobre o trabalho nas narrativas de vida mostra que a construção de cercas fora estrategicamente útil para fazendeiros e vaqueiros devido à necessidade de se delimitar a área onde está localizada a fazenda, assim como diminuir a lida diária, pois a cerca impede as reses de se espalharem por campos e matas e se misturem com o gado das fazendas vizinhas.

A esse respeito, o vaqueiro efetivo, explica Santa Cruz: “Tando a cerca o gado se acostuma dentro dela, o gado daqui é difícil arrebentar arame, é mais o gado da outra fazenda que encosta na beira da cerca dele que é acostumado a rebentar aí eles varam e quando é pela ferra tem que escoar esse gado de fora, das outras fazendas”. A cerca consiste então em uma estrutura rural necessária para as boas práticas de manejo, pois quando a área está toda cercada facilita a lida em campo, já que consta entre as tarefas diárias recorrer cercas e identificar os problemas para providenciar conserto ou, dependendo do estrago, fazer tudo de novo. Um zelo que Santa Cruz cita a recomendação do patrão: “Se for preciso levantar 2 horas, 3 horas pra ir pegar gado no malhador tem que levantar que é preciso. Aí a pessoa tem que recorrer cerca

²² Ressaltamos a pesquisa aprofundada sobre este assunto na Tese de Joel Santos Dias: “Confuso e intrincado labirinto”. Fronteira, território e poder na Ilha grande de Joanes (séculos XVII e XVIII), defendida em 2016, inscrita no Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia na Universidade Federal do Pará.

porque senão o gado rebenta os arames e varam ... e isso dá mais problemas pra nós que estamos recorrendo todo o tempo essa cerca que o patrão firma que é pra zelar por ela”. Na ordem dada o olhar atento para manter o gado restrito às cercanias da fazenda e impedir que se misture com o gado da redondeza, assim como se previne da invasão do gado alheio nas terras do patrão.

Em nota do escritor Miranda Neto (1993, p. 111), uma síntese em torno da questão das cercas nos serviços das fazendas:

Se as fazendas não estão cercadas, os próprios fazendeiros ignoram quantas reses ao certo possuem. Pois o gado facilmente se espalha pelos campos e matas, misturando-se com o de outras propriedades. Daí a necessidade de se habituar o gado a se agrupar em malhadas, justificando o esforço do bom vaqueiro em perseguir a rês desgarrada e trazê-la de volta.

Trabalhar no descampado requer do profissional mais agilidade com o laço para pegar o gado arisco e habilidade com o cavalo para realizar grande parte de suas tarefas. Então as habilidades do vaqueiro eram postas à prova, as quais VF1 Chaves, da Fazenda Mexiana descreve:

Tem que saber montar pra conduzir bem o animal, laçar. Tem que saber laçar, tem gente que é cargueiro [risos], que erra, e tem gente bom de laço. Tem que saber rabiar uma rês, tombar ela pelo rabo, tombar e tem que ajuntar ela, segurar ela no chão pra peiar e fazer algum serviço nela... serrar a ponta do chifre, com três meses começa a assinalar, ferrar, nessa faixa aí.

Ações que eram valorizadas numa época em que a atividade campeira se dava quando o gado era criado solto e o vaqueiro tinha uma combinação de saberes com os quais ele mostrava as habilidades e o aperfeiçoamento de suas práticas, porém, essas atividades ficaram mais restritas com a chegada das cercas nas fazendas.

E o cercamento total das propriedades acabou por gerar uma diversidade de contendas que vem de longa data. Uma problemática que foi levantada pelo vaqueiro Sebastião, ao contar sobre a necessidade de cercamento das terras do patrão: “Hoje está mais moderno, porque antigamente não tinha cerca. Os donos da fazenda onde eu trabalho, meu patrão que fala pra mim, ‘tu me pede cerca... como é que antigamente não tinha e davam conta?’”. É interessante notar que indiretamente VE4 Sebastião pede cerca e se percebe na fala do patrão, narrada pelo vaqueiro, o traço da opressão sobre o vaqueiro contemporâneo “tu me pede cerca... antigamente não tinha e davam conta”. Trabalhar como antigamente, como propõe o patrão de VE4, sem cerca, ou não consertar as que estão rebentadas implica gastos, aplicação de um recurso financeiros dos quais ele não quer dispor.

Um modo de fazer o trabalho que difere do quadro atual e, embora traga benfeitorias importantes para as fazendas, a narrativa aponta os fazendeiros que afrontam os empregados, quando solicitam material para manter o cercamento daquela área de trabalho. O pedido feito ao patrão não é bem recebido, que se vale de um argumento ineficaz, para os dias atuais, como a necessidade da inserção desta estrutura rural, tanto para delimitação da fazenda quanto para contenção de animais.

Estabelecer limites e manter o controle dos animais em áreas específicas de trabalho, vai de encontro ao trabalho realizado antigamente pelos vaqueiros da tradição do Marajó, quando se criava o gado solto e este se dispersava pelo campo em busca de água e comida e sua captura só era possível no momento da apartação e outras atividades desenvolvidas na pecuária. Como as fazendas antigamente não eram delimitadas, isso exigia do vaqueiro mais habilidade para pastorear o gado, fazer contagem do rebanho, conhecer mais o campo e trazer animais que estavam longe da malhada.

O uso das cercas delimitando as propriedades impede a mistura do gado, (desde que seja conservada em bom estado e os animais não arrebentem os arames) diminuindo nas fazendas o período de apartação de quando se tinha serviço muito grande, como nos conta o vaqueiro Santa Cruz, VE1, da Fazenda Mexiana: “O feitor avisa os vizinhos pra que eles venham e ajudam e quando cai gado deles na ferra, eles separam na manga e levam pras fazendas. Tem o sinal da fazenda e, na manga, já escoo prum curral separado o gado de fora, esse gado que entra quando a cerca tá arreventada”.

Quando os vaqueiros de outras fazendas eram convidados para participar da apartação, que durava até quinze dias e obtinham permissão do patrão para ir, eles iam como que cuidar do patrimônio do patrão, pegavam os animais marcados com o sinal da fazenda e levavam de volta ao lugar de origem. Esse momento das atividades de manejo em campo era feito com os companheiros da lida para juntos fazerem a contagem, ferrar, castrar, assinalar, escoar entre outros serviços necessários. Antes, porém, se espalhava o aviso do serviço de apartação, se anunciava o juntamento, que VE4 assim explica:

Apartação é... você faz o aviso, espalha o aviso, faz o juntamento, por exemplo, hoje você espalha o aviso, aí mata uma vaca pra fazer a comida pro pessoal, e espera a população chegar. Aí no dia seguinte, você vai fechar o gado, aí cada qual tira o gado de seus patrões, aí trabalha 5, trabalha 10, trabalha 15 dias conforme... aí você terminou, aí no último dia você tira o gado tudo junto. Aí no último dia se você quiser passar na manga, se você tiver curral para apartar tudo que você passar na manga, tudo bem, senão você tira fora mesmo, que seria até bem mais rápido, escoando o gado fora, montado mesmo, é bem melhor assim do que no curral.

Essa conduta do trabalhador em que “cada qual tira o gado de seus patrões” envolve também a questão da confiança. Uma variante desse comportamento é feita ainda na narrativa de VE4 Sebastião, quando se refere ao comportamento do vaqueiro contemporâneo:

Eles [o vaqueiro hoje] não têm a responsabilidade de antigamente[...], vai porque é empregado, mas ele não vai com aquela vontade de dar conta do que é para ele fazer, entendeu? Ele vai só pra dizerem “O fulano tava na Fazenda I no serviço”, aí ele vai, fica, conversa com o fulano ali, conversa com outro ali, com outro ali... aí perguntam “E o teu gado, tu não vai tirar?” “Não. Deixa aí. Chegando lá eu digo pra ele que não tinha gado”. Aí fica difícil assim.

Imagens que assemelham e diferenciam o vaqueiro da tradição e da contemporaneidade. E quando o vaqueiro de hoje vai para alguma fazenda fazer um serviço de apartação, “ele vai por influência, mas a responsabilidade não tem, entendeu? Vai porque é empregado, mas ele não vai com aquela vontade de dar conta do que é para ele fazer, entendeu?”. Esse tipo de comportamento do vaqueiro de hoje causa um desalento em VE4 Sebastião: “Aí fica difícil assim”. Vimos antes, com VA2, um tipo de procedimento digno da confiança do patrão, pois “quando terminava, cada um, das suas fazendas, tirava o seu rebanho e ia levando pro seu dono”. Atitude que difere da narrativa de VE4, quando o vaqueiro de hoje é interrogado sobre o levar o gado do patrão: “Não. Deixa aí. Chegando lá eu digo pra ele que que não tinha gado”. Na narrativa de Sebastião há uma série de atitudes existentes atualmente no campo que, segundo ele, “vai quebrando a tradição com essas coisas assim”. Logo na sua apresentação, a marca temporal “hoje” e “antigamente” definem uma profissão com trabalhadores em lados opostos, o tempo como um divisor de tarefas bem executadas, ou não, no campo do trabalho.

Veremos no trecho, a seguir, que a narrativa de Sebastião traz mais um fato a se considerar neste contexto da pesquisa de como o trabalho do vaqueiro se transforma na linha do tempo: “hoje não... ninguém anda mais em boi, é tudo no cavalo, é cavalo e moto, é cavalo e moto [...], como eu digo para o pessoal da Fazenda K, eles dobram cavalo em moto, eles dobram vaca em moto, aí vicia, quer dizer... antigamente não tinha isso, era só o cavalo, o cavalo era só para trabalhar”. Para VE4 Sebastião, “o vaqueiro hoje, ninguém sabe mais andar no cavalo a passo”, logo mais à frente explica: “Eles não têm a responsabilidade de antigamente, eles só querem saber de corrida, eles só querem saber de passeio”. Quando o vaqueiro de hoje é comparado ao vaqueiro de antigamente, ou por quem segue essa tradição no ofício, é mostrado um outro perfil de trabalhador: “antigamente, você via os cavalos, só faltavam explodir de gordos. Os vaqueiros e os cavalos ali, eram só para trabalhar, só para trabalhar, andavam... não tinha nem quase búfalo, era tudo no boi comum, cavalo se pegava pra trabalhar, hoje não”. Veremos, a seguir, que esse ponto de vista tem regularidades e contrapontos: os vaqueiros de

hoje correm, antes andavam; para o cavalo que só falta explodir de gordo, há o cavalo que não engorda tanto; vaqueiro e cavalo para trabalhar, hoje para lazer, passeio; os antigos tinham responsabilidade, os de hoje a responsabilidade não têm; antes havia vontade de dar conta do que era pra fazer, hoje vai porque é empregado; vaqueiro da tradição, em época de apartação, juntava o rebanho e levava para o dono, o contemporâneo abandona o gado que foi buscar, diz que “não tinha gado”.

Entre uma narrativa e outra, a voz de sujeitos inscritos em uma comunidade discursiva conta sobre a diferença de trabalho entre as gerações em uma reconstrução do vivido. Com base no contado, os sujeitos deixaram, na marcha cadenciada ou no impacto das pegadas, os rastros de uma análise com marcas de sentidos conflitantes que estão imbricadas nessa tensão entre o que é ser vaqueiro na tradição e na contemporaneidade. Ao investigar os dizeres, os sentidos que se constroem nas narrativas contadas pelos vaqueiros, mediante a introdução das cercas de arame farpado, dizemos que houve uma transformação no modo de realizar o trabalho na pecuária que afeta tanto o modo de o patrão gerir o próprio negócio quanto afeta o modo de o vaqueiro realizar o seu trabalho neste espaço.

As transformações pelas quais o trabalho do vaqueiro passa, neste tópico, acontecem pela partilha coletiva de trabalho no modo de apartação e pelas modificações no contexto histórico da região pelo modo de haver cerca. Episódios que as narrativas contadas pelos vaqueiros, da tradição e da contemporaneidade, revelam tensão nas suas formas organizadas de trabalho, decorrente das mudanças para as diferentes épocas e eles passam a não se reconhecer na tensão das experiências constituídas na relação com o outro. Uma tendência dos dados, que está lá, na terceira acepção do terceiro tópico, é de o vaqueiro da tradição ser uma referência para o vaqueiro contemporâneo, no entanto, o vaqueiro da tradição tem queixas em relação ao contemporâneo, ele não é “vaqueiro mesmo”, ele é “cargueiro”, mas não há nenhum dado que desqualifique o vaqueiro da tradição.

No rumo dessas marcas seguimos, a passo, observando na terceira acepção, deste tópico, as transformações no trabalho do vaqueiro na linha do tempo, focalizando na narrativa de Santa Cruz, a mostra de que as ações que orientam para o vaqueiro contemporâneo convergem para reconhecimento de o vaqueiro da tradição, a quem se tem como referência:

De mim pro meu pai mudou pouca coisa, agora de mim pro meu avô tem uma diferença já grande. A vaqueirice pra eles era muito importante, zelavam muito... agora ... O manejo ... eu tinha dificuldade pra amansar meus cavalos, dificuldade pra mim domar minha vacas aí eu queria mudar o manejo aí só que eu vi que não tava dando certo, aí eu queria fazer do meu jeito e não tava dando certo, aí eu vi que tinha que prestar atenção mais no meu pai pra dar certo. Aí eu vejo agora que deu certo. Daí eu procuro prestar mais atenção nele que é pra mim aprender.

Nessa mesma direção, surgem marcas a identificar que o vaqueiro da tradição VA4 Gurupá não reconhece o trabalho do vaqueiro contemporâneo:

Do tempo que eu comecei a trabalhar pra agora a agente vê muita diferença, só querem tá na brincadeira, essas coisas. A gente não foi acostumado, eu pelo menos trabalhei com esse pessoal [os antigos] e me dei muito bem. Se eu for pra outra fazenda, vou estranhar muito, o modo que eu aprendi tá totalmente diferente. O modo de trabalhar deles... nessa época que eu comecei a trabalhar o que o encarregado falava tinha que ser aquilo. Hoje em dia, o pessoal não querem mais assumir uma responsabilidade que é a melhor coisa que tem, né?

Na percepção de como o trabalho do vaqueiro se transforma na linha do tempo, as narrativas trazem marcas de uma formação discursiva, ressaltando atributos que emergem na enunciação de todas as categorias de vaqueiros escolhidas para participar da pesquisa. Em cada ponto destacado, nesta análise, vimos que a heterogeneidade dos sentidos, dados na superfície da materialidade discursiva, reflete as mudanças no campo do trabalho do vaqueiro da tradição e da contemporaneidade. Mas no mapeamento do *corpus* também percebemos um mecanismo discursivo que tende à homogeneidade dos sentidos por um vaqueiro diarista (VD4), um vaqueiro já aposentado (VA2) e um vaqueiro efetivo (VE1) que reafirmam o discurso da obediência, do silenciamento, quando indicam um tipo de comportamento a embasar a conduta pelos profissionais vaqueiros.

Segundo o diarista VD4 Afuá: “se quiser ser um bom vaqueiro, tem que prestar atenção no teu serviço, num tem que ser malcriado com ninguém, se te chamarem atenção, fica, num responde, porque se tiver errado, né? No teu termo de serviço tu num tem que reclamar”. Discurso que orienta a adoção de características definidoras do ser vaqueiro por meio de uma construção narrativa que expõe, em meio às contradições e opressões que aparecem na opacidade do discurso, uma relação de trabalho carregada de significados de aceitação de um posicionamento opressor. A construção discursiva dessa imagem, na versão do vaqueiro diarista Afuá, tem aproximação com o recorte selecionado da narrativa do vaqueiro aposentado VA2: “cumpra seus deveres do seu feitor o que ele mandar você fazer, não seja desobediente [...] que às vezes tem um vaqueiro aborrecido que você chama a atenção... diz uma coisa e ele acha uma ofensa. E você sendo obediente você vai encontrar quem vai lhe ajudar na parte da vaqueirice”. Não se contrapor às ordens dadas, assim também se manifesta o vaqueiro efetivo Pedras: “Eu procuro fazer... coisas que agradem o meu feitor e ao meu patrão pra que eu não seja chamado atenção [...] porque é feio tipo ser chamado por tá fazendo coisas que... coisas indesejáveis, né? Então, a gente tem que procurar ser responsável”. Na cena enunciativa construída, a imagem construída sustenta marcas de um discurso que tende a manter igual conduta do vaqueiro da

tradição, que ainda se baseia em relações de poder, no sentido de se render obediência de acordo com os valores que lhes foram inculcados.

Embora as narrativas de vida e de trabalho seja marcada por movências e rupturas, trazem um registro cujos sentidos têm a ver com a posição ideológica dos sujeitos do discurso que ora se põem em contraste entre ser vaqueiro da tradição e ser vaqueiro na contemporaneidade. Do que se apresentou no *corpus*, os significados lá contidos nos permitem identificar as marcas que caracterizam o vaqueiro da tradição.

Do que nos foi apresentado, inferimos que o vaqueiro da tradição domina as práticas das lidas do cotidiano dos campos do Marajó em toda uma diversidade de saberes. Circula pelos campos, transita com destreza entre as duas estações, no verão, as terroadas; no inverno, os alagados. O serviço, antigamente, era no coletivo, no descampado marajoara, o trabalho feito pelo vaqueiro que monta, laça, (a)doma, tomba, peia, marca, assinala, castra, ferra, vai ao encaço da rês, desvia, tange o gado, fecha, aparta, escoo gado, conduz à malhada, prende, solta, entrega, cura bicheira, conserta moinho, recorre cerca, faz aterro, organiza embarques, carrega/descarrega embarcação, pilota, tira leite, um sujeito dotado de exímias habilidades. Cumpridor de seus deveres, desempenha com êxito a função em campo, rende obediência aos feitores e patrões, é responsável, interessado, artesão, trata bem do seu animal, sai à labuta na madrugada fria, ou no sol abrasador, (com)partilha conhecimentos, tem paciência de ensinar, anda no cavalo de serviço a passo, é entrosado, benquisto entre os seus. É um profissional que constitui relações de confiança e submissão, não é de seu feitio rebater ordens, também é reconhecido pela bravura com que enfrenta os riscos da profissão, goza de prestígio entre os companheiros e patrões pela sua forma de manejo com o gado e sem se afobar enfrenta as dificuldades da lida, de subsistência. Este vaqueiro da tradição detém um conhecimento diversificado na profissão que o diferencia como um sujeito dotado de saberes da experiência do passado em tempos, espaços, e memórias em seu currículo, seja por se intitular como “cria da fazenda”, seja por ser membro de uma família cuja profissão está no sangue há gerações.

E ciente dos atributos que o caracterizam como vaqueiro da tradição, quando trabalha ao lado de um sujeito que não domina a prática da vaqueirice, destituído dos mesmos qualificativos de quem é vaqueiro, vaqueiro mesmo, passa a chamar o sujeito de “cargueiro”, uma característica negativa, conforme consta no tópico que trata sobre a autoavaliação no desempenho da vaqueirice.

Do que o *corpus* também traz como contribuição para definir o vaqueiro contemporâneo, coletamos elementos expressivos do sujeito, por ele mesmo, em contraponto àquilo que ele parece ser no ponto de vista do vaqueiro da tradição. O vaqueiro contemporâneo

Pedras não é cria da fazenda, “eu comecei a frequentar a fazenda e comecei a gostar da vaqueirice”, nem herdou a tradição familiar na vaqueirice, “a função do meu pai que é carpinteiro”, e não largou os estudos para ir trabalhar, ao contrário, concluiu o ensino médio e foi opção sua não seguir os estudos, “porque eu tô fazendo o que amo fazer que é ser vaqueiro”. E quando teve a chance de ingressar na profissão, “eu procurei agarrar ela com as duas mãos e... me interessei bastante e procurei ser sempre responsável”. Pertinente à menção feita à responsabilidade como atributo primeiro para ser um bom vaqueiro, “Primeiramente, a pessoa tem que ter responsabilidade”, em segundo lugar é preciso “seguir as normas da vaqueirice porque não é... ‘ah, porque eu sei montar’ que é vaqueiro. Não. Eu aprendi isso pra cá com os meus companheiros de serviço mais experientes do que eu”, acrescenta-se à noção de responsabilidade, obedecer às normas da vaqueirice e aos valores como a honra e a fidelidade à profissão: “Porque eu tenho que honrar a minha profissão, que é ser vaqueiro. Então, a partir do momento que a gente honra aquilo que a gente faz, a gente tem que ser fiel a ela”. Um ponto de vista que Pedras, vaqueiro contemporâneo, assume com uma postura de trabalho que difere da descrição feita por dois vaqueiros da tradição, do dito pelo vaqueiro aposentado Bagre: “O vaqueiro já não é como antigamente porque hoje em dia o vaqueiro pega um animal pra correr sem os limites. E no meu tempo não, trabalhava, arrodia o gado, a gente fazia a nossa obrigação, mas a gente sabia como era que a gente trabalhava, né?” E do dito pelo vaqueiro efetivo Sebastião: “Você olha ali na porta do mato da Fazenda B, tinha uma turma ali correndo, iam tudo no cavalo, [...] então vai quebrando a tradição com essas coisas assim. Eles não têm a responsabilidade de antigamente, eles só querem saber de corrida, eles só querem saber de passeio”. Com Pedras, se dá o oposto, pois ele e os companheiros não montam a cavalo porque querem saber de correr sem os limites, saber de passeio, “a nossa função não é levar gado, trazer gado, montar em cavalo, a gente estava ali dando suporte pra embarcação, desembarcando madeira, embarcando madeira [...] a gente tem que tá pronto para o que precisar dentro do nosso trabalho”.

Outra mudança que aconteceu por aqui e também se faz referência é no tipo de material usado na confecção da corda, um equipamento essencial usado em serviço que passou das cordas de relhos, confeccionadas artesanalmente, para as cordas de nylon, em novo processo de tessitura, e posterior substituição do antigo instrumento de trabalho.

O vaqueiro efetivo Pedras fala das cordas como instrumento de trabalho e das mudanças que se deram na sua confecção, passando do processo artesanal ao industrializado, estabelecendo essa diferença com emprego dos termos “antigo”, “na época deles” e “hoje em dia” como marcadores temporais nas suas narrativas de vida:

A diferença do mais antigo que... antes eles usavam muito corda, cordas de relho. Cordas feitas do couro do animal. Eles pegavam, tinham todo aquele processo, esticavam, depois cortavam, depois limpavam, depois ia fazer a trança pra usar e hoje em dia já é muito difícil você encontrar uma corda de relho na garupa de um vaqueiro. Porque a gente acha assim que ela dá muita mão de obra e a gente usa mais a de nylon que a gente fabrica ela na máquina em média de 40 ou 42 dois minutos a gente tá fazendo uma corda. E são essas as diferenças aí.

Algo a ser retomado em torno da imagem do vaqueiro construída discursivamente é a imagem de vaqueiros que exibiam com orgulho os instrumentos de trabalho confeccionados por eles mesmos. Uma arte feita com o relho, mas, com o passar do tempo, o vaqueiro contemporâneo a substituiu pelas peças de nylon: “antes eles usavam muito corda, corda de relho. Cordas feitas do couro do animal. [...] e hoje em dia já é muito difícil você encontrar uma corda de relho na garupa de um vaqueiro”. O argumento empregado para enjeitar esse processo de manipulação artesanal do relho é porque “dá muita mão de obra”. Diferenças nos procedimentos na realização do trabalho que figuram na narrativa de VA3 Melgaço mostrando, ao modo de Benjamin (1994, p. 198), essa “faculdade de intercambiar experiências”:

Eu aprendi muita coisa. Hoje em dia eu chego no lado desses: Bora ali? “Ah, eu num sei fazer”. Meu Deus, a profissão de vaqueiro hoje em dia tá diferente...! porque eu aprendi muita coisa, eu sei trabalhar em tudo: sei fazer corda, sei fazer cabeçada, sei casear... por isso que eu digo: eu fui um vaqueiro completo, porque eu sei fazer tudo. E hoje em dia, essa geração, você pode dar uma corda, um cabresto eles não sabem casear, pegar uma corda e, sendo vaqueiro, ele chegar em casa e procura casear aquela corda pra ficar tudo bonitinho. Essa é a lida do vaqueiro. Por isso que eu digo: tem que APRENDER, né? E hoje em dia essa geração eles não aprendem tudo eles... agora, hoje em dia, qualquer coisa eles dão um rim²³, mas não sabem casear porque tudo isso era do nosso trabalho que o pai da gente ensinava. A geração de antigamente, todos, pode procurar pra fazer qualquer coisa que eles sabem fazer, agora, esses novatos de hoje em dia...

Chama-nos atenção os marcadores qualificativos relevantes para essa relação espacial e temporal no campo do trabalho: “a profissão de vaqueiro hoje em dia tá diferente...!”. No que diz respeito aos vaqueiros da contemporaneidade, essa amostra utilizada como comparação o distingue do vaqueiro da tradição sob um ponto de vista avaliativo negativo: “E hoje em dia, essa geração, você pode dar uma corda, um cabresto eles não sabem casear, pegar uma corda e, sendo vaqueiro, ele chegar em casa e procura casear aquela corda pra ficar tudo bonitinho”. Fato que se repete na construção dos acontecimentos discursivos que se mesclam à reconstrução do vivido: “E hoje em dia essa geração eles não aprendem tudo eles... agora, hoje em dia, qualquer coisa eles dão um rim, mas não sabem casear porque tudo isso era do nosso trabalho que o pai da gente ensinava”.

²³ O vaqueiro aposentado VA3 explica o que “dar um rim”: “é um tipo de nó que se dá na ponta do cabresto, da cabeçada ou da corda. Quando a gente ia fazer os arreios a gente dava um rim na cabeçada para elas ficarem bonitas. Os novatos de hoje, não sabem casear dão logo o rim na ponta do cabresto só pra não casear”.

Nesse contexto de produção do discurso, as características profissionais, ora explícitas, revelam, além do que ascende à memória, indicativos de avaliação, “esses novatos de hoje em dia...”, de tal modo a se estabelecerem parâmetros para o trabalho em diferentes épocas: “A geração de antigamente, todos, pode procurar pra fazer qualquer coisa que eles sabem fazer”.

Os dados expostos demonstram o funcionamento da heterogeneidade dos discursos, mas também se relacionam a um modo de enunciação que abre espaço para outras discussões, como as reais funções dos vaqueiros, que se estendem além do que está prescrito na lei 12870/2013 (Anexo K), que regulamenta a profissão.

No recorte a seguir, contado por VF3, encontramos logo no início da narrativa duas expressões com valor temporal, “A gente já com aquela idade” e “o novo que entrou”, no sentido de uma comparação “que já não é como” feita pelo sujeito acerca do próprio trabalho, mostrando em sua manifestação discursiva a diferenciação da passagem do tempo:

A gente já com aquela idade que já não é como o novo que entrou. Eles são mais elétricos perto da gente. Tem muitos assim... rapaz novo disposto que vamos dizer pra pegar uma rês que fica no campo: “Oh, vaca!” E quando eles vejo um velhinho assim como eu, né? eles começam a mexer: “Ei, saia daí que você já tá velhinho”. Eu digo: “Olha, eu não tô velho, eu tô experiente”. Já peguei experiência, vocês vão pegar experiência comigo.

O aparato tecnológico, os meios de comunicação, eletricidade, transporte também adentraram nos campos e Pedras destaca as facilidades do celular em vez da fonia; a luz elétrica, vinda pelo “Projeto Luz Para Todos”²⁴, em substituição às “lâmparas”, “poronga” e “candeia”, tem também a placa solar. Na relação familiar um contraponto em termos afetivos: antes, o distanciamento, “a minha mulher tem três filhos que não são meus”, com o vaqueiro contemporâneo, uma relação de proximidade “a filha de criação é como se ela fosse minha filha de sangue mesmo”. Do que se assemelha entre a tradição e a contemporaneidade, Pedras imprime a marca do que os sujeitos entendem como respeito: “Eu procuro fazer... coisa que agradem o meu feitor e ao meu patrão para que eu não seja chamado atenção”. Dessa forma o vaqueiro efetivo Pedras espera ter na profissão “um bom currículo”, ser reconhecido na profissão e “poder chegar a feitor”.

Na tensão entre os sentidos tradicionais e contemporâneos sobre a profissão, os marcadores discursivos e os efeitos de sentido nesse movimento entre o ontem e o hoje indicam posicionamentos em torno de uma série de características postas que tendem a uma

²⁴ DECRETO No 4.873, de 11 de novembro de 2003, assinado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Institui o Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica - “LUZ PARA TODOS” e dá outras providências https://www.mme.gov.br/luzparatodos/downloads/mmedecreto4873_11112003.pdf

configuração a ser atualizada em torno das imagens positivas e negativas ora construídas. Contradições que, relacionadas à hipótese da pesquisa, confirmam que as mudanças na profissão do vaqueiro são marcadas nas narrativas de vida dos vaqueiros pela oposição tradição e contemporaneidade.

E aqui trazemos a hipótese da pesquisa de que esses dois sujeitos não se reconhecem. O vaqueiro da tradição não reconhece o vaqueiro contemporâneo e o vaqueiro contemporâneo não reconhece o vaqueiro da tradição. Mas os dados nos mostram que o reconhecimento não ocorre da forma pensada pela hipótese levantada, o sujeito da tradição está ali, o simulacro dele é totalmente positivo, ele é valorizado, mas o inverso não acontece, há toda uma valorização sobre a forma como o trabalho que era feito antes.

Embora hoje não seja mais totalmente assim, diante das muitas transformações que ocorreram no modo de executar o serviço, quais sejam: a entrada da moto, a chegada da luz elétrica, a facilidade de acesso, o serviço do campo para o curral, a aparição das cercas nas fazendas demarcando as propriedades rurais, todas essas transformações vão alterando o modo de fazer o trabalho do vaqueiro marajoara.

Em contraste, o discurso sobre o trabalho do vaqueiro na contemporaneidade abre espaço para a posição de sujeito constituída por efeitos de sentido distintos, tem aquele que não se interessa pelo serviço, não cumpre suas tarefas. Por outro lado, tem aquele vaqueiro que ainda não é “vaqueiro mesmo”, mas que quer aprender sobre o ofício para bem realizá-lo. As marcas deixadas neste campo discursivo nos permitem perceber mudanças ocorridas no modo de realizar o trabalho do vaqueiro, a racionalização de grande parte do serviço no campo, entre eles a ferra, levada para ser feita dentro do curral, colaborou para diminuir o ajuntamento dos vaqueiros nas fazendas.

E a apartação, antes um momento festivo com encontro de vários vaqueiros, agora é praticada em poucas fazendas, com número de vaqueiros efetivos cada vez mais reduzido nessa tarefa. Fato corroborado pelo vaqueiro aposentado VA2: “A gente vê que tem muitos proprietários de fazenda que já não querem muito empregar funcionários. Antigamente nos Retiros, tinha dois, três, hoje em dia não, às vezes um vaqueiro só, só um, às vezes no corpo da fazenda, onde é a sede mesmo às vezes tem um”. Para poucos vaqueiros, pouco acréscimo na contagem de gado no campo²⁵.

²⁵ Dados da ADEPARÁ, coletados no relatório da Agência de Soure em nov/2020, *in loco*, tem dados da totalidade do rebanho em 128.695 (bubalino: 94.525 e bovino: 34.170) e do total coletado em 2019 de 121.145 reses (bubalino: 85.829 e bovino: 35.316), um aumento no rebanho anual de 6,23%.

E nesta imensidão dos campos onde antes se criava o gado solto, agora as cercas dividem as áreas com as finalidades de acordo com a conveniência de cada criador. É tarefa de todos manter a estrutura da cerca em bom estado de conservação que ajuda em outras formas de controle desses animais, como brincar e chipar.

A articulação dessa mudança na forma e fazer o trabalho somada à problemática instalação das cercas nos campos, antes coletivos, agora particulares, provocam transformações nos elementos que foram a cultura da identidade vaqueira marajoara. Mudanças que incidem diretamente na vida desses profissionais, fazendo com que eles não se reconheçam uns aos outros, quer dizer, o vaqueiro da tradição não reconhece o vaqueiro da contemporaneidade, mas o inverso não acontece, há toda uma valorização sobre o que era feito antes.

Mudanças também ocorrem na relação vaqueiro/patrão e, da forma como incluída nos recortes narrativos, há controvérsias entre o modo de interagir com o patrão de antigamente e o jeito de lidar com essa relação da forma como se dá entre os vaqueiros da contemporaneidade. É essa a abordagem que trataremos a seguir e constitui o *corpus* de análise nos recortes do quadro 9 que tratam dessa relação profissional no campo do trabalho da pecuária.

Quadro 9 – O traço temporal da tradição e contemporaneidade no relacionamento entre patrão e vaqueiro

VD2 – Curralinho Fazenda Viçosa	VD4 – Afuá Fazenda Machados
No tempo do meu avô os empregados pouco falavam com o patrão, só os feitores da fazenda que iam, e os vaqueiros chegavam, falavam o que queriam e o feitor ia e repassava com o dono da fazenda, o patrão. Hoje não, a gente pode chegar e conversar com ele, o que ele mais pede é pra gente chegar e conversar, de se comunicar com ele o que a gente precisa. É claro que o nosso feitor tem que vim, mas quando o patrão tá por perto a gente chega perto, ele se entrosa no meio da gente pra conversar, brincar. No tempo do meu avô o que eles tinham pra fazer, só iam, faziam aquilo e depois iam pra casa e não se comunicavam com os pessoal, com os vaqueiros, só falavam “oi, oi”, acabou. Essa relação mudou muito. Eu sempre tive essa vontade de falar com o dono da fazenda, o patrão, e aí agora eu tô tendo essa oportunidade aqui na fazenda, com um patrão que vive no meio da gente também. Aí eu percebi essa percepção que tem de ficar onde o patrão tá, se comunicando com ele. A relação do patrão com os funcionários era bem pouca. Essa mudança é boa.	Muda do papai, né? e que quando ele... assim, né? Ele, o patrão ele conversava muito mais, né? Chegava perto, conversava. E eu não, né? já sou mais acanhado um pouco, né? Pouco já chego pra conversar assim quase, né? Ele não, já conversava mais, explicava mais, explicava mais assim direito, né? Eu não, né? já fico mais... já sou mais tímido pra falar, pra chegar assim falando, né? O patrão dele percebia o trabalho dele. [...] Aí ele tinha muito serviço, mas ele dava conta de tudo lá, certinho. Chegava lá perto e o patrão elogiava ele, né? O meu é assim também, né? Vou por ali, eu do meu jeito pra lá, e tenho que dar o meu jeito, né? porque é o meu serviço, né? É duro mais o cara tem que dar conta. [...] Eu queria que as pessoas gostassem do meu serviço, do que eu faço e a pessoa quando chegasse numa parte, né? faz uma coisa... aí vai lá... e vê que tá tudo certo, né? Aí a pessoa fala: “Poxa, gostei do teu serviço”.
VE1 – Santa Cruz Fazenda Mexiana	VE3 – Pedras Fazenda Mexiana
Aí o meu pai veio pra cá e eu vinha pra cá e ajudava ele: dobrava vaca, pastorava búfalo... aí eu resolvi ir pra Soure estudar e passei um mês aí eu vim me	Se Deus quiser espero trabalhar por muitos e muitos anos aqui com [nome] que foi um patrão que me acolheu bem, né?! Me recebeu bem nas suas terras. O

(Continuação do Quadro 9)

<p>embora e fui pro Retiro A e lá eu estudei três meses. Lá do Retiro eu liguei pro meu pai porque eu não queria mais ficar lá. Eu queria trabalhar, ganhar o meu dinheiro e eu vim me embora. Cheguei aqui, pastorava búfalo... eu tinha 15 anos. Aí o patrão veio fazer serviço pra cá e já me viu aqui trabalhando e me deu esse emprego. Ele assinou a minha carteira quando eu tinha (?) anos, hoje estou com (?) anos, tenho 3 anos de carteira e é isso... até hoje eu tô por aqui, graças a Deus. Ele é um ótimo patrão, a hora que eu preciso dele, ele tá me dando apoio.</p>	<p>nosso patrão é uma pessoa presente, né? Ele... todo mês a gente tem direito em uma rês... um rancho. Uma coisa que ajuda muito que em algumas fazendas você não vê isso. [...] Então isso daí depende de cada um de nós funcionários se empenhar no nosso serviço pra que as coisas dei certo pra nós e pra ele também.</p>
<p>VE4 – Sebastião Fazenda Ganhoão</p>	<p>VE4 – Sebastião Fazenda Ganhoão</p>
<p>A minha carteira não era assinada, foi assinada o ano passado, mas foi contado todos os tempos que eu tinha dentro, entendeu? Foi contado todos os tempos que eu já tinha dentro porque se saísse um dia fora eu ia atrás, eu ia atrás porque eu já trabalhei, eu já tinha trabalhado. Então, eu fui muito amigo do meu patrão e ele não tá sendo meu amigo. Não pensem que eles me estão me fazendo de besta que não estão. [...] Este é irmão deste [aponta para os olhos], e essa aqui [a cabeça] funciona muito. Eles querem explorar, me esmagar, me arrebentar, mas não conseguem. Eu não me formei, mas eu passei em porta de escola e tive bons mestres. Nem tanto fazendo como dialogando.</p>	<p>Antigamente era muito difícil os donos virem na fazenda, muito difícil. Olhe, eu nasci na Fazenda C, me criei na Fazenda C, andando pra Soure, Belém, Fazenda A, depois pra Fazenda C. O dono da Fazenda D eu nunca ouvir dizer: “O patrão tá fazenda”, nunca eu ouvi dizer. Nunca ouvi dizer que ele tava na fazenda dele. O velho (?), uma vez que eu vi esse homem na Fazenda E, uma vez que eu vi ele lá. Hoje não, esses fazendeiros eles ficam diretos na fazenda, eu acredito que eles não têm confiança nos seus funcionários. Eles ficam em cima. Por esse motivo que eu digo que tá acabando a vaqueirice, eles não depositam a confiança no seu funcionário. Até porque o roubo de gado tá muito grande, então eles ficam ali em cima, eles ficam em cima. Eles vão em Belém, passa dois, três dias lá e voltam, tão na fazenda e passam dez, doze dias. Aí vão em Belém e voltam logo pra fazenda. Aí eles vivem assim. O vaqueiro se sente vigiado.</p>
<p>VF1 – Chaves Fazenda Mexiana</p>	<p>VF3 – Salvaterra Fazenda Jurupari</p>
<p>Acho que meu serviço é direitinho, né? Tenho (alguns) anos trabalhando com o patrão. Mas eu gosto de ver o jeito dele, né? Ele é o tipo de pessoa que sabe conversar com a pessoa, entendeu? Porque tem gente que não... que tem gente grossa... vem na grosseria com os funcionário, né?! É porque eu já vi muitos assim que... Às vezes, não tá do jeito da pessoa. Aí...</p>	<p>Tudo é combinado. O serviço que a gente vai fazer lá pra onde ele tá eu participo pra ele, a gente conversa. “O que é que tu vai fazer amanhã?” Aí a gente combina tudo pra ele ficar ciente do que vamos fazer. A mesma coisa quando ele não tá. Se tem um serviço lá, eu ligo pra ele: “[patrão], nós vamos fazer isso, isso, isso... ele tá pra Belém, mas tá sabendo o nós estamos fazendo aqui.// // Como ele já disse: “Quando eu saio daqui a fazenda é tua”. Então a responsabilidade é toda minha. E a gente tem que ter aquela responsabilidade já que ele entregou na mão da gente é porque eu acho que ele tem aquela confiança na gente.</p>
<p>VA1 – Portel Fazenda Camaleão</p>	
<p>Eles reconhecem o meu trabalho lá, e eu conheço eles, então eles não me aperreiam em nada lá, TUDO o que é pra fazer lá, eles chegam tá tudo feito, eles não vivem me mandando fazer. Eles ficam satisfeito quando eles chegam que eles vejam lá. Eles NUUUNCA, graças a Deus, eles chegaram lá que tá mal feito isso, assim, assim. Nunca eles chegaram comigo pra mim dizer as coisas, falar. Então isso pra mim é bonito, é bonito isso. Eu não MEREÇO que eles cheguem lá pra me dizer qualquer coisa que não fiz porque, graças a Deus, eu sei tudo da profissão, né? Então os vizinho, tudo por aí gostam de mim, do meu trabalho, me convidam pra trabalhar, eu vou faço o meu serviço direito. Eu chego em qualquer uma fazenda daquelas, daqueles patrão por ali... tudo esse pessoal se dão muito comigo, se dão muito comigo, gostam do meu trabalho, me elogiam o meu trabalho porque eu sei trabalhar, graças a Deus!</p>	

Na análise anterior, vimos que os sujeitos mobilizam valores, saberes e experiências inerentes à função exercida por cada categoria de vaqueiros em diferentes épocas. Na aproximação favorecida pelo ambiente do trabalho nas lidas do cotidiano, uma constitutiva e tensa relação com o outro se dá o feitio da relação entre patrões e empregados.

Atentando a esta situação presente nas narrativas em foco, passamos a observar, neste segundo tópico argumentativo, as relações travadas entre patrões e empregados que se mostra claramente como uma relação harmoniosa, mas essa relação, também se mostra conflituosa, está lá indiciada, não está expressa, não vai aparecer de forma tão clara. E quando essa relação não é dita com todas as letras, isso tem a ver com a cena englobante, o vaqueiro está na fazenda do patrão, está dando a entrevista no espaço do trabalho que é controlado pelo patrão e não vai sentir-se à vontade para falar mal do patrão, dos problemas que ele vive com o patrão, a tendência é a de construir um espaço favorável para fazer essa relação vaqueiro e patrão. Há de ressaltar, neste cenário, a existência de um histórico de submissão e exploração²⁶ que ao longo do tempo se manteve como tendência de um comportamento entre patrão e empregado. Nas práticas discursivas em foco, observamos tensionamentos entre enunciados passados e presentes nessa complexa e tensa relação de trabalho nos campos do Marajó, considerando que transformações ocorreram nas relações entre patrão e empregado vindas desde o início da atividade pecuária na região. É uma relação tensa que ora está no polo de uma relação harmoniosa, ora está no polo de uma relação conflituosa. Na tensão entre harmonia e conflito, o vaqueiro conta dessa relação, ora de forma explícita, na convicção de que vive imerso em uma relação harmoniosa; ora ele fala não tão abertamente, mas, na opacidade do discurso, esse conflito aparece.

Do que se descreve como uma relação harmoniosa a colocação é explícita. Tem vaqueiro que fala explicitamente dessa relação em marcas deixadas à mostra nas narrativas, vejamos:

VD2: “Eu sempre tive essa vontade de falar com o dono da fazenda, o patrão, e aí agora eu tô tendo essa oportunidade aqui na fazenda, com um patrão que vive no meio da gente também”.

VE1: “Ele é um ótimo patrão, a hora que eu preciso dele, ele tá me dando apoio”.

²⁶ Nunes Pereira (1956, p. 92-93) menciona que na história deste arquipélago “reclamam exame especial, embora sumário, os fenômenos relativos à formação da propriedade e à utilização do elemento humano, nativo ou exótico, como vaqueiro, agricultor, canoieiro, pescador, tal é a importância deles todos para a compreensão do destino econômico, social e político desta dádiva da natureza amazônica. [...] Quando, na evolução social e econômica do Marajó, chegam os Missionários, tem-se por momentos a impressão de que, fundando lavouras, aparelhando engenhos, ficando moirões de currais, o ideal de fraternidade, de cooperação, que Cristo lhes ensinara, presidirá na paisagem equatorial à distribuição de terra e dos seus bens naturais. Ali, porém, como nas missões do Sul, do Rio Grande ou do Paraguai, veremos estruturar-se o estado teocrático, assenhoreador de terras e de almas, de gadaria grossa e larga escravatura: primeiro, a vermelha, com os índios; segundo, a negra, com africanos; terceiro, a branca, com o europeu, não só na Península Ibérica mas de todo o velho Continente”.

VE3: “um patrão que me acolheu bem, né?! Me recebeu bem nas suas terras. O nosso patrão é uma pessoa presente, né? Ele... todo mês a gente tem direito em uma rês... um rancho. Uma coisa que ajuda muito que em algumas fazendas você não vê isso” [...]

“E hoje é difícil de você ver assim uma pessoa que tenha essa responsabilidade mesmo ali firme e forte pra deixar aquilo tudo... pra que agrade o patrão, né?! Pra que ele veja: tá sendo tudo certinho”.

VF1: “Tenho (alguns) anos trabalhando com o patrão. Mas eu gosto de ver o jeito dele, né? Ele é o tipo de pessoa que sabe conversar com a pessoa, entendeu?”.

VF3: “Tudo é combinado. O serviço que a gente vai fazer lá pra onde ele tá eu participo pra ele, a gente conversa. [...] Então a responsabilidade é toda minha. E a gente tem que ter aquela responsabilidade já que ele entregou na mão da gente é porque eu acho que ele tem aquela confiança na gente”.

Na descrição dessa relação em que se qualifica um “um patrão que vive no meio da gente”, “ótimo patrão”, “um patrão que me acolheu bem”, “eu gosto de ver o jeito dele”, “ele tem aquela confiança na gente”, notamos que os vaqueiros apontam para uma relação harmoniosa e esses dados se sobressaem nas narrativas. Retomamos aqui o argumento do primeiro eixo, que diz respeito à cena englobante, para dizer que os vaqueiros estão no espaço do patrão, eles vão se sentir mais à vontade para valorizar o patrão. Nas especificidades do funcionamento discursivo em que se investe as vivências do sujeito, VF1 Chaves, da Fazenda Mexiana, faz referência ao patrão como alguém “que sabe conversar com a pessoa”, mas fala também daquele que já “vem na grosseria”, dando indicativos do posicionamento em que se constrói o simulacro de uma relação oposta da experienciada com o patrão. É uma vez que as palavras só adquirem valor no interior de uma formação discursiva, vemos com Maingueneau (1997, p. 120, grifo do autor) que “um enunciado de uma formação discursiva pode, pois, ser lido em seu ‘direito’ e seu ‘avesso’: em uma parte significa que pertence a seu próprio discurso, na outra, marca a distância constitutiva que o separa de um ou vários discursos”.

Como neste campo de trabalho ocorre uma interação tensa e conflituosa, podemos perceber que, no dito sobre “Ele é um ótimo patrão, a hora que eu preciso dele, ele tá me dando apoio”, Santa Cruz enfatiza o bom relacionamento entre patrão e empregado. Essa atitude, em situação discursiva específica, envolve um tipo de conduta que tem o patrão na figura central e o sujeito tem dificuldade para descrever as relações de poder diante de quem fala e o sobre quem se fala. O mesmo acontece na narrativa do feitor Salvaterra que descreve uma relação de trabalho pautada na confiança entre patrão e empregado “porque eu acho que ele tem aquela confiança na gente”, dando o sentido de confiar, de delegar responsabilidade, escutar o outro, garantia de dedicação e engajamento, com participação efetiva dos principais envolvidos em meio às decisões compartilhadas. Frente à imagem construída de um ambiente descrito como favorável às atividades laborativas, cabe esclarecer que, neste espaço discursivo do cotidiano do trabalho, na situação dialógica em contexto de entrevista narrativa, a atitude inicial do sujeito

é de colocar-se na defensiva, estamos no espaço do patrão, e nem tudo será dito de maneira direta e o que não é dito, fica subentendido, sendo que os sentidos ocupam à frente da cena.

Observamos que ao mesmo tempo que se tem um patrão mais próximo do seu funcionário, como diz Curralinho, “um patrão que vive no meio da gente”, aquele que conversa, disponibiliza atenção, ele é um tipo de patrão que, nesta tensa relação, não valoriza o vaqueiro, desconfia da sua conduta. Embora exista um patrão que esteja mais perto, mais presente na vida dos seus funcionários, se cria efeito de presença de uma outra posição da relação entre patrão e empregado que antes era baseada da confiança, agora se dá em seu inverso, no entendimento de que “hoje o patrão não confia mais nos seus vaqueiros”, uma desconfiança que Sebastião não nega: “O vaqueiro se sente vigiado”. Chegou-se a um ponto em que a confiança que havia entre patrão e empregado foi abalada, colocando em cena uma relação de vulnerabilidade capaz de influenciar as práticas de trabalho pelo fato de que hoje o patrão tem comparecido mais frequentemente na sua propriedade rural.

A presença do patrão na fazenda é também mencionada por Pedras para citar a boa relação que se dá desde o momento da sua acolhida, ao pisar nas terras do patrão, e pelo fato de ele ser um sujeito generoso, aquele que doa carne ao longo do ano para seus empregados, o que o diferencia dos outros fazendeiros da redondeza. Algo que era bastante comum por estes campos diz respeito à matalotagem e comentado em larga escala na literatura sobre a região (matalutagem) que pode ser para o consumo próprio ou para os serviços extras, a contar também com os imprevistos. O rancho vai junto com a matalotagem para os serviços realizados no coletivo, que normalmente acontece no período do verão, quando há ajuntamento de vaqueiros para esse serviço, além dos vizinhos de cerca que vem para o adjutório.

Em Dalcídio Jurandir (2008, p. 323), temos um imprevisto: “Uma rês quebrada é sangrada, é matalotagem forçada”, ou seja, quando os vaqueiros estão em trabalho no campo e, se acontecer um tipo de acidente com uma rês, ela é imediatamente sacrificada e dividida entre o pessoal que está naquela peleja, cada um recebe um quinhão de carne. Miranda Neto (1993, p. 113) refere-se à matalotagem para o consumo e para outros serviços: “Nas fazendas, a matalotagem (abate de rês para consumo próprio) se realiza de quinze em quinze dias, aproximadamente, afora os extras por ocasião da ferra e outros serviços, quando a vaqueirama das redondezas se reúne para ajudar e fazer jus ao pedaço de carne”. No seu livro de memórias, Steiner (2006, p. 274) fala da matalotagem tirada para os serviços:

Levava da despensa o café em grão, o açúcar, os paneiros de farinha, o quartilho de querosene para as lamparinas, controlando o gasto, junto com as matalotagens, durante os dias de serviços, desde o ajuntamento dos vaqueiros nas vésperas da

fechação das malhadas, para a castração dos novilhos, até a escoação e condução da boiada, nas vésperas das datas marcadas para os embarques, e finalmente nos dias de ferra.

Mas essa prática, relata Pedras, aos poucos vai se acabando: “Uma coisa que ajuda muito que em algumas fazendas você não vê isso”. Não podemos inferir que a expressão dêitica “isso” aponte somente para o contexto da situação como uma relação harmoniosa porque o patrão doa uma rês todo mês. Por outro lado, na narrativa de Pedras há um vaqueiro que, de um certo modo, discursiviza essa relação de modo a apontar que, antes, o empregado se preocupava mais em atender às demandas dos patrões e hoje não se vê isso. Havia mais rigor na forma de tratamento entre patrões e empregados e a interação bem-sucedida, entre eles, era decorrente da responsabilidade e compromisso com que os vaqueiros executavam as suas funções.

A abertura dada com os dizeres que expressam a relação harmoniosa com o patrão aparece como exceção aquilo que é dito de maneira recorrente: que as relações entre patrão são conflituosas. Ora, é fato que o lugar da enunciação é também o lugar do campo do trabalho e das relações que se dão a partir daí, espaço em que se abre ao sentido que as palavras possuem em diálogos polemicamente construídos pelos posicionamentos assumidos. Há de se considerar que não há patrões bons e patrões maus, patrões onde tudo é perfeito e onde tudo é problema, a referência abarca a relação entre sujeitos que vivem em meio à tensão, ao conflito. Como veremos em outra versão dada para o patrão presente vinda pela narrativa de VE4 Sebastião:

Antigamente era muito difícil os donos virem na fazenda, muito difícil. Olhe, eu nasci na Fazenda C, me criei na Fazenda C, andando pra Soure, Belém, Fazenda A, depois pra Fazenda C. O dono da Fazenda D eu nunca ouvir dizer: “O patrão tá fazenda”, nunca eu ouvi dizer. Nunca ouvi dizer que ele tava na fazenda dele. O velho [cita o nome], uma vez que eu vi esse homem na Fazenda E, uma vez que eu vi ele lá. Hoje não, esses fazendeiros eles ficam diretos na fazenda, eu acredito que eles não têm confiança nos seus funcionários. Eles ficam em cima.

O ressentimento pela presença constante do patrão “tão na fazenda e passam dez, doze dias” se configura como uma falta de confiança nos funcionários. No caráter discursivo uma tessitura que aponta para a análise das marcas de que hoje os patrões não confiam mais em seus empregados leva VE4 Sebastião a uma previsão difícil frente aos problemas e desafios atuais: “Por esse motivo que eu digo que tá acabando a vaqueirice”. Não há mais aquela relação em que tudo ficava por conta do encarregado, administrador da fazenda, feitor, que Miranda Neto (1993, p. 86, grifo do autor) atribui à função exercida com poder decisório:

Historicamente, os feitores chegaram a possuir tamanho poder sobre os negócios da fazenda que se sentiam sócios do proprietário e ninguém de fora se atrevia a lidar com o rebanho sob sua responsabilidade sem sua permissão. E o *branco* não tinha

condições logísticas de permanência em sua propriedade: sem escola para seus filhos, sem hospital, sem ambiente cultural de sobrevivência, tornou-se absenteísta.

Um tipo de procedimento que também passou por transformação em vista das conveniências que se tem atualmente, principalmente pelo acesso às redes de comunicação, pela eletrificação rural, pela facilidade de transporte com deslocamentos de forma mais rápida, mecanismos que viabilizaram aos patrões presença mais constante e, por isso, agora “Eles ficam em cima”. Essa presença acabou por tirar parte da responsabilidade daqueles que antes tomavam conta da fazenda, praticamente sozinhos, sem a intervenção do patrão. Findo esse gerenciamento e o contínuo comparecimento do fazendeiro em suas terras, a dificuldade de adaptação do vaqueiro, que não tem mais controle administrativo nas suas ações.

Conforme os trechos narrativos selecionados, no conflito instaurado, a percepção de que a construção de sentidos, em suas regularidades e dispersões, produzida pela formação discursiva em foco foi tecendo ao longo do tempo relações na atividade do trabalho do vaqueiro as quais implicaram acentos apreciativos que orientam para a produção de sentidos nas narrativas postas à análise. Como em Maingueneau (2008 a, p. 117), “o discurso não escapa à polêmica tanto quanto não escapa à interdiscursividade para constituir-se”, assume-se uma posição enunciativa cujo sentido revela um sujeito que carrega em si o sentimento de pertencimento a esse campo de trabalho.

Então, para além do que está dito claramente, há outros indícios, daquilo que não é dito com tanta clareza. E quando a relação entre vaqueiro e patrão é baseada em conflitos, tem vaqueiro que fala com clareza dessa relação, tem vaqueiro que não fala abertamente. Vejamos:

VD2: “No tempo do meu avô os empregados pouco falavam com o patrão, só os feitores da fazenda que iam, e os vaqueiros chegavam, falavam o que queriam e o feitor ia e repassava com o dono da fazenda”

VD3: Aí ele tinha muito serviço, mas ele dava conta de tudo lá, certinho. Chegava lá perto e o patrão elogiava ele, né? O meu é assim também, né? Vou por ali, eu do meu jeito pra lá, e tenho que dar o meu jeito, né? porque é o meu serviço, né? É duro mais o cara tem que dar conta. [...] Eu queria que as pessoas gostassem do meu serviço, do que eu faço e a pessoa quando chegasse numa parte e faz uma coisa, aí vai lá e vê que tá tudo certo, né? aí a pessoa fala: “Poxa, gostei do teu serviço”

VE4: “A minha carteira não era assinada, foi assinada o ano passado, mas foi contado todos os tempos que eu tinha dentro [da fazenda], entendeu? Foi contado todos os tempos que eu já tinha dentro por que se saísse um dia fora eu ia atrás, eu atrás porque eu já trabalhei, eu já tinha trabalhado. Então, eu fui muito amigo do meu patrão e ele não tá sendo meu amigo. Não pensem que eles me estão me fazendo de besta que não estão. [...] Este é irmão deste [aponta para os olhos], e essa aqui [a cabeça] funciona muito. Eles querem explorar, me esmagar, me arrebentar, mas não conseguem. Eu não me formei, mas eu passei em porta de escola e tive bons mestres. Nem tanto fazendo como dialogando”

VA1: Eles NUUUNCA, graças a Deus, eles chegaram lá que tá mal feito isso, assim, assim. Nunca eles chegaram comigo pra mim dizer as coisas, falar. Então isso pra mim é bonito, é bonito isso. Eu não

MEREÇO que eles cheguem lá pra me dizer qualquer coisa que não fez porque, graças a Deus, eu sei tudo da profissão, né?

As marcas determinadas pelas circunstâncias do discurso, que na AD não são neutras, conduzem essa relação para entendê-la em seu contexto, inclusive no relacionamento contraditório entre patrão e empregado que se revela em diferentes épocas em um movimento temporal que abarca novos sentidos. Tendo em vista que a área do trabalho se renova e dá entrada em campo a uma nova geração de vaqueiros, trazemos à discussão, no percurso de nossos argumentos, estratégias outras na tessitura dessa relação que transforma uma prática laboral restritiva em uma relação de camaradagem e de proximidade.

Começamos pela forma como o vaqueiro diarista Currallinho tece na narrativa as relações de trabalho no tempo do avô em que revela a falta de entrosamento entre patrão e empregado, neste caso, o feitor agia como um porta-voz, tinha a incumbência de fazer esse intercâmbio entre as partes interessadas. Há marcas discursivas que igualam e distinguem vaqueiros inscritos em um cenário da tradição no serviço da pecuária “no tempo do meu avô” e está chegando gente jovem para trabalhar “hoje em dia” neste setor. Também a presença de patrões à moda antiga, com os seus valores e modos de relacionamento a distância, e patrões da contemporaneidade, trazendo transformações para administrar o próprio negócio, ou herança de um bem de família, em novas perspectivas de gerenciamento e relações de trabalho com mais proximidade. Como se faz análise dos dados pelo viés discursivo, a relação que se tece entre diferentes falas dos vaqueiros não é uma fala singular de cada um, é a relação discursiva que se tece com os dizeres de hoje atravessada por contradições, seja da área de interesse do patrão ou do empregado. No interior desse relacionamento prevalecem pontos de vista, motivados por condições e interesses pessoais que convivem em tensão e configuram diversos e divergentes modos de agir no desenho desses traços, como veremos a seguir.

Algo que nos chamou atenção, na narrativa do vaqueiro Breves, foi a maneira como quer para si o reconhecimento do patrão diante do trabalho feito. Há uma comparação implícita do tempo em que o pai trabalhava e a atitude do patrão quando via o trabalho concluído, e, hoje, se conta sobre a mesma lida e o mesmo desempenho no cumprimento da tarefa, mas não há reconhecimento pela tarefa realizada. Nenhuma palavra de incentivo foi dita para servir de motivação e isso frustra o profissional que ansiava pelo elogio e deixa explícito o seu desejo do que o patrão poderia dizer: “Poxa, gostei do teu serviço!”. Um tipo de atitude do vaqueiro contemporâneo que difere do dito por um vaqueiro da tradição.

Vejamos que enquanto há o vaqueiro contemporâneo Breves recordando o elogio feito ao pai e angariando para si o mesmo tratamento, “Eu queria que as pessoas gostassem do meu

serviço”, há também o vaqueiro da tradição VA1 que diz: “Eu não MEREÇO que eles cheguem lá pra me dizer qualquer coisa que não fez porque, graças a Deus, eu sei tudo da profissão, né?”. Ou seja, VA1 não precisa do patrão para saber do valor que ele tem e ele mesmo enaltece o desempenho exemplar: “é bonito, é bonito isso”, o sujeito se autoelogia, tem noção do seu valor na lida campeira.

Uma atitude que demonstra um profissional que se impõe diante do patrão, trazendo traços de uma relação conflituosa, de um patrão que quer se intrometer, de um patrão que quer dizer o que é que tem para se fazer e VA1 sabe que não precisa se submeter a isso. Sabe que é “vaqueiro mesmo”. Assim como não se submete a ser chamado a atenção, também não precisa que o patrão o elogie porque tem conhecimento do valor que seu trabalho tem, e, principalmente, VA1 sabe como fazer um trabalho condizente à sua função.

Nas passadas do vaqueiro da tradição, as marcas identificam um profissional que antes dava cumprimento das tarefas com interesse no que estava fazendo e pelo nome que tinha a zelar, das regras de um bom convívio, de cultivar um relacionamento respeitoso a se manter neste ambiente, realizava um trabalho bem-feito mesmo diante das constantes demandas do dia a dia. Na força do enunciado de VA1, “Eles NUUUNCA, graças a Deus, eles chegaram lá que tá malfeito isso, assim, assim. Nunca eles chegaram comigo pra mim dizer as coisas, falar”, a exploração de um percurso que exalta a labuta valorativa, o autorreconhecimento profissional, ao dizer “Então isso pra mim é bonito, é bonito isso”. E “isso” tem a ver com o processo complexo dessa relação conflituosa e harmoniosa, VA1 reconhece o seu valor, a eficiência e a segurança naquilo que faz reforçam essa interação.

Inversamente, existe aquele sujeito que não reconhece o seu valor, fica na dependência do patrão gostar ou não gostar do serviço feito, a exemplo do diarista Breves que, demonstrando uma atitude servil, aguarda “Pra que ele veja: tá sendo tudo certinho” e possa receber o elogio. Nas práticas discursivas observadas em situação de trabalho, Breves coaduna com esse procedimento, uma vez que agrega valor às práticas tradicionais numa relação de trabalho constituída no domínio do afetivo “pra que agrade o patrão, né?!, um sujeito sem autonomia e dependente da orientação do patrão para controlar e avaliar as suas tarefas.

Um modelo distanciado do perfil profissional do vaqueiro VA1 com procedimento diferente, ao dizer “Eu não MEREÇO que eles cheguem lá pra me dizer qualquer coisa”, um profissional empoderado, falando da importância do seu trabalho, do valor que o trabalho tem para si, com a forte convicção de que dá o seu melhor. Enquanto há o diarista Breves que diz “pra deixar aquilo tudo... pra que agrade o patrão”, a mostra de que ele se coloca em outro lugar, o trabalho é para o outro. Há uma relação de subserviência aí mais marcada de opressão até,

pois o sujeito realiza um trabalho bem-feito não somente “Pra que ele veja: tá sendo tudo certinho”, mas fazer um trabalho com a finalidade de agradar ao patrão. Nas práticas discursivas observadas em situação de trabalho, esse “agradar” ao patrão é atributo daquele trabalhador que se sente inseguro diante do lugar que ocupa: se ele não agradar ao patrão pode ser destituído do seu cargo, se ele não agradar ao patrão pode ficar desempregado, o esforço é redobrado para provar seu valor, um profissional que se sente oprimido no ambiente de trabalho, sem autonomia e inseguro na carreira para tomar decisões. Já o vaqueiro VA1 tem responsabilidade direta por suas tarefas e compromissos e mostra de maneira segura o lugar que ocupa, “Eu não mereço”, “isso é muito bonito”, um sujeito decidido, consciente de seus atributos e assume atitudes que valorizam e promovem o autorreconhecimento enquanto “vaqueiro mesmo” assim como demonstra quanto valor é dado ao trabalho! E essa relação conflituosa não está declarada nos dados, mas na opacidade discursiva localizamos nas circunstâncias de conflituosidade um sujeito que está perdendo a sua autonomia profissional e um sujeito engajado em um contexto de relacionamento que tende a garantir o seu prestígio de ser “vaqueiro mesmo”.

E o que se cogitou lá no início na elaboração da hipótese apenas como intuição agora vemos que os dados falam por si e mostram como o discurso do vaqueiro do Marajó se altera na linha do tempo a respeito do seu próprio trabalho. Os dados mostram que ainda há vaqueiros que ficam nesse lugar de submissão, mas também há vaqueiros que já ocupam outro lugar e se rebelam contra a ordem posta, um “vaqueiro rebelde”. Posição que demonstra uma relação conflituosa e se constitui num embate de poder que favorece o vaqueiro VA1, ao produzir o enunciado: “Eu não MEREÇO que eles cheguem lá pra me dizer qualquer coisa”, referendando o vaqueiro que sabe o seu lugar, sabe valorizar o seu trabalho. Assim como há um embate de poder que desfavorece o vaqueiro Pedras, quando diz que faz um serviço “pra que agrade o patrão, né?! Pra que ele veja: tá sendo tudo certinho”, o efeito de sentido criado pelo dito dá margens para o não dito, apontando para uma relação imposta de poder que desfavorece o trabalhador pela construção da memória ainda ligada a este embate que favorece o patrão.

O espaço do trabalho mostrado em uma cena conflituosa entre patrão e empregado manifesta um sujeito que não é passivo, que confronta o dito, se contrapõe à ordem instituída neste campo de trabalho. Um profissional que, no ambiente de trabalho, constrói mecanismos de enfrentamento e resistência, contrapondo-se às opressões. O vaqueiro VE4 Sebastião aponta para o lugar do trabalho como um espaço de tensões, contradições e desafios em relações complexas, como se deixa entrever na opacidade do discurso. Nas experiências construídas, surgem marcas valorosas de uma relação de oposição, polêmica e antagônica estabelecida pelo vaqueiro VE4 no confronto com outro. A escolha pelas formas verbais “explorar”, “esmagar”,

“arrebentar”, no tempo presente, expressam o mundo narrado, indicam fatos ocorridos e descritos quando o sujeito descreve a situação discursiva e expõe uma situação de trabalho conflitante. E, em meio as atividades, por meio das quais os vaqueiros se atualizam, tem aquele que resiste à imagem construída do sujeito obediente e atravessa essa representação com um discurso em oposição. Há uma tomada de posição que, segundo revela Sebastião, ele não está disposto a se deixar “explorar”, a abusarem de sua força de trabalho. Atentemos para o efeito de sentido da expressão “eles querem me esmagar”, o termo esmagar é um dos indícios de que a relação entre patrão e empregado não é sempre harmoniosa, uma relação que é construída na contradição, um paradoxo como todas essas relações se mostram e como vão se construindo.

As marcas explícitas desta relação conflituosa se instauram a partir do momento em que o vaqueiro Sebastião diz claramente: “Eles querem explorar, me esmagar, me arrebentar, mas não conseguem”. O vaqueiro resiste à exploração, resiste ao esmagamento, resiste a ser arrebentado, sendo levado a se confrontar com o patrão pelo seu direito constituído de resistir a padrões culturais de opressão no contexto do trabalho. Diante das ações elencadas há um movimento que indica oposição que o “mas” introduz, quando se diz “mas não conseguem”, em recusa a uma atitude submissa e de negação a ser explorado, sentidos que vão bem mais além do que está dito claramente tendo em vista outros indícios daquilo que não é dito com tanta clareza e isso tem a ver com a cena englobante já referida.

Nos recortes narrativos, a incidência dos elementos dêiticos de tempo esclarece as mudanças nas relações entre patrão e empregado ganhando novos contornos no campo do trabalho e, embora se mantenha uma hierarquia organizada, um não pode prescindir do outro na execução dos afazeres do cotidiano nas lidas da pecuária. Na inteireza dessa tensa relação, uma regularidade de traços harmoniosos, afetivos, de estima, gratidão e discursos denotando partes da existência de uma relação conflituosa, com visões e valores divergentes, com marcas de pisadas bem acentuadas e de forte resistência a qualquer forma de pressão.

E indo um pouco mais além dessa relação, seguimos outras pegadas que levam a prosseguir na análise em busca de mais um fator relevante, agora nosso olhar se volta para as questões que instigam os modos de ensinar e aprender a vaqueirice e o reconhecimento de uma transmissão de saberes do ofício vindo de quem já tem tempo nessa lida, o vaqueiro da tradição.

A proposta dessa reflexão visa a ser ampliada tendo em vista a imersão em um universo de saberes e significados que se dão em processos de ensino e aprendizagem do ofício de vaqueiro por meio de recortes constantes no quadro 10, como dispomos a seguir.

Quadro 10 - O processo de aprendizagem do ofício de vaqueiro com os mais velhos, saberes da experiência

VD1 – Anajás Fazenda Caviana	VD2 – Curralinho Fazenda Viçosa
<p>Aí desde pequeno eu comecei a me apaixonar pela vaqueirice, entendeu? Aí eu não consegui mais sair de ser vaqueiro. É a vontade de ser vaqueiro mesmo que vem no sangue das gerações de outros tempos, são tudo vaqueiro e tá no sangue aí. [...] A minha família é de vaqueiro, tem o meu avô, meus tios, meus irmãos, tudo são vaqueiro, quase toda minha família é vaqueiro, os homens. O meu avô era vaqueiro aqui também. Eu prestava muita atenção no meu avô porque eu sempre tive no meio deles, no trabalho com o gado na fazenda. [...] A primeira coisa que um vaqueiro aprende na fazenda é montar, depois que ele aprende a montar ele aprende a laçar, aí depois ele aprende a meter vaca, como a gente chama, que é levar os bezerros pro curral pra noutro dia tirar leite, aí depois ele aprende a tirar gado que é pra embarque. Aí depois ele aprende a castrar, pra ter boi. Aprende um bocado de coisas, uma coisa de cada vez.</p>	<p>Comecei a lidar de vaqueiro desde os meus 14 anos. Eu morava na fazenda com meu avô, que era feitor. [...] No tempo do meu avô era muita alegria, a gente trabalhava junto com ele, a diversão de juntar o gado todo, vacinar, os menores bezerros a gente ferrava, aí ajudava os outros vizinhos das outras fazendas por perto que sempre pedia ajuda pra trabalhar com gado, né?! Pra ajudar, e a gente ia, a gente ajudava muito.</p>
VD3 – Breves Fazenda Viçosa	VD4 – Afuá Fazenda Machados
<p>Desde os 17 anos que eu aprendi essa profissão com o meu pai que era vaqueiro, ele trabalhava lá na Fazenda G. Aprendi a profissão com meu pai que queria que eu fosse vaqueiro. // // Lá era trabalhar assim com gado, tempo de ferra, vacina, com cavalo, ferrando cavalo, vacinando, amansando... Quando ele foi trabalhar lá eu fui pra lá com um ano de idade. Depois eu fui me embora estudar no município de Salvaterra. Aí quando deu meus... 15 anos, eu parei de estudar na 7ª série. Aí, nesse tempo meu pai saiu também lá da fazenda e eu parei, às vezes a gente não tinha esse negócio de dinheiro pra comprar roupa, essas coisas aí. Aí eu larguei o estudo e fui embora trabalhar lá com ele. Eu voltei pra lá com ele de novo. Desde essa parte não fui mais estudar e tô levando a vida aí na manha [risos].</p>	<p>Eu escolhi essa vida de trabalhar de diarista, tô levando aí como eu aprendi com meu pai também que me ensinou muito. Ele trabalhava na Fazenda N e eu trabalhava lá com ele desde criança, ele sempre me ensinava, dizia que era assim. Aí eu também estudava nessa época. // // Passei a estudar, mas sempre que entrava de férias ia embora com o papai pra fazenda, passava o mês lá e ia embora de novo. Depois já nos meus 17 anos eu já fui direto já morar pra lá com o papai, não quis mais estudar. // // Num certo dia eu resolvi já depender de mim mesmo, aí eu fui pra lá e trabalhei um tempo lá com ele. Aí, eu já vim trabalhar, resolvi morar pra cá, aí tô levando.</p>
VE1 – Santa Cruz Fazenda Mexiana	VE2 – Cachoeira Fazenda Bragança
<p>Essa profissão desde gito que eu via o meu pai, os vaqueiros da fazenda montado aí aquilo vinha na minha vontade... o dia que eu crescesse eu queria ser vaqueiro. Aí, graças a Deus, a profissão que eu queria, eu consegui.// // Foi vontade mesmo do meu coração. Aí eu tô indo, né? pra onde me mandam eu vou, se tiver algum serviço que ele [feitor] deixar pra mim eu faço, quando ele sai. Se ele mandar pra outra fazenda fazer serviço eu vou... Vou indo, não posso dizer que não que eu sou mandado por ele, né?</p>	<p>Meu pai e meu tio eram empregados velhos dele, começou com o Dr. (?).Foi eles que me botaram na profissão, como diz, né? Quando a gente é muleque, né? Aí ele metia os bezerro de tarde aí ficava numa cerca separado, quando era negócio de uma hora dessa cinco e meia pras seis “olha, tem que trazer os bezerro pro curral!”, que é pra de madrugada já estarem lá. Era que a gente ia, a gente vinha montado nos bezerro, trazendo de lá, aprendendo já as coisa. Agora não, se você vê um menino ali com os bezerros, aí você grita: “Ei, deixa os bicho!”. Esses velhos... os meninos aprendiam porque o velho não se incomodava disso. Hoje em dia, hoje em dia se você tiver aporrinhando os bezerros... vai dizer que tá quente, está estressando os animal, né? Por isso é que também está desaparecendo a vaqueirice. Também nós aprendia muito quando o pai chegava, falando: “eu vou tirar a</p>

(Continuação do Quadro 10)

	<p>a sela do seu cavalo”. “Esse aí pode, esse daí é manso. Aí quando ele vinha num brabo: “Olha, meu filho, não vai, esse daí é brabo, no linguajar da gente “é safado ainda”. Botava a gente pra montar sem corda, às vezes quando caía, em seguida, o que ganhava pra se segurar, era umas lambada [risos]. Cansei de apanhar. Era pro cara prestar atenção no que estava fazendo, né? “Só vou te falar é assim... assim... assim... se você não fizer de novo, vai apanhar”. Aí o menino já ficava sabendo o que ia fazer, como laçar, puxar a cara do cavalo, toda essa diferença pra tirar o gado, tem um jeito de trabalhar. [...] É isso que muitas vezes quando dizem que é vaqueiro, como diz o outro: “só porque montou um cavalo prali”, já sabe que tem muita diferença para o fulano que é vaqueiro. Então é essa coisa que o pai da gente passava com os feitores das fazendas, como amansar um animal, como adomar, o jeito, o período que dá pro cavalo trabalhar, porque tem tudo isso.</p>
VE3 – Pedras Fazenda Mexiana	VE4 – Sebastião Fazenda Ganhão
<p>E... eu comecei frequentar fazenda desde os meus... sete anos. Então, desde muito novinho eu comecei a frequentar a fazenda e fui aprendendo a gostar, gostar, e... estudei sim, no entanto, eu tenho meu ensino médio completo, mas eu dizia pra minha mãe que eu queria ser o que eu sou hoje em dia... um vaqueiro profissional. E tenho a agradecer muito aqueles que puderam me passar a experiência. E a cada dia que se passa a gente vai aprendendo uma coisa diferente porque não adianta a gente dizer assim: eu sei de tudo, a gente morre e não aprende tudo, a gente morre aprendendo. E hoje em dia eu tenho que agradecer a todos os meus companheiros de serviço que me passaram essa experiência e tão me passado a cada dia que se passa...</p>	<p>Eu aprendi com meu pai, a gente levantava de madrugada pra tirar leite, você tirava leite cedo e escoava depois as vacas pra um lado, bezerro pra outro, soltava pro pasto. Quando era de tarde você fazia a dobração, das vacas e os bezerros, botava pra mamar tudo... depois ajeitava tudinho pra madrugada. Aí quando eu saí de perto do meu pai eu fui... eu aprendi muito também com o Vaqueiro [Expert]. A gente saía pro curral 02 horas da madrugada, principalmente quando tinha serviço de ferra, serviço de tiração de boi, tiração de vaca pra cerca, garrote pra cerca, castração de garrote, era assim. Na Fazenda A você não esquentava banco, ali você trabalhava mesmo [...] E eu ignoro pessoas que tão ocupando a função de vaqueiro e não tão exercendo a função...E eu aprendi muito na fazenda também, não só com o Vaqueiro [Expert] mas como outras pessoas, porque tinha muita gente experiente, e eu aprendi muito, não só conversando, e sim olhando, pra quem tem vontade, como eu tinha muita vontade de aprender, eu ficava prestando atenção nos mais velhos. Eu adorava e adoro até hoje conversar com pessoas com mais idade do que eu, que é pra mim poder aprender e repassar mais tarde pra quem trabalha comigo aqui... [...] Olha, tem muitos vaqueiros que querem sim que os filhos fiquem na fazenda trabalhando, mas tem muitos que não querem. [...] Se eu tivesse filho homem eu não queria pro meu filho a vaqueirice, eu não queria porque eu já vi o sofrimento que é.</p>
VF1 – Chaves Fazenda Mexiana	VF2 – Soure Fazenda Viçosa
<p>A influência] é da minha família, né? Meu pai era vaqueiro, meu avô trabalhou aqui na Fazenda L em vinte e poucos anos. Foi encarregado, foi feitor, né? [O meu pai] eu num... eu num cheguei a conhecer ele. Quando ele... faleceu eu tava com uns três meses de nascido, mas ele era vaqueiro aí, pro rumo do Arari.</p>	<p>Eu achava que o cargo de feitor eu era muito jovem, era muito novo e tinha pessoas mais experientes do que eu que ele [o patrão] ia encontrar, aí ele falou que não, que tinham escolhido eu, porque eu conhecia todo o gado, conhecia todo o campo, o manejo do gado, aí eu peguei e fui experimentando... Só tenho muito a</p>

(Continuação do Quadro 10)

Do meu pai eu não sei muito explicar, né?! Porque eu não cheguei a conhecer, mas do meu avô eu cheguei conhecer bem ele. Ele era um homem que trabalhava direito, né? trabalhava direitinho. [...] Eu vinha muito aqui. Ele trabalhava, aí... ele morava aqui. Eu sempre vinha aqui com eles tudu. Era só eu ter uma folga lá que eu vinha, né?! Desde que...comecei.... Nasci na fazenda, né? Desde criança tô trabalhando até hoje.	agradecer tudo o que o meu pai me ensinou que serviu pra mim. [...] Eu acho, sou um bom profissional junto com meus companheiros a gente não faz isso aí também só um, é com a ajuda dos companheiros também.
VF3 – Salvaterra Fazenda Jurupari	VF4 – Muaná Fazenda Mexiana
Nas minhas férias eu passava na Fazenda J com meu padrinho, ele me levava pra lá com ele. E lá ele me ensinava: colocava eu no cavalo, me levava pro campo e eu fui aprendendo com ele a domar um animal... Aí que ele começou a me ensinar, me ensinar... Olha, hoje em dia, graças a Deus, eu tô lá responsável pela Fazenda J. E agradeço muito a ele ter me ensinado tudo o que hoje em dia eu sei, eu agradeço muito a ele que desde criança o meu pensamento foi de ser vaqueiro. Como dizem... isso é genética, né? Olha: tenho meu pai, ele, tenho irmão, cunhado, tio meu primo... tudo isso aí é ... fiquei muito entusiasmado para ser um vaqueiro, né? E quando foi a oportunidade que me deram eu aproveitei. [...] Eu via sempre o meu padrinho trabalhar do jeito dele. E hoje em dia não, hoje eu já trabalho do meu jeito, mas só que praticamente como ele me ensinou, como ele me ensinou. Eu trabalho do meu jeito e fico pensando: Poxa, o meu padrinho me ensinou assim, assim... então eu vou caminhando como ele me ensinou que é o caminho certo, né? Ele ia assinalar bezerro, fazer a ferra, ia pra cerca, aterro, tudo isso ele fazia	Na verdade, a minha profissão de vaqueiro veio do meu pai. O meu pai era vaqueiro da Fazenda E, era feitor da Fazenda E através dele a gente começou a trabalhar com ele. Foi o serviço que a gente aprendeu dele. E lá a gente estudava, era difícil o colégio e a profissão que a gente, que veio ficando mais fácil pra gente foi a vaqueirice, né? porque geralmente a gente aprende as coisas com os pais da gente, né? a trabalhar. E tudo foi o que eu vim aprendendo com ele. Aprendi a cuidar de cavalo, pegar, dobrar um gado e também ter a responsabilidade com as coisas do patrão, né? que eu via que o meu pai era muito focado nisso, não sabia ler, era analfabeto, mas na prática era tudo de bom. Pra mim, era de bom que era o meu o pai, né? e eu via que era ele. Aí já daí eu fui gostando da profissão, né? e até hoje, graças a Deus, é a profissão que eu tô até agora e acho que pretendo ir por muitos tempos.
VA1 – Portel Fazenda Camaleão	VA2 – Bagre Fazenda Viçosa
O primeiro vaqueiro da minha família que eu conheci e aprendi tudo da vaqueirice era o meu pai e os meus tio, tudo de lá da Fazenda I. Daí eu comecei trabalhar com eles, trabalhava com o meu pai no retiro, mas quando tinha um serviço grande na Fazenda, meu tio que era o feitor. [...] aí se o meu tio precisava, falava: “Fulano, me traz o teu filho pra ajudar a gente aqui no campo”, aí eu ia e ele me dava o cavalo e eu ia ajudar e eu não ganhava nada, nessa época eu não ganhava nada quando era assim, eu ia só mesmo pra aprender e ajudar eles no campo, acabava o serviço e eu vinha me embora. Eu já foi ganhar mesmo quando foi pra trabalhar de diarista, foi aí que eu foi começar a ganhar.	Quando eu conheci o meu avô ele já era velho. A influência que eu tive foi APRENDER mesmo, como diz o ditado. A gente aprende porque vê os outros companheiros tarem trabalhando. O meu avô era vaqueiro mesmo fechado porque a profissão dele era aquela, só aquela que ele tinha. Ele fazia corda, corda de trança, ele fazia muito bem, levantava MUITO bem cedo pra tirar leite no curral. Tudo isso também faz parte da vaqueirice, isso eu aprendi, ele deixou o exemplo pra gente... e levantar cedo. Hoje em dia não. É difícil você ver um jovem, um vaqueiro de hoje em dia se levantar cedo, ele sempre se levanta tarde. E a gente não.
VA3 – Melgaço Fazenda Janaucu	VA4 – Gurupá Fazenda Pacas
Acontece que o começo do meu trabalho como vaqueiro eu comecei a trabalhar com o meu pai que era vaqueiro. Na verdade, eu comecei a trabalhar desde 12 anos com ele na Fazenda H e desde pequeno eu era um menino sempre curioso e tive vontade de aprender e ele sempre ensinando, mostrando, montando, fui aprendendo a tirar o leite, aprendendo a amansar cavalo pequeno, boi, nesse tempo a gente usava muito	Trabalhei muito, graças a Deus, mas foi uma maneira que eu aprendi com meus avós, com meu pai, meu sogro. Aí eu sempre falo na fazenda: vim pra cá, já vim feito, não vim aprender, a única coisa que eu aprendi aqui foi dirigir voadeira, que eu não sabia, que eu nunca tive oportunidade de aprender, mas outras coisas já vim pronto. Eu peguei muita instrução, né? peguei do meu avô, trabalhei muito tempo com ele. Aí

(Continuação do Quadro 10)

<p>o boi... E eu fui começando. a trabalhar lá, mas tudo foi o meu pai que me ensinou: aprender a laçar, aprender a tirar leite... ele começou a me ensinar e eu fui aprendendo. E eu fui aprendendo, fui aprendendo. Essa é uma escola que ninguém ensina, a gente é que tem que aprender porque a escola dizer VAQUEIRO não tem, não existe escola de vaqueiro a gente tem que aprender no nosso dia a dia, com nossos pais, os avós, muitos também eram vaqueiros. Vixe! Aí a gente vai aprendendo, essa que é a escola de vaqueiro, que não tem escola, né? É muita dedicação e força de vontade, que a pessoa tem que ter muito interesse em aprender e eu tô aprendendo... depois que eu comecei a trabalhar mesmo de carteira assinada aí eu comecei a trabalhar mesmo... a pegar no pesado, a me dedicar muito na minha função de vaqueiro, trabalhei muito, ajudei muito. Vixe! [...], Mas a vida de vaqueiro é assim mesmo a gente aprende é no nosso dia a dia. E pra gente repassar pra essa geração de hoje em dia é assim: porque a gente aprendeu nos tempos bom, nosso pai era muito bom de ensinar e nós aprendíamos mesmo o que é uma vida de vaqueiro. Só que hoje em dia os vaqueiros eles não querem se basear na nossa geração porque eles acham que do jeito deles é melhor. Essa geração, nossa! Quando nós aprendemos foi muito bom e hoje a gente já nem pode dizer que são vaqueiros porque hoje todos querem ser, mas não entendem o que é uma profissão de vaqueiro.</p>	<p>depois passou com papai. Depois eu vim pra auxiliar [outro parente]. Saía pro campo quatro, cinco horas da manhã... chegava aí nesse curral de ferra, época de ferra, passava o dia todo aí. Quando eu chegava lá na Fazenda M, nessa época eu morava lá com o papai, era seis, sete horas da noite. Quando dava três horas a gente ia tirar leite de madrugada lá pro curral, pra queijo. Quando era quatro e meia montava e ia esperar o dia amanhecer lá nos campos, na beira da malhada. Todo dia até terminar a ferra, todo dia era esse serviço direto.</p>
---	--

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho

Uma das características da cenografia nestas narrativas de vida é de os sujeitos desta pesquisa pertencerem a uma mesma comunidade discursiva que revelam formas de ensinar e aprender sobre a profissão de vaqueiros em diferentes épocas. Nas marcas do tempo, a expressividade discursiva em que os vaqueiros de ontem devem formar os de hoje.

Seguir a tradição familiar na vaqueirice, por estes campos do Marajó, era uma prática comum, mas, como vimos nas análises do eixo 1, há uma recusa do pai que trabalha como vaqueiro para os filhos se engajarem na mesma profissão. Nossa abordagem aqui tem como foco a transmissão dos saberes do ofício da vaqueirice às gerações que aprenderam a lida campeira com os parentes, muitas vezes já com intenção de seguir na profissão, que era uma tradição familiar, um aprendizado que acontecia nas situações corriqueiras do dia a dia.

Entrelaçada nos fios condutores desses enunciados, a escrita, e nela o terceiro tópico argumentativo de análise numa trama de relações tecidas entre as gerações de vaqueiros na tradição e na contemporaneidade. Para esse feito, valemo-nos de duas acepções, do ponto de vista que constituem os sentidos nesse processo discursivo: a primeira aponta aos vaqueiros da

tradição e contemporaneidade com parâmetros de marcadores desiguais na avaliação do desempenho profissional; a segunda traz os discursos do profissionalismo da vaqueirice em um paradoxo da transmissão de experiência e de saberes aos descendentes.

Na construção da primeira acepção, pinçamos das narrativas dados para ilustrar a relação entre vaqueiros da tradição e da contemporaneidade, visto que há uma relação desigual entre o modo como os vaqueiros da contemporaneidade se referem aos vaqueiros da tradição e o modo como os vaqueiros da tradição se referem aos vaqueiros da contemporaneidade. Dizemos, então, que o vaqueiro da contemporaneidade sempre valoriza o vaqueiro da tradição e não temos nenhum dado em que ele o desvalorize. Em nenhum momento se diz que o vaqueiro da tradição está ultrapassado, que o modo de agir antes não se aplica mais na atualidade, que antigamente o serviço não era bem-feito, que hoje se faz melhor, esse modo de trabalho era ruim, penoso, não há nada nessa ordem em nossos dados. Por outro lado, temos uma abundância de dados do vaqueiro da tradição dizendo que hoje não há mais VAQUEIRO, nem o que chamam de “vaqueiro mesmo”, nada de “vaqueiro-vaqueiro”, só esses novatos que não têm reponsabilidade.

O sentido da expressão “vaqueiro mesmo” é como se hoje não houvesse esse tipo de profissional com as credenciais que o identificam como “vaqueiro mesmo”, só antigamente é que havia. Então fomos em busca do que se diz sobre o profissional considerado vaqueiro, vaqueiro mesmo. E, na narrativa do feitor VF3, ele nos contou sobre a dificuldade de arranjar, hoje em dia, um vaqueiro, vaqueiro mesmo:

Hoje em dia tá tudo fácil, mas só pra gente arrumar um vaqueiro que seja vaqueiro mesmo... porque eu acho que essa profissão não é dizer assim: “Eu quero ser vaqueiro”. Não. Eu acho que a pessoa já traz de berço, né? Desde a nascença, já tem aquela intuição de ser aquilo porque hoje em dia já tem aquele que monta um pouquinho e já diz que é vaqueiro, né? Mas só que aí não é bem assim, a pessoa tem que conhecer, tem que conhecer.

Ainda que se enfatize com um sonoro “Não” aquilo que o outro é, “Eu quero ser vaqueiro”, VF3 na sua narrativa cita parâmetros das qualificações, habilidades e competências para a posição a ser ocupada pelo profissional, sendo que ele não reconhece como vaqueiro, vaqueiro mesmo, o sujeito desprovido das características, já elencadas, pelos olhos do discurso da tradição: “Hoje em dia todos querem ser vaqueiros, mas não sabem... E pode falar com esses vaqueiros mais antigos que eles vão dizer a mesma coisa”. E o vaqueiro da tradição, enquanto autoridade ligada aos saberes da tradição, conduz o movimento discursivo aos valores relacionados à vaqueirice. Um perfil traçado com saberes de uma formação discursiva que (re)produz a imagem em torno do vaqueiro da tradição e, com a voz que lhe confere autoridade,

fala da dificuldade em “arrumar um vaqueiro que seja vaqueiro mesmo...”. A menção ao “vaqueiro mesmo” remonta à valorização da própria experiência e um modelo a seguir.

Vaqueiros como Anajás tem um longo histórico familiar de profissionais na área pastoril e segue o ofício ancestral, mas fica à margem da carreira e da regulamentação profissional porque sempre é contratado como diarista. Por ocasião da entrevista, refletia e contava sobre a sua inserção neste campo de trabalho e, mesmo atuante na lida campeira há bastante tempo, ainda aguarda ansioso o dia em que o patrão vai pedir a carteira profissional para assinar. E só então, a partir daí, passa a ser considerado por ele mesmo e pelos demais profissionais do setor como “vaqueiro mesmo”, porque fica lá registrado na carteira o cargo que exerce. A busca por esse direito e reconhecimento na profissão vem de longa data, pois desde antigamente se trabalhava em várias funções na mesma fazenda, ou outra propriedade do patrão durante o tempo que fosse, mas o próprio vaqueiro só reconhecia “ser vaqueiro mesmo” quando tinha a carteira assinada, assim relata Melgaço: “quando eu passei a ser vaqueiro eu tinha 23... que eu passei a ser vaqueiro mesmo, trabalhar de vaqueiro de carteira assinada”.

E, hoje, já aposentado, VA3 Melgaço se inscreve como um vaqueiro no contexto da tradição e ressalta as próprias habilidades profissionais por meio de um discurso que o representa enquanto vaqueiro atuante e reconhecido por seu desempenho no trabalho no modelo tradicional, em oposição ao sentido dado ao vaqueiro contemporâneo: “[...] e hoje em dia esses de hoje eles não sabem fazer tudo isso”. Ou ainda: “e eu sempre gostei de trabalhar correto, mas é uma barra assim pra esses novatos de hoje. É difícil. Na geração nossa, todo mundo era vaqueiro porque todos se dedicavam ao trabalho, àquela função de vaqueiro”. E se explicitam os aspectos das imagens construídas acerca das qualidades positivas desse profissional frente às lidas inerentes ao espaço rural, e fala com autoridade sobre os assuntos de quem sabe que os vaqueiros detêm e assumem reconhecer.

Uma partilha de experiências para enaltecer um saber da tradição expressa na atitude do vaqueiro aposentado VA2, na observação e nas ações do cotidiano do companheiro em quem se inspirou para aprender a parte da vaqueirice: “O Tio Iranda, foi vaqueiro que a gente dizia VAQUEIRO. Eu gostava de ver ele trabalhar, laçava, ensinava a gente, e a gente via o jeito dele, a gente prestava atenção, como diz a gente não sendo muito rude a gente fica prestando atenção na qualidade das pessoas”.

As experiências em campo destacam as ações diárias que caracterizam um envolvimento profissional de valorização e reconhecimento de que o vaqueiro da tradição tem essa autoridade do saber para fazer e ensinar. Essa maneira de dizer específica é uma característica do discurso, que Maingueneau (2008, p. 90) denomina “modo de enunciação” e o enunciado provido de

marcas remete ao seu contexto que pode determinar as formas de dizer. Na socialização de experiências em que se mesclaram trabalho e memória, o reconhecimento pelo aprendizado e validação das virtudes daquele que podem chamar VAQUEIRO, como a imagem representativa de um sujeito que conhece os saberes do ofício.

A esse perfil de VAQUEIRO se associa a designação “vaqueiro, vaqueiro”, que VA3 Melgaço associa ao “vaqueiro completo”, sujeito que, entre outras funções próprias da vaqueirice, também é exímio artesão: “é uma profissão que hoje eu fico triste de ver muitos por aí vaqueiro, vaqueiro que você dá uma corda, dá uma cabeçada, dá uma esteira pra fazer e eles não sabem”. De modo que os vaqueiros da tradição são um exemplo para os vaqueiros contemporâneos, aqueles sujeitos com índole inquestionável, e suas colocações se assimilam como aprendizado porque dito por quem tem autoridade nos saberes e fazeres da profissão. Discurso que respalda os vaqueiros contemporâneos, quando se reportam àqueles vaqueiros de antigamente, que o antecederam na profissão, ou com quem tiveram a oportunidade de compartilhar experiências, ou ouviram falar sobre, é no sentido de valorização, de reconhecimento, e reforçam esse lugar de autoridade de um profissional comprometido com sua função.

Procedimento diferente de quando se trata do modo como os vaqueiros da tradição avaliam os vaqueiros da contemporaneidade, em que se sobressaem os aspectos negativos. O inverso não é verdadeiro, o vaqueiro da tradição não reconhece todo e qualquer vaqueiro da contemporaneidade como “vaqueiro mesmo”, porque nem todo aquele que se diz vaqueiro é “vaqueiro mesmo”. Aquele “vaqueiro mesmo”, hoje em dia não tem mais. O vaqueiro aposentado VA2, por exemplo, ao empregar a marca “vaqueiro mesmo”, para o vaqueiro contemporâneo, é como forma de expor o seu simulacro, aquele que “não é vaqueiro mesmo”, e elenca a falta de habilidades desses sujeitos sem aptidão para o cargo: “Tem pessoas que se empregam como vaqueiro, mas não é vaqueiro mesmo, não sabem laçar um animal, não sabem governar um cavalo, amansar um boi porque às vezes é preciso, mas não é mais como antigamente. Antigamente era muito diferente”. O que consiste em dizer que os vaqueiros contemporâneos adotam comportamentos não condizentes ao cargo, segundo os vaqueiros da tradição, entre eles VA4, levando-os a construírem uma imagem negativa desses sujeitos, uma vez que “A geração de antigamente, todos, pode procurar pra fazer qualquer coisa que eles sabem fazer, agora, esses novatos de hoje em dia...”, ou seja, “esses novatos” não se esforçam para aprender do jeito como os vaqueiros de antes se empenhavam.

Quanto a este jeito desigual para o modo como os vaqueiros contemporâneos se remetem aos vaqueiros da tradição e vice-versa, não temos nenhum dado em que ele desvalorize

a atuação em campo, dizendo que essa maneira de lidar com os animais está ultrapassada, que essa tradição não vale mais para os serviços realizados atualmente, não se diz nada a esse respeito, nada que se respalde nessa ordem. Então o vaqueiro contemporâneo não forja essa autoridade na experiência do trabalho. O vaqueiro da tradição tem toda autoridade para falar da profissão e o vaqueiro contemporâneo não se sente com autoridade para questioná-lo, devido não ter a experiência comprovada, como os dados puderam revelar nessa relação.

Nesse sentido, as análises permitem perceber o funcionamento da formação discursiva reproduzida nas narrativas de vida em meio às regularidades e dispersões que nortearam para a compreensão de que o dito produziu efeitos. Nos trechos selecionados, foram encontradas e reveladas passagens polêmicas, com argumentos que se entrelaçaram à análise discursiva, cujas marcas indicam o vaqueiro da tradição como um sujeito responsável, de confiança, completo. Por outro lado, ainda tendo os argumentos como fio condutor, o aparecimento de marcas com imagens distorcidas que são (re)produzidas em torno dos vaqueiros contemporâneos.

No indicativo dessas marcas, nosso olhar agora converge para apresentação da segunda acepção envolta em um discurso contraditório: há toda uma valorização da tradição familiar na cultura vaqueira marajoara e, ao mesmo, é uma profissão recusada para as futuras gerações.

Na passagem do tempo esse modo de ensinar... se perdeu. Quando o vaqueiro Cachoeira era moleque aprendeu com o pai e o tio, vaqueiros da tradição, sobre o ofício que consistia em esperar o pai chegar do trabalho ao fim da tarde para dar início às suas tarefas:

Meu pai e meu tio eram empregados velhos dele, começou com o Dr. (?). Foi eles que me botaram na profissão, como diz, né? Quando a gente é muleque, né? Aí ele metia os bezerro de tarde aí ficava numa cerca separado, quando era negócio de uma hora dessa cinco e meia pras seis “olha, tem que trazer os bezerros pro curral!”, que é pra de madrugada já estarem lá. Era que a gente ia, a gente vinha montado nos bezerros, trazendo de lá, aprendendo já as coisa.

Uma concepção de ensino que na relação familiar precisou se adequar aos costumes frente a uma outra realidade e o aprendizado a partir do fazer fazendo acabou. O que se vê agora pelos campos, nos diz Cachoeira, é o oposto dos ensinamentos de antes, corroborando para o crescente desinteresse dos mais novos na profissão de vaqueiro:

Agora não, se você vê um menino ali com os bezerros, aí você grita: “Ei, deixa os bicho!” Esses velhos... Os meninos aprendiam porque o velho não se incomodava disso. Hoje em dia, hoje em dia se você tiver aporrinhando os bezerros... vai dizer que tá quente, está estressando os animal, né? Por isso é que também está desaparecendo a vaqueirice.

Dessa forma vai-se construindo uma comunidade alicerçada em práticas de trabalho que atribuem ao desaparecimento da vaqueirice porque se mudou a forma de ensinar de quando se

é ainda moleque. Nas expressões “olha, tem que trazer os bezerros pro curral!” e “a gente vinha montado nos bezerros, trazendo de lá, aprendendo já as coisa”, as situações de aprendizagem aconteciam “porque o velho não se incomodava disso” e “Os meninos aprendiam”. Em confronto com as expressões “aporrinhando os bezerros” e “estressando os animal”, dão evidências de que o velho de hoje se incomoda, “Ei, deixa os bicho!”, de modo que os meninos não aprendem mais as coisas da vaqueirice. E a profissão que se constitui na experiência, nesta narrativa de Cachoeira, fica à mostra um tipo de procedimento deixado de lado hoje em dia e a profissão do vaqueiro, antigamente feita na aprendizagem com os mais velhos, leva à construção do sentido de um ensinamento que, da forma como foi exposto, se encontra em área de conflito.

E assim nos encontramos diante de um paradoxo entre a valorização familiar na vaqueirice, como uma prática comum por estes campos marajoaras, e agora uma recusa, reveladora de uma cisão e que vai de encontro ao apregoadado pelo discurso da tradição.

Antes, havia toda uma tradição familiar com histórico descrito de uma construção valorativa da profissão e, como mostramos no tópico inicial desta análise, as marcas positivas sobre o ofício de vaqueiro são abundantes. Retornamos a um trecho da narrativa de Anajás para essa ilustração: “A minha família é de vaqueiro, tem o meu avô, meus tios, meus irmãos, tudo são vaqueiro, quase toda minha família é vaqueiro, os homens. O meu avô era vaqueiro aqui também. Aí desde pequeno eu comecei a me apaixonar pela vaqueirice, entendeu? Aí eu não consegui mais sair de ser vaqueiro”. Trecho que nos mostra a experiência do avô como fator relevante para ensinar e o compromisso de seus descendentes aprenderem sobre as lidas no campo. Do que se prestou atenção, uma apreensão de saberes que Anajás elenca em um passo a passo do quanto conseguiu abarcar “um bocado de coisas” e o reconhecimento de uma transmissão de saberes do ofício, vindo de quem já tem tempo nessa lida, o avô, um vaqueiro da tradição. Interessante é a referência que fazem aqueles membros da família do gênero masculino que exercem o ofício nestes campos, “quase toda minha família é vaqueiro, os homens...”, uma forma de destacar que a presença feminina não tem espaço nesta profissão aqui no Marajó, ainda é tarefa exercida única e exclusivamente pelos homens. Em nota, o pronunciamento orgulhoso de um vaqueiro que contém toda uma carga valorativa de pertencimento a uma tradição de trabalhadores da pecuária, com evidentes traços de uma relação harmoniosa.

Prosseguindo à análise, observamos que essa relação harmoniosa se altera para conflituosa em meio a posicionamentos diversificados e contraditórios a partir da declaração de um profissional de longa carreira por estes campos, o experiente vaqueiro Muaná, ao dizer: “Eu

não indicaria essa profissão para um filho meu”, ou seja, há todo um saber que o sujeito possui, mas não quer repassar aos seus descendentes, uma recusa geradora de conflitos no seu modo de dizer. Essa recusa é uma maneira de influenciar o filho em outros rumos, propiciar outras oportunidades para além da lida diária da fazenda, porque a família está ali por gerações e só se convive naquela rotina diária com os vaqueiros, assimilando os costumes desse ofício e, como já estão naquele espaço, acabam por seguir a carreira familiar sem ter a oportunidade de estudar e de conhecer outras profissões. O argumento de VF4 encontra respaldo no dito pelo vaqueiro Santa Cruz: “Essa profissão desde gito que eu via o meu pai, os vaqueiros da fazenda montado aí aquilo vinha na minha vontade... o dia que eu crescesse eu queria ser vaqueiro”. E situação assim parecida, VF4 não quer para os filhos, pretende agir diferente, pois sabe dos riscos e o quanto o serviço exige de esforço para se dar conta, às vezes desde a madrugada sem ter hora para acabar, e então exprime o desejo de que os filhos “num tivesse a necessidade de levantar esse horário, chegar esse horário, entendeu? Eu queria que eles fossem num serviço mais, mais leve, né? [...] e eu converso com eles esses pontos, eu falo, eu mostro pra eles a realidade que eu vivo, né?”. A mostra de uma realidade que reflete uma visão de trabalho associado ao esforço e ao sacrifício. Por isso VF4 quer encaminhar os filhos em outra direção oposta à sua, uma renúncia necessária da presença do filho no ambiente familiar da qual abdica como prova de amor: “já vi que essa profissão eu não queria pra ele. [...] Aí pra mim que amo meus filhos, eu já num queria isso pra eles, né?”. Esse desapego à tradição revela a opção por deixar o filho distante dos campos, pois concorda que condições de trabalho experienciadas nessa lida são ruins, sem reconhecimento, mas de poder e dominação que inibe o vaqueiro VF4, silencia a sua voz: “tem coisas que a gente pode falar e tem coisas que a gente não pode falar e que a gente tem que ficar que é uma coisa da gente, entendeu?”.

Essa relação constitutiva, entre o lugar de onde se fala e a situação que não se deseja expor, tem marcas compiladas nas narrativas de vida do vaqueiro que, na opacidade do discurso, se pode identificar porque estão inseridas neste espaço coletivo do trabalho. Por isso, nos recortes, as contradições, angústias, opressões, silenciamentos nos mostram que o sujeito não é dono do seu dizer e, devido à situação específica de fala, deixa indícios de uma questão silenciada no campo do trabalho. Um desdobramento da análise em meio a conflitos e desafios ante a recusa ao instituído como preceito de os filhos seguirem os passos do pai na vaqueirice.

Ficamos então diante de uma situação contraditória e aqui é interessante uma proposição asseverada por Maingueneau (2008b, p. 91), no sentido de que o sujeito “mostra que diz o que diz, e presume que o que ele diz condensa uma mensagem forte, induz a uma tomada de posição exemplar”. Na apresentação dos dados, o levantamento mostra esse paradoxo em que vaqueiros

da tradição desqualificam o trabalho, há uma recusa para o prosseguimento profissional nesta área, de os filhos continuarem a linhagem familiar.

No que diz respeito a forma de caracterização em torno de transmissão de conhecimentos, é relevante a exposição feita pelo vaqueiro aposentado Melgaço acerca do pai, profissional que o orientou e quem ele considera um vaqueiro completo:

Eu aprendi isso tudo com meus pais, com meus avós que me ensinaram, ensinaram pro meu pai e meu pai pra mim e foi passando aí de geração, foi indo... a única coisa que eu não tive sorte foi com meu filho (risos) que não quis nada de aprender de vaqueiro. Mas o vaqueiro ele tem que ser completo como eu lhe falo, aprender a ser VAQUEIRO porque é uma profissão que hoje eu fico triste de ver muitos por aí vaqueiro, vaqueiro que você dá uma corda, dá uma cabeçada, dá uma esteira pra fazer e eles não sabem. [...] Então por isso que eu lhe digo: tem que ser um vaqueiro que tem que ser completo e hoje em dia esses de hoje eles não sabem fazer tudo isso.

O aprendizado para este vaqueiro aposentado foi de grande valia para seu desempenho em campo e nos conta “Eu aprendi isso tudo com meus pais, com meus avós que me ensinaram, ensinaram pro meu pai e meu pai pra mim e foi passando aí de geração, foi indo...”. Este foi indo... só foi até a sua geração. A partir daí todo esse aprendizado na teia familiar se rompe e o riso de Melgaço não disfarça a vontade interior de que o filho o seguisse na profissão “a única coisa que eu não tive sorte foi com meu filho (risos) que não quis nada de aprender de vaqueiro”, pois tomou as rédeas de suas próprias escolhas e seguiu rota diferente daquela sobre ele projetada. Na introdução do discurso deste vaqueiro aposentado, o desejo latente de ter sido fator influente para o filho segui-lo no ofício, que continua na família por gerações, da mesma forma como o pai, do avô e demais familiares o conduziram para atender a essa espécie de comprometimento profissional. Quando Melgaço diz que o filho “não quis nada de aprender de vaqueiro”, havia a expectativa sutil da inserção do filho na cultura vaqueira, sob a influência paterna, como desvelam as marcas discursivas e ideológicas em torno da profissionalidade exercida por Melgaço. Dos significados atribuídos à profissão, o querer uma representatividade depositado no filho para seguir à vaqueirice entranhada como ofício de tradição familiar.

No discurso que se constitui no campo do trabalho, a abertura também para o campo da contradição, pois, ao dizer que “eu não tive sorte foi com meu filho”, há outros vaqueiros que tiveram a sorte de os filhos aceitarem a influência da família no processo de escolha da profissão e, como vimos, o discurso de Melgaço expõe o rompimento da linhagem familiar. Em campo, o trabalho que permeia os âmbitos da vida familiar por gerações aponta mudanças e dá espaço à construção de um ponto de vista que requer a existência de uma relação independente entre pai e filho como finda o discurso de Melgaço, ao comentar sobre o filho “que não quis nada de aprender de vaqueiro”. Um desdobramento da análise, em outro aspecto da vivência, em meio

a conflitos e desafios para aceitar a decisão do filho pondo fim a um legado e o efeito produzido nessa articulação é o da impotência com a ruptura de uma tradição familiar. As peculiaridades das situações do cotidiano mostram uma relação que se estabelece com a marca da contradição, uma variação na atitude do filho que “que não quis nada de aprender de vaqueiro”.

São transformações no mundo do trabalho da vaqueirice com posicionamentos em tensão entre a tradição vigente em campo de quando os filhos seguiam os passos do pai por gerações de vaqueiros. De modo que diante dos novos cenários nas relações de trabalho se possibilita a aparição de novas práticas discursivas em contínua reinterpretação da vaqueirice que ora apresenta um paradoxo vivido no campo, quando o vaqueiro da tradição, a exemplo de Sebastião, se recusa a transmitir experiências e de saberes da profissão aos seus descendentes.

E eu aprendi muito na fazenda também, não só com o Vaqueiro [*Expert*] mas como outras pessoas, porque tinha muita gente experiente, e eu aprendi muito, não só conversando, e sim olhando, pra quem tem vontade, como eu tinha muita vontade de aprender, eu ficava prestando atenção nos mais velhos. Eu adorava e adoro até hoje conversar com pessoas com mais idade do que eu, que é pra mim poder aprender e repassar mais tarde pra quem trabalha comigo aqui... [...] Olha, tem muitos vaqueiros que querem sim que os filhos fiquem na fazenda trabalhando, mas tem muitos que não querem. Se eu tivesse filho homem eu não queria pro meu filho a vaqueirice, eu não queria porque eu já vi o sofrimento que é.

E é justamente a tradição familiar, quer dizer, todos eles apontam que aprenderam a ser vaqueiros com os pais, avós, tios, primos, padrinhos ou pessoa muito chegada, tinha toda uma tradição familiar e hoje há uma recusa para que os descendentes se tornem vaqueiros. Ao apontar o confronto entre avaliações positivas, contraditórias e negativas da situação de trabalho, surgiu a tensão na qual se equilibra o trabalhador. Os sujeitos assumem posicionamentos que colocam na contramão da história dos campos, uma oposição que vai de encontro ao que expõe Rodrigues (2017, p. 56): “Várias gerações de vaqueiros estão presentes no cotidiano da fazenda, no repasse da tradição transmitida pelos pais e ou parentes próximos. Filho de vaqueiro vai ser vaqueiro. Profissão ancestral”. A assertiva tida como um feito definitivo, “Filho de vaqueiro vai ser vaqueiro”, difere das marcas expostas nos excertos, visto que hoje a transmissão do ofício não mais se mantém como tradição por estes campos. Marcas que estão no plano da evidência, na superfície da materialidade relacionada aos lugares sociais por onde transita o vaqueiro perante a singularidade de seus dizeres em diferentes épocas.

Em busca dessa apreensão, exploramos nos recortes das narrativas, transcritos do quadro 7 (p. 37), a recorrência do verbo “gostar” a partir da escuta do que o sujeito diz e os efeitos de sentido gerados em relação ao dito sobre o gostar da profissão, caracterizando-a como: “livre”, “uma grande satisfação”, “ser vaqueiro é bom demais”, “uma profissão boa” da qual se sente “saudades”, entre outros atributos que fazem toda a diferença nesta mobilização de discursos. O

uso de expressões adjetivas, carregadas de valor, traz significados que, segundo Maingueneau (1996, p. 138), “se liga de maneira crucial ao ato de enunciação particular na qual está inscrito”, constitutivos do trabalho do vaqueiro e pontuados pelo sujeito, ao construir seu discurso em narrativas que ressaltam os traços positivos e negativos da profissão nas lidas do dia a dia.

Na análise que aponta para esse lugar de questionamento, esse lugar de interrogação, os dados mostram uma ruptura em que temos o vaqueiro no lugar central dessa tensão, desse lugar de tensão em que se admite valorizar tanto o que aprendeu com os pais, com os antepassados, mas não se quer repassar esse conhecimento para as gerações futuras, findando aqui, nesta geração, todos esses saberes, com uma ferrenha oposição à continuidade de um ofício há tempos na família. Uma representação que traz as marcas de um discurso situadas no espaço e no tempo do contar de si cujos argumentos apresentados valorizam esse reconhecimento, o lugar de autoridade de quem sabe que os vaqueiros da tradição assumem, um saber valorizado que está posto, está explícito nos dados.

Entretanto, intentamos em nosso *corpus* compreender o processo de produção de sentidos além da evidência da materialidade que constitui discursos no contexto sócio-histórico-ideológico e seguimos os rastros dos sentidos considerando o dito nos recortes narrativos em sua opacidade significativa. E, para alcançar a opacidade do discurso é que questionamos os motivos pelos quais uma tradição tão valorizada está, ao mesmo tempo, nestes dados, sendo recusada. Cabe reforçar que não há necessariamente uma resposta pronta para tais questionamentos, mas justamente para mostrar essa tensão, essa contradição de como é que o discurso está funcionando agora em relação a esse reconhecimento, essa compreensão do que é o trabalho do vaqueiro. Esse paradoxo entre a valorização e a recusa da tradição.

Com estes argumentos nos ocupamos dos dados que convergem a proposição inicial constitutiva desta tese relacionada aos discursos que indicam as marcas do posicionamento do trabalho do vaqueiro marajoara na tensão que se estabelece entre a tradição e a contemporaneidade.

PARADA 5. NA LINHA DE CHEGADA: EXPERIÊNCIAS DISCURSIVAS, APRENDIZADO DE SENSIBILIDADES

Figura 14 Cruzando a linha de chegada



Fonte: Arquivo da autora setembro/2018

A imagem da linha de chegada da Corrida de Cavalo Marajoara em Soure mostra, em primeiro plano, os vaqueiros concluindo a maratona, ao mesmo passo desta pesquisa que chega às linhas finais. Desde a largada da escrita desta tese elaboramos escutamos as narrativas de vida a partir do trabalho do vaqueiro em seus mais diversos contextos atuação, com temáticas sobre a lida e a vida em campo que se en(tre)laçadas aos preceitos teóricos e metodológicos traçados para os avanços nesta rota.

Foi um percurso demorado, mas necessário para cumprir todas as etapas deste processo dinâmico e intenso, ao experimentar “com toda a turada do peito” os questionamentos que nos moveram nesta pesquisa e como eles se apresentaram no decorrer de cada passagem, após cada parada, nas pegadas que ficaram registradas nos campos por onde circulamos. Com os braços abertos, o sorriso largo, a postura na sela, o equilíbrio do corpo, a imagem capaz de captar a uma história única, de vitória, o sentimento de dever cumprido.

Deteve o galope, e a boiada cruzava o rio. Reluziam ao sol as cordas ensebadas e retesas, as reses ofegantes, as selas, os rostos escuros. Montarias e varas, os bois guias à frente e o grito dos vaqueiros: Vêra! Vêra!. [...] Transpôs os currais, apeiou e entrou. (JURANDIR, 2008, p. 301)

Concluimos o percurso. Cruzamos os campos do Marajó percorrendo o circuito, representado em imagens de profissionais da vaqueirice, para o espaço recortado do discurso, materializado no texto. Desde a largada dada para a feitura desta tese a atenção se voltou aos questionamentos mobilizados para o registro do trabalho do vaqueiro construído discursivamente. A cada passada as questões com foco na tensão inerente aos discursos que implicaram a figura do vaqueiro antigo, ainda arraigado às tradições, e do contemporâneo, mais distanciado delas. Também os discursos tecidos sobre a identidade vaqueira que vai além de uma perspectiva identitária uniformizante, como prevê a lei, nas narrativas há uma identidade profissional ainda em construção.

Continuamos a tessitura dessa rede discursiva com os elementos que se constroem (entre)cenas enunciativas, a dêixis e seus traços discursivos na percepção dos efeitos gerados no contar de si, tecemos ainda, nos entremeios dos fios do discurso, a noção de simulacro e de interincompreensão polêmica empregada como estratégia para percepção dos sentidos que ora se antagonizam, ora se associam. Na trama discursiva, os pontos em aberto para tessitura do discurso jurídico na lei que regulamenta a profissão de vaqueiro e a relação da representação tecida do trabalho do vaqueiro no contexto histórico. Questões que nos trouxeram até aqui e implicaram para esse feito a mobilização de leituras, conceitos, teorias, métodos, roteiros, entrevistas, escuta, como parte da bagagem entre tantas e tantas viagens neste percurso que se constituiu em cinco paradas para elaboração desta tese sobre os vaqueiros dos campos de Soure, onde realizamos a pesquisa de campo de 2016 a 2020.

No intuito de agregar abordagens das narrativas de vida em perspectiva discursiva e obter material, a ser construído, especialmente para a pesquisa, coletamos como *corpus* deste trabalho as entrevistas narrativas e a Lei nº12870/2013. De forma a nos ocuparmos dos dados aos discursos que indicam as marcas do posicionamento do trabalho do vaqueiro marajoara na tensão que se estabelece entre a tradição e a contemporaneidade. Nosso foco então convergiu para uma metodologia que nos permitisse abordar as entrevistas de uma maneira comum/padrão para que pudéssemos identificar esses traços.

A orientação para os fins pretendidos se guiou pela hipótese da existência de uma dêixis discursiva do trabalho do vaqueiro na tradição e da existência de uma dêixis discursiva contemporânea na constituição do sentido do trabalho, que se altera na linha do tempo. Também

cogitamos a possibilidade de uma identidade profissional em transformação e quem é vaqueiro hoje não se reconhece como vaqueiro do passado, e quem era vaqueiro no passado não reconhece hoje o atual vaqueiro. E, no que se refere à lei levantamos a hipótese de que no discurso jurídico-legislativo da Lei nº 12870/2013 há um novo sujeito a ser constituído tendo em vista que esta regulamentação ignora uma profissão historicamente constituída no cenário brasileiro.

Chegada a hora de transpor a linha de chegada, apeamos e contamos experiências discursivas em um aprendizado de sensibilidades que se deu ao longo do percurso. Das sensibilidades desde a largada, voltamo-nos às estratégias perceptíveis à observação participante, visto que na pesquisa de campo, segundo Bertaux (2010, p. 39), “o pesquisador tem o cuidado de antes de tudo abrir seus olhos, sua inteligência e sua sensibilidade ao que poderá lhe ser dito ou mostrado”, interessadas nesse sujeito envolto em valores, crenças, costumes, hábitos e práticas do trabalho.

Nosso relato começa nas viagens, passagens para adentrarmos no território do tempo vivido, das experiências em interfaces temporais no curso da história enraizadas nas narrativas pessoais e identitárias, considerando o cotidiano atravessado por práticas discursivas. Nelas, se processam produções de sentidos, construídas a partir de uma multiplicidade de vozes que ressoam pelos campos do Marajó. Na escuta dessas vozes, levamos em consideração o discurso na tensão entre os sentidos do trabalho assumidos por esses profissionais em épocas distintas no contar sobre as experiências e vivências para a compreensão dos processos identitários que os constituem na vaqueirice.

Para esse feito, demos relevância aos princípios éticos com atenção e cuidado aos procedimentos de pesquisa onde vaqueiros, fazendeiros, pesquisadora estabelecem uma relação de confiança pautada por princípios harmoniosos e coerentes estabelecidas desde outros tempos, outras tessituras. Reforçamos o contato com vaqueiros do Marajó de outras pesquisas e atualizamos essa interação em campo em outra perspectiva de trabalho acadêmico, os campos do discurso. Nas passagens por estes campos, transportes por terra e água, inverno e verão, de dia e de noite, acompanhada e sozinha, com patrão e empregado, entre outras dicotomias vividas. Circulamos por muitas fazendas, conversamos com muitos vaqueiros e fizemos a seleção pela delimitação do *corpus* com dezesseis vaqueiros entre diarista, efetivos, feitores e aposentados. Delimitamos nossa área de atuação em dez fazendas dispersas por estes campos do Marajó, devidamente autorizadas para os procedimentos de pesquisa e lá conhecer mais detalhadamente os discursos significativos sobre o trabalho do vaqueiro.

No questionamento da tese vimos que o processo discursivo adquire sentido neste lugar do trabalho onde a fala é encenada e a voz que se manifesta se opõe à ideia de vaqueiro passivo, de vaqueiro que não responde, de vaqueiro submisso. A cena de enunciação é reveladora dos propósitos de mudança e os dados mostram que, embora tenham surgido discursos que mantêm esse lugar de submissão, há vaqueiro ocupando outro lugar que se constitui como um espaço de tensão prenhe de uma atuação pautada na resistência e no confronto. Relação que está lá nos recortes, mostrando as contradições, angústias, opressões, silenciamentos que aparecem na opacidade do discurso e estão compiladas nas narrativas e seus excertos. Vale mencionar os vários momentos em que os sujeitos, em meio ao nervosismo, naquela situação de pesquisa, se pronunciaram e mantiveram a firmeza da voz da autoridade que se cria por meio do discurso neste quadro cênico, em que o enunciado adquire sentido.

Na inserção em campo percebemos o quanto é fundamental uma compreensão do narrado não fazendo alusão somente à língua, ao texto produzido pelas entrevistas narrativas, mas à necessidade de trazermos, para o contexto de análise, elementos da exterioridade histórica, ideológica e política nos interstícios do discurso sobre o trabalho do vaqueiro e outros sentidos possíveis, embasando-nos nos aspectos teórico-metodológicos da AD, Ergologia e Narrativas de vida.

Os postulados de Maingueneau (2008b, p 43) auxiliaram nesse entrelaçamento, uma vez que “a unidade de análise pertinente não é o discurso em si mesmo, mas o sistema de referência com outros discursos através do qual ele se constitui e se mantém”. Por isso, as marcas sobre o trabalho onde dos vaqueiros se inserem e se posicionam faz parte desse percurso de análise e estão relacionadas aos objetivos traçados e às questões da pesquisa, levando-nos à interpretação dos fatos narrados na exploração desse caminho que se conduz por meio da voz que narra e do que os sentidos revelam e dão passagem ao discurso na possibilidade de responder às questões levantadas.

Diremos, então, que foi possível investigar os discursos sobre o trabalho do vaqueiro na tensão entre os sentidos tradicionais e contemporâneos, quando o vaqueiro da tradição faz uma avaliação de sua trajetória na linha do tempo e reconhece a profissão que exerce como boa, da qual ganha o sustento para a família, mas que ela não serve para os filhos: “Eu não indicaria essa profissão para um filho meu”. O que demonstra a fissura no discurso sobre o trabalho que se transmitia antes entre as gerações como um valor, e, como, vimos há exceções.

Também pensamos em descrever essa realidade do trabalho, agora de forma sintetizada, diferentes modos de atuação profissional para o mesmo serviço e aqui consideramos pertinente o dito na narrativa do vaqueiro VA3 Melgaço da Fazenda Janaucu: ora sintetizada.

Às vezes eu vou trabalhar com os meus companheiros novos e a gente vai laçar uma rês, vai fazer... aí: bora laçar uma rês aqui? E eles vem e laça e TAN e erra, e eu venho TAN por trás e laço... Eu digo: vocês têm que aprender muito porque vocês... entenderam? Aí eles ficam assim... “Égua, tio!” e todos eles me respeitam, todos ali me respeitam e só me chamam de tio, e eu digo: vocês têm que aprender... ser vaqueiro é bom, mas tem que aprender mais coisas, tem muitas coisas de vaqueiros que vocês não sabem. Sempre quando a gente aprende a trabalhar de vaqueiro... Por exemplo: “vamos tirar uma boiada ali?” você chega, você vai arrodar o gado, trazer pra malhada, chega lá você vai tirar umas reses pra embarcar, vinte, trinta reses, você chama um companheiro pra lhe ajudar a tirar gado. Aí você vai tirar uma rês como antigamente, por isso eu lhe digo: o vaqueiro tem que ser completo. Aí a gente tira eu e mais outro, só tira o gado se for dois, as 20 reses ou 30 tem que ser dois vaqueiros. Porque é muito arriscado fazer isso sozinho, é muito difícil pro vaqueiro, ele[o gado] corre demais. Então aí quando a gente vai tirar, eu tiro aqui, TÁ, TÁ... a gente bota uma rede, TÁ, TÁ, uma rede, que a gente chama rede pras outras reses que ficam ali esperando. A rede são as outras reses, a gente chega na malhada a gente já tem os bois mansos só pra trazer o gado. A gente vai nessa função de tirar um embarque, a gente tem que ter muitos bois mansos que a gente chama de boi de rede. Você vai tirar um gado pra embarque, você deixa uma rede bem ali, que a gente chama de boi manso, é tipo uma bolotinha ali e o gado aqui. Daqui você vai tirar e ir jogando ali pra rede, o gado pra embarque que você vai tirando aqui, você vai jogando ali pra rede, pra aquela rede. Entendeu? E assim a gente vai até interar as 30 reses. A gente entra na malhada e tira, eu e meu parceiro, aí vem outro e tira ele e o outro parceiro, cada um vai tirando até interar as 30. Por isso que digo: o vaqueiro tem que ser completo. Agora não, já não dá mais porque se eu tirar com você, a gente tira aqui, você vai desse lado e eu desse lado, a gente bota a rês TÁ, TÁ, quando vem de lá você já não vai ficar do seu mesmo lado, você vai trocar de lado. Por isso que lhe digo: o vaqueiro hoje em dia, hoje em dia não tem, porque isso tudo eu aprendi com o meu pai. Aí todo o tempo troca, nunca fica só prum lado, toda vez que a gente vai voltar, a gente troca, desse lado, desse lado, aí na outra eu já tô desse lado. Entendeu? vaqueiro ele tem que ser completo // //. Se eu vou a trabalho com eles eu fico só apreciando e achando graça deles fazerem (risos) as coisas deles que tão errado: “rapaz não é assim... vocês têm que fazer assim...”, porque eu já não gosto mais de tá correndo... eu VOU no campo com eles, mas depois que eu peguei uma queda de cavalo...

O nosso primeiro questionamento visava a compreender a tensão inerente aos discursos que implicam a figura do vaqueiro antigo, ainda arraigado às tradições, e do contemporâneo, mais distanciado delas. Nos empenhamos nos procedimentos de análise, para esses tensionamentos nas narrativas de vida que nos foram contadas e, no relato de Melgaço percebemos a transformação no mundo do trabalho, um serviço que mudou. Antes havia harmonia na execução do trabalho, o outro sabia de que lado se colocar para não atrapalhar no ir e vir da rede à malhada até concluir o serviço: “Agora não, já não dá mais porque se eu tirar com você, a gente tira aqui, você vai desse lado e eu desse lado, a gente bota a rês TÁ, TÁ, quando vem de lá você já não vai ficar do seu mesmo lado, você vai trocar de lado”. Para o vaqueiro da tradição que se considera “completo”, o procedimento dos “companheiros novos” mostra o quanto eles são incompletos “que tão errado”.

Cogitamos também a instauração de um simulacro do discurso sobre o trabalho do vaqueiro devido às experiências já alcançadas com seus saberes, assim como compreender a polêmica instaurada entre os sentidos construídos sobre a profissão. Os dados confirmam e, na narrativa de Melgaço encontramos, por exemplo, três recorrências para o adjetivo “completo”, uma repetição empregada pelo vaqueiro da tradição para mostrar a incompletude do outro. Expressão que denota um valor negativo para aqueles que “tem que aprender muito”, para

aqueles que “não sabem arrodar o gado”, para aqueles que “tão errado”. E isso no campo do trabalho remete a efeitos de sentido negativos, associados a posicionamentos conflitantes diante do valor positivo que atribui a si. O vaqueiro da tradição assume um posicionamento em que o Outro “vaqueiro incompleto” se constitui sobre o simulacro, do desenhado a partir do Mesmo que se considera um “vaqueiro completo”.

No processo discursivo que passa a adquirir sentido no contexto do trabalho onde a “fala é encenada” na voz atuante do vaqueiro, mostramos recortes das entrevistas em três quadros com imagens positivas e negativas da profissão, uma avaliação que se deu também em movimento discursivo contraditório. Podemos observar então que ambas as cenas -englobante e genérica- se descortinam neste cenário das narrativas de vida construídas pelo próprio discurso intrínseco ao trabalho do vaqueiro marajoara avaliado tão positivamente pelos sujeitos que labutam na área rural. Identificamos o quanto são explícitos e abundantes os qualificativos positivos, e, na opacidade do discurso foi possível reconhecer as marcas negativas não tão abundantes quanto as positivas. Embora o sujeito expresse suas ideias e construa uma imagem positiva e negativa do outro, atentamos que, ao dizer, ele se posiciona discursivamente e, esse dizer, significa que a tomada da palavra constitui relações sociais, constitui vínculos.

Notamos nos discursos acerca do trabalho do vaqueiro marajoara que há uma tensão entre os sentidos tradicionais e contemporâneos, quando se avalia a profissão e mostra o posicionamento contraditório assumido na recusa da transmissão dos saberes que possui. Ao dizer: “eu não queria pro meu filho a vaqueirice, eu não queria porque eu já vi o sofrimento que é” ou “Eu não indicaria essa profissão para um filho meu”, há uma ruptura frente ao modo tradicional de agir, revelando um posicionamento que aponta para tempos e espaços que caracterizam a narrativa como o lugar do trabalho como um lugar de contradição, que afeta e transforma suas próprias condições de existência na lida e na vida nos campos.

Essa avaliação negativa que também percebemos, na parada 4 de análise, diante de uma relação entre vaqueiros da tradição e da contemporaneidade, se mostra desigual, os valores concedidos aos vaqueiros da tradição pelos vaqueiros contemporâneos são positivos, enquanto os valores atribuídos pelos vaqueiros da tradição aos vaqueiros contemporâneos são negativos.

A imagem do vaqueiro contemporâneo construída na dêixis discursiva dá indicativos de um conflito, de uma desvalorização do serviço realizado por esse profissional. Esta maneira de avaliar o ofício está explicitamente marcada na afirmação do vaqueiro aposentado Melgaço, ao declarar que: “Ser vaqueiro é bom, mas tem que aprender mais coisas, tem muitas coisas de vaqueiros que vocês [os novos] não sabem”, ou seja, o novo não é um vaqueiro completo. E para reconhecer uma dêixis instituída pelos vaqueiros da tradição e da contemporaneidade

quando falam do próprio trabalho, a utilização dos dêiticos de tempo “antigamente”, “hoje em dia” e “agora não” demonstra o funcionamento das imagens positiva e negativa, quando justifica “porque isso tudo eu aprendi com o meu pai” e “agora não”, já não é assim.

O interesse de contar o modo como o vaqueiro contemporâneo atua em campo diferente da forma praticada “como antigamente” e diz como os “companheiros novos” devem proceder: “Aí todo o tempo troca, nunca fica só prum lado, toda vez que a gente vai voltar, a gente troca, desse lado, desse lado, aí na outra eu já tô desse lado. Entendeu?”. O vaqueiro da tradição assume um lugar de autoridade onde exerce seu trabalho: “Se eu vou a trabalho com eles eu fico só apreciando e achando graça deles fazerem (risos) as coisas deles que tão errado: rapaz não é assim... vocês têm que fazer assim...”. O vaqueiro completo exerce com destreza seu serviço, mas que também não escapa dos riscos da profissão: “porque eu já não gosto mais de tá correndo... eu VOU no campo com eles, mas depois que eu peguei uma queda de cavalo...”.

Tendo em vista os objetivos alcançados com o *corpus* constituído pelas narrativas de vida passamos a dizer que, no *corpus* formado pela Lei nº 2870/2013, se confronta com o que pontuamos, pois o discurso jurídico legislativo não abrange a identidade vaqueira, em sua complexidade, ela se reporta a um perfil de vaqueiro no território nacional, mas que não pode ser estendida para todas as regiões, cada uma com suas singularidades, a exemplo do vaqueiro marajoara. A abordagem ergológica contemplada nesta pesquisa nos impediu de fechar os olhos para a prescrição do trabalho, a lei 12870/2013 não altera o contexto do trabalho que se forjou na tradição antes de a lei existir, por isso falamos de um vácuo temporal, pelo fato de a profissão do vaqueiro, como profissão regulamentada, ter se configurado no cenário da tradição, antes de haver uma prescrição sobre ela. No confronto com a história, por conta de a profissão ter se consolidado desde o período colonial e a regulamentação da lei somente no ano de 2013, há séculos de distanciamento que não alcançam a complexidade desse trabalho. No prescrito da lei, a profissão está aquém do que verdadeiramente é o trabalho do vaqueiro, a lei não recupera sua historicidade, mas que ora pode ser recuperada a partir das vivências e das experiências do vaqueiro no campo da pecuária pela abordagem que se faz com os estudos linguagem/trabalho, configurando-se, portanto, dizem Rocha, Daher e Sant’Anna (2002, p. 81) como possibilidade, de “resgate de certa historicidade do homem no trabalho”.

A análise se deu a partir da profissão de vaqueiro na/pela lei e na/pela lida do trabalho. Em se tratando da lei, buscamos identificar traços sociodiscursivos caracterizadores da profissão. Entendemos também que não há fundamento numa pesquisa sobre o trabalho do vaqueiro sem considerar que hoje existe uma lei que regulamenta a profissão de vaqueiro, portanto, não se pode prescindir desse lugar que é o lugar do jurídico. E, o vaqueiro, embora

seja um trabalhador determinado por uma ordem que regula a sua profissão, a lei pode ser confrontada, restabelecida ou modificada, mostrando, diz (Maingueneau, 2015, p. 139), “um universo do discurso que não é uma superfície lisa e homogênea, mas que é estruturado pelas tensões entre diversos regimes de fala”.

Em se tratando das entrevistas narrativas coletadas em campo foi possível identificar nas marcas dêiticas referentes ao espaço de trabalho do vaqueiro e ao tempo da narrativa, a abertura de uma cena discursiva em que a voz narrativa se manifesta e revela um modo de habitar o mundo do trabalho em que os sujeitos compartilham os mesmos desafios, problemas, anseios, sentimentos de opressão e liberdade, as lidas do inverno e verão, da relação de diferentes posições dos sujeitos na perspectiva da lida de associação da voz que conta e se articula a um discurso. Nos recortes que se inscrevem no eixo da memória, do interdiscurso se estabelecem relações em situações de confronto e de aliança no modo de constituição de discursos constitutivamente heterogêneos no qual importam o posicionamento dos sujeitos e os efeitos de sentido das práticas discursivas acerca do trabalho em diversidade de vozes, muitas das quais conflitantes.

Em cada recortes das narrativas de vida uma articulação da expressividade dos discursos ancorados em condições sócio-históricas-ideológicas que perpassaram toda a análise, pois somente assim tornou-se possível depreender os efeitos de sentidos em cada recorte selecionado. Na elaboração dos quadros, o nosso *corpus* foi separado em três eixos que tenderam às marcas avaliativas da profissão de vaqueiro e no desempenho da vaqueirice, ao discurso do sujeito que só se relaciona com o outro por meio do simulacro que dele constrói e, a construção de um quadro em torno da vaqueirice, do lugar, das relações e das aprendizagens do ofício transmitidas pelos vaqueiros mais velhos aos mais novos. Nesse vislumbre, a movência da tradição aponta transformações ocorridas nas práticas de vaqueirar e aqui destacamos o ponto-chave do discurso no contexto do trabalho para conhecer o ponto de vista adotado neste contexto de análise, compreendendo as determinações histórico-sociais, ideológicas e o espaço do trabalho em que o discurso é produzido em situações diversas da vida e da lida em campo.

Não nos centramos especificamente na linguagem por ela mesma, mas sabemos de sua relevância para ter existência material e da contribuição dos estudos do discurso na análise de um enunciado inscrito na memória individual e coletiva dos vaqueiros campos do Marajó. Na categoria de trabalhadores que elegemos, um compartilhamento de saberes na composição dos discursos nas relações de trabalho, na produção de sentidos das experiências da vida e da lida narradas por profissionais mais antigos na função e por profissionais da contemporaneidade,

reiterando fatos de sua vida em um tecer constante do passado e do presente, em redes de memória

Nessa distância temporal, a compreensão dos discursos que se dão no momento de enunciação em sentidos que os vaqueiros revelam no fio discursivo peculiar com que tecem a própria vida, constroem identidades. Referendamos o compromisso com a pesquisa acerca dos procedimentos que colaboram para a construção discursiva da identidade profissional do vaqueiro marajoara e contribuir para estimular a reflexão sobre os aspectos ligados aos seus saberes. Uma experiência dos campos que se associa ao processo enunciativo particular que reflete uma identidade construída a partir do exercício laborativo realizado no dia a dia, a se ressaltar que há vaqueiro que só se reconhece como “vaqueiro mesmo” quando tem a carteira assinada. De forma que os sentidos não são gerados quando se atribui a eles determinado significado, mas por meio de uma rede interdiscursiva revelada durante a análise.

Daí a relevância desta investigação na perspectiva da AD e para os estudos que focam os processos em que linguagem e trabalho desempenham um papel de articulação nas diversas posições discursivas do homem em seu ambiente de trabalho. E sempre que os campos da história dos sujeitos da pesquisa se estendem pelos campos da linguagem, cultivam-se, nesta grande área, os campos do discurso.

Diante do exposto, nos permitimos vislumbrar que os vaqueiros são seres do discurso envoltos em processos, regras, atitudes, costumes impostos a essa categoria de profissionais. Esse discurso, que segundo Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 172), “não adquire sentido a não ser no interior de um universo de outros discursos, através do qual ele deve abrir um caminho”. Abertura com a qual esperamos por meio desta pesquisa contribuir como instrumento relevante de interpretação da realidade discursiva, social e histórica das relações humanas do Marajó na incidência de fatos atrelados ao mundo de trabalho do vaqueiro, falando ele mesmo sobre essa relação. Um recorte com o qual se tende à convergência de caminhos que se encontram na AD.

Entrelaçamos AD e Ergologia no fazer do trabalho do vaqueiro no exercício de narrar, com possibilidades diversas de análise, no interior de um *corpus* que não se esgota, ainda há muito a ser contado e revelado em narrativas sobre o trabalho do vaqueiro como lugar de construção de sentidos sobre a lida e a vida nestes campos. Assim, consideramos esta pesquisa inacabada, pois a análise, de forma alguma, teve a pretensão de ser conclusiva no entendimento de que as narrativas de vida se reescrevem sempre com possibilidades de tessituras e construção de saberes e atividades em uma teia de relações.

Já na quinta e última parada, ressaltamos no contar das nossas experiências a oportunidade de pesquisa de campo em um lugar privilegiado no que se refere à produção e mobilização de saberes sobre o trabalho do vaqueiro marajoara. Na escuta sensível a essas vozes, a difusão de valores inerentes à profissão nas lidas do cotidiano.

E, finalmente, cruzarmos a linha de chegada movidas neste aprendizado de sensibilidades pela ação discursiva de narrar. De modo que o dito do vaqueiro VF3, Salvaterra da Fazenda Jurupari, traduz nossos agradecimentos à experiência discursiva neste contexto do trabalho com os vaqueiros do Marajó:

Agora eu sempre digo pras pessoas: a gente nunca desiste das coisas, se a gente quiser aquela coisa a gente vai devagar, não precisa a pessoa naquela coisa de tá ... [agoniado/apressado – em gestos], nããã!!!! Tamo consoante que correndo chega, andando também chega. Tem de fazer tudo pelo certo, né? Pelo certo é fica bonito a gente ter aquelas coisa que foi que eu consegui com o meu suor, com o meu suor, com o meu esforço. Graças a Deus eu já consegui várias coisa.. Tudo depende do capricho da gente. Como diz o cara: “Pra quem me conheceu antes e vê hoje em dia..., Poxa, Fulano, você mudou muito!” É, mas a gente tem que ser assim... Poxa, é gratificante as pessoas chegar perto e dizer: muito obrigado.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Maria Ana Oliveira de. **O tamanco e o vaqueiro**: um estudo dos elementos espetaculares na dança dos vaqueiros do Marajó em Belém do Pará. 2004. 135f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2004.
- BARROS, José D’Assunção. Práxis: considerações sobre as assimilações de um conceito pelo materialismo histórico. **História Social**, n. 20, primeiro semestre de 2011. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/227/477>> Acesso em 18 de novembro de 2018.
- BRASIL. Lei n. 12.870, de 15 de outubro de 2013. Dispõe sobre o exercício da atividade profissional de vaqueiro. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 16 out. 2013. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=16/10/2013&jornal=1&pagina=5&totalArquivos=160>>. Acesso em: 17 jan. 2017.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. Trad. de Sérgio Paulo. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança de Velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e Poder**: uma análise da mídia. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- DIAS, José Santos. **“Confuso e intrincado labirinto”**: fronteira território e poder na Ilha Grande de Joanes (séculos XVII e XVIII). 2016. 622f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2016.
- DURRIVE, Louis. A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz. In: **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v.9, supl.1, p. 47-67, 2011.
- FAÏTA, Daniel. A linguagem como atividade. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. **Trabalho & Ergologia**: Conversas sobre a atividade humana. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2. ed, 2010
- FAPESPA. **Boletim Agropecuário do Pará 2017**. Disponível em <<http://www.fapespa.pa.gov.br/upload/Arquivo/anexo/1383.pdf?id=1533567716>> Acesso em 10 de maio de 2019

FARES, Josebel Akel. A érica do vaqueiro marajoara: histórias de vida de Juvêncio Amador e cartografias de saberes do Marajó. In: FARES, J. A. (Org.). **Saberes de Vaqueiros: érica, ancestralidade, ofício**. Belém, EDUEPA, p. 31-52, 2017.

FARES, Josebel Akel; RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. **Marajó e vaqueiros: Memórias de ofício, érica e ancestralidade**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, Santa Catarina, 2015.

FARES, Josebel Akel. A érica do vaqueiro marajoara: (auto)biografia de Juvêncio Amador e cartografias de saberes no Marajó. In: **Diversidades: Culturas, ruralidades, migração, formação e integração social**. ANTUNES, Helenise; OLIVEIRA, Valeska (Org.). Natal: EdUFRN; Porto Alegre: EdPUCRS; Salvador: EdUENEB, 2012.

FARES, Josebel Akel. **Cartografias marajoaras: cultura, oralidade, comunicação**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz, 2008.

FERREIRA, Jerusa. Vaqueiros e a grande pátria do sertão. In: FARES, J. A. (Org.). **Saberes de Vaqueiros: érica, ancestralidade, ofício**. Belém, EDUEPA, p. 139-143, 2017.

FERRÃO, Euzalina da Silva. **Vaqueiros, compadres, criadores de gado e transformações nos campos do Marajó: relações sociais em mudança**. 2016. 236 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2016.

GALLO, Giovanni. **Marajó, a ditadura da água**. 2 a ed. Santa Cruz do Arari, Marajó: Ed. O Nosso Museu, 1981.

Hall, Stuart. Quem precisa de identidade? In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000, pp.103-133

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=29&uf=15> > Acesso em 11 maio de 2019

JACOB, Paulo. **Dicionário da Língua Popular da Amazônia**. Rio de Janeiro: Livraria Cátedra, 1985.

JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.

MACHADO, Ida Lúcia; MELO, Mônica Santos de Souza (Orgs.) **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso** [recurso eletrônico] - Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016.

Disponível em [http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/\[e-book.pdf](http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/[e-book.pdf)
Acesso em 25 de janeiro de 2018.

MACHADO, Ida Lúcia. **O prefácio visto como uma prática discursiva em que diferentes vidas e obras se entrecruzam**. ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 43 (3): p. 1129-1139, set-dez 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. As três facetas do polêmico. In: **Doze conceitos em Análise do Discurso**. In: Possenti, S e SOUZA-E-SILVA, M.C.P. de. (Orgs.). Trad. Adail Sobral [et. Al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 187-198.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. **Revista do GELNE**, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Elementos de linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MDA. **Perfil Territorial** - Dados Demográficos

http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_129_Maraj%C3%83%C2%B3%20-%20PA.cgma/mai2015.pdf Acesso em 11 maio de 2019

MIRANDA NETO. **Marajó: desafio da Amazônia**. 2. ed. Belém: Cejup, 1993.

PESSOA, Fátima. O Trabalho com as palavras: espaços de escuta de renormalizações **Ergologia**, n° 15, Mai 2016, pp. 63-80. Disponível em <http://www.ergologia.org/uploads/1/1/4/6/11469955/art.3.pdf>. Acesso em 22 de janeiro de 2018

PESSOA, Fátima. O trabalho de informar e de fazer consumir: modos de interpelação do sujeito. In: **Revista MOARA**, PPGL/UFPA, Belém, Editora Universitária, n. 38, p. 159-173, jul./dez. 2012, Estudos Linguísticos.

PESSOA, Fátima. As relações interpessoais nos domínios do contar e fazer as narrativas populares da Amazônia Paraense. In: MARINHO, J. H. C.; PIRES, M. S. O.; VILLELA, A.

M. N. (Orgs.). **Análise do Discurso**: ensaios sobre a complexidade discursiva. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007. p. 139-157.

PESSOA, Fátima. **As relações interpessoais nos domínios do contar e fazer contar as narrativas populares da Amazônia paraense**. 2004. 308f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2004.

PESSOA, Fátima; MOREIRA, Hélio. A enunciação nos contextos de trabalho: traços de uma ordem técnica e política. **Revista Linguística**. Vol. 32-2, p. 9-24, dez. 2016.

POMBO, Délcia Pereira. **Educação, memórias e saberes amazônicos**: vozes de vaqueiros marajoaras. 2014. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Sociais e Educação, Belém, 2014.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ROCHA, D.; DAHER, M. D. C.; SANT'ANNA, V. L. A. A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. **Polifonia**, Cuiabá: EdUFMT, n. 8, p. 161-180, 2004.

ROCHA, D.; DAHER, M. D. C.; SANT'ANNA, V. L. A. Produtividade das investigações dos discursos sobre o trabalho. In: Souza-e-Silva, Maria Cecília Pérez; Faïta, Daniel (orgs.). **linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo, Cortez, p. 77-91, 2002.

SCHWARTZ, Yves. Reflexão em torno de um exemplo de trabalho operário. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Orgs.). **Trabalho & Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, pp. 37-46, 2010.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e valor. *Tempo Social* - **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 147-152, out. 1996.

SCHWARTZ, Yves. **Trabalho e saber**. Trabalho e Educação, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 21-34, 2003.

SCHWARTZ, Yves. **Reconnaissances du travail**: pour une approche ergologique. Paris: PUF, 1987.

SOARES, Lúcio de Castro. Vaqueiro de Marajó. In: IBGE. **Tipos e aspectos do Brasil**. 5. ed. Brasília, DF: IBGE, 1949.

SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; MOTTA, A. R. A linguagem e o trabalho - Aproximação entre a abordagem ergológica e os estudos da linguagem. **Laboreal**, Volume XI, nº 1, 2015, pp. 127-132. <http://dx.doi.org/10.15667/laborealxi0115css> Acesso em 02 de dezembro de 2018.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez de. **Atividade de linguagem, atividade de trabalho**: encontro de múltiplos saberes. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. XVIII, p. 1-21, 2008.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez de. A dimensão linguageira em situações de trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAITA, D. **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França, São Paulo: Cortez, pp. 61-76, 2002.

STEINER, Rodolfo. **Da capa das selas aos embalos da rede**. Belém: Smith, 2006.

TEIXEIRA, José Ferreira. **O arquipélago do Marajó**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1953.

THOMPSON, Paul. **The voice of the past**: oral history. Oxford: Oxford University Press, 1988.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e esquecimento**. Tradução do original francês de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____ abaixo assinado e proprietário da Fazenda _____, concordo com a realização da pesquisa “**Dos campos do Marajó aos campos do discurso: a construção de um lugar de sentidos** no contexto do trabalho do vaqueiro” nas dependências deste empreendimento rural. A temática informada se concentra em investigar as experiências no cotidiano dos vaqueiros do Marajó, dos campos de Soure, com foco na linguagem e no trabalho. Fui informado de que o estudo faz parte do projeto de doutorado de Délcia Pereira Pombo pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal do Pará sob orientação da Professora Doutora Fátima Cristina da Costa Pessoa. Estou ciente dos benefícios da pesquisa para os Estudos Linguísticos e da posterior socialização com a comunidade dos resultados alcançados, também foi garantido que em caso de dúvida acerca de procedimentos metodológicos, como aspectos relacionados à escrita e análise dos dados, gravações, filmagens, ou outro recurso utilizado nesta investigação científica, serão devidamente esclarecidos. Uma observação muito importante, e necessária, diz respeito ao sigilo dos dados como forma de preservar a identidade dos vaqueiros que concordarem em participar da pesquisa. Declaro que recebi uma cópia do presente termo no qual ressalto minha adesão à proposta deste estudo.

Fazenda _____, _____ de _____ de _____

Assinatura do proprietário

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa “Dos campos do Marajó aos campos do discurso: sentidos sobre o trabalho do vaqueiro na tradição e na contemporaneidade” se inclui na Linha Análise, Descrição e Documentação das Línguas Naturais, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA/Doutorado em Estudos Linguísticos (2016-2021), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Fátima Cristina da Costa Pessoa com o objetivo de investigar os discursos do trabalho do Vaqueiro marajoara na tensão entre os sentidos tradicionais e contemporâneos acerca da profissão.

Como a escolha do tema incide na linguagem e trabalho referente aos aspectos da profissão do vaqueiro marajoara vimos convidá-lo a participar desta pesquisa de tese de doutorado por meio de entrevistas narrativas e com sua permissão se fará uma gravação em áudio com posterior transcrição. Para o registro, também se utilizarão vídeos e imagens fotográficas tiradas no decorrer deste trabalho a fim de evidenciar aspectos ligados à atividade pecuária e em outros momentos de interação com familiares e companheiros de profissão.

Ciente da sua relevância no exercício da profissão de vaqueiro seja com carteira assinada, diarista ou já aposentado busca-se, com suas contribuições, promover a reflexão pelo viés da linguagem e dos sentidos em que se produzem saberes e do seu papel na articulação nas diversas situações discursivas no ambiente de trabalho.

Conforme previamente informado, seu nome ficará em sigilo na escrita da tese. O material coletado se restringe à utilização, divulgação e publicação, para fins culturais, e o relato, no todo ou em parte, editado ou não, seguirá as normas de pesquisa, com a ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria.

A qualquer momento você pode desautorizar a pesquisadora de fazer uso das informações utilizadas. Não há despesas pessoais para você em qualquer fase do estudo.

Pesquisadora
 Délcia Pereira Pombo
 delciauab@gmail.com

Orientadora
 Prof.^a Dr.^a Fátima Cristina da Costa Pessoa
 fpessoa@gmail.com.br

Eu, _____, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento declaro que compreendi as informações sobre o trabalho em questão. Ressalto que conversei com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, e fui informado sobre os procedimentos a serem realizados e dos possíveis danos ou riscos deles provenientes além da garantia de confidencialidade e esclarecimentos a meu dispor. Ressalto que minha participação é voluntária e posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Ciente e de acordo com o que foi para mim exposto, concordo em participar de espontânea vontade desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Soure/Marajó/Pará, ____/____/____

Pesquisadora

Colaborador

 Délcia Pereira Pombo

 Nome e assinatura do vaqueiro

APÊNDICE C – TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS
SOBRE DEPOIMENTO ORAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: _____, **Nacionalidade:** Brasileira,
Estado Civil: _____, **Profissão:** Vaqueiro _____, **Local de Nascimento:**
_____; **RG nº:** _____, **Órgão Emissor:** PC/PA
Endereço residencial: _____, **Bairro:** _____
Município: Soure, **CEP:** 68870-000.

CESSIONÁRIA: Délcia Pereira Pombo, discente do Curso de Doutorado em Letras da Universidade Federal do Pará, bolsista CAPES; professora da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) e do município de Concórdia do Pará (SEMEC); pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cultura e Memória na Amazônia (CUMA/UEPA) e membro do Grupo Práticas discursivas e vocações enunciativas: a centralidade da linguagem em contextos de trabalho (UFPA/2017); residente na Trav. 18ª, nº 18 entre 4ª e 5ª Ruas, Bairro: Centro, Soure/PA, CEP: 68870-000.

OBJETO: Gravação exclusiva para o registro da entrevista narrativa com o vaqueiro acima identificado para posterior transcrição e análise dos dados coletados

DO USO: Declaro ceder a Délcia Pereira Pombo a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico, cultural, social e documental que prestei a pesquisadora, no município de Soure, como material coletado no trabalho de campo da tese de doutorado “Dos campos do Marajó aos campos do discurso: sentidos sobre o trabalho do vaqueiro na tradição e na contemporaneidade”.

A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria.

Soure, _____ de _____ de _____.

Nome e assinatura do vaqueiro

APÊNDICE D – TERMO DE COMPROMISSO DA PESQUISADORA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TERMO DE COMPROMISSO DA PESQUISADORA

Título do projeto: Dos campos do Marajó aos campos do discurso: sentidos sobre o trabalho do vaqueiro na tradição e na contemporaneidade

Orientadora: Prof^ª Dr.^a Fátima Cristina da Costa Pessoa

Pesquisadora: Délcia Pereira Pombo

A pesquisadora e orientadora do projeto acima identificadas assumem os seguintes compromissos:

- 1- Preservar a privacidade e a integridade física dos entrevistados cujos dados serão coletados;
- 2 - Manter sob sigilo as informações ofertadas, ou seja, serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto;
- 3 - Respeitar todas as normas da Resolução 466/12 e suas complementares na execução deste projeto.

Pesquisadora
Délcia Pereira Pombo
delciauab@gmail.com

Orientadora
Prof.^a Dr.^a Fátima Cristina da Costa Pessoa
fpessoa@gaill.com.br

Belém, PA _____ de _____ de _____

APÊNDICE E – DADOS INFORMATIVOS DOS VAQUEIROS
COLABORADORES DA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

DADOS INFORMATIVOS DOS VAQUEIROS COLABORADORES DA PESQUISA

Referente do vaqueiro:	
Nome do vaqueiro:	
Município de origem:	
Data de nascimento:	
Idade:	
Estado civil:	
Referente da fazenda:	
Fazenda onde trabalha:	
Função que exerce:	
Ano de início na vaqueirice:	
Tempo de serviço:	
Data:	Duração da entrevista:
Hora inicial da entrevista:	Hora final da entrevista:

ANEXO A – O PROJETO DE LEI ORIGINAL Nº 2123/2007
(Dos Srs. Edigar Mão Branca e Edson Duarte)

Dispõe sobre a atividade de vaqueiro.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º - Fica reconhecida a profissão de vaqueiro em todo território nacional.

Art. 2º - Considera-se vaqueiro:

I – O profissional que faz o trato, o manejo e a condução de espécies animais como bovinos, bubalinos, equinos, muares, caprinos e ovinos.

II – O profissional que presta consultoria técnica relacionada a questões de meio ambiente rural, eventos associados aos animais, trato e manejo de espécies animais indicadas no inciso I deste artigo.

Art. 3º - Para efeitos desta lei define-se “trato e manejo animal” como os cuidados que o vaqueiro deve ter para com as espécies sob sua responsabilidade, garantindo que eles não sejam submetidos à atos de violência e que recebam alimentação adequada e atendimento à saúde quando necessário.

Art. 4º – O vaqueiro responsável pela condução dos animais deve garantir a boa saúde desses animais ao longo de trajetos estabelecidos pelo próprio ou pelo contratante.

Art. 5º - A denominação “Vaqueiro” é reservada aos profissionais qualificados para compreender, tomar decisões e propor soluções sobre os problemas de trato, manejo e condução das espécies animais citadas no artigo primeiro desta lei, bem como ao estabelecido no Art. 1º desta lei.

Art. 6º- Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

O semiárido brasileiro, em sua amplitude trágica e cruel, tem exigido do sertanejo um esforço imenso para se adaptar e sobreviver à região. A natureza cruel fez surgir o trabalhador especialista em tocar o gado em meio à caatinga, com sua raridade de água e sua flora espinhenta. É o vaqueiro – o tocador de gado, o homem que conhece o sertão, o que corre atrás da novilha em meio aos mandacarus e xique-xiques, pega o boi pelo laço, entoa o aboio em meio às noites enluaradas.

O vaqueiro nordestino, porém, é apenas um jeito de se fazer vaqueiro. Na realidade, o vaqueiro está por todos os recantos deste país. Porque onde há gado, é preciso alguém que toque esse gado, buscando pastos e lagoas para que o rebanho não passe fome ou sede. Vaqueiros há nas Minas Gerais, na Amazônia, Sul e Sudeste, Centro-oeste, Nordeste. Nos campos, pantanais, cerrados, caatinga, no litoral...

No Nordeste a figura do vaqueiro se destaca muito provavelmente por conta de sua indumentária. Eis uma descrição peculiar dessa figura obtida em <http://www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/7tipos/vacanod.html>

No Nordeste o Vaqueiro trabalha com o boi, vive em função do boi, veste roupa feita com o couro do boi. A vestia do vaqueiro, de couro, resiste aos espinhos da caatinga, é a sua couraça, a sua armadura. O couro, em geral, é curtido por processos primitivos, ficando com uma cor de ferrugem, flexível, macio. Tiram, geralmente, todos os pelos. O gibão é o paletó de couro de vaqueta. Enfeitado com pespontos. Fechado com cordões de couro. O parapeito, como o nome indica, protege o peito. Uma alça que passa pelo pescoço o segura. A perneira é uma perna de calça que cobre o pé até a virilha. As perneiras ficam presas na cintura. São duas pernas de calças soltas, deixando o corpo livre para cavalgar. As luvas cobrem as costas das mãos e deixam os dedos livres. Nos pés as alpargatas simples ou complicadas como as dos cangaceiros. Às vezes usam botinas, um sapatão fechado. E na cabeça o chapéu, que protege o vaqueiro do sol e dos golpes. Na sua copa às vezes bebem água ou comem. O jaleco parece um bolero, feito de couro de carneiro. É usado geralmente em festas. O jaleco tem duas frentes: uma para o frio da noite, onde conservam a lã e a outra de couro liso para o calor do dia.

Este personagem que trabalha tão de acordo com os humores do meio ambiente, seja no pantanal ou na caatinga, não tem sua profissão regulamentada. Trata-se de uma cruel lacuna na legislação brasileira; aqui se revela a insensibilidade da nação para com estes trabalhadores.

O objetivo desse projeto, portanto, é resgatar uma dívida da nação para com estas pessoas que em todo Brasil desempenham sua atividade com afinco e competência. Queremos proporcionar aos vaqueiros o reconhecimento e a regulamentação da profissão, obtendo um registro que o possibilitará responder pelo exercício da profissão.

Sala das Sessões em ___ de setembro de 2007

Deputado Edigar Mão branca
Deputado Edson Duarte

(Encaminhado À Comissão de Assuntos Sociais, em decisão terminativa)

Publicado no DSF, de 23/9/2011

Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal – Brasília – DF

OS: 14918/2011

ANEXO B -- PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 83 DE 2011 (Nº 2123/2007),
na Casa de Origem, (Deputados Edigar Mão Branca e Edson Duarte)

Dispõe sobre o exercício da atividade profissional de vaqueiro.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º Fica reconhecida a atividade de vaqueiro como profissão.

Art. 2º Considera-se vaqueiro o profissional apto a realizar práticas relacionadas ao trato, manejo e condução de espécies animais do tipo bovino, bubalino, equino, muar, caprino e ovino.

Art. 3º Constituem atribuições do vaqueiro:

I – realizar tratos culturais em forrageiras, pastos e outras plantações para ração animal;

II – alimentar os animais sob seus cuidados;

III – realizar ordenha;

IV – cuidar da saúde dos animais sob sua responsabilidade;

V – auxiliar nos cuidados necessários para a reprodução das espécies, sob a orientação de veterinários e técnicos qualificados;

VI – treinar e preparar animais para eventos culturais e sócio esportivos, garantindo que não sejam submetidos a atos de violência;

VII – efetuar manutenção nas instalações dos animais sob seus cuidados.

Art. 4º A contratação pelos serviços de vaqueiro é de responsabilidade do administrador, proprietário ou não, do estabelecimento agropecuário de exploração de animais de grande e médio porte, de pecuária de leite, de corte e de criação.

Parágrafo único. O contrato de prestação de serviços ou de emprego a que se refere o *caput* deste artigo preverá, obrigatoriamente, seguro de vida e de acidentes em favor do vaqueiro, compreendendo indenizações por morte ou invalidez permanente e ressarcimento de todas as despesas médicas e hospitalares decorrentes de eventuais acidentes ou doenças profissionais que vier a sofrer no interstício de sua jornada laboral, independentemente da duração da eventual internação, dos medicamentos e das terapias que assim se fizerem necessários.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

CÂMARA DOS DEPUTADOS, 22 de setembro de 2011.

MARCO MAIA

ANEXO C -- EMENDA Nº 3 – PLEN



SENADO FEDERAL

EMENDA Nº 3 – PLEN

(Ao PLC Nº 83, de 2011)

Suprima-se o parágrafo único do art. 4º do PLC nº 83 de 2011

O empregador, seja ele urbano ou rural, deve atender as normas de saúde e segurança no trabalho, adotando medidas que evitem acidentes de trabalho e/ou doenças ocupacionais, inclusive fornecendo equipamento de proteção individual, quando as medidas de proteção coletivas não forem suficientes, conforme dispõe a art. 7º, XXII, da CF/88. *In verbis*: “redução dos riscos inerentes ao trabalho, por meio de normas de saúde, higiene e segurança”.

Conclui-se que o trabalhador, seja ele urbano ou rural, já está protegido contra acidentes e/ou doenças ocupacionais, tendo o empregador que arcar com as penalidades da lei, em caso de inobservância às leis e normas regulamentadoras do Ministério de Trabalho e Emprego.

Assim, não podemos concordar com a contratação de seguro de vida e acidentes, tampouco com ressarcimento de despesas médicas, visto que o pagamento de indenização ao trabalhador que sofrer acidente do trabalho já está garantido na legislação vigente.

Sala da Comissão,

Senador Cyro Miranda

Publicado no DSF, de 25/9/2013

Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal – Brasília – DF

OS: 15620/2013

ANEXO D -- VETO PARCIAL Nº 43, DE 2013



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
CASA CIVIL
SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

MENSAGEM Nº 457, DE 15 DE OUTUBRO DE 2013.

Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência que, nos termos do § 1º do art. 66 da Constituição, decidi vetar parcialmente, por contrariedade ao interesse público, o Projeto de Lei no 83, de 2011 (nº 2.123/07 na Câmara dos Deputados), que “Dispõe sobre o exercício da atividade profissional de vaqueiro”.

Ouvidos, os Ministérios da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e da Fazenda manifestaram-se pelo veto ao seguinte dispositivo:

Parágrafo único do art. 4º

“Parágrafo único. O contrato de prestação de serviços ou de emprego a que se refere o caput deste artigo preverá, obrigatoriamente, seguro de vida e de acidentes em favor do vaqueiro, compreendendo indenizações por morte ou invalidez permanente e ressarcimento de todas as despesas médicas e hospitalares decorrentes de eventuais acidentes ou doenças profissionais que vier a sofrer no interstício de sua jornada laboral, independentemente da duração da eventual internação, dos medicamentos e das terapias que assim se fizerem necessários.”

Razões do veto

“Na forma como redigido, o dispositivo não leva adequadamente em consideração a realidade econômica do setor, em especial a dos pequenos produtores, onerando o processo produtivo excessivamente. Assim, a medida poderia ter como efeito a redução da contratação de vaqueiros, enfraquecendo a categoria e gerando desemprego. Além disso, ao limitar tais garantias a estes profissionais, criaria diferenciações de tratamento em relação aos demais trabalhadores rurais e outras categorias que atuam no setor agropecuário”.

Essas, Senhor Presidente, as razões que me levaram a vetar o dispositivo acima mencionado do projeto em causa, as quais ora submeto à elevada apreciação dos Senhores Membros do Congresso Nacional.

Este texto não substitui o publicado no DOU de 16.10.2013